COLETIVAS E SINGULARES:

MEMÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

COLETIVAS E SINGULARES:

MEMÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

organizado por

LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO

SAMIRA MARIA ARAÚJO

PoloBooks

São Paulo

2023

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa dos organizadores.

Capa: Imagem de Freepik
Revisão: Eulália Érica Dutra dos Santos
Diagramação: PoloBooks
Impressão: PoloPrinter

1ª edição: 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Coletivas e singulares: Memórias escolares de estudantes de Pedagogia / Luciano Mendes de Faria Filho; Samira Maria Araújo (organizadores) -- 1ª ed. São Paulo - SP : PoloBooks, 2023.

324p.; 16x24cm.

ISBN: 978-85-5522-476-8

1. Educação. Pedagogia. I. Título.

CDD 370

CDU 37

Editora PoloBooks
Rua Américo Brasiliense, 2171 - Cj. 102 - São Paulo - SP - Brasil
Fone: +55 11 3791-2965 e +55 11 9-6911-7484
Site: poloprinter.com.br
Livros sob demanda: poloumaum.com.br
Livraria: livrariapolobooks.com.br
PoloPrinter

SUMÁRIO

PREFÁCIO 7
APRESENTAÇÃO 9
MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA! 15
Ana Carolina Ferreira da Silva
ADENTRAMENTO: A ESCOLA COMO ÂMAGO DA VIVÊNCIA INFANTIL 23
Ana Letícia Rocha
EU CHEGO LÁ 31
Angéssica Emiliane de Oliveira Filipe
MEMORIAL, O ONTEM E O HOJE: PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO, ESCOLARIZAÇÃO E EXPECTATIVAS COM A PEDAGOGIA 39
Arminda Nunes Ferreira Souza
MEMÓRIAS DE UMA CRIANÇA ESPONTÂNEA 47
Drielli Santos Barbosa
AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR 55
Gabi Mendes
MINHAS MEMÓRIAS ESCOLARES 67
Gabrielly Moreira Paz Macedo
AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR 75
Hanna Jáfia Nobre de Oliveira
DAS PRIMEIRAS LETRAS A ESCRITA DA MINHA HISTÓRIA: MINHA EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO 85
Hediane Ferreira Martha
MEMÓRIA/AUTOBIOGRAFIA 93
Isabela Soares de Oliveira
MEMÓRIAS 101
Isabel Cristina dos Santos Costa
ENTRE PÁGINAS E LOUSAS: MEMÓRIAS ESCOLARES DE UMA GAROTA NÃO MUITO NORMAL 109
Isadora Luiza da Luz Monteiro
ENTRE MEMÓRIAS UMA VIAGEM A MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR 117
Kamilly Eduarda Carvalho Caetano
RELAÇÃO COM A LEITURA E MEUS ANOS INICIAIS DE ESCOLARIZAÇÃO ... 127
Keila da Silva Gonçalves
PERSONAGENS QUE VÃO ALÉM DAS FOTOGRAFIAS NA ESTANTE 139
Kely Maria Evangelista
AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR 153
Larissa Gabriela Gomes Dias

LEMBRANÇAS DA MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR 161
Larissa Vieira da Silva Freitas
QUEM SOU EU NA FILA DO PÃO? 177
Laura Lana Ribeiro Rocha
EU, ENQUANTO SUJEITO ESCOLAR 189
Liliana Gonçalves de Sena
MEU PERCURSO ESCOLAR 199
Maria Eduarda da Silva Maximiano
MEMÓRIAS ESCOLARES 207
Maria Eduarda Pereira de Sousa
MEMÓRIA ESCOLAR 215
Michelle Soares da Silva
AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR 221
Naiara Madureira de Freitas
MEMÓRIA OU AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR 231
Rafaela Campos Gonçalves
DA JABUTICABA À UNIVERSIDADE FEDERAL: PERCURSO DE ESCOLARIZAÇÃO (NA E FORA DA ESCOLA) 239
Samira Maria Araújo
MEMÓRIA 259
Samuel Pereira da Silva Gomes
MINHAS MEMÓRIAS ESCOLARES 267
Telma de Souza Santos Vianna
MEMÓRIAS 277
Tiago Colombini
MEMÓRIA/AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR 285
Thiago Alves Moreira Dias
MEMÓRIAS 293
Ubiratan R. V. de Souza
UMA JORNADA DE SUPERAÇÃO E REFLEXÃO 299
Vanessa Aparecida Pereira
AUTOBIOGRAFIA DA MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR: O ANTIGO E A DESCOBERTA DO NOVO 307
Yasmin Rocha Andrade

ANEXO: REGISTRO FOTOGRÁFICO "MEMÓRIAS EM MOVIMENTO" DA TURMA H, DO CURSO PEDAGOGIA/NOTURNO, FAE/UFMG, 2022/2023 319

PREFÁCIO

Prefaciar um livro, independente de qual seja, é sempre uma honra, ainda mais o convite vindo do professor Luciano Mendes, a quem nutro um profundo respeito por sua história e trajetória na UFMG e no curso de Pedagogia. Com a honra vem a responsabilidade de abrir esses relatos tão vivos e pulsantes na formação dessas e desses estudantes. Ser dirigido a mim esse momento me trouxe memórias e lembranças indescritíveis, desde minha trajetória escolar até minha atuação no curso de Pedagogia, como estudante e militante e hoje como professora e coordenadora. São muitos anos vivenciando e lutando por um curso que forme sujeitos ativos, críticos, posicionados na sociedade e que façam jus a toda potencialidade que é ser pedagoga(o), professor(a) para a transformação desse mundo.

A proposta desse livro, a meu ver, é um procedimento didático-pedagógico que possibilita resgatar no ser humano o que marcou sua etapa de escolarização. Histórias tão fortes, tão potentes que contribuem para o se formar professor, para se reconhecer nesse espaço e nessa profissão.

A sensibilidade de abordar a história da vida escolar das estudantes do curso de pedagogia da UFMG nos faz refletir sobre nós próprios, sobre nossa história e sobre o próprio curso de pedagogia. Reviver memórias na formação é trazer a tona recordações que serão acentuadas em suas vidas como professoras e professores ou até ressignificadas. A

proposta aqui apresentada entrelaça, assim como num bordado, a vida, a experiência, a formação e a ciência. Retoma o curso em sua essência.

Aqui, presenciamos uma homenagem ao curso de Pedagogia da UFMG que em 2023 completa 80 anos. 80 anos formando professoras e professores, pedagogas e pedagogos, gestoras e gestores. Sujeitos que atuam na escola, no hospital, na empresa, nos projetos sociais, nos museus, e em todos os espaços e territórios que necessitem do processo educacional. Que homenagem linda essa que traz luz à história de vida escolar dessas futuras professoras e professores.

O curso de pedagogia na UFMG tem uma história longa, contribuiu e contribui para a formação de professores e gestores desde 1943. Teve e têm em seu corpo docente professores referências em seus campos de pesquisas, técnico-administrativos que atuaram e atuam com dedicação e apreço por essa formação, estudantes engajados com suas formações política e acadêmica. São anos de vivências compartilhadas que de certa forma se expressam nessas doces, por vezes nem tão doces, memórias... mas que instigam a refletir sobre nós mesmos, sobre o próximo, sobre o presente, o passado e o futuro da educação.

É com muita satisfação que leio essa obra, é com um sentimento de gratidão por tanta dedicação dos professores e estudantes desse curso que me formou e me possibilita exercer minha profissão. Sinto-me extremamente feliz em estar vivenciando os 80 anos do curso de Pedagogia da UFMG com uma expressão, neste livro, da potência que é ser professora e professor. É com coragem que ele é feito. Para reviver histórias de forma intencional e sistematizada é necessário ter coragem. Como diria Guimarães Rosa "Viver é um descuido prosseguido. Mas quem é que sabe como? Viver... o senhor já sabe: viver é etcétera...".

Esse livro é um presente para o curso. Um presente merecido.

Kamille Vaz
Primavera de 2023

APRESENTAÇÃO

> "Quando um muro separa, uma ponte une. Se a vingança encara, o remorso pune. Você vem, me agarra, alguém vem, me solta. Você vai na marra, ela um dia volta. E se a força é tua, ela um dia é nossa. Olha o muro, olha a ponte, olha o dia de ontem chegando, que medo você tem de nós... Olha aí... Você corta um verso, eu escrevo outro, Você me prende vivo, eu escapo morto. De repente... Olha eu de novo, perturbando a paz, exigindo o troco." (Pesadelo. Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, 1972)

Esta coletânea, conjunto de memoriais de estudantes do curso de Pedagogia da FAE/UFMG[1], apresenta 32 relatos que, parafraseando o Professor Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, tratam da nossa vida, tão igual à de milhões, pois nelas pulsaram e continuam a pulsar pessoas, episódios, angústias, erros, acertos,e inquietudes.[2] Seguem pulsando os corpos que, por meio da família, do estudo, do trabalho, produziram jeitos, nem sempre premeditados, de fazer da vida algo que valesse a pena. Cada um deles "continua atento às formas

1 Os textos foram produzidos como Trabalho Final para a disciplina História da Educação II, no 1º semestre de 2023, ministrada pelo prof. Luciano Mendes de Faria Filho. Essa disciplina é ofertada para o 3º período do curso de Pedagogia da UFMG, ainda que seja frequentada também por alunas/as de outros períodos.

2 OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Eu cresci na ditadura: memórias do corpo, do trabalho, da formação. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2021, p.284.

de refluxo conservador que almejam o que é comum e que nos condenam à barbárie. (...) Porém, os corpos não estão sós, são relacionais e além do corpo biológico, os corpos se movimentam, sentem-se, se expressam, sofrem, desejam…(...) A memória só existe em função do encontro do corpo com o mundo".[3]

É justamente esse movimento e esse encontro, no curso noturno, buscando dar vida às nossas expectativas, que pretendemos registrar nesse livro. Nele estão inscritas e escritas as nossas memórias de escolarização, os rasgos coletivos e individuais, tanto na escola formal como fora dela, que nos marcaram. Nossa intenção é contribuir para a reflexão sobre como os estudantes aprendem e como as práticas de formação de novos(as) Pedagogos(as) precisam estar atentas a essas diversidades e seus atravessamentos na subjetividade de cada pessoa que frequenta o curso.

Cada relato transborda sentimentos numa escrita autêntica, que nos une. Não importando se somos de Tocantins (TO), Distrito Federal (DF), São Paulo (SP), Minas Gerais (MG), Bahia (BA); se temos 19 ou 57 anos. O certo é que vivemos experiências pedagógicas que nos fortaleceram, sobrevivemos à pandemia da COVID-19, às diversas formas de *bullying,* às pressões do ENEM, aos problemas familiares, às violências sociais.

Enfrentamos processos de escolarização marcados por métodos tradicionais de ensino: deveres, cópias, repetição, memorização, cartilhas, punição, vigília,; pela separação de turmas por classificação e desempenho entre melhores e piores, na mais bruta realidade neoliberal; pelo controle dos corpos. Sem faltar situações em que o afeto e a competência de professores e professoras transformam o contexto para a aprendizagem; ou em que uma avó, um amigo, um colega, um familiar acolhe e amplia nossos horizontes. Sim, somos singulares e plurais!

3 idem, p.19.

Figura 1: De onde viemos?

Vários poderiam ser os critérios para a ordem de aparecimento dos textos nesta coletânea. Ao final, optamos pelo mais simples e objetivo: o critério de ordem alfabética dos nomes das autoras e dos autores, inclusive com o intuito de permitir ao leitor a livre interação com as narrativas, o atravessamento de histórias de pessoas históricas que nunca apresentam trajetórias lineares. Nossa organização é, também, um reconhecimento de que a leitura é sempre um movimento autônomo do leitor e da leitora e que, portanto, esses e essas quase nunca acompanham a lógica ou os caminhos propostos pelo/a autor/a e, no presente caso, pela dupla organizadora.

O lugar de fala que aqui se apresenta é, de um modo geral, o do/a aprendiz no curso de Pedagogia, noturno, de pessoas que experienciaram a escolarização do final do Século XX e Início do Século XXI. São alunas e alunos, muitas delas e deles já profissionais de outras

especialidades, que nos últimos cinquenta anos vivenciaram a expansão da escola e que tiveram acesso à UFMG por meio de muitos esforços, pessoas e familiares, e das políticas públicas de cotas. São alunas e alunos advindas/os da escola pública, cursando o ensino superior público noturno, e, em sua maioria, pessoas negras, advindas de localidades rurais e periféricas.

Observamos, nos relatos produzidos, o registro de muitos avanços nos processos de escolarização, como as políticas públicas de cotas, o ingresso na universidade pelo Enem e o acesso ao livro didático-literário. Por isso mesmo, as memórias aqui apresentadas provocam reflexões sobre o impacto de cada modelo de ensino e refletem as apropriações de cada um/a dos/as memorialistas acerca das teorias estudadas em sala de aula num curso superior público e de como o afeto, na abordagem comunicativa, faz diferença na construção de suas identidades.

De outra parte, os recorrentes relatos de *bullying*, preconceito, racismo, machismo geram evidências do quanto ainda temos pela frente na transformação social por meio da educação emancipatória e democrática, instigando pesquisas sobre o processo de escolarização, enquanto espaço-tempo relacional, visando a mobilização dos corpos por políticas públicas mais eficazes diante das diversidades dos seres humanos na contemporaneidade, o que poderá contribuir de forma significativa para a formação de profissionais que irão atuar nas escolas do século XXI, numa realidade tecnológica, diversa, plural e desigual, num momento em que se discute a reforma da Base Nacional Curricular - BNC dos Cursos de Licenciaturas e Pedagogia, a reforma do Novo Ensino Médio e o próximo Plano Decenal de Educação (2024-2034).

Recordamo-nos, aqui, do livro "O Fazedor de Velhos", de Rodrigo Lacerda, em que um dos personagens, o professor Nabuco, propõe desafios ao estudante indeciso, Pedro, instigando-o a investigar a natureza humana das personagens das histórias lidas pelo jovem e saber o que fazer da vida a partir dessas histórias. Isso nos remete ao papel que os professores e as professoras desempenham em nossas vidas, tanto no Curso de Pedagogia da FAE/UFMG como antes de chegarmos aqui, assumindo uma responsabilidade e atuando como elemento transformador incomparável, com "o poder de nos fazer pensar e de nos fazer sentir coisas estranhas", num aprendizado desmedido da história e da educação.

E o que nos separa? O que nos une? E nossas escolhas? Uns irão para o ativismo feminino, alguns lutarão em movimentos sociais, outros serão escultores, atrizes de TV, políticos, há aqueles que serão resistência, modista, milionários, professores, pedagogos, psicólogos, compositores de Rap, farão prosa e poesia. Não importa: "Quando um muro separa, uma ponte une." O que nos une, hoje, é algo maior: a pedagogia do esperançar, da palavra geradora e emancipatória, do diálogo. E é um pouco disso que queremos, com este livro, compartilhar com os leitores e as leitoras! Então, até a próxima página.

MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA!

ANA CAROLINA FERREIRA DA SILVA

Nasci no Tocantins, morei por alguns anos na roça que meu pai tinha e depois disso fui para uma cidade da Bahia chamada Luís Eduardo Magalhães. Passei por lá meus bons 4 anos de vida. Entrei em uma escola chamada Pequena Sereia e me recordo pouco do que estudei por lá, mas lembro de algumas carinhas e das professoras mais afetuosas que já passaram pela minha vida. As minhas lembranças giram mais em torno das brincadeiras, alegrias e felicidades que passei naquela creche, e como eu era pequena, nem imaginava o quão aprendia por lá. Passavam mais desenhos coloridos, brincadeiras, dinâmicas e coisas mais lúdicas. Mas uma lembrança não sai de mim, era quando meu pai me buscava na saída, de moto, e íamos eu e minha irmã na garupa. Que época boa! E quando ele comprava lanche para eu levar para a escola , era sempre refrigerante e salgadinho.

Com o passar do tempo, mudamos para uma cidade chamada Rosário- BA e era na divisa com Goiás, fui pra lá aos 5 anos e ingressei no pré 3 de uma escola chamada Nossa Senhora Aparecida, era pública e simples, não tinha muito investimento governamental naquela época e parecia muito melhor do que quando analiso hoje. Foram ótimos anos, fiquei do pré 3 até o 6º ano nesse local. Quando entrei, minha

professora foi a Lia, foi com ela que iniciei o processo de alfabetização. Foi muito bom, ela ensinava de um jeito que grudava na mente e como eu era um pouco adiantada conseguia ajudar os meus colegas também , em troca de lanche.. Nessa escola aprendi muitas coisas, não só matérias, mas um punhado de maravilhas de que até hoje me lembro. Tinha competição de dança, de música e de brincadeiras também. Uma vez consegui o primeiro lugar no concurso de dança na e foi por lá que iniciei a minha paixão pelo forró.

Tinha também uma brincadeira chamada "bandeirinha estourou", era magnífica e até hoje brinco com meus primos, faz parte da minha vida.

Todos os meus amigos que fizeram parte dessa caminhada possuem um espaço grande no meu coração, mesmo que com alguns não tenha mais contato. Trago no peito as lembranças mais lindas que alguém possa ter de uma época que poderia muito bem ter sido ruim ou entediante, mas de alguma forma foi uma das épocas mais incríveis da minha vida. E claro, que não tinha só flores, já sofri bullying de uma parte de outra turma e também já caí, porque um menino colocou o pé para eu cair. Os apelidos mais comuns eram bolo fofo e baleia. Naquele tempo não me afetavam muito e nem fiquei triste por isso, mas vendo hoje, sinto que se eu fosse um pouco mais frágil teria trazido problemas que poderiam perdurar até hoje. E que bom que não foi isso que aconteceu, às vezes me pego pensando se fosse hoje, acredito que me afetaria muito mais por entender mais dessas coisas e o quanto faz mal para alguma pessoa.

Quando estava no pré 3 do ensino infantil, a diretora da escola fez uma proposta para eu passar para o 1º ano do ensino fundamental, porque eu tinha me desenvolvido mais que os outros alunos da sala. Sendo assim, fui para a mesma sala da minha irmã que tem 1 ano a mais do que eu.. Fiquei muito triste e chorei por vários dias; eu não queria me separar dos meu amigos. Mas depois de um tempo, entendi que seria

melhor e eu poderia concluir mais cedo o ensino fundamental. Foi uma experiência muito boa, pois fiz outros amigos e além disso, estava perto da minha irmã; era mais um apoio que teria nessa nova jornada da vida.

Passei ótimos seis anos por lá, até que mudei de escola, pois tive a opção de ir para um lugar com mais recursos e investimentos por parte do governo e ficava a uns 30 km da minha casa. Foi um período um pouco cansativo, pois saía de casa às 5h e 20m e pegava um ônibus para chegar à cidade chamada Posse - GO. Era uma cidade do interior, boa para visitar e passear. A escola se chamava Dom Prudêncio, era estadual e hoje se tornou uma escola militar; ainda bem que saí antes de pegar essa nova fase.

A escola Dom Prudêncio foi um marco muito grande na minha pré- adolescência, principalmente por estar descobrindo muitas coisas ao mesmo tempo, eram coisas novas pra mim que vim de uma cidade tão pequena. Com alguns amigos que criei por lá, mantenho contato até hoje de tão especiais que são. Os professores estão na minha memória, porque tenho um carinho muito grande por eles e por me mostrarem que eu tinha capacidade de viver a vida do jeitinho que eu quisesse.

Tem um professor específico que me mostrou muita coisa incrível, ele foi da matéria de História e se chama Anísio Teixeira. Hoje, ao me lembrar dele, associo-o à imagem do educador Anísio Teixeira, figura intelectual, escritor, que foi signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em defesa do ensino público, gratuito, laico e obrigatório, divulgado em 1932. Sem dúvida, meu professor, como professor. Anísio Teixeira, foi uma pessoa maravilhosa que me ensinou, de uma forma ímpar, a gostar de história, além de despertar a minha vontade de ir além da sala de aula e saber que poderia contar com ele nas minhas dificuldades fora e dentro do ambiente escolar.

Outra professora que me marcou também foi a Rayane, de Ciências,um amor de pessoa e que ensinava extremamente bem. Eu participei muito da comissão de estudantes e também do Programa

Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), que é originário do programa norte-americano Drug Abuse Resistance Education (D.A.R.E.), criado em 1983, por uma força-tarefa formada por policiais de Los Angeles, com o intuito de quebrar o ciclo de abuso de drogas. Foi implantado em mais de 55 países e no BR em vários estados, em parceria com a Polícia Militar. Olhando hoje, percebo que não tem tanto resultado assim nos jovens na sociedade atual, porque é muito complexa a presença das drogas na vida das pessoas, mas mesmo assim foi uma experiência ótima.

Além do comitê, tinha competições também como tinha na outra escola de dança, música, desenho, e leitura ; quem pegava mais livros na biblioteca, ganhava um presente no final do ano. Era uma iniciativa muito boa pra quem precisava de um empurrãozinho para começar a ler, mas hoje associo à ideia de meritocracia e me faz pensar sobre a estratégia utilizada, se é adequada ou não.

Foi só um ano, mas com diversas experiências que, com certeza, fizeram parte do que eu sou hoje. Após isso, em 2015, nos mudamos para Luís Eduardo Magalhães - BA, e meus pais optaram por me colocar em uma escola de ensino privado que se chamava Monteiro Lobato - Objetivo. Antes de entrar, me senti um pouco insegura por achar que não conseguiria fazer parte de um ensino mais rígido e com uma média maior do que a escola com que eu estava acostumada, além de ser uma escola de elite, com pessoas que possuíam alto poder aquisitivo. Ao entrar lá, percebi que muito do que eu achava não era. As pessoas eram bem receptivas e também havia alguns alunos que não tinham tanto poder aquisitivo e estavam mais lá para aproveitar o ensino que era considerado o melhor da cidade.

Quando entrei, estava fazendo o 8º ano. Não vou mentir, senti um pouco de dificuldade em algumas matérias e demorei um pouco para pegar o ritmo que era cobrado na escola, por esse motivo me dediquei muito e consegui passar com notas boas para o próximo ano.

Percebi muita coisa diferente nesse novo ambiente e, principalmente, o modo diferente das pessoas que estavam por lá; parecia que pagar uma escola, dava, a alguns alunos, o direito de não respeitar o professor e nem levar tão a sério o ensino escolar. Esses eram considerados ”filhinhos de papai”.

O ensino fundamental até o 9º ano foi bem normal de fazer e não senti tanta dificuldade assim,mas ao passar para o ensino médio senti um baque muito grande e muita pressão para fazer o vestibular. Como a escola tinha uma política de competição entre outras escolas, para ter mais média e resultado, tínhamos que nos esforçar bastante para ter notas boas e sermos reconhecidos novamente na cidade, o que acontecera por 5 anos consecutivos Então, quando fui para essa nova fase, foi um pouco ruim, pois me sentia pressionada em trazer um resultado que muita vezes não conseguia. Peguei 8 recuperações no primeiro bimestre e me senti muito frustrada por não atender à expectativa dos professores e da direção da escola. Por esse motivo estava perdendo a vontade de estudar e ir além da sala de aula. Eu me sentia mal por não estar estudando tanto quanto deveria e por não acreditar mais que poderia ser uma aluna boa, com notas excelentes.

Tirando toda essa parte conturbada, conheci muita gente incrível e muitos lados legais daquela escola e da vida. Mantenho contato com aqueles que fizeram parte do meu universo de afeto e tenho um carinho mais do que especial por eles. Ficava ansiosa para chegar o horário do intervalo e ficar conversando sobre as nossas vivências escolares. Como a escola era particular, tinha muitos projetos legais que nos permitiam viajar para outros lugares e conhecer culturas diferentes e mega legais; tinha viagens para outras cidades e para lugares turísticos também. Era muito legal, levávamos comida e também coisas para ficar mais dias quando precisava. Uma vez fui para São Desidério- BA, onde tem muitas coisas lindas e algumas cachoeiras incríveis pela cor e pela história que representam.

Lá na escola conheci uma psicóloga sensacional, o nome dela era Andréia. Ela sabia o que falar na hora certa, dar conselhos e segurar a nossa mão em momentos mais que necessários. Os meus anos por lá não foram tão bons assim; estava passando por muitos momentos ruins na família e na relação com meus pais. Ficava difícil conciliar a vida pessoal com a vida escolar e isso estava me afetando muito. Às vezes melhorava e às vezes ficava ruim outra vez. Então me apegava nos momentos bons e nos meus amigos que me ajudaram muito nesse período. Andréia já faleceu. Ela teve leucemia e por muito tempo lutou pela cura, infelizmente não conseguiu, mas tive com ela conversas que jamais esquecerei. Ela faleceu depois de eu sair da escola e fiquei bem triste. A vida nos prega peças que muitas vezes não conseguimos entender.

Quando chegou o 2º e o 3º ano do ensino médio, a situação começou a piorar e me senti pressionada para tirar uma nota boa no ENEM e também para escolher o que queria cursar. Na época, eu não fazia ideia e nem tinha opções em mente sobre o que queria cursar. Mas conversei muito com um professor querido, chamado Silas, que me apresentou opções e características de alguns cursos. Foi aí que me apaixonei pelo Direito e queria muito cursar. Antes do ENEM, fiz vestibular na UFT -Universidade Federal do Tocantins- e fiquei em uma posição boa, mas não consegui passar por conta da concorrência. Fiquei um pouco triste, mas bola pra frente .Antes de fazer o ENEM combinei comigo mesma que não iria ficar muito frustrada se não trouxesse o resultado esperado pelos professores e demais pessoas da escola.

Quando, finalmente, fiz o ENEM, não tirei uma nota muito boa e não consegui passar na universidade que estava querendo. Na época, já tinha mais ou menos em mente que queria fazer pedagogia na UFMG. Até consegui passar na UFMT, mas não era o meu foco e decidi estudar mais um ano para garantir a minha vaga. Quando não trouxe o resultado esperado, para minha surpresa, não fiquei frustrada e nem triste, principalmente por ter tirado aquele grande peso de ter que orgulhar as

pessoas que estavam esperando por um resultado bom. Meus pais não eram cobradores de um resultado show, ao contrário disso, eles tinham ideia de que eu precisava ter tempo para pensar no que escolher para minha carreira acadêmica, e isso me trazia uma segurança muito grande.

No outro ano, ano da pandemia 2020 , estudei on-line por um cursinho chamado Descomplica, por lá aprendi vários métodos de memorizar as matérias e passei a gostar mais de estudar, afinal, não estava com muita pressão e queria mesmo o curso que eu acreditava ser bom para a minha carreira. Passei por alguns momentinhos ruins, principalmente pelo medo da pandemia e de perder alguém especial. Fiquei um ano inteiro estudando e fiquei bem cansada por me cobrar muito mais do que deveria.

Chegou o ENEM, fiz tudo com muita calma e confiança, quando chegou o resultado fiquei muito feliz . Eu realmente tinha passado na UFMG. Foi em abril de 2021 e estávamos em um período bem crítico da pandemia. Eu estava animada demais e nem imaginei o que poderia acontecer. Depois de um mês, meu pai adoeceu com COVID ; pegou a variante de Manaus. Toda a minha felicidade e esforço se transformaram em um nada, diante da tristeza só de imaginar a possibilidade de perdê-lo. Como estávamos no pico grande de mortes,o medo aumentava cada vez mais. Ele foi internado, intubado e mesmo assim não resistiu.

Foi um dos períodos mais tristes e sombrios da minha vida, não consegui fazer o primeiro período da faculdade e acabei tendo que trancar a matrícula para poder absorver todos os acontecimentos dos últimos meses que me impactaram de uma forma muito grande. Às vezes esses momentos de lembranças nos mostram o quanto as coisas passam e todos os sentimentos que rondam o nosso coração vão se embora em um ritmo pequeno, mas podemos saber que um dia eles realmente nos deixam viver em paz.

Voltei em outubro de 2021 e foi uma alegria, pois além de me distrair com as turmas, pude conhecer várias coisas legais que fazem

parte do nosso cotidiano e, como ainda estava no ensino remoto, tive tempo de preparar a minha ida para Belo Horizonte. Mesmo triste e com o coração partido com a ida repentina do meu pai, não perdi a coragem e sei que ele ficaria muito feliz com essa realização.

Hoje estou no 4º período, muito feliz e realizada com a escolha que fiz; encontrar na Pedagogia a minha grande paixão pela educação. E muito disso vale aos professores que tanto nos despertaram sonhos apagados e motivos que achávamos que faziam sentido..

> **O meu muito obrigado a Ana do passado, por nunca deixar de acreditar nela mesma e ver na educação uma porta para voar e encontrar a felicidade diária em um ambiente rodeado de tantas pessoas incríveis.**

Ao meu pai, por nunca desistir da filha, por nunca desistir dos meus sonhos e por acreditar neles com tanto penhor e alegria. A minha mãe, por segurar na minha mão e por me encorajar para enfrentar uma nova jornada de vida. A minha irmã, por estar comigo em todos os momentos da vida e em todos em que eu acreditei que não aguentaria.

E a vocês, meus professores incríveis da faculdade e em especial ao Prof. Luciano Mendes, por fazerem um trabalho tão profundo e me fazerem lembrar de coisas tão necessárias para o meu eu de hoje, além de mostrarem e aumentarem a minha eterna admiração pela educação.

A todos que estão nessa jornada, que lembrem da sua infância com amor e gratidão de terem passado por coisas que nos fizeram tornar o que somos hoje. Coisas boas, é claro! E o meu agradecimento mais do que especial para mim mesma, que a cada dia dou um passo a mais para acreditar no quanto posso ir além. Nós somos um punhado de maravilhas!!!

ADENTRAMENTO: A ESCOLA COMO ÂMAGO DA VIVÊNCIA INFANTIL

ANA LETÍCIA ROCHA

Escrever sobre nossas memórias escolares é, sobretudo, escrever sobre nossa vida. A escola, ou os estudos, são parte da minha vida desde as memórias mais antigas que possuo, até as mais atuais. A escola é o âmago, o cerne da experiência infantil. Seja para aquilo que nos inspira, nos marca com experiências alegres e afetuosas, seja para as memórias mais dolorosas, a escola está presente em toda vida (ou deveria estar, visto que muitas crianças ainda não estão na escola, no Brasil e no mundo).

A minha casa sempre foi uma extensão da escola, ou vice-versa. Minha mãe, atualmente com 46 anos, é professora desde que completou o magistério, quando tinha 18 anos e se formou em Pedagogia, no final da minha gestação. Brinco que a partir da sua formatura, eu, que estava na barriga dela, acabei decidindo ser professora também. Desse modo, a escola sempre foi um espaço muito incontestável e importante dentro da minha família, seja por ser de onde sai o sustento principal da casa, seja por acreditarmos na sua importância na vida das pessoas.

Meu pai, que hoje possui 56 anos, não pôde concluir os estudos da educação básica devido às condições da sua época, o trabalho

sempre foi algo primordial em uma família numerosa e muito pobre. Por causa disso, ele sempre nos incentivou a estudar, às vezes sentia vergonha por não conseguir nos ajudar, mas quando conseguia, via isso como um prazer.

O fato da minha mãe ser a principal provedora da minha família foi algo que me inquietou muitas vezes. Quando criança, eu via todas as minhas amigas chegando em casa, tendo suas mães para prepararem o almoço, para ficarem com elas o restante do dia, ajudar nas tarefas da escola e comigo era diferente. Minha mãe, na maioria das vezes, trabalhava no turno oposto ao que eu estudava, então quase sempre ficávamos, eu e meu irmão, em casa durante a tarde. Esquentávamos o almoço e depois cada um ia fazer suas tarefas da escola ou da casa. Meu pai, geralmente estava nos arredores da casa trabalhando na roça.

Quando fiquei mais velha, compreendi que na minha casa era diferente, minha mãe trabalhava fora e se podíamos viver tendo o que precisávamos, era graças ao trabalho dela. Fui entendendo melhor as relações de trabalho e o peso que recai sobre as mulheres com a dupla jornada, passei a me orgulhar de ter uma mãe que constituiu uma carreira e me empenhava em ajudá-la como eu podia. Isso não diminuiu a saudade que sentia dela ou a vontade de tê-la mais próxima, mas eu passei a entender a situação e a entender que ter um trabalho fora de casa era importante para ela. Aproveitávamos as férias para ficarmos juntas. Hoje em dia, entendo que as mães das minhas colegas também tinham um trabalho, elas cuidavam da casa e que, ou podem ter escolhido cuidar da casa e dos filhos, ou então não tiveram a oportunidade de escolha.

Nasci em 01/09/2002 e meu processo de alfabetização e letramento iniciou-se, mais sistematicamente, em casa. Eu morava perto de uma prima, que era 4 anos mais velha que eu, portanto ela já conhecia as letras e era alfabetizada, então quando eu tinha por volta de 2 a 4 anos ela brincava de "escolinha" comigo, me ensinando algumas letras do alfabeto e a escrever meu nome. Eu tenho vagas lembranças desses

momentos, mas me lembro dela falando que eu escrevia as letras de cabeça para baixo ou "viradas" para o lado errado, esse último caso se perdurou até a escola.

Minha mãe é professora da Educação Básica, por isso também me ajudava com lições em casa sobre as letras, fui para a escola com 5 anos já sabendo muitas coisas. Outras memórias de antes e durante o período escolar, são que eu gostava de brincadeiras com quadro e giz, brincava de "escolinha" com minhas amigas, com meu irmão mais novo e até sozinha, e também gostava muito de revistas de banca para colorir e fazer atividades, como caça-palavras, jogo dos 7 erros, entre outros.

Quando entrei na escola, com 5 anos, mesmo fazendo aniversário no final do ano, fui adiantada para o 1º ano do Ensino Fundamental. A justificativa era a minha amizade muito forte com as alunas do 1º ano, que cresceram comigo, e o fato de que eu já sabia ler e escrever. Então, desde muito cedo, essas características de "boa aluna" me rondavam. Hoje em dia reflito que muitos sentimentos que desenvolvi nos estudos podem estar relacionados a isso, sejam bons, como a dedicação, sejam ruins, como a cobrança excessiva. Essas pressões acabam por também influenciar meu irmão, que é mais novo que eu, e sempre teve que ouvir que eu era uma boa aluna e ele deveria seguir meus passos.

Meu processo escolar foi iniciado em 2008, na Escola Municipal Adelina Gomes Pereira, que se situa em um distrito da cidade de Bonfim – MG, chamado Vargem Alegre. Eu morava em uma comunidade vizinha desse distrito, Macaúbas de Baixo, que ficava a poucos quilômetros da escola, sempre fiz esse percurso de van ou ônibus, acompanhada das minhas amigas e primas que também iam para a escola. Nessa época, minha mãe trabalhava em outra escola, ela até tentou me levar para junto dela, mas eu pedi para estudar com meus primos e amigos já conhecidos.

Minha primeira professora na Escola Municipal Adelina Gomes Pereira (esse nome da escola eu me lembro de escrever todos os dias,

tarefa que eu achava massante) se chamava Sandra, até hoje ela trabalha na escola e quase sempre com essa mesma faixa etária. Hoje minha mãe trabalha na E. M. Adelina Gomes Pereira, então, já fui lá visitar a escola, observar as práticas e mantenho contato com as professoras, que são quase as mesmas da época em que estudei lá.

Nessa época, a turma da pré-escola e do 1º ano ficavam na mesma sala, então acabávamos fazendo as mesma atividades na maioria das vezes, até que eu continuei os estudos com essa turma. O método utilizado com maior peso foi o alfabético, ou seja, começávamos com as letras, lembro da professora com sua régua apontando para o alfabeto impresso numa folha onde se tinha a letra, em forma de imprensa e cursiva, e o desenho de algum animal ou objeto que iniciava o seu nome com a letra. Ela falava o nome das letras e em seguida, em coro, a turma repetia. Isso é possível de ser notado na imagem 2, onde se começa com as letras todas, depois, como visto na imagem 3, usávamos essas letras para escrever nomes importantes para nós, como o próprio. E na imagem 4 temos uma atividade do final do caderno, onde já se tem um salto para a formação das sílabas e das palavras. Como percebido, o conhecer, o ler e o escrever as letras caminhavam juntos, para cada fase fazíamos exercícios de fixação em sala ou em casa. Lembro-me bem dessas folhas, que na época eram impressas por um mimeógrafo, já que não tínhamos impressoras na escola, era uma disputa pra ver quem iria imprimir as folhas todos os dias, folhas essas que saiam do mimeógrafo com um cheiro marcante de álcool e que se apagavam facilmente.

Eu me recordo de alguns momentos dolorosos do aprender, esses momentos são de cansaço pelo grande número de atividades para casa e pela repetição, e também da dificuldade em matemática. Minha mãe me explicou que eu não gostava de escrever as letras de forma em minúsculo, achava difícil, portanto ela me ajudava em casa e mandou recado escrito para a professora também me ajudar na sala a vencer minha dificuldade.

Tenho algumas lembranças de escrever textos de autoria própria, lembro disso quando já estava por volta do 3º ano, onde nos pediam textos e eu tinha facilidade para escrever, ou então compor músicas e poemas. Mesmo eu não tendo dificuldades, considero que os métodos que as professora adotavam com certeza não atendiam a todos, e quando isso acontecia nem sempre se tinha meios para ajudar aquele aluno, somente mais repetição. Além disso, vejo que algumas das minhas antigas professoras, trabalham praticamente da mesma forma, mesmo tendo se passado mais de 10 anos e mesmo com os avanços nessa área. Quando me imagino como professora e penso nas aulas que pretendo dar, me esforço a lembrar se minhas professoras davam aulas significativas, se eu aprendia os conteúdos de uma maneira contextualizada, imaginativa, participativa, mas a maioria das lembranças que tenho são de um ensino mais tradicional, mesmo que isso não sendo unânime.

Sinto falta de ter tido contato com materiais diversos, com a literatura, com espaços educativos. O fato de morar em uma cidade muito pequena também contribuiu para que fosse mais difícil acessar lugares como museus, centros culturais e históricos, praças, teatros.

Por isso, uma das minhas metas ao me mudar para Belo Horizonte e estudar na UFMG seria ir a espaços como esses, ler mais e expandir meu repertório cultural (entende-se esse repertório como o produzido pelas diversas culturas, não só a dominante).

Quando ainda era uma pequena garota de 10 anos, no 5º ano do Ensino Fundamental, já senti na pele o poder dos padrões eurocêntricos em busca da normatização dos corpos. Entre os tantos padrões que estabelecem o que é belo e aceitável, um deles são as características do corpo feminino, características estas que desde muito cedo já são impostas e cobradas às mulheres. Nessa época, apelidos que sugeriam a classificação do meu corpo como menos desenvolvido, magro e feio aconteciam e me marcavam a cada dia.

Lembro-me com clareza das vezes em que chorava em casa por me sentir feia e desejava ser diferente, para que assim, eu pudesse gostar de mim mesma. Por mais que essas ofensas não tenham durado por muito tempo, pensar nelas abre um buraco imenso em mim e me fazem sentir como se tivessem durado uma eternidade. Talvez eu sinta isso porque realmente durou, os traumas derivados dessa experiência permaneceram por anos, perpassando toda a minha adolescência e o caminho para a vida adulta.

Por anos o sentimento de ter um corpo inferior e que não era bonito o suficiente rondou a minha mente, influenciando minhas vestimentas, minhas relações comigo mesma e com os outros, a minha autoestima e a minha tranquilidade. Muito recentemente eu aprendi a cobrar menos de mim e a não me deixar levar por essas memórias e por esses padrões, que até hoje são majoritários na sociedade ocidental. Foram longos anos até me aceitar e me sentir bonita, mesmo que esses pensamentos ainda retornem vez ou outra.

Quando pensamos em traumas sofridos na escola e, no meu caso, nestas ações de bullying, precisamos refletir sobre o papel da escola na continuidade de padrões estruturantes, como o padrão de beleza, de raça, religião, de linguagem e entre tantos outros. Silvio Almeida, filósofo e atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, em uma palestra para a Escola da Vila, em 2018, falava que muitas vezes, o discurso da educação como emancipadora se perde na prática, quando vemos que esse ambiente, quando mal gerido, acaba por reforçar e transmitir tais padrões.

> **“Por eu ser de uma região que possui algumas áreas demarcadas como quilombolas e, consequentemente, de população negra, as escolas, muitas vezes, não tinham a presença de crianças negras, o que acaba por desmascarar a exclusão dessas pessoas. E, o que muito me impressiona hoje, quando analiso a situação com meus conhecimentos derivados do curso de Pedagogia, é que as crianças e adolescentes desses quilombos eram os sujeitos que mais tinham evasão escolar, repetência e problemas disciplinares.**

Lembro-me desses alunos serem vistos como “problemáticos” pela escola e pelos próprios colegas, mas hoje percebo que a escola não tinha nenhum trabalho que resgatasse a cultura daqueles sujeitos, não refletia sobre o fato de muitos daqueles alunos viverem em situações de pobreza, de trabalho infantil, de famílias que não tiveram o acesso à educação garantido. Além disso, nunca refletia sobre aquelas crianças sofrerem racismo na escola e no cotidiano e que, provavelmente, isso pode ter feito com que elas não se sentissem pertencentes àquele espaço escolar.

Enfim, minha trajetória no Ensino Fundamental I foi marcada por amizades, aprendizados, desafios, tristezas, e acredito que essa trajetória influenciou diretamente na pessoa que eu me tornei hoje. A relação que tenho com os estudos, a construção da minha relação comigo mesma, os caminhos que tracei depois de me formar na educação básica, chegando até a UFMG, foram constituídos por experiências desta época, algumas narradas aqui e por tantas outras experiências na escola e fora dela também.

Creio que a relação que construímos com a escola e com os estudos logo nos primeiros anos que a adentramos é muito importante para elaborarmos a relação que vamos ter com ela pelos próximos anos e, por isso, gostaria de encerrar me baseando em Magda Soares, quando ela afirma sonhar com uma escola que seja transformadora, que não veja o diverso como uma patologia mas como algo que engrandece a vivência, que abre caminho para vivermos em uma sociedade mais justa, com mais equidade e felicidade, que respeite o ser humano, a iniciar-se pela linguagem e indo até às ações mais concretas em sala de aula. Quando

repercutimos esses padrões e esses preconceitos sistemáticos estamos negando o direito subjetivo à educação e à vida digna dessas crianças e jovens. O nosso papel como educador é entender a escola como um ambiente propício e destinado às discussões de questões que possibilitem a melhora do país e da vida de todos os cidadãos, entre essas demandas, uma das mais relevantes são os preconceitos criminosos racistas.

Então, como modo de finalizar o trabalho, gostaria de deixar o poema abaixo, de Manoel de Barros, que faz parte do livro "Poesias Rupestres", que me inspira a pensar a infância e a escola para as infâncias.

Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas
e podiam ficar em qualquer posição.
Por forma
que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha,
era só abrir a palavra abelha
e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

EU CHEGO LÁ

ANGÉSSICA EMILIANE DE OLIVEIRA FILIPE

Revisitar as memórias do tempo da minha alfabetização e da minha trajetória escolar, me trouxe lembranças que guardo com muito carinho no coração, e que me fizeram perceber agora, com mais maturidade, quanta dedicação e afeto são compartilhados durante esse processo na vida de alguém.

Sou filha de uma mineira com um capixaba, nasci em Belo Horizonte em agosto de 1995, mas logo no meu primeiro ano de vida, meus pais decidiram se mudar para o interior do Espírito Santo, para uma cidade pequena e simples chamada Castelo. Vivíamos com meus avós em um sítio cercado de árvores, plantações e bichos de vários tipos. E é aqui que me identifico com Paulo Freire (1987) em seu processo de alfabetização. Assim como ele, a minha leitura de mundo precedeu a minha leitura da palavra.

O trabalho do meu avô com a terra e com a criação, o cuidado da minha avó com o quintal, com o jardim e com a família, as brincadeiras com meus primos, a sensação de pisar descalço na terra, os cheiros, a fé, o fogão a lenha, a comida, o som dos passarinhos e do galo cantando ao longo do dia eram os textos que eu lia. Mas também foi nesse lugar onde tive o primeiro contato com as letras e com a leitura.

Por não haver escolinhas próximas para minha idade, minha mãe decidiu começar a me alfabetizar em casa. Na simplicidade de alguém que não tinha formação pedagógica, mas cheia de criatividade (que eu desconfio que Deus concede especialmente para as mães), ela teve a ideia de comprar letras emborrachadas e as colava na parede para me ensinar. A imagem dessas letras coladas na parede e minha mãe apontando para elas é uma memória muito afetiva pra mim. Então, na varanda da casa da minha avó, aos poucos ela começou a me alfabetizar me ensinando o alfabeto, o be-a-bá e depois os números. E foi nesse processo de juntar as letrinhas e as sílabas que aos 4 anos de idade aprendi a ler e a escrever.

Esses dias,

> **“minha mãe me contou que chegou a ir à uma biblioteca de Castelo e pegou um livro de Paulo Freire para aprender a me alfabetizar melhor. Apesar de não se lembrar do nome do livro, com ele aprendeu que quem alfabetiza deve ensinar de acordo com os interesses e contextos de quem está aprendendo. Assim, as primeiras palavras que aprendi a ler e a escrever faziam parte do meu universo lá na roça. Aprendi a colocar no papel o que fazia parte do meu dia a dia, como os bichos, frutas, legumes e nomes das pessoas ao meu redor.**

O que facilitou meu processo de absorção e aprendizagem.

Por conta do cotidiano, minha mãe tinha, além do amor, tempo para se dedicar à tarefa de me alfabetizar. Usava as letras emborrachadas, os livros de história e revistinhas em quadrinhos para incentivar a minha leitura, usava a repetição, traçava pontilhados para que eu passasse o lápis por cima e formasse as letras, entre outras técnicas que julgava interessantes. Lembro ainda de treinar minha leitura, mesmo que por vezes “gaguejando”, lendo historinhas para minha avó.

Passado não muito tempo voltamos para Belo Horizonte onde fui matriculada na escolinha CESFRAN, que fica localizada na comunidade onde morava, e que também se tornou o local de trabalho da minha mãe. O ano era 2000, eu me lembro de chegar na salinha do 1° período e minha professora, carinhosamente com as mãos nos meus ombros, diante da turma, me apresentar para meus colegas e juntos cantarem uma musiquinha de boas vindas. Meus colegas e eu seguimos crescendo e aprendendo juntos até o 3° período. Ao chegar na escolinha eu já estava alfabetizada, já sabia ler e escrever, mas o que minha mãe me ensinou, as professoras aperfeiçoaram pedagogicamente.

A Tia Roseni, a Tia Fabiane, a Tia Léo, a Tia Nádia, a Tia Fátima (minha mãe), a Marta, a tia Lúcia, a professora Michele, a Delviene e a Letícia juntamente com toda a equipe do CESFRAN, são pessoas que foram parte essencial para minha formação cognitiva e como pessoa. As músicas que cantavam, as brincadeiras, os passeios, as festinhas que preparavam, a comida sempre gostosa e farta, o ambiente acolhedor sempre limpo e colorido preparado especialmente pra nós, as orações, até mesmo os colchonetes para a hora da soneca e o abraço na hora da saída... tudo isso ensinava e está gravado no meu coração.

Minha vivência escolar sempre foi muito positiva. Lembro de por vezes as professoras me pedirem para ler textos em voz alta e em eventos da escolinha. Certa vez, o CESFRAN foi presenteado com uma brinquedoteca e alguém da escola me escolheu para escrever uma carta de agradecimento aos patrocinadores. Mesmo com as linhas tortas e alguns erros corrigidos pelas professoras, escrevi e li com muito carinho a carta para eles no dia da inauguração. Depois essa carta foi emoldurada e até pouco tempo atrás permaneceu na parede da escolinha. Por falar em cartas, eu adorava fazer desenhos, cartinhas e bilhetes para meus pais, minha família, meus amigos, professoras e até para o Papai Noel!

Em 2002, cheguei ao 3° período na turma da Tia Léo. Ela foi uma excelente professora que nos ensinava, incentivava e nos prepa-

rava para o Ensino Fundamental. A Tia Léo usava conosco um livro didático com um nome que sempre me chamou a atenção e que eu não me esqueço: Eu chego lá - No mundo da leitura e da escrita. Era um livro cheio de atividades de alfabetização, textos e ensino das letras e da formação de sílabas. Mas ela também nos ensinava através da cópia de fichas, ditados e diversas atividades. O 3° período foi o fechamento da Educação Infantil e uma ponte para o Ensino Fundamental.

Tive o privilégio de junto com alguns colegas de turma ganhar uma bolsa de estudos no Colégio Frei Orlando. E lá, na 1ª série, quem assumiu a tarefa de nos ensinar foi a Tia Milma, uma professora que tinha um olhar carinhoso e atento a cada um de nós. Nos ensinava com histórias e músicas de que me lembro até hoje. Apesar disso, talvez por conta da mudança de ambiente ou por ter outras disciplinas agregadas ao meu ensino, comecei a ter dificuldades em produzir e interpretar textos, o que estava me prejudicando. Foi então que a Tia Milma chamou minha mãe no colégio para conversar e pediu que ela me incentivasse mais a ler e a produzir textos, pois tinha potencial para me desenvolver melhor na escola. Minha mãe seguiu as orientações e pronto! Foi como virar uma chave. Com um pouco mais de incentivo na leitura, lembro de gostar de ler até as placas e outdoors na rua, as propagandas de ônibus e folhetos que encontrava. Eu ficava muito feliz pelas palavras novas que aprendia na escola e chegava em casa contando sobre elas como se fossem as maiores novidades do mundo. Além disso, fazia sempre minha mãe de dicionário perguntando o significado de alguma palavra nova que lia ou ouvia.

Permaneci no Colégio Frei Orlando até o 8° ano crescendo, aprendendo, fazendo amigos e vivendo cada fase como deveria ser. Tinha boas notas e procurava sempre fazer o meu melhor, mas o que eu mais gostava no colégio eram as Olimpíadas, as festas juninas, as feiras culturais e de ciências. Tive até a oportunidade de fazer parte do time de vôlei do colégio e por um bom tempo da minha vida meu sonho era jogar na seleção brasileira. Tudo que envolvia artes e esportes me chamava mais atenção, inclusive até hoje!

No 9° ano mudei para uma outra escola que também era particular, o Colégio Pedro II. Escola nova, colegas novos, adolescência… Fui muito bem acolhida, vivi um tempo muito legal lá, o ensino era muito bom mas não me sentia totalmente parte dali. Lembro de sentir vergonha de apresentar trabalhos para a turma, coisa que nunca tinha tido dificuldade, mas continuei fazendo o meu melhor e tenho ótimas lembranças dessa fase. Porém, ao final do ano minha mãe conversou comigo sobre a decisão de novamente me mudar de escola pois não estava conseguindo manter financeiramente as mensalidades. Ela procurou referências de uma boa escola pública, me matriculou e novamente mudei de escola no ano seguinte.

E foi assim que cheguei a Escola Estadual Olegário Maciel no Ensino Médio, onde foi como se um novo mundo tivesse sido aberto pra mim. A escola fica localizada no centro de BH, então eu comecei a pegar ônibus sozinha para chegar até lá, depois isso mudou, mas era uma super novidade pra mim. Era tudo tão diferente na escola, mas eu fui com toda coragem do mundo. No primeiro dia de aula, procurando meu nome nas listas para achar qual era minha turma, já fiz minha primeira amiga (as duas novatas perdidas naquele pátio se identificaram, é claro!). Para nossa surpresa, éramos da mesma turma. Fomos para a sala e daí pra frente eu vivi anos incríveis naquela escola. Todo medo e preconceito que sempre ouvia falar sobre escolas públicas se foi. Não era uma escola perfeita, mas os professores eram ótimos sempre nos acolhendo, ensinando e nos desafiando a avançar, a estrutura era boa e o carinho dos funcionários fazia toda diferença. Fiz amigos que carrego até hoje, tive experiências e oportunidades muito boas dentro e fora da escola que me moldaram enquanto pessoa e me fizeram crescer muito.

Logo após o Ensino Médio já ingressei na faculdade cursando Gestão de Turismo na PUC Minas, com bolsa pelo ProUni. O que foi

motivo de muita alegria e orgulho pra minha família. Mesmo já com 18 anos, ao entrar pela primeira vez ali, me sentia pequena diante da grandeza que tudo aquilo significava. Algo que me marcou muito foi o sorriso do meu professor na porta da sala no meu primeiro dia de aula, foi bastante acolhedor. Por ser um curso tecnólogo, me formei em dois anos e nesse tempo fiz estágios na área, mas acabei não continuando na profissão.

Voltando um pouco no tempo, aos 12 anos, comecei a me envolver na igreja. Lá aprendi muito sobre a vida, tive meu caráter moldado, conheci pessoas e pude viver momentos incríveis que só quem vive sabe como é. Passados alguns anos, em 2017, ingressei no Seminário Teológico Carisma pensando que ia aprender sobre teologia, mas aprendi também a olhar a vida e as pessoas de uma nova perspectiva. O diploma que recebi veio acompanhado de amor, aprendizado, alegria, novos sonhos, desafios e histórias para contar.

O tempo foi passando, fui caminhando no processo de aprendizagem, e hoje estou aqui, cheia de planos e expectativas, cursando Pedagogia na UFMG, aprendendo a ensinar. Além disso, tenho o privilégio de trabalhar em um colégio incrível onde todos os dias vivemos e aprendemos algo uns com os outros. Há pouco tempo, percebi que minha vida sempre foi rodeada por ambientes escolares e pela educação. Ao longo da minha trajetória tive a oportunidade de aprender diversas coisas em cursos, workshops, palestras, eventos, com a internet e com a televisão, mas também aprendi muito com minha família, meus amigos, professores, com meus erros e acertos e até mesmo com as pessoas ao meu redor. Muitos métodos de ensino mudaram ou foram aperfeiçoados ao longo dos anos para se adequarem aos novos tempos, otimizar o ensino e alcançar mais pessoas. Mas, inserir um aluno na vida cotidiana entrelaçando as práticas pedagógicas de dentro da sala de aula com a vivência no mundo fora da sala de aula é fundamental para o processo de formação, uma vez que a aprendizagem está intimamente ligada à realidade dos indivíduos. Por isso acredito que tudo ensina, seja uma breve conversa no café da manhã ou a formalidade de um doutorado, precisamos estar atentos e de coração aberto para aprender o que de bom o outro tem a nos ensinar.

Enfim, independente de métodos pedagógicos e didáticos, espero ensinar sempre com muito amor e dedicação. Eu chego lá!

MEMORIAL, O ONTEM E O HOJE: PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO, ESCOLARIZAÇÃO E EXPECTATIVAS COM A PEDAGOGIA

ARMINDA NUNES FERREIRA SOUZA

Nasci em uma cidadezinha do interior de Minas Gerais chamada São João Evangelista, localizada no Vale do Rio Doce, em cinco de julho de 1992 e fui criada em Araras, distrito de São Pedro do Suaçuí. Venho de uma família de baixa renda, sou a sexta entre sete filhos, e como todos os meus irmãos, não fui planejada. Fui a primeira a nascer em um hospital. Para minha família o habitual era ter os filhos em casa, com o auxílio de uma parteira.

Meu pai nasceu em 1944 e não concluiu a quarta série primária. Segundo ele, da escola já tinha aprendido tudo que precisava para a vida: sabia ler, escrever e fazer contas. Para a lida com a terra e o comércio dos seus produtos, não precisava de mais nada. O que mais precisasse iria aprender na prática seguindo a tradição da família. O trabalho para ele era muito mais importante que o estudo e mesmo tendo oportunidade para continuar, optou por parar. Pelas histórias que ele contava, gostava de ir na escola para "fazer bagunça", ele e mais dois irmãos, entre 14 irmãos, gostavam de aprontar altas travessuras.

Já minha mãe sempre foi muito estudiosa e nos dizia que era uma das melhores alunas da sala. O sonho da juventude dela era ser professora, como a mãe dela, porém se casou cedo e não teve apoio do meu pai para continuar os estudos, e logo vieram os filhos, a rotina de dona de casa e de lavradora.

Somos sete irmãos: Vanessa, Carlos, Valéria, Fábio, Vilma, Arminda e Andressa. As cinco mulheres possuem ensino superior e os dois homens, um completou o ensino médio e o outro não concluiu o ensino fundamental. Fui a primeira entre os sete irmãos a fazer graduação (Biblioteconomia). Pedagogia foi o curso escolhido por duas das minhas irmãs (entre elas a Andressa, que tem Síndrome de Down e é o amor da minha vida).

Meus pais sempre foram batalhadores, cultivavam cana-de-açúcar para a produção de cachaça e rapadura, era um trabalho pesado, do qual participei durante a infância. Como a mão de obra era escassa, meus irmãos foram crescendo e indo embora de casa em busca de outras formas de viver. Assim meus pais optaram por encerrar o cultivo de cana-de-açúcar e a partir de então nos dedicamos ao cultivo (em pequena escala) de milho e feijão e à uma pequena produção de queijo.

Morar na roça, com terra para o cultivo é bom, mas não era o meu objetivo. Minha esperança estava depositada na ascensão social através dos estudos, através da educação ter e dar à minha família uma vida mais confortável. Sempre tivemos o que comer, tudo que dava para plantar e colher em nosso terreno estava acessível, e na região em que fui criada a terra e o clima são bons para o cultivo. Eu sentia falta do que não sabíamos produzir, por exemplo, para fazer um suco tínhamos rapadura, melado e garapa (caldo de cana), só que o sabor do produto final (suco, café) ficava diferente do feito com o açúcar cristal, era este último, o meu desejo de criança. Arroz era facilmente substituído por angu de fubá, sopa de banana, inhame, mandioca, macarrão. Sabonete, detergente, sabão em pó se resumiam em sabão feito com banha de porco e soda cáustica. Absorvente íntimo era de tecido. Roupas novas eram artigos de luxo, principalmente em uma família grande, as roupas e sapatos eram passadas de irmão para irmão. Minhas primeiras bonecas eram as espigas de milho verde (tão lindas, eu escolhia as que tinham os cabelos mais bonitos, uma pena que durassem pouco), e as que eu fazia de barro. Banana verde, sabugo de milho eram ótimos brinquedos, lindos boizinhos, árvores eram boas casinhas, tinha uma em especial que eu adorava porque seus galhos tinham uma ponta que me lembrava um lápis, seus frutos uma borracha e suas folhas eram cadernos. Materiais escolares não era algo acessível como hoje em dia e se não fosse obrigatório para as aulas, não estavam na lista de prioridades de compra, e era justificável. Se bem me lembro, as coisas melhoraram um pouco depois que o governo Lula assumiu, programas como o bolsa família garantiu que produtos como açúcar, arroz, sabonete, shampoo, creme e outros entrassem na lista regular de compras.

Infância: Em uma perspectiva social, os ambientes frequentados na infância serão determinantes para formação e desenvolvimento de uma criança, assim como, influenciarão suas crenças, tradições e visão de mundo. Segundo Brigitte e Peter Berger (1997), na infância as esferas econômicas, as relações de gênero, as relações raciais, o nível de acesso às tecnologias digitais, escola, o ambiente familiar e até as relações de trabalho são experiências fundamentais que marcam a biografia dos sujeitos.

Minha memória mais antiga é de 03 de março de 1995, nascimento da minha irmã caçula, Andressa. Ela nasceu com síndrome de Down e má formação cardíaca, então lembro que nos primeiros meses ela e minha mãe ficavam mais tempo em hospitais do que em casa.

> **“Não tinha energia elétrica em casa, tínhamos um rádio à pilha que era a principal fonte de entretenimento. Meu pai tocava sanfona, então música era algo garantido. Os**

passeios se resumiam em visitar os avós, as amigas, ir aos cultos e/ou missa aos domingos, novenas de nossa senhora Aparecida e de natal.

Tínhamos uns aos outros para conversar e brincar (saudades de jogar adedanha, jogo da velha, qual é a música, continue a música, roubar a bandeira, pique-esconde, subir em árvores, fazer casinhas entre outras brincadeiras). O sonho da energia elétrica chegou em 2011, eu já tinha saído da casa dos meus pais.

Escolarização: entre 1999 e 2002 estudei na Escola Estadual do Córrego das Araras (localizada na zona rural). Com seis anos fui para escola pela primeira vez. Não fiz a pré-escola, a maioria dos colegas da sala tinha frequentado e já estava em processo adiantado de alfabetização. Eu tinha o mínimo de coordenação motora, sentia dificuldade de fazer os riscos e traços que a professora pedia, não tinha nenhuma noção de como fazer letras, não sabia escrever o meu nome, pois não conhecia o alfabeto, não sabia colorir sem extrapolar as linhas do desenho, me sentia atrasada em relação à turma. Tive 3 professoras oficiais ao longo desse período, dona Rosa na primeira e segunda série, dona Margarida na terceira e dona Nélia na quarta série. Nessa etapa aprendi a ler, escrever, fazer as operações básicas (soma, subtração, multiplicação e divisão).

Nas aulas da dona Rosa, ela nos apresentou a contação de história e os livros, ouvíamos as histórias, olhávamos as figuras, imaginávamos os personagens e cenário através das descrições que eram dadas. Ela nos apresentou o cantinho da leitura, meu paraíso pessoal. Era um armário de mais ou menos um metro de altura, cheio de livros e o mais legal é que a professora emprestava para levar para casa. Nesse período o governo distribuiu alguns livros através do projeto Literatura em Minha Casa, e assim ganhei meus primeiros títulos: "Quem conta um conto?", "Era uma vez um conto" e "vida e paixão de Pandonar, o cruel". Foi o início da minha coleção e fascinação por livros. Penso que o contato

com o material de leitura, nessa fase, despertou a vontade de ler e descobrir o que tinha nos textos literários e informativos (até as bulas de remédios eu pegava para ler).

Lembro de algumas dificuldades dessa época: tinha que aprender o máximo possível em sala de aula, copiar e fazer o dever de casa ainda na escola, pois em casa eu raramente tinha tempo, ânimo e ajuda para fazer. Os pais e irmãos sempre que estavam dentro de casa já estavam muito cansados do dia de trabalho e tinham outras coisas para fazer. Também tinha outro problema, eu fazia as atividades da escola e lia os livros sob a luz de lamparina e na casa tinha duas, e a prioridade era de quem ia esquentar a janta, tomar banho e só depois estaria disponível para eu fazer o dever. Algumas vezes eu sujava o caderno por causa da fuligem da lamparina e a professora chamava minha atenção, algumas vezes eu não fazia as atividades e ficava sem recreio e sem os prêmios para os alunos responsáveis.

Entre 2003 e 2006 estudei na Escola Estadual João Pinheiro, em São Pedro do Suaçuí. A prefeitura disponibilizava ônibus escolar para garantir o acesso à escola, uns 30 minutos de deslocamento de ônibus e mais uns 15 minutos de casa até o ponto de ônibus. A qualidade do transporte era ruim, poucos assentos para a quantidade de estudantes, muitos bancos que só tinham os ferros, e em muitas ocasiões o ônibus estragava durante o trajeto casa/escola. Outro desafio para chegar à escola eram as pontes. Em época de chuva, era comum as enchentes levarem as pontes embora e impossibilitar o acesso ao ponto de ônibus.

Nesta escola tinha uma biblioteca do tamanho de uma sala de aula, com muitas estantes de livros, era o meu ambiente favorito, porém ficava fechada durante o recreio. Abria durante o horário de aula, mas nem sempre eu conseguia permissão dos professores para ir até lá (a maioria imaginava que era desculpa para fugir da sala de aula) e quando conseguia, não podia ficar por muito tempo, era o tempo de devolver um exemplar e pegar outro. Devido a demanda por tempo ágil, eu sen-

tia falta de uma biblioteca mais organizada para facilitar a localização do título desejado. Foi nessa época que decidi que seria uma bibliotecária escolar, faria o possível para que os livros fossem encontrados com facilidade, a sala e livros ficariam acessíveis de acordo com a demanda dos estudantes e, como mediadora entre alunos e livros, não negaria o acesso a um livro para nenhum aluno. Certa vez eu li o livro "O corcunda de Notre Dame" de Victor Hugo e quando minha irmã (a que tem síndrome de Down) se dirigiu à biblioteca para pegar o mesmo título, voltou com um gibi da turma da Mônica, até hoje sinto indignação.

Entre 2007 e 2010, fiz o ensino médio na Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, carinhosamente chamada de Escola Agrícola, atual Instituto Federal de Minas Gerais – Campus SJE. Não era fácil conseguir uma vaga, o processo seletivo era através de provas. A parte mais difícil não era só conseguir passar na prova, era conseguir a permissão do meu pai para ir; escolarização não era algo que ele considerasse relevante, o trabalho era o importante e em casa isso tinha sobrando. Outra resistência: eu era uma adolescente do sexo feminino e precisaria morar em outra cidade. Não que fosse tão longe, mas o deslocamento era complicado, não tinha transporte de ida e volta diariamente, e mesmo se tivesse eu não teria condições de arcar com os custos das passagens, teria que morar na cidade sozinha, com parentes ou no alojamento da escola. No fim deu tudo certo e consegui estudar na escola que sempre quis.

Realidade: estudar de manhã e à tarde , ensino médio e técnico. Esforço imenso para acompanhar o ritmo da escola, que quando comparado à escola de origem era, em muitos níveis, mais difícil de conseguir a aprovação; Repeti o segundo ano do ensino médio. Morar longe da escola, fazer plantão no refeitório em alguns finais de semana, para pagar a bolsa alimentação.

Realizações: Ter excelentes professores, acesso à biblioteca bem estruturada, acesso aos laboratórios de informática, acesso à energia elétrica, convivência com colegas de diferentes regiões de Minas Gerais. Fazer amizades que são para vida toda, convivência com a diversidade cultural, oportunidade de aprender, o que não existia antes na minha comunidade familiar e regional. Descobrir que não sou inferior a um homem só por ser mulher, perceber que tenho milhões de possibilidades na vida. No "meu mundinho Araras" estava implícito que eu deveria estudar o básico para não ser analfabeta, casar, ter filhos, ser membro de uma igreja, cuidar da casa, marido e filhos, ajudar nos trabalhos com a terra e morrer já com os filhos criados.

Com a base do ensino médio de uma Federal, consegui passar novamente em outra Federal. Consegui entrar para o curso de biblioteconomia na UFMG e vim morar em Belo Horizonte. Inicialmente morei com a tia Glória. Entre 2011 e 2014 fiz minha primeira graduação. Consegui estágio desde o primeiro até o último semestre acadêmico.

Meu primeiro estágio foi no Programa Carro-Biblioteca, um programa de extensão da Escola de Ciência da Informação. Cujo objetivo é incentivar a leitura e cidadania junto às populações carentes da Grande BH, colaborar para a democratização do acesso à informação, promover ações culturais e educativas, assessorar as comunidades na implantação de suas próprias bibliotecas e atuar como espaço para pesquisa. Foi uma ótima experiência, pois foi o meu primeiro contato com uma biblioteca real e usuários reais. Realidades e públicos bem diferentes do que encontrei nos estágios posteriores. Fiz estágio na biblioteca do CEFET-MG Campus I e na biblioteca do ICEX/UFMG, que são exemplos de estrutura e organização, tem salas de estudo em grupos, individuais, uma diversidade de livros, bibliografia geral e especializada, enfim, bibliotecas modelo.

Formei no segundo semestre de 2014. E a ideia de atuar em uma biblioteca estadual ainda está viva, porém o estado não seleciona bibliotecário para a biblioteca, nem existe esse cargo no estado, existe Professor para o Ensino do Uso da Biblioteca.

Em 2015 e 2016 trabalhei como monitora de informática na escola integrada da Escola Municipal Professor Pedro Guerra, na regional

Venda Nova. Nesse período tive contato com alunos de idades entre 11 e 15 anos. Além de planejar as aulas de informática, tinha que pensar em dinâmicas e brincadeiras para os momentos fora do laboratório. Senti falta de apoio e conhecimento pedagógico. Tinha uma monitora para dança, duas para esportes, dois para meio ambiente, um para capoeira e uma para informática, não tinha nenhum com formação pedagógica, o que acredito que teria enriquecido a experiência. Desde então, a possibilidade de fazer um curso de pedagogia começou a se materializar.

Pedagogia está sendo minha segunda graduação, vi no curso possibilidades de mais campos de trabalho e uma oportunidade de aprender, conviver e ensinar algo às gerações vindouras. A área da educação me atrai desde a infância e esteve em todos os meus planos e perspectivas de carreiras. Consigo me ver diante de uma turminha de crianças, articulando e repassando a diversidade de conhecimentos, colocando em prática as técnicas e didáticas que irei adquirir no curso.

Eu realmente espero que essa graduação não se restrinja à teoria e eu encontre no futuro uma Arminda reinventada, satisfeita pela escolha da docência. Tenho esperança de que a união da biblioteconomia e pedagogia façam de mim uma profissional e uma pessoa melhor. Vejo a educação como fator de transformação econômica e social, tenho como objetivo incentivar a leitura, ser uma mediadora entre o aluno e o livro, colaborar para a democratização do acesso à informação, promover ações culturais e educativas e ser uma profissional da educação que consegue comunicar e criar planos de trabalho em consonância com a realidade do público com que me relaciono. Moura (2007) fala da importância de considerar "o contexto social do sujeito, sua experiência em relação ao processo sígnico em curso e a natureza dos processos de significação envolvidos".

Seja em uma sala de aula ou em uma biblioteca, desejo passar para frente meu amor pelos livros e pela educação.

MEMÓRIAS DE UMA CRIANÇA ESPONTÂNEA

DRIELLI SANTOS BARBOSA

Na minha infância, a escola era um lugar maravilhoso onde cresci de maneira saudável e feliz. Lembro-me com carinho dos momentos vividos naquela época, repletos de descobertas, aprendizados e muita diversão. Além disso, eu fui uma criança de personalidade tagarela. Sempre gostei de conversar. Eu falava pelos cotovelos. Em casa, contava sobre tudo o que acontecia no meu dia com todos os detalhes. Falava sobre as brincadeiras que participei na escola e sobre as coisas que meus colegas faziam. Na escola, contava sobre o que eu tinha almoçado e com o que eu tinha sonhado. E não é surpresa que isso refletia no ambiente escolar de uma maneira que enlouquecia as minhas professoras. Eu sempre fui uma criança criativa e, por mais que os meus colegas não fossem tão intensos quanto eu, em todos os sentidos que eu dava para as coisas à minha volta, e não tivessem toda a dedicação e hiperfoco que eu, criança que foi

> **"diagnosticada de maneira tardia com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade,**

tinha com as coisas que eu gostava, eles me apoiavam e ficavam ao meu lado quando as professoras me xingavam por não conseguir ficar quieta ou "dar trabalho" durante as aulas. Em todas as reuniões escolares, os meus pais eram sempre cercados com a mesma conversa. "Ela é uma aluna excelente! Muito inteligente e brilhante, um arraso de menina! Mas a conversa… isso sim atrapalha bastante! Ela não se atrapalha não, viu? Ela é esperta! Acaba o exercício rapidinho e vai conversar… mas aí já viu, né? Isso atrapalha o coleguinha." (Discurso realizado pela professora "tia" Mirviane Nara para meus pais, 2° Ano do Ensino Fundamental, 2009.)

Os meus anos escolares foram iniciados aos 4 anos de idade no início de 2006, no 2° período da Educação Infantil, na Escola Municipal Áurea Lima Taveira - CAIC em Nova Lima (MG), cidade onde nasci. Fiquei lá durante dois anos e me formei no 3° período da Educação Infantil com 5 anos de idade, no final de 2007. Fui matriculada na Escola Municipal José Brasil Dias para o primeiro ano do Ensino Fundamental, em 2008 e estudei na rede pública até me formar no 5° ano, aos 10 anos de idade. Já no ensino Fundamental II, ingressei em 2013, no 6° ano ,e pude realizá-lo em uma escola privada, que já não existe mais, chamada Instituto Santa Terezinha. Me formei em 2016, aos 14 anos. O Ensino Médio eu também cursei na rede particular, juntamente ao Ensino Técnico em Administração, na Escola de Formação Gerencial Metodologia SEBRAE, na unidade de Nova Lima. Concluí o 3° ano em 2019, aos 17 anos de idade.

A minha família sempre foi rígida quando se tratava da escola, então, consequentemente, eu sempre me dedicava e me autocobrava bastante. Eles se animaram muito quando eu entrei na escola e com o meu processo de aprender a ler e a escrever. Na minha casa existiam muitos livros infantis e histórias em quadrinhos, principalmente da Turma da Mônica. E, como a minha mãe gosta muito de ler e a minha tia, que também mora comigo, é professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, eu cresci tendo esses familiares como referência

na minha educação. Assim, uma das coisas que sempre me encantou na escola eram os livros infantis. A biblioteca da escola era um verdadeiro tesouro, cheia de histórias incríveis que me transportava para mundos mágicos. A cada semana do Ensino Fundamental, tínhamos um tempo dedicado para explorar aquele universo de palavras e imagens, despertando nossa imaginação e incentivando o prazer pela leitura desde cedo.

É válido pensar que o incentivo à leitura desempenhou um papel fundamental em minha vida escolar e proporcionou inúmeros benefícios para o meu desenvolvimento intelectual, emocional e social. Ao explorar o mundo dos livros, eu pude expandir a minha imaginação, ampliar o meu vocabulário, desenvolver habilidades de compreensão, aprimorar minha capacidade de expressão e adquirir conhecimentos sobre os mais diferentes temas. Um exemplo inspirador da importância da leitura no meu desenvolvimento pedagógico é a maneira como cresci lendo os quadrinhos da Turma da Mônica, criação genial do cartunista brasileiro Maurício de Sousa. Essa série de histórias conquistou o meu coração, e seu impacto e influência na minha educação é notável até nos dias de hoje. Os personagens da Turma da Mônica são cativantes e têm características distintas, o que permite que qualquer criança se identifique com eles e se envolva emocionalmente nas histórias. Através das aventuras e desafios enfrentados pelos personagens, eu fui incentivada a refletir, imaginar e aprender de forma lúdica.

A leitura de forma assídua na minha vida abordou uma ampla variedade de temas relevantes para as minhas vivências em ambiente escolar como amizade, respeito, diversidade, superação de desafios e cuidado com o meio ambiente. Esses temas foram apresentados de maneira acessível e adequada à minha faixa etária, tanto pela escola, como pela minha família, o que me permitiu compreender e internalizar importantes valores e conceitos. Torna-se viável avaliar que a pedagogia atual reconhece a importância dos elementos presentes nas histórias da Turma da Mônica e de outras obras literárias similares. Os quadrinhos

oferecem uma linguagem visual atrativa e uma narrativa envolvente, que estimulam a leitura de forma prazerosa para crianças. Essa abordagem lúdica contribuiu para despertar o meu interesse pelos livros e para promover o desenvolvimento de minhas habilidades literárias. Além disso, a Turma da Mônica, assim como outras obras literárias infantis, serviram como uma ponte para a interação entre mim e a minha família. Ao ler as histórias juntos, meus pais, minhas professoras e até mesmo meus amigos puderam compartilhar de cumplicidade, fortalecer laços afetivos e estimular a troca de ideias e opiniões comigo. Em suma, a importância da leitura na vida de uma criança é inegável, e a Turma da Mônica é um exemplo inspirador de como os livros podem ser aliados poderosos na educação. Através das aventuras desses personagens queridos, eu pude ter a oportunidade de desenvolver habilidades linguísticas, emocionais e sociais, além de adquirir conhecimentos valiosos.

Entretanto, foi dado início ao meu processo de alfabetização em 2005, quando eu tinha apenas 3 anos de idade, antes de entrar na escola e sem a orientação de um profissional. Ademais, os meus pais imprimiram as letras do alfabeto em tamanho 3x4 e faziam com que eu aprendesse a escrever com eles em casa e formasse palavras aleatórias do meu dia-a-dia. Eles tentavam trabalhar também a silabação, mostrando a divisão silábica das palavras para que, na metodologia dos meus pais, fosse mais fácil para que eu conseguisse escrever. Então, quando eu iniciei no 2° período da Educação Infantil em 2006, com 4 anos, eu já sabia escrever o meu primeiro nome.

Na época, as professoras achavam um máximo eu ser uma criança tão inteligente. Atualmente, eu discordo dessa prática e reconheço que a alfabetização precoce pode causar desinteresse escolar, autocobrança e níveis diversos de estresse infantil. Dessa perspectiva, surge uma ligação muito forte entre a minha autocobrança na vida adulta, minha relação com a minha autoestima e a maneira como os meus pais me ensinaram a ler e a escrever. Seguindo essa linha de raciocínio,

> (,,,) a instrumentalização das relações humanas é fruto da submissão diante da atitude produtiva exigida por nossa cultura, que exige rapidez e quantidade em detrimento do calmo e da qualidade. As relações, desta forma, tornam-se obrigatórias e passam a configurar-se como frias, preocupadas exclusivamente com os resultados. No caso específico das crianças, na interação do adulto para com estas, a falta de sensibilidade para o presente, a instrumentalização nas relações e a velocidade ou apressamento das ações têm forçado um quadro no qual a criança é frequentemente negada, justamente no período que ela mais necessita ser aceita. (CASTELLANOS, 2022, p. 33, apud KUNZ; STAVISKI;SURDI, 2013, p. 121, grifo nosso).

Torna-se fundamental, portanto, oferecer às crianças atividades significativas e que desenvolvam interesse para sua idade, e não apenas com o objetivo de aprender a desenhar símbolos alfabéticos e numéricos, de maneira descontextualizada, já que essas ações, quando propostas de maneira precoce e sem a orientação de um pedagogo e/ou alfabetizador tem como resultado uma série de fatores estressantes para a criança, como foi em meu caso já que a minha alfabetização foi iniciada em casa, sem o letramento em conjunto. – Eu apenas aprendi a escrever palavras aleatórias, mas eu não sabia com certeza o que elas significavam quando eu as lia, eu apenas reproduzia o que eu havia decorado, utilizando o método tradicional de silabação. Os meus pais trabalhavam palavras do meu dia-a-dia com o intuito de apresentar-me as sílabas.

Além disso, é necessário focar na função da aprendizagem para que uma comunicação viva e fluida seja exercitada na mente da criança e torne-se natural o processo de aprendizado, principalmente ao se referir ao período pré-alfabético, iniciado durante os primeiros contatos da criança com a escola, a socialização e, de fato, o alfabeto. É compreensível que a intenção de meus pais era que eu me destacasse e eles

fizeram de tudo para me proporcionar o melhor dos estudos. Porém, esses ensinamentos foram realizados da maneira errada, fora do ritmo da criança (eu), de forma não afetuosa, sem paciência e sem orientação escolar ou a supervisão de um profissional. "Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. [...] Cedo revelou impaciência e assustou-me." (RAMOS, 2020, p. 117)

A MINHA APRENDIZAGEM DESENVOLVIDA DURANTE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Além dos livros, as brincadeiras também eram essenciais em minha rotina escolar. Lembro-me das tardes no pátio, onde tínhamos acesso a um amplo espaço aberto, repleto de brinquedos. Os momentos de socialização entre meus coleguinhas e eu foram fundamentais para o nosso desenvolvimento físico e social, nos ensinando a cooperar, compartilhar e lidar com as nossas emoções. E o ambiente escolar, como um todo, era acolhedor e seguro. As professoras sempre foram muito dedicadas, carinhosas e dispostas a nos ajudar e a nos incentivar. Sentíamos que éramos parte de uma grande família, onde éramos valorizados e respeitados como indivíduos únicos.

Existe uma linha que liga diretamente a escrita espontânea proposta pela professora Cássia e a minha coragem infantil de livremente construir frases. Esse processo foi de extrema importância para o meu desempenho no período de associação de letras, números e símbolos, e também para o desenvolvimento das minhas habilidades de ler e de escrever, e até mesmo de falar e me comunicar de maneira fluida e efetiva. As atividades e ensinamentos escolares de introdução ao universo escolar que a Educação Infantil proporciona foram realizados com o que chamamos hoje de "pedagogia afetiva" pelas minhas professoras Patrícia e Cássia da Educação Infantil e foi de extrema importância para

o meu progresso no percurso de alfabetização. Minhas duas primeiras professoras sempre me trataram com o maior carinho do mundo, e, de certa maneira, até os puxões de orelha eram com a ideia de corrigir e não de brigar. Assim, a pedagogia de modo afetuoso cria seres humanos repletos de amor, como defendido por Paulo Freire. De forma crua e rígida, as letrinhas cortadas eram sempre um desafio para mim. Eu detestava ter que montar palavras o tempo inteiro. Lembro-me também, até hoje, das parlendas, que aprendi com a escola, mas não me lembro se foi assim que aprendi a escrevê-las.

Em 2007, eu iniciei o 3º período da Educação Infantil e a minha professora, Cássia Barcelos, sempre foi uma muito criativa. É notável que as palavras "caderno" e "cola" estão escritas corretamente. Independentemente se fosse de maneira escrita ou falada, eu não tinha medo de errar ou de elaborar e expressar uma linha de raciocínio.

O método de escrita espontânea que ela sempre propunha em suas aulas permitiu, em diversos momentos, que eu refletisse e escrevesse as palavras, recortadas de imagens que nós crianças procurávamos em jornais e revistas, da maneira que eu acreditava que elas eram escritas. Esse processo foi importante para incentivar a minha criatividade e ajudar o desenvolvimento da minha percepção de construção de palavras também. Em alguns momentos da aula, eram realizadas as correções das atividades no quadro e as crianças precisavam escrever as palavras da maneira correta de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa ao lado da escrita espontânea. Uma forma de entender se eu estava progredindo ou não eram as apreciações deixadas no caderno pelas professoras (método que já não existe mais na rede Municipal de ensino da cidade de Nova Lima). Apreciações como "Jóia!" ou "Continue progredindo" eram escritas ou coladas nas atividades e eram vistas como maneiras de retornar à criança a sua situação de aprendizado e se estava se saindo bem ou não.

Portanto, é perceptível que o meu período de primeiro contato com o universo de aprendizagem que a criança constrói durante a pré

escola e o letramento foram focados na reflexão da ação, em entender o que estava sendo escrito e nos resultados criativos e não somente no processo de decorar o alfabeto, ficar quieto e aprender a respeitar as regras. É importante relembrar também que houve um conflito em relação ao início do meu período de alfabetização, que por sua vez foi precoce por obra dos meus pais. Entretanto, pode-se avaliar então que não foram perdidos os ensinamentos adquiridos em casa, já que, eles alavancaram, de certa forma, a minha aprendizagem na escola e foram importantes também, uma vez que com o primeiro contato com a alfabetização a criança também começa a "compreender a escrita como um sistema de representação da fala" (SOARES, 2020, p. 327). Me emocionou bastante saber que, da mesma maneira e com o mesmo carinho de meus pais, a minha segunda professora, "tia" Cássia, também "tinha olhos para cada aluno, atenta às dificuldades, prestativa, indo de uma carteira a outra para ensinar" (BETTO, 2002, p.62). Esse processo de educação afetiva que recebi no início da minha trajetória foi de extrema importância para o rumo do meu interesse pela leitura, o desenvolvimento das minhas habilidades escolares e meu interesse na educação afetiva e de forma que exercite a mente da criança para o lúdico.

No entanto, a essência da minha infância na escola estava nas interações diárias com os colegas. Fazer novas amizades, compartilhar sonhos e construir memórias inesquecíveis era algo que eu realmente valorizava. Cresci e aprendi sobre a importância do respeito, da empatia e da amizade verdadeira. Hoje, quando olho para trás, sinto-me extremamente grata por ter vivido uma infância tão enriquecedora na escola. O acesso aos livros infantis, as brincadeiras divertidas e o ambiente escolar acolhedor moldaram a minha personalidade e deixaram um legado de aprendizados que levarei para toda a vida. Essas lembranças me enchem de felicidade e gratidão, pois sei que tive a sorte de desfrutar de uma infância plena e saudável no ambiente escolar.

AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR

GABI MENDES

Preciso iniciar esse texto admitindo que sou muito desmemoriada. Lembro-me de pouquíssimas coisas da minha infância, e de quase nada relacionado à escola. A maioria das minhas lembranças começam lá pelos 11,12 anos, o que significa que praticamente desconheço grande parte de minha trajetória escolar. Por isso, para fazer esse trabalho, precisei perguntar aos meus pais e à babá, que participaram efetivamente desse momento da minha vida.

Descobri que o problema de memória é de família, pois meus pais também não se lembravam de muitas coisas. Enquanto conversávamos, nós três, conseguimos retomar algumas lembranças, contando também com a ajuda de cadernos antigos que, por sorte, minha mãe guarda até hoje. A babá também colaborou contando algumas histórias, pois era ela quem ficava comigo durante toda a semana e alguns finais de semana e, consequentemente, me ajudava com os deveres de casa, trabalhos escolares, e me levava e buscava na escola até meus 15 anos.

Lendo alguns outros textos autobiográficos com esse tema, algumas lembranças também vieram à minha mente. Sendo assim, escrevo essas memórias com a ajuda das memórias dos outros, e conto aqui tudo o que consegui reunir nessa saga de retomar o passado.

Bom, vamos começar pelo começo. Eu tenho uma irmã, Ana Carolina, quatro anos mais velha que eu, e sempre a via em sua rotina escolar. Por isso, desde muito pequena, eu tinha vontade de ir à escola, assim como ela, e achava muito chique o fato de ela ter "para casa" para fazer. Achava tão legal, que eu pedia a meus pais que imprimissem atividades da internet para eu fazer, e fingia serem os meus para casas. Igual ao Frei Betto, como ele conta em sua autobiografia escolar "Alfabetto", a Ana era meu "Nando", e eu tinha muita vontade de aprender as coisas que ela sabia.

> "Nando fora alfabetizado antes de mim. Intrigava-me observar como ele extraía significado desses pequeninos desenhos chamados letras que, unidos, formam palavras que, justapostas, se constituem em frases que correspondem a pensamentos irrompidos dentro de nossas cabeças e às falas pronunciadas por nossas bocas." P. 63.

Queria aprender muitas coisas, mas, principalmente, a ler. Meu pai é escritor e jornalista, minha mãe é jornalista também, e eu cresci rodeada de livros, jornais, revistas e letras por toda parte. Queria muito entendê-las. Nasci em Belo Horizonte, e desde pequena conheço a cidade como "a cidade das livrarias". Não que seja realmente, mas sempre que saía com meus pais, quando pequena, parávamos em alguma, e os amigos dos meus pais pareciam viver nelas, pois sempre encontrávamos algum conhecido por lá.

Depois de muito insistir, minha mãe finalmente me mandou para a escola, em 2000. Eu tinha três anos. Fui estudar na escolinha Companhia do Aprender, na Savassi, enquanto minha irmã estudava no Colégio Marista Dom Silvério, praticamente ali ao lado. Eu estava no Maternal III. Minha mãe guardou o caderno do ano em que estudei nessa escola, e pude analisá-lo hoje.

Vendo as atividades feitas no caderno, acredito que eu logo aprendi a escrever as letras "de forma", e conseguia copiar palavras. Escrever sem copiar, eu não sabia. Na primeira atividade do caderno, eu não consegui escrever meu nome, mas o nome da escola eu soube escrever. Provavelmente copiei de algum lugar. Algumas páginas à frente, diversas atividades de escrever meu próprio nome. Depois, meu sobrenome, o nome dos meus pais, o nome dos colegas e, por fim, nome de coisas que eu gostava.

Desse processo, que acredito ter durado todo o ano letivo, não me lembro de nada. Isso é tudo que pude resgatar graças ao caderno guardado. Da sala de aula, das atividades, da professora, não consigo me lembrar.

Mas lembro-me dessa escola. Tinha um parquinho todo colorido, com brinquedos grandes de plástico e outros de madeira. Tinha uma parte do chão que era grama. Tenho lampejos de memórias de mim correndo na grama com dois amiguinhos. E de mim com esses mesmos dois amiguinhos (talvez os únicos) passando por dentro dos tubos do brinquedo de plástico.

Uma coisa interessante que encontrei também guardada, foi uma cartinha da professora para meus pais, tipo um relatório mais informal, onde ela dizia que eu era uma criança muito tímida, que tinha vergonha de me expressar, mas que era muito amorosa e me dava bem com todos os colegas. Não me lembro de me dar bem com todos eles. Na verdade, não me lembro de nenhum deles. Esse foi o primeiro de muitos relatórios de professores guardados ao longo da vida, e todos diziam a mesma coisa: uma criança muito tímida, mas muito amável, carinhosa, meiga e afins (os adjetivos positivos mudavam, mas o negativo era sempre a timidez). Eu realmente era muito tímida, e acredito que isso tenha dificultado na parte de fazer amigos. Minha mãe tem várias amigas de infância. Eu não tenho nenhuma. Falarei mais sobre isso depois. Voltemos ao início.

Em 2001, fui estudar no Marista, assim como minha irmã, mas em outro prédio. Ela já estudava no prédio grande, e eu na Vila Marista, no 1° período. Desse ano, tenho aqui comigo um caderno intitulado "Caderno de para casa", um outro "Caderno de registros" e um bloco chamado "Atividades de junho". Mesmo vendo as atividades, não consigo me lembrar de nada do momento em que as fiz.

Lembro-me sempre da escola. Dos espaços, principalmente dos externos. No parquinho da Vila tinha uma roda muito grande, parecida com uma roda de hamster, onde as crianças ficavam correndo. Lembro-me de brincar muito nela, de alguns banhos de mangueira com a turma e de duas apresentações para a família. Não tenho certeza se era nessa escola, mas acho que sim, tinha uma piscina em formato de baleia, que eu não gostava de ir porque a professora que levava a gente lá (não sei se era a mesma da sala de aula ou outra) gritava demais. Lembro-me também de um amigo, Hebert Bruno, que foi meu melhor amigo enquanto estudei lá. Quando me mudei de escola novamente, não sei se mantive contato com ele. Provavelmente não.

Os próximos cadernos que minha mãe guardou são de 2004 e 2005, minhas 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental, no Colégio Imaculada Conceição. Neles encontro muitos ditados de palavras, animais, frutas, comidas. Depois, ditados textuais, letras de músicas, pequenos poemas, textos curtos. Parece que foi em 2005, com sete anos, que completei meu processo de alfabetização. Novamente, não me lembro nem das salas de aula dessa escola, muito menos das aulas em si. Lembro de ter uma amiga chamada Brenda, e de ter muitos amigos meninos. Eu gostava de jogar futebol nessa época, então passava praticamente todos os recreios jogando com os meninos.

Com a Brenda, eu tenho mais lembranças fora da escola do que dentro dela. Eu ia muito na casa dela, mas o pai dela não deixava ela ir à minha casa sozinha. Lembro que a minha babá não gostava dele. Ela dizia que ele era neurótico, porque sempre que a Brenda ia lá em

casa ou saíamos juntas ele ia também. Eu nem ligava, e hoje eu até consigo entender, já que tínhamos uns seis/sete anos. Tenho até hoje guardada uma cartinha que a Brenda me deu no meu aniversário. Um desenho de nós duas e escrito "você é a irmã que eu nunca tive". Não temos mais contato há muito tempo, mas o carinho que tenho por ela permanece até hoje.

Em 2006, me mudei novamente de escola, dessa vez para o Colégio Magnum, no Buritis. Desse eu já tenho algumas lembranças das aulas, atividades e momentos ruins na escola. Eu não gostava da professora, achava ela muito brava. Lembro de um dia em que eu estava fazendo para casa na biblioteca antes da aula começar porque eu não tinha feito em casa, e ela apareceu lá e brigou muito comigo, até que eu chorei. Eu não gostava dos colegas também. Lembro que eu tinha uma amiga lá chamada Sophia, que além de ser minha colega de sala, fazíamos aula de Tênis juntas no Minas Tênis Clube. Acho que tinha uma também chamada Rachel, mas não me lembro muito dela.

Fiquei mais um ano nessa escola. Acho que a turma era a mesma, a professora não me lembro. As aulas eram ok, eu acho. A escola era cheia de regras, implicâncias e chatices nas minhas lembranças (mas não sei realmente dizer quais eram essas regras). A educação física das meninas era separada da dos meninos, e era sempre mais chata que a deles. Eu odiava fazer para casas.

Falando neles, com cinco ou seis anos eu já não achava mais chique fazer para casa. Minha mãe disse que eu nunca gostei. Eu me lembro que sofria demais para fazer alguns deles. Teve um episódio específico, em que eu estava aprendendo as letras cursivas (acho que nessa escola mesmo). Tinha um caderno de caligrafia, com palavras escritas de forma pontilhada, e o para casa era ficar passando o lápis por cima desses pontinhos não sei quantas vezes. Lembro que chorei até dormir em cima desse caderno porque eu não queria terminar a tarefa. Quando acordei, meu pai havia me levado para a cama, mas

o caderno estava lá na mesa, aberto do mesmo jeitinho para que eu continuasse a atividade.

Relaciono essa questão específica do para casa com um texto de Graciliano Ramos que li na Faculdade de Letras, chamado "Infância", onde o autor conta de momentos de sua infância, incluindo a escola, e os castigos que recebia por ela. Apesar de não ter recebido castigos físicos, compartilho da revolta dele com certas atividades e métodos de ensino da escola, como a cópia até a exaustão.

Pensando agora, percebo que nunca tive uma relação boa com essas escolas. Eu gostava de uma coisa ou outra delas, mas nada era suficientemente forte para que eu não quisesse mudar de escola, por exemplo. Não tinha muitos amigos, não gostava das professoras, não gostava de estudar, de fazer dever de casa, de nada relacionado a essa parte do conteúdo e, à medida que fui crescendo, nem da parte de relações, afetos e espaços eu gostava mais. Por sorte, minha mãe percebeu isso bem antes de mim, acredito que ainda em 2007.

Até o Magnum, eu e minha irmã sempre estudamos nas mesmas escolas. Quando ela estava no Marista, eu estava no maternal na CIA do Aprender (porque no Marista não tinha maternal). Depois fui para lá estudar junto com ela. Nos mudamos juntas para o Imaculada, e depois para o Magnum. Depois do Magnum, ela quis voltar para o Marista, porque tinha amigas lá, mas eu não quis porque não gostava de lá, só que também não queria continuar no Magnum.

Tirando meu processo de alfabetização, que eu considero que foi recheado de momentos prazerosos, e que eu realmente gostei de aprender a ler e escrever, eu não demonstrava mais interesse por nada relacionado à escola e aos estudos. Na verdade, tinha uma aversão muito grande a tudo isso, o que estava deixando meus pais muito preocupados.

Foi nesse momento, ao fim do ano letivo de 2007, que minha mãe decidiu procurar um lugar com uma metodologia diferente para mim, pois os métodos tradicionais e escolas católicas não estavam funcionando comigo. Eu sempre fui muito criativa, apaixonada por artes, gostava de experimentar coisas novas e ser livre para tentar o que eu tivesse vontade, o que era inadmissível nessas escolas.

Foi aí que fomos conhecer as escolas Balão Vermelho e Libertas. Gostei das duas, mas o Libertas era maior e cheio de áreas externas muito bonitas, com gramados, quiosques, quadras, parquinho de areia, piscina e tudo mais. Fiz também uma aula experimental lá. Nesse dia os alunos estavam construindo uma casa feita com caixinhas de leite e materiais recicláveis. Todo mundo era muito receptivo, e todos pareciam felizes. Foi amor à primeira vista.

A escola tinha uma metodologia construtivista. Eu não fazia ideia do que era isso na época, mas sabia que era diferente de tudo que eu já tinha vivido até ali.

> **"Nós tínhamos quatro aulas voltadas para as artes: teatro, música, audiovisual e artes plásticas. Tinha também uma matéria chamada "Projetos", e nela você estudava sobre o que quisesse. O meu projeto do primeiro trimestre foi sobre cachorros, o segundo sobre vampiros/vampirismo, e o terceiro sobre meio ambiente e vida sustentável. Eu achava maravilhoso poder escolher o que estudar.**

Depois de muitos anos fui entender que na verdade essa matéria era sobre metodologia de pesquisa, e achei melhor ainda saber que aprendi isso de uma forma muito prazerosa e livre. Uma matéria que tinha muito potencial para ser chata e maçante se ofertada de forma diferente.

As matérias comuns, como português, matemática, história, filosofia, geografia e outras também eram diferentes. Nós nos sentávamos sempre em grupos, fazíamos muitas pesquisas, muitos jogos e brincadeiras relacionados aos conteúdos estudados. Todo mundo era amigo de

todo mundo. Tínhamos uma política inclusiva na turma. Lembro que tive dois colegas com síndrome de down nessa escola, em momentos diferentes, e eles faziam tudo junto com a gente, e todos se ajudavam. Os professores também eram diferentes. Eram como nossos "parceiros". Eles estavam lá para nos ajudar, e construíamos o conhecimento juntos.

Estudei quatro anos no Libertas. Minhas melhores lembranças de infância são de lá, ou com pessoas que conheci lá. Além dos espaços e dos relacionamentos marcantes, também ficaram aprendizados para a vida toda e também conteúdos estudados.

Ao fim da 8ª série/9º ano, minha mãe estava preocupada com o ENEM, e quis me mudar para uma escola conteudista novamente. Eu não queria sair do Libertas, mas não tive escolha. Fiz prova para o Marista novamente, para o Soma (porque uma amiga minha do Libertas também fez) e para o Colégio Sagrado Coração de Maria. Eu não queria voltar para o Marista de jeito nenhum. O Soma parecia uma prisão. Um prédio feio, cinza, cheio de grades e, para completar, minha amiga não passou na prova. O que restou foi o Sagrado.

Estudei o Ensino Médio todo lá. Tinha amigos e alguns professores de que eu gostava, e a escola também não era ruim. Mas as aulas engessadas, regras sem motivo, falta de liberdade e de autonomia me agoniavam. Passei boa parte do 1º ano querendo que minha mãe me deixasse voltar para o Libertas. Criava até planos para ser expulsa da escola, mas nunca tive coragem de colocar em prática nenhum deles. Depois me acostumei com a escola e aceitei, mas nunca gostei de lá.

Depois de muito sofrimento relacionado aos estudos, muitas recuperações e frustrações, tendo que passar três anos em um lugar onde eu não era feliz, a tortura terminou quando fui reprovada no 3º ano do Ensino Médio,em Química. Acho que meus pais, de certa forma, já esperavam que isso pudesse acontecer, pois eles nem ficaram muito bravos.

Eu já tinha feito as provas do ENEM, mas ainda tinha 17 anos, então não poderia usar as notas para conseguir o diploma do Ensino Médio. Fiz a prova de Química, Física e Biologia do CESEC e passei com a maior facilidade do mundo. Fui aprovada na UFMG pelo ENEM, para os cursos de Pedagogia e Letras, em 2015. Fiz a matrícula no curso de Pedagogia, depois cancelei e fiz no de Letras. Nos dois últimos semestres do curso de Letras, percebi que preferia Pedagogia, então fui puxando algumas matérias daqui e de lá, finalizando um curso e adiantando o outro. Formei em Letras e pedi continuidade em Pedagogia, e aqui estou eu, até então muito feliz com as novas experiências.

Fazendo essa autobiografia escolar, pude perceber coisas que ainda não tinha me dado conta sobre minha própria trajetória. As mudanças frequentes de colégio não me causavam nenhuma dor. O desapego com as relações afetivas e lugares foi uma constante em minha vida. Eu não pedia para sair de uma escola e nem para entrar em outra. Tudo foi decisão dos meus pais, mais da minha mãe do que do meu pai, acredito eu, talvez até um pouco da minha irmã. Eu só aceitava.

Até chegar ao Libertas, eu não opinava sobre minha própria vida, e penso que isso pode ter a ver com a idade, mas também com a educação que recebi nos colégios anteriores. Eu tinha vergonha de ser notada, ninguém ouvia minha voz. Eu me sentava quando tinha que sentar, levantava quando tinha que levantar, aceitava tudo que me impunham. Era a aluna perfeita, pelo menos na visão deles. Os únicos problemas que tive nessas escolas foram ligados ao conteúdo que eu não conseguia aprender e atividades não feitas. Lembro que uma professora reclamou que eu copiava devagar demais as matérias passadas no quadro, então a babá me ensinou uma forma de copiar mais rápido, e eu me adequei ao que eles queriam.

O problema com para casa era constante. Acho que em casa eu me sentia mais à vontade para desobedecer do que na escola. Na hora de não os fazer, eu ficava tranquila, mas quando chegava lá sem o para casa feito já vinha o desespero. Tentava fazer ou copiar de um colega

minutos antes da aula, escrevia qualquer coisa para a professora achar que fiz ou inventava desculpas para justificar não ter feito. Na pior das hipóteses, eu sumia com o caderno e dizia que fiz, mas que esqueci em casa. O que também era ruim, pois esquecimentos não eram aceitos.

Meus pais recebiam bilhetes da escola sobre isso direto. Minha mãe sempre foi muito brava e muito preocupada com que eu me encaixasse nas regras da escola. Passei grande parte da minha infância e adolescência de castigo. Um mês sem televisão, outro mês sem computador, outro sem videogame, uma semana tendo que ler revistas e fazer resumos das matérias lidas todos os dias, mais um tempo sem nenhum eletrônico. O quarto de brinquedos trancado até entregar tal tarefa, o celular guardado no guarda-roupas dela. Se isso contribuiu para alguma coisa, foi para que eu odiasse mais ainda a escola.

Eu desobedecia, óbvio. Ela saía para trabalhar e eu fazia tudo escondido. A babá ficava com dó de mim e não contava para ela. A questão principal é que eu nunca questionei nada. Nunca tentei justificar minhas ações, nunca coloquei minhas opiniões, nem sei se eu tinha uma opinião na verdade. Eu aceitava calada.

Foi no Libertas que aprendi que eu podia falar. Descobri que eu tinha ideias e opiniões interessantes para colocar para meus colegas e professores, e aprendi que quando eu não quisesse falar ou não sabia muito bem o que dizer, não tinha problema ficar calada e escutar. Lá eu descobri o que era autonomia. Descobri que eu podia ir ao banheiro quando tivesse vontade, e não quando alguém deixava. Descobri também que mesmo podendo fazer algo, eu precisava pensar e decidir se seria bom fazer ou não, pois ações têm consequências e que, na vida real, uma escolha leva a um acontecimento.

Até então eu achava que a vida era feita de regras e punições. Nas escolas anteriores era tudo "pode ou não pode". Lá era quase tudo "pode, mas você decide se será bom ou não". Também tinha os "não pode", claro, mas eram justificados e entendidos por nós, alunos. Nós

tínhamos assembleias às sextas-feiras para decidirmos, juntos aos adultos, algumas regras da escola.

Nós participávamos ativamente do ambiente escolar. Pintávamos paredes, construíamos esculturas, montávamos as salas no formato em que queríamos. Em dias de sol, não tinha problema ter aulas nos quiosques ou nas quadras, e se a professora achasse necessário uma aula expositiva no quadro, íamos para as salas sem reclamar, pois as coisas eram conversadas e explicadas.

No Libertas eu aprendi muito mais que conteúdos de provas. E isso eu já havia percebido há muito tempo. O que percebi hoje, escrevendo essa autobiografia escolar, é que nas outras escolas eu também aprendi coisas além do conteúdo. Apesar de serem escolas conteudistas, elas também moldaram profundamente meu jeito de ser, meu caráter, minhas relações afetivas e muito mais.

Nesse momento ficou ainda mais claro para mim o motivo de minha vontade de me tornar pedagoga. Eu quero que tudo isso que vivi, essas tristezas e alegrias, não tenham sido em vão. Já não foram, pois me ajudaram a ser quem eu sou hoje. Mas quero também poder ajudar outras pessoas, outras crianças e adolescentes, a se encontrarem e se formarem, passando por uma trajetória escolar prazerosa e leve, para que eles possam chegar onde quiserem no futuro, e olharem para trás com amor, carinho e respeito com eles mesmos. Quero que eles possam reconhecer que, às vezes, não estamos totalmente errados por não nos encaixarmos em um lugar onde querem que nós encaixemos, e que talvez esse só não seja o lugar certo para a gente naquele momento.

MINHAS MEMÓRIAS ESCOLARES

GABRIELLY MOREIRA PAZ MACEDO

Meu nome é Gabrielly e esta é a história da minha jornada educacional. Nascida e criada em Belo Horizonte, sou a filha mais velha de pais que enfrentaram uma infância humilde e que sempre trabalharam arduamente para proporcionar uma boa vida para mim e meus 3 irmãos. Desde cedo, aprendi o valor da educação como uma ferramenta transformadora.

Meus pais tiveram uma infância muito humilde, onde o dinheiro que meus avós conseguiam, era prioridade para alimentar eles e seus irmãos. Meu avô paterno trabalhava viajando, mandava dinheiro para alimentação e despesas, mas minha avó, consciente da importância da escola, sempre tirava do dinheiro da comida para xerox de livros para minha mãe e tios terem o material para estudar. Essa e outras situações demonstram a escassez em que viviam, mesmo assim, com toda dificuldade, meus pais e tios se formaram no ensino médio, pois minhas avós lutaram para que isso acontecesse e, eles tivessem a oportunidade que elas não tiveram.

Diante dessa situação de vida, meus pais cresceram com o pensamento de que só a educação poderia mudar esse cenário, batalharam, se formaram no curso de Técnico em Enfermagem e, mais tarde, essa consciência influenciaria na criação de seus filhos…

Minha primeira experiência escolar, aos 2 anos de idade, teve início em uma creche chamada Caminhos do Saber, humildemente localizada no bairro Parque São Pedro(BH). Lá, tive o privilégio de conhecer professoras dedicadas e apaixonadas por ensinar, que transmitiam conhecimentos com muita força de vontade, amor e carinho. Mesmo muito novinha, foi nesse ambiente que despertou minha curiosidade pelo mundo e comecei a perceber a importância da educação em minha vida.

Aos 4 anos de idade, mudei para a Escola Municipal Miriam Brandão para terminar essa etapa de educação infantil. Nessa fase, a professora já estava iniciando o letramento, nos apresentando as letras. Lembro de irmos muito à biblioteca, mesmo que nós ainda não soubéssemos ler, ela sempre nos levava, nos incentivava a "ler" do jeito que sabíamos e conseguíamos. Ela foi importante para instigar desde cedo nosso interesse pela leitura.

Em 2006, ao ingressar na Escola Estadual Coronel Manoel Soares do Couto, dei continuidade à minha trajetória educacional. Essa escola se tornou meu segundo lar durante muitos anos, até a conclusão do ensino médio.

Na época que entrei nessa escola, o atual primeiro ano era conhecido como pré. Prevalecia a forma de montar as turmas pelos alunos melhores, a turma dos mais ou menos e a turma dos que tinham mais dificuldades e sabiam menos. Fiquei na turma dos mais ou menos. Uma vez minha mãe até questionou a professora, falou que eu deveria ir para a turma dos melhores, visto que já conhecia as letras e sabia muitas coisas. A professora disse que faria um teste comigo e o fez mesmo, mas um teste meio injusto, pois ela mandou eu ler frases que ela escreveu e a educação infantil não alfabetiza e sim inicia o letramento. Enfim, não consegui ler e permaneci na turma dos mais ou menos.

No ano seguinte, devido ao meu bom desempenho do ano anterior, consegui meu lugar na "turma dos melhores". Eu me desenvolvi bem, consegui alcançar esses meus colegas considerados avançados e, dali em diante até o ensino médio, sempre fiquei nas turmas dos melhores alunos.

No 4º ano, foi proposto que cada professora fizesse com sua turma um soletrando. De cada turma, sairia um melhor que competiria com o melhor das outras turmas. A professora deixou a gente escolher as palavras que seriam pedidas para serem soletradas, até a palavra "TESSALONICENSES" que alguém achou na bíblia e a julgou difícil, foi parar entre as que seriam soletradas. Chegou o grande dia, após tudo organizado, deu-se início ao soletrando. Pouco a pouco,os alunos iam sendo eliminados e eu só passando de rodada, animada para chegar à final. No fim, éramos, se não me engano, 5 alunos. A professora me pediu para soletrar uma palavra que não me recordo qual; Comecei a soletrar até que fui interrompida por uma pessoa que chegou na turma e ... quando voltei a soletrar, perdi o foco e errei a palavra que havia começado a soletrar corretamente. Que tristeza! Aquela situação me decepcionou, pois estava muito perto de ser a vencedora e competir com os melhores das outras turmas. Não me recordo quem da minha turma ganhou, e nem se ganhou das outras turmas, o que me lembro é que com essa experiência, soube que era boa em soletrar.

Cheguei ao 5º ano, último ano do fundamental 1 e por incrível que pareça, diferente dos outros anos que tivemos 1 professora, iríamos ter 3. A Rose, que era a de matemática, ficou como a responsável pela minha turma. Como amávamos aquela professora, com ela a matemática se tornou tão legal e divertida. Ela nos ensinou a multiplicação e, percebendo que muitos não tinham aprendido tão bem, resolveu fazer um campeonato de fatos toda sexta feira. Quem tirasse 10, ganhava prêmios. Essa foi uma forma lúdica de cobrar da gente os fatos e foi muito bem aceita pelos alunos.

No primeiro campeonato, acho que só uma pessoa tirou 10 e foi premiada. Nos próximos, os alunos tendo visto como funcionava

e a premiação, se esforçaram bem mais e a cada campeonato os 10 só aumentavam. Eu fui uma das alunas que ao longo do ano, fui premiada diversas e diversas vezes. A Rose me mostrou a parte boa e divertida da tão temida matemática, Assim eu descobri um dom que eu tinha e passei a gostar muito mais de matemática.

O tão temido fundamental 2 chegou. Até o 5º ano a escola não reprovava ninguém, já no 6º ano sentimos o baque.Quando o ano acabou vários alunos tiveram que fazer estudos independentes e muitos outros foram reprovados..

Meus pais sempre trabalharam muito e eu ficava com minha avó, que não sabia me ensinar o dever de casa. Apesar disso, sempre fui muito interessada, fazia tudo sozinha, nunca deixei de entregar nada e sempre dando orgulho aos meus pais, conquistando as melhores notas. O fundamental 2 (6º ao 9º ano) não foi diferente, segui sempre nas melhores turmas e tirando ótimas notas, nunca fiquei de recuperação.

Nesses anos todos, minha mãe vendo meu bom desempenho, sempre sonhava em me colocar em melhores escolas, cheguei a participar de sorteios para ver se conseguia uma vaga e ela também vivia procurando vaga em escolas públicas de bairros vizinhos que eram consideradas as melhores.

Eu estava no segundo semestre do 1º ano do ensino médio, quando minha mãe conseguiu me mudar para a Escola Estadual Santos Dumont, considerada a melhor escola de Venda Nova. Fiquei nessa escola por 1 ano e 8 meses, até voltar para o Coronel. No Santos Dumont, durante o período que estudei, teve greves e ocupações. Eu me senti prejudicada, por isso resolvi retornar à minha escola de origem e também, porque apesar da boa fama, não achei que a escola era aquilo tudo.

De volta à E. E. Cel. Manoel Soares do Couto, no último ano do Ensino Médio, um professor falou sobre o futuro. Perguntou quem iria fazer o ENEM e eu me senti completamente perdida... Perdida, porque eu era uma boa aluna, já trabalhava como menor aprendiz em

um bom emprego e aquilo ali me bastava, até porque, faculdade não era realidade na minha família.Chegar ao ensino médio já era uma grande conquista. Era isso que estava enraizado em minha mente

Minha mãe, que sempre lutou pelo melhor para nós, começou a pesquisar sobre cursos , e veio à mente a UFMG, que sempre foi bem falada e desejada. Só que ela tinha noção que o ensino público a que tive acesso não seria suficiente para me fazer chegar lá. Foi então que ela conheceu o Chromos e todos os dias ela falava sobre me colocar lá, para eu ter um bom preparo e quem sabe, conseguir entrar na UFMG.

Ao me formar no ensino médio, surgiu um novo desafio: a entrada na universidade.

Meu pai, apoiado por minha mãe, ciente da importância da educação superior, trabalhou em dois empregos durante um ano para garantir que eu pudesse frequentar um curso preparatório para o vestibular. Sua dedicação e esforço me motivaram a me dedicar ainda mais nos estudos.

Durante esse tempo no pré vestibular, apesar de todo esforço e vontade de superar as dificuldades, eu enfrentei muitos desafios. Todo tempo, eu sentia na pele a consequência do ensino defasado a que tive acesso. Eu estava em um local com pessoas que, durante toda a vida, tiveram acesso às melhores escolas e aos melhores professores. Eu, que sempre fui a melhor aluna no cenário em que vivia e com as melhores notas, me sentia inferior e ali eu vi e senti de perto os efeitos da desigualdade social.

Quando fiz minha primeira redação no cursinho, achei que iria tirar um notão, pois sempre recebi elogios de que escrevia bem. Fiz, entreguei e chegou o dia de pegar a correção. O baque veio, tirei uma nota baixa. Visto que criei tanta expectativa, isso me deixou muito triste, mas não me deixei abater, passei a prestar mais atenção nas aulas de redação, me atentei aos erros e pouco a pouco, fui tendo progresso.

> **Em Matemática, a defasagem era ainda pior, eles dividiram a disciplina em 3 partes. Cada um dos 3 professores utilizava uma metodologia diferente para ensinar, eu não conseguia pegar tudo e,**

automaticamente, ficava prejudicada na hora de resolver os exercícios. Nas outras matérias de ciências da natureza, a situação não era diferente. No ensino médio não tive bons professores de física e química, sempre trocavam e os que entravam não ensinavam bem, o que me deixou bem leiga nessas matérias.

Com todo meu empenho e esforço dos meus pais, concluí o cursinho, mas não acabava ali. Chegou o esperado ENEM. Fiquei tranquila e fiz a prova. Esperei 3 meses pelo resultado, quando saiu não tive uma boa notícia. Apesar de uma boa nota na redação, minha nota final não foi suficiente para conquistar a tão sonhada vaga. Aquilo me consumiu, me abalou por um bom tempo, ainda mais que nem emprego eu conseguia.

Em 2021, fui novamente fazer o ENEM, sem expectativa alguma, nem queria ir fazer. Fiz tranquilamente, não fiquei me cobrando demais e nem criei tanta expectativa. Saiu o resultado, vieram as inscrições para o Sisu e me inscrevi para Pedagogia. E não é que deu certo? Fui chamada e o resultado de todo meu esforço no cursinho estava ali dando frutos, foi uma grande vitória e alegria para mim e toda minha família.

Superando as dificuldades, ingressei na UFMG com grandes expectativas, porém, as dificuldades não pararam por aí. A defasagem do ensino público, embora não tenha sido uma surpresa, apresentou-se novamente como um obstáculo a ser superado. Sentia-me muitas vezes despreparada em relação aos meus colegas que tiveram acesso a uma educação de maior qualidade, muitos relataram ser o segundo curso que estariam fazendo na federal, Dava pra perceber o melhor preparo e o elevado conhecimento deles. Não me deixei abater e sempre procurei entregar o meu melhor, pedia ajuda aos meus colegas quando tinha dúvidas e assim fui em frente..

Hoje, no 3º semestre de Pedagogia, aprendi e amadureci em muitos aspectos. Meu processo de escolarização me fez olhar para esse curso com outros olhos. Olhando lá pra trás, para a escola em que estudei e o que me era ensinado, percebi que eu aprendi o que era necessário para chegar ao ensino médio e conseguir um emprego, nem seria um ótimo emprego, mas o suficiente para eu conseguir me manter.

A conclusão que tiro do meu processo de escolarização, não querendo generalizar, mas é que muitas escolas não estão preocupadas na formação total do aluno, em colocá-lo em uma universidade. Prova disso é as escolas empurrarem os alunos, mesmo eles não tendo aprendido as matérias que lhe foram dadas. Nosso maior incentivo, que nos impulsionam nos estudos, são nossos pais, nossa família, que por terem uma vida humilde, muitos deles mal completam o ensino médio, nos incentivam a estudar e querer sempre mais, se desdobram para nos manter na escola e oferecer até mais do que eles poderiam nos oferecer.

A Pedagogia tirou as vendas que havia em meus olhos, me fez enxergar muita coisa e querer fazer diferente como futura pedagoga. Com todo o aprendizado até aqui, aprendi que podemos fazer a diferença e tive a certeza de que a educação é sim, transformadora. Podemos sim, oferecer uma educação total para o aluno, sem visar apenas inseri-lo no mercado de trabalho e sim lhe oferecer ferramentas que o ajudem a chegar até a universidade. O processo é árduo e difícil, mas se cada professor fizer um pouco, conseguiremos que se torne realidade.

Admito que foi difícil escrever sobre mim mesma, quando vi a proposta do trabalho tive certo receio, tive dificuldades para escrever sobre tudo, mas no fim, concluo que esse trabalho foi importante para lembrar da minha caminhada até aqui. Pude refletir e relembrar sobre minha trajetória escolar e assim, lembrar do meu objetivo, do que quero oferecer aos meus alunos como futura pedagoga.

AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR

HANNA JÁFIA NOBRE DE OLIVEIRA

Meu nome é Hanna Jáfia, e falar sobre meu processo de escolarização não é algo fácil, pois todo meu período escolar foi muito conturbado. Bem, começarei pelo processo de alfabetização. Pensando no passado, vejo que a escrita e os símbolos me marcaram e me motivaram a aprender e fazer leituras com facilidade. Eu sempre me familiarizei com os desenhos, as imagens, e me sentia maravilhada em conhecer esse universo de possibilidades. Nesse leque de informações me interessava, principalmente, pelos números, com os quais eu já tinha contato antes mesmo de ir para a escola.

Minha mãe que se formou no ensino médio comigo ainda pequenina (2 anos), tinha conhecimento em escrita, sabia as letras, e me ajudou bastante no meu processo de alfabetização Ela me deu meus primeiros livros aos 3 aninhos de idade e sempre estimulou a leitura em minha vida, Já minha avó era analfabeta, conhecia as letras, mas tinha dificuldade com as sílabas e em formar as palavras. Ela era muito boa em fazer contas, e por eu ficar a maior parte do dia com ela, me apeguei mais aos números. Logo me apeguei aos números e tive certa destreza em entender as letras.

Eu tinha um hobbie: contar e juntar tampas de garrafa pet. Quando comecei a entender o significado das coisas, eu fazia a separação por cor,

por tamanho e pouco a pouco assimilava os símbolos, nesse movimento repetitivo. Nisso, no processo de alfabetização, fiz a mesma assimilação, ou de maneira parecida com os sons da escrita, na formação da sílaba.

Na pré-escola, com 6 anos de idade, no ano de 2000, eu tinha grande carinho pela professora Margareth, ela me ensinou a diferenciar as letras , através de cartilhas, atividades no pátio da escola com brincadeiras, cantigas de roda e, mais tarde, ensinou-me a escrever o meu nome. Ela ensinava através de repetição, de "passar por cima" de letras em atividades e depois colorir aquilo que eu tinha completado, mas as minhas mãos doíam muito. Lembro de aprender a ler as vogais primeiro, a contar, a tentar soletrar algumas outras consoantes. Eram muitas atividades para contornar , várias abordagens diferenciadas de símbolos, imagens e filmes. Nesse contexto também havia atividades lúdicas, massinhas e jogos pedagógicos.

No próximo ano escolar, mantendo-me com a mesma educadora, as aulas já aconteciam com mais seriedade. Ela passava atividades e ia de carteira em carteira tirando dúvidas, além disso, formava grupos de estudos, para recortes em revistas de palavras com sons diferentes ou então de determinadas vogais, o que estimulava minha procura incessante por significados nos assuntos que eu ainda não entendia. Graças ao empenho de Margareth, o segredo dos símbolos se tornaram o meu interesse pelo íntimo de cada imagem, e quando descobri as vogais, que correspondiam a sons que produzimos, me encontrei também nas consoantes que acompanhadas dessas vogais acendiam a luz do meu conhecimento em meio a caverna, que ainda estava escura dentro da minha mente. Lembro-me dos trava-línguas e das cirandas. As atividades trabalhadas primeiro eram as letras de forma (inclusive era mais fácil ,e até hoje escrevo assim) depois as cursivas, que dificilmente eu conseguia fazer. Também eram frequentes as cópias durante as aulas, muitas cartilhas com o alfabeto repetido para reescrever, ou mesmo escrever várias vezes meu nome, sobrenome, nome da minha mãe, etc. E isso doía muito minhas mãos.

Minha mãe e minha avó me ajudaram e me ensinaram a procurar as palavras no caça-palavras, só que eu não entendia, e como na época não tinha onde pesquisar o significado, logo usava um dicionário antigo. Com a ajuda de minha mãe, eu entendi o som de cada palavra que lia e o que significava. Então eu ia letra por letra até me cansar, lendo as palavras, primeiro lia as palavras iniciadas pela letra "A", depois "B", e assim por diante.

> **"Foi engraçado quando aprendi a ler a primeira palavra, me tornei quase uma "expert" pois saía para os lugares e dava assistência a quem eu podia, no supermercado auxiliava minha avó, lia as informações, guiava rotas: Agora eu entendia placas de rua, notícias de jornal, o letreiro do ônibus….**

Na escola, um espaço que sempre me encantou, foi a sala de jogos pedagógicos, dentre eles, os de memorização; Ele me estimulava a pensar e raciocinar sobre o que estava acontecendo ao meu redor. Tenho uma vaga memória de momentos em que a válvula de escape para os problemas familiares era me distrair nessas brincadeiras. Na medida, porém, que melhor fui me tornando íntima do meu mundo, melhor eu percebia e entendia que a leitura me acalmava e diminuía meus temores em relação ao que eu poderia aprender e desvendar nesse mundo de conexões.

Além disso, eu levava pra casa algumas coisas da escola, ganhava muitos joguinhos de bingo por exemplo. Meu interesse em conhecer as palavras e aprender com elas, nasceu da necessidade que eu tinha dentro de mim em compreender os números que eu já sabia somar, logo eu percebi o quanto tudo se conectava e foi o que me cativou a entender e somar as sílabas. "E-DU-AR-DO", era o nome do menino de que eu gostava e repetia sempre em meus exercícios, somando as letras em minha cabeça. Como é dito no texto de Frei Betto, sinto que deixar de ser

analfabeta, aprender a ler e escrever foi minha carta de alforria. 10 anos aproximadamente, eu estava um pouco mais adaptada ao processo de escrever, ler e já somava com facilidade. Há uma passagem no texto do Graciliano Ramos, "Afinal meu pai desesperou de instruir-me, revelou tristeza por haver gerado um maluco e deixou-me. Respirei, menti-me na soletração, guiado por Mocinha …", fazendo alusão a isso, eu sofri uma rejeição , até mesmo por problemas familiares da época, o que impedia o desenvolvimento cognitivo e escolar em casa, pois comecei a ser vetada, assim, a minha facilidade em aprender, me tornaram a maluca dos livros. Meu desenvolvimento "acelerado" se transformou em um problema para minha mãe que enfrentava depressão e outros problemas emocionais. Assim eu era guiada por Margareth, minha professora. Não me lembro com detalhes, mas fiquei muito introspectiva e tive problemas no processo de assimilação de palavras como o R, e o S em palavras como: : "Posse", "Caça", "Terra", "Ferro", "Carro" etc. Me senti frustrada por não conseguir entender o motivo do (S) ter dois sons ou mais, e o (Ç) também ter esse som e do (R) mudar o sentido das palavras, esses foram alguns dos pontos de maior dificuldade que eu só fui desenvolver e escrever corretamente quando já estava no ensino fundamental 2 . Percebo o quanto de ansiedade e nervosismo que eu passava me atrapalhou, mas me senti confortável aprendendo.

No geral, fui alfabetizada com o método sintético, começando em unidades menores e passando para as maiores, eu usava desse método junto ao conhecimento que tinha em fazer pequenas somas, além da memorização e das cartilhas didáticas com alfabetos para reescrever (método de silabação). O método fônico também fez parte da minha didática , essa ação de reproduzir as vogais ajudou muito, cheguei a reproduzir ações, palavras , fazia isso em casa e nem percebia. Olhando agora de outro ponto de vista é a experiência que trouxe o meu aprendizado e com isso o meu desenvolvimento como ser humano. A silabação foi um ato automático e necessário para meus anseios, que aconteceu de forma natural , um pouco

turbulenta - porém satisfatória. Alguns erros ortográficos ou confusões que eu sempre fazia dando ênfase aos sons que não distinguia, me fizeram ter certa dificuldade nos anos posteriores da escola. Familiarizei com o alfabeto e me desprendi de vários estigmas; eu brigava com os meus pensamentos para aceitar que ca é "C+a" e também é "K" . A facilidade em assimilar os sons às palavras está totalmente relacionado com a vivência que cada pessoa tem, minhas experiências e meu dia a dia auxiliaram nesse processo, tanto as imagens quanto a rotina que levava e passei a ter.

Eu gostava de aprender e de ler tudo que via. Saber que isso poderia me levar a conhecer novos universos, me trouxe o conforto e a possibilidade de usar a alfabetização como aliada. E, realmente, a leitura foi uma grande aliada em minha vida. Pulando para o ensino fundamental 1, a quarta série para ser mais exata. No ano em que eu estava fazendo a quarta série, eu mudei de escola três vezes e foi muito tenso. Comecei o ano no colégio Acadêmico e após três meses de aula, o mesmo veio à falência e eu fui transferida para o colégio Ênfase´. Foi a primeira vez, desde que eu tinha entrado na escola, que tive tanta dificuldade. Os assuntos abordados em sala de aula eram muito diferentes. As turmas estavam em níveis diferentes e eu tive muita dificuldade em acompanhar o novo ritmo. Fazia apenas três meses que estava nesse colégio, quando minha mãe decidiu me colocar no colégio militar; acho que por ter fama de ser um bom colégio, mesmo sendo público.

A partir desse evento, minha trajetória se transformou completamente. Eu já vinha sofrendo com a mudança de escolas em períodos muito curtos, mas o rigor e a disciplina dos professores, que muitas vezes eram também militares, me travavam,eu não consegui assimilar tudo aquilo. Tudo tinha mudado muito rápido e eu nem mesmo sabia porquê. Agora eu tinha que entrar "em forma" todos os dias, atravessava a cidade para estudar, não tinha mais a minha melhor amiga Bia, e não tinha mais a mesma facilidade com as matérias. Foi o primeiro ano que eu quase fui reprovada. Fui para recuperação em umas três disciplinas, e

senti muita vergonha, pois desde sempre todos à minha volta me diziam que eu era muito inteligente. Se eu era tão inteligente, por que aquilo estava acontecendo? Eu apanhava por não tirar boas notas. Mais da minha avó do que da minha mãe. Eu não entendia porque precisava ser punida por algo que não era minha culpa. Eu estava me esforçando muito, mas não era o suficiente. No ano seguinte, consegui me adaptar à escola nova, fiz vários amigos e fiquei muito feliz por estar tirando boas notas. Aquilo me mostrou que eu ainda era inteligente, bem, era nisso que eu acreditava, ou o que os adultos à minha volta me faziam acreditar.

Tudo isso aconteceu em Alagoinhas, interior da Bahia, mas nesse período várias coisas aconteceram em minha família e voltamos a morar em Salvador, cidade onde eu nasci. Fui transferida de escola mais uma vez, mas para um outro colégio militar. E novamente meu desempenho caiu… Minha mãe se separou de meu padrasto, minha avó foi morar em outra cidade e eu passava a maior parte do dia sozinha, pois minha mãe trabalhava e eu não ficava com ninguém depois de chegar da escola. Foi uma época difícil, eu estava novamente perdida em uma escola nova, onde eu tinha minha prima, mas não tinha meus novos/velhos amigos.

Consegui me adaptar novamente à nova vida, pelo menos até chegar a oitava série, onde as letras surgiram no meio das contas matemáticas e eu não conseguia entender, também tinha a geometria e eram apenas essas duas matérias que me deixavam menos inteligente. Até o primeiro ano do ensino médio, quando veio a física, a química e a biologia, eu já não conseguia estar entre os melhores da turma. Eu não era mais tão inteligente, minhas notas eram sempre o suficiente para passar na média e às vezes nem isso… Paralelo à isso nos mudamos mais uma vez. Dessa vez fomos morar na ilha de Itaparica, porque minha mãe conseguiu um trabalho lá e com isso eu precisava acordar às 3h e 30m para chegar na escola às 7h. Não, dessa vez eu não mudei de escola, mas até que teria prefiro, porque era horrível ter que acordar tão cedo, pegar uma kombi até o ferry boat, atravessar o mar e ainda pegar um ônibus para chegar à escola.

A Partir daí eu estava entre os piores alunos da classe. Meu rendimento era muito baixo, eu quase não conseguia atingir as médias e fui para a recuperação em quase todas as matérias. Dormia nas aulas e em todos os meios de transportes que eu pegava para chegar à escola e para voltar para casa.

Nessa época, lembro que nas aulas de recuperação, eu precisava ficar na escola o dia todo, e havia um intervalo grande no almoço. Um dia fui chamada juntamente com minha prima, por alunos mais velhos, pra passear um pouco em uma praça que havia perto da escola, e lá eles nos deram uma bebida… Na hora achei estranho o gosto, mas era doce e continuei bebendo, aliás, continuamos. Era vinho barato e refrigerante. Bastou 3 copos para que eu estivesse bêbada. Foi a minha primeira experiência com o álcool. Não lembro de muita coisa desse dia, lembro que alguém me levou pro ferry boat, e que eu vomitei no banheiro, e que eu cheguei muito tarde em casa e que minha mãe estava muito preocupada. Mas só tenho "flashes" desse dia.

Quando eu estava no segundo ano do ensino médio, minha avó descobriu que estava com um coágulo no coração e decidiu voltar a morar comigo e com minha mãe. Ela voltou da cidade em que estava morando e a tormenta voltou, não mencionei anteriormente, mas minha avó era muito agressiva comigo e com minha mãe; as duas brigavam muito e eu fugia pro meu mundo, os livros. À medida que meu rendimento caía na escola, o meu amor pela literatura aumentava, eu que era muito zoada na escola por usar óculos, usava a biblioteca como refúgio. "Matava" aula pra ficar lendo escondida atrás de alguma estante. E quando eu lia… Ah, era como se eu pudesse me teletransportar para outros mundos. Era o meu modo de fugir da realidade em que eu vivia; uma realidade marcada por muita dor física (as surras que eram constantes) e psicológica por não querer presenciar tantas brigas. Saber hoje, que mesmo que eu estivesse fugindo da realidade, estava ampliando o meu capital cultural, me reconforta.

No terceiro ano do ensino médio, conheci um rapaz que veio a se tornar meu namorado. E essa experiência foi bem ruim pra mim, pois eu faltava às aulas pra ir pra casa dele. A minha fuga agora não era mais com os livros. Na minha trajetória escolar, foi o meu pior ano. Nessa época também fui apresentada às drogas e foi quando eu desisti da escola. Foi a primeira vez que fui reprovada. Pensava que eu era burra, que eu era uma fraude, que tinha conseguido enganar todos à minha volta "fingindo ser inteligente", mas que essa era a verdade, que eu não era inteligente e que a escola não era algo pra mim, e o meu destino era mesmo ter subempregos e me contentar com isso, pois quem não é inteligente, não pode sonhar.

Anos e anos se passaram após esse evento, eu me tornei mochileira e conheci boa parte do país viajando e ampliando meu capital cultural, mas com a mesma mentalidade, que estudar não era pra mim, que eu não era inteligente e que por isso não deveria nem tentar. Até que eu conheci um rapaz, me apaixonei e engravidei. A partir daí meu pensamento começou a ser "e se eu tentar?". Minha filha precisava ter um futuro digno e eu só poderia dar esse futuro a ela se eu tivesse pelo menos o ensino médio completo. Nessa época eu estava em Sergipe, longe de minha família. Eu vendia brigadeiros no semáforo para me sustentar. Foi quando decidi voltar à escola. Minha pequena estava com um ano e dois meses quando resolvi voltar a estudar e terminar o ensino médio. E após 4 meses de aula veio a pandemia. Achei que era um castigo divino, só podia ser… A depressão pós parto que eu já tinha, se agravou e comecei a ter crises de pânico, mas tive muito apoio do meu então companheiro e da minha mãe, que mesmo de longe me encorajava a não desistir da escola. Entrei na terapia e comecei a fazer acompanhamento psiquiátrico. Assim, no ano de 2020, aos trancos e barrancos, concluí on-line, o terceiro ano do ensino médio.

Meses depois me separei do pai da minha filha e mesmo com o ensino médio completo não conseguia empregos formais. Ter uma filha pequena e não ter com quem deixar era uma questão para os empregadores não me contratarem, decidi então ir para perto da minha família por parte de mãe em Betim, MG. Lá continuei vendendo doces no semáforo, que era o que eu sabia fazer… Mas agora eu tinha uma rede de apoio para me amparar. A família da minha mãe me ajudou com minha filha pra eu poder trabalhar. Era muito difícil e o dinheiro não dava para o básico, nesse meio tempo conheci um outro rapaz que começou a me incentivar a fazer o ENEM para entrar na faculdade. Eu não acreditava que seria capaz de entrar na faculdade, afinal eu tinha sido uma fraude por tanto tempo, não daria pra ser uma fraude na faculdade. E outra, quem ficaria com minha filha pra eu estudar? Minha família já passava muito tempo com ela pra eu poder trabalhar, para mim era impossível. Algum tempo depois, esse rapaz passou a ser meu namorado e continuava a insistir para que eu fizesse o ENEM. Ele se dispôs a pagar um cursinho pré- vestibular pra mim e depois de tanta insistência, eu acabei aceitando. E adivinha só? Eu consegui tirar uma boa nota no ENEM, e através dessa nota, ingressei num curso superior e desde então minha vida se transformou. Hoje vejo que a ideia que eu tinha a meu respeito, estava errada. Eu sou sim, capaz! Eu posso ter minhas limitações, mas isso não me impede de sonhar e alçar vôos maiores.

Ainda tenho dificuldades com prazos e a leitura acadêmica, mas sei que é algo que é aprendido e que com tempo e repetição vai se tornando menos difícil.

Já vejo a mobilidade social que ocorreu em minha vida por conta dos estágios. Hoje trabalho na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, e olha, nunca me imaginei nesse lugar. E falo mais uma vez, se estou nesse lugar é porque sou capaz e só sou capaz por causa do estudo. Pretendo continuar a estudar, pois hoje sei que a maior ferramenta que posso ter para viver é o conhecimento e que ninguém pode tirá-lo de mim.

DAS PRIMEIRAS LETRAS A ESCRITA DA MINHA HISTÓRIA: MINHA EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

HEDIANE FERREIRA MARTHA

Lembro vagamente dos meus anos iniciais na escola, mas não a ponto de esquecer as dores que me foram impingidas no momento em que entrei. Criada na periferia da grande São Paulo, especificamente no bairro Jardim Selma, com mais três irmãos e pais, que saíram do interior de Minas Gerais em busca do tão sonhado sonho de conseguir algo melhor na capital das oportunidades, e que constituíram sua família nesta grande metrópole brasileira. Pais estes que passavam o dia todo tentando manter os quatro filhos longe da violência cotidiana da região e que viam a escola como uma ponte de salvação para que não trilhássemos o mesmo caminho que eles, cujas carreiras se resumiam a empregada doméstica e porteiro.

As palavras dos meus pais ecoam em minha mente até hoje: "Menina, levanta! Você quer ter o mesmo futuro que eu? Não falte à escola". "Você precisa estudar para ter oportunidade na vida, não ficar limpando banheiro dos outros". Essas frases, impregnadas de esperança e determinação, serviam como um lembrete constante

de que a educação poderia ser a chave para um destino diferente. Eu sabia que cada dia de aula era uma oportunidade valiosa, uma chance de escapar das limitações impostas pelo contexto em que crescíamos, afinal era difícil imaginar um caminho diferente quando se nasce na favela de uma grande cidade, onde o acesso à educação de qualidade é limitada, e a grande maioria nem sabe que existe a possibilidade de se ingressar no ensino superior sem precisar pagar. Vale salientar que na época ainda não havia os programas que hoje possibilitam o acesso das classes mais baixas às universidades, e que aquele desejo era só um sonho distante.

Essas palavras me acompanharam durante o meu percurso de formação escolar, revelando a força incansável dos meus pais, pessoas humildes e com pouco estudo, valentes que enfrentaram a imponente "cidade de pedra", um dos muitos adjetivos atribuídos à grande São Paulo. Determinados a proporcionarem uma educação de qualidade aos seus filhos, conjuntamente, nunca dispuseram de recursos financeiros suficientes para arcar com os custos dos estudos dos quatro filhos, mas sempre se empenharam em encontrar as melhores escolas públicas do bairro para matriculá-los. É impossível falar do meu processo escolar sem construir essa narrativa econômica acima, pois ela terá um grande impacto na minha escolarização.

Infelizmente, devido a essa dificuldade, acabei por não ter a oportunidade de cursar o ensino infantil, e a ausência do mesmo não foi um impedimento absoluto, mas sim um desafio a ser superado, quando me refiro a parte de socialização, pois hoje vejo que ela foi afetada nos anos iniciais da escola. No meu bairro não havia opções de escolas gratuitas, e minha mãe precisava escolher entre pagar pelos meus estudos ou pelos de meu irmão, que era dois anos mais novo. Assim, não tive acesso a essa etapa fundamental de aprendizado e socialização.

Desse modo meu processo de alfabetização, se iniciou em casa entre o pouco tempo que minha mãe e meu pai tinham disponíveis,

depois de horas incansáveis de trabalho e deslocamento até em casa. Meu pai comprava cadernos e minha mãe escrevia o abecedário e pedia para que eu o repetisse diversas vezes no caderno, empregando assim o modo tradicional de ensino no qual a mesma fora educada, trabalho de memorização mecânica e repetitiva.

Assim, meu primeiro contato com as letras que, durante esses anos iniciais me assombrariam, e não vou dizer que me deixaram de assombrar, porque ainda sinto o reflexo deste assombro, mas disso falarei mais a frente. Quem dera poder relatar que a experiência de aprender em casa tivesse sido tão boa quanto a de Paulo Freire, que foi letrado em casa. Ao contrário do autor, tive a má sorte de entrar na escola sendo pré-silábica, sabia as letras mas não conseguia associá- las às palavras. Apesar da dedicação dos meus pais, não consegui apreender o que tentaram me ensinar, mas não fui torturada como Graciliano Ramos,que na obra Infância, sua autobiografia, relata seu primeiro contato com as letras, descrevendo a experiência árdua que teve com as "malditas letras"; entretanto, o prazer de "decifrá-las só acontece quando o texto se torna "objeto proibido" que seduz e desperta curiosidade e interesse, nisso tive mais sorte.

Recordo vagamente dos relatos a seguir, e devo confessar que esses me tiram lágrimas, não gostaria nem de lembrar. Ao entrar no ambiente escolar em 1996 pela primeira vez, me vem a sensação de pânico, tenho esse sentimento quando relembro da minha primeira série, e acho que a explicitação desse sentimento se deve ao fato de que não tive um bom acolhimento em sala. Era muito tímida e sou até hoje, diria um pouco menos agora. Na verdade acho que ao escrever este relato estou me dando conta que ela nasceu aí, não a timidez em si, mas o medo de ser avaliada e a insegurança de não ser capaz, que fizeram, durante um longo período da minha vida, com que eu acreditasse que não era boa o suficiente em nada que eu fizesse..

Em um episódio específico, no início do ano letivo em 1996,

> **errei uma questão, não me recordo o que foi, mas lembro das chacotas tanto dos alunos quanto da risada da professora. Depois desse episódio, me isolei na sala, não queria mais fazer a lição, tinha medo de errar e virar piada, passei um ano evitando qualquer tipo de situação que pudesse ser avaliada e julgada pelos colegas, não queria essa sensação de novo. Fui praticamente excluída na sala de aula, a "menina estranha", passava por Bullying na primeira série em 1996, quando ainda não se discutia tal termo, e devo dizer que foi a única vez, mas foi suficiente para me marcar.**

A dificuldade de compreensão das explicações da professora e a complexidade na parte fônica das palavras continuam a assombrar meu progresso na alfabetização. Enquanto meus colegas avançavam no processo de leitura e escrita, eu me sentia cada vez mais perdida e desmotivada. A sonoridade das palavras se misturavam em minha mente, e trocar letras e sílabas era uma constante. A sensação de inadequação e a vergonha de cometer erros persistiam, fazendo com que eu evitasse qualquer situação que exigisse minha participação ativa na sala de aula.

Como resultado, no final do ano letivo, não obtive progresso. Sabia o alfabeto e as sílabas, mas não sabia ler, nem escrever. Os alunos não podiam ser retidos naquele ano, então a escola iria me passar para o segundo ano. Apesar das dificuldades enfrentadas, minha mãe sempre foi minha maior aliada e defensora. Ela percebeu o meu sofrimento e decidiu tomar uma atitude. Foi então que pediu que eu repetisse o ano letivo, buscando uma nova oportunidade de aprendizado. Essa decisão foi um ponto de virada em minha trajetória escolar.

No ano seguinte, mudei de escola e ingressei na E.E. Prof. João Ernesto de Souza Campos onde funcionava somente o ensino fundamental I, lá encontrei um ambiente mais acolhedor e propício ao meu desenvolvimento. Ao contrário da outra escola, nesta fiz amizades que me acompanhariam da primeira até a quarta série, tempo em que permaneci nessa instituição. Posso dizer então que o ano da minha alfabetização se deu em 1997, aos 8 anos.

Nessa nova escola, além das aulas regulares, tinha uma novidade: alunos que demonstravam dificuldades de aprendizagem, participavam de atividades de reforço. Essas atividades me ajudaram a superar algumas das minhas dificuldades. O número reduzido de alunos e o fato de compartilharmos desafios semelhantes, tornaram o processo de aprendizado mais natural para mim, além de ter contribuído para o fortalecimento da minha autoestima, Além disso, as aulas de reforço proporcionaram um ambiente mais propício para o diálogo e interação com o professor. Hoje, como futura pedagoga, e por me encontrar trabalhando em um ambiente escolar que emprega o reforço, vejo que ao utilizar este recurso na escola a coordenação propicia que o docente conheça melhor as necessidades individuais de cada aluno, facilitando a identificação das dificuldades e a adoção de estratégias pedagógicas mais adequadas, gerando um processo de troca entre educador e educando, valorizando o conhecimento prévio do aluno e promovendo a construção conjunta do conhecimento.

Lembro-me com gratidão da professora das aulas de reforço, Josiane, que se empenhou em ensinar-me a ler e escrever de forma significativa. Ela utilizava métodos que iam além do ensino tradicional, buscando despertar meu interesse por meio de textos com os quais eu já estava familiarizada, como por exemplo histórias da Disney, sobre as quais havia vários filmes na época, jogos com alfabetos móveis etc, coisas que despertavam minha vontade de aprender. Aos poucos, fui atribuindo sentido às sílabas que tanto me atormentavam, e, ao final daquele ano, já era capaz de ler e escrever , o que proporcionou uma grande felicidade para meus pais, sendo presenteada por eles com um

livro como incentivo para que eu continuasse nessa jornada de descobrimento dos sentidos das palavras.

Nos anos subsequentes, empenhei-me em aprimorar meu processo de escrita e minha sociabilidade escolar, embora não possa afirmar que tenha superado todas as dificuldades, pois até hoje enfrento alguns desafios na parte da escrita. No entanto, desde cedo percebi que o estudo poderia ser um caminho para tentar transformar minha realidade. Fui determinada em aproveitar ao máximo os recursos disponíveis, mesmo que limitados.

Nas escolas públicas onde fui matriculada, dei grande valor a cada conhecimento adquirido e a cada experiência vivenciada, consciente de que estaria construindo uma base sólida para minha trajetória educacional, pois aquela menininha da periferia de São Paulo sempre sonhou em um dia entrar em uma universidade.

A cada disciplina estudada, a cada aula participada, eu me esforçava para absorver o máximo de conteúdo possível, às vezes um processo cansativo. Ao longo desse percurso, reconheço que nem todos os obstáculos foram superados de imediato.

Ainda hoje, encontro desafios que demandam esforço e perseverança para serem vencidos, mas, sabia que, mesmo diante das minhas limitações e a do sistema educacional público de São Paulo, meu empenho e dedicação seriam fatores determinantes para o meu futuro, afinal tenho grandes incentivadores em casa, e cada dificuldade enfrentada contribuiu para o meu crescimento como indivíduo.

Agradeço às escolas públicas que me acolheram e aos professores que dedicaram seu tempo e conhecimento para me ensinar. Seus esforços não foram em vão, pois eu absorvi cada lição com gratidão e determinação, não me tornei um exímia escritora, mas a professora lá da primeira série Josiane foi uma parte importante na minha vida.

Ainda tenho um longo caminho pela frente, mas estou ciente de que a base sólida que construí ao longo dos anos é o alicerce para

o meu sucesso futuro. Continuarei valorizando cada oportunidade de aprendizado e aprimoramento, sabendo que a educação é uma jornada contínua e que cada experiência vivida contribui para moldar o meu ser e direcionar meu futuro

Ao refletir sobre minha própria trajetória de alfabetização e letramento, percebo a importância de adotar abordagens criativas e contextualizadas para ajudar os alunos em seu progresso, pois uma educação descontextualizada da vivência do mesmo pode provocar sentimentos de inadequação, por apresentarem dificuldades perante elas, e aí falo por experiência própria, que podem gerar traumas com que terão de lidar ao longo da vida, mesmo fora do contexto escolar.

Como alguém que enfrentou dificuldades de aprendizagem e compreendeu plenamente o impacto que isso pode ter na vida do estudante, é fundamental que a consolidação da alfabetização e letramento e demais temas abordados na escola, demonstre sentido para o aluno, seja realizada de maneira envolvente, conectada à realidade e à rotina da criança.

Para isso deve ocorrer uma diversificação de métodos, a utilização de diversos gêneros textuais, como listas, bilhetes, convites, contos e histórias, além de jogos, que estimulem a participação e o interesse dos alunos. Esses métodos, aliados à compreensão das dificuldades individuais, contribuem para o sucesso da aprendizagem, pois hoje posso dizer que por ter vivenciado isso, tentar aprender como trabalhar com tal abordagem em sala, com certeza se tornou um dos princípios que levarei em consideração ao atuar em sala de aula. Vale salientar que já os levo em consideração no cargo que tenho hoje em uma escola municipal de Contagem, como Disciplinária, e aí me refiro ao fato de procurar entender os sentimentos dos alunos, mesmo o nome do cargo sendo tão "controlador".

MEMÓRIA/AUTOBIOGRAFIA

ISABELA SOARES DE OLIVEIRA

O espaço da escola me traz recordações importantes, pois sempre foi para mim um local de experiências interessantes e por ter sido influenciada por meus pais, desde nova, a estudar. Isto me proporcionou alegria e por afeição era divertido ir até à escola. O ambiente me encantava por tudo, do pequeno parquinho, no início dos anos do maternal, até as salas estreitas e acolhedoras do ensino médio. .

Em 2008, eu me arrumava para sair depois de almoçar na casa de dona Lúcia; colocava o uniforme verde-limão: uma minissaia e uma blusa de manga, Depois pegava a lancheira cheia de salgados caseiros de minha avó. e saía de casa juntamente com meu tio, para a pequena escolinha do bairro no Nova Pampulha.

Era tardezinha quando a diretora Erika recebia, na porta da escola, os alunos do turno. Ela nos cumprimentava e seguíamos para uma pequena salinha decorada, cheia de desenhos de animais e plantas sorridentes. "Tia Jaque", como era carinhosamente chamada minha professora, reunia toda a turma e desenhava várias atividades no quadro da pequena sala. Depois ela seguia de mesa em mesa, conferindo aluno por aluno, se o uniforme verdinho estava completo e bem ajeitado em nós. Batia o sinal, isso anunciava o início das aulas do dia. Recordo-me que todos riam, era

muito divertido estar naquela sala, todos eram muito amigos e vizinhos, logo formamos uma união que se perduraria para além dos anos, tendo caminhos cruzados em outros momentos da minha trajetória escolar.

Tudo naquele momento era desafiador, mas ao mesmo tempo muito divertido. Crianças juntas sempre tiravam de sua imaginação fértil alguma ideia inusitada, porém era em momentos específicos que toda harmonia era lançada para uma competição de velocidade: A leitura de livro, pois aquele que terminasse de ler um dos pequenos livretos de histórias pegos pela professora poderia ganhar uma massinha colorida para brincar em sala.

Dito e feito, barulho e correria se instauravam em sala, todos queriam a tal recompensa e também queriam ter em mãos o livro que mais lhe chamara atenção em cima da mesa. Folheavam e liam tudo de uma só vez. Além de ganhar a tão sonhada recompensa, teria a sorte de ser a primeira a escolher a cor desejada também. Lido o livreto, ela me dava a massinha e eu saía da minha mesa em busca de outro livreto diferente do meu. Talvez eu pensasse que se lesse mais um, ganharia outro prêmio ou então era apenas emoção de conhecer outra história, contudo todos da sala ganhavam uma massinha no final do dia e ninguém ficava sem.

Foi nesse período que eu aprendi a ler e voltando para casa, um dia após o reconhecimento das "palavras", contei ao meu pai e à minha mãe, que amaram e me deram muitas felicitações. Disseram que eu poderia ler todos os livros que eu quisesse e, como presente, me deram uma revistinha da Turma da Mônica para que eu pudesse continuar a ler mais palavras. A partir desse dia também eu poderia decorar as letras dos hinos da igreja com facilidade ao invés de só ficar repetindo os mesmos sons e palavras que antes eu não entendia. Foi um marco para a pequena criança que eu era, Meus pais sempre compravam revistinhas para mim e quando saíamos para algum lugar, meu pai apontava para placas e letreiros perguntando o que estava escrito. Eu adorava, achava que era mais uma atividade que nem em sala, falava com gosto e repetia

uma, duas ou três vezes. Quanto às revistinhas, lia todas as páginas, demorava às vezes para passar de página até entender a linha dos balões, mas depois pegava o ritmo e terminava com gosto e repetia.

Após o término do maternal, avançando para o 2° ano do ensino fundamental, mudei de escola, pois minha mãe não tinha condições de continuar pagando a pequena escolinha. Fui então parar em uma escola no bairro ao lado, ela era estadual e muito grande e a partir daquele momento eu passei a pegar um escolar o que por sinal era muito legal ir à escola com colegas de sala.

A escola era dividida em salas por números, então ao chegar na escola lembro que fiquei na 201, onde pude aperfeiçoar um pouco mais a minha educação. Desde que me recordo nunca gostei de estudar em escolas municipais. Ao lado da minha casa tinha uma que não me agradava e sempre que eu "aprontava" alguma coisa, meus pais diziam que me colocariam lá. Talvez o medo da mudança de rotina me fez preferir o dinamismo de ter que acordar cedo, ir para casa de minha avó e posteriormente pegar o famoso ônibus escolar, coisa que eu não teria caso estudasse ao lado de casa. Partindo disso, o 2° ano foi marcante pela mudança de ambiente e pela passagem de novos amigos,contudo lembro- me bem que não conseguia me manter no mesmo ritmo que os colegas de sala, era muita agitação guardada e a professora de sala até cogitou me passar um ano a frente por causa das minhas atividades de sala e compreensão das matérias, mas como o ano letivo já havia iniciado, ela não conseguiu a tal transferência. Perpetuando ainda na mesma escola, encontrei-me no 3° ano com uma oportunidade de ativismo em sala. Como a turma de colegas permanecia a mesma, adquiri certa autonomia e pude participar de mais eventos da escola de forma ativa, esportes,danças eu participava de tudo que dava.

Desfiles cívicos eram uma maravilha: saía da escola toda bem vestida, e com o bumbo na mão, cantando e convidando os vizinhos da rua para cantarmos juntos. Porém foi nesse ano que alguns problemas

de relacionamento com meus colegas apareceram; eu não me dava bem com todos de sala e não aguentava ouvir comentários sobre meu tamanho ou corpo, então comecei a responder com certa violência para alguns dos meninos que se sentavam atrás de mim. Esse problema foi se estendendo até o 4° ano, quando fora instalado na escola um sistema de turmas que seriam criadas pela eficiência do aluno nas notas, ou seja, os alunos considerados "bons" iriam se deslocar para a sala 402, os medianos para a sala 401 e os considerados "insuficientes" ou como a escola denominou de forma velada, "[...] Aqueles que poderiam melhorar" na tão famosa sala 403, sala essa em que ficou o colega que fazia "brincadeiras" comigo. A partir desse momento, os números segregaram a escola, o 1, 2 e 3 já não tinham o mesmo significado matemático e só significavam nota e comportamento. De certa forma os alunos que permaneceram nas salas de número 3 sempre eram considerados os mais difíceis da escola, os mais bagunceiros e ,de alguma forma, todos que permaneceram na sala 1, compactuaram da mesma ideia, represando os alunos das outras salas numa representação hierárquica meritocrática e reprodutora desses preconceitos.

Foi a partir do 5° ano, nessa mesma escola, que as coisas mudaram um pouco. Uma certa criticidade fomentou os alunos da minha turma e resolvemos inverter a posição das salas, permitindo que por um curto período de tempo essa identidade criada pela separação das salas não existisse, e que as turmas pudessem trabalhar juntas, apesar de ser em um contexto esportivo e de lazer, mas que, permitiria que a inclusão das outras turmas acontecesse. A escola também resolveu, a partir daquele momento ,utilizar da união pré-estabelecida entre nós, alunos, e criou um "reforço escolar" para os alunos da 503, sendo "professores" os alunos da 502. A organização funcionava da seguinte forma: Os alunos da 502 "apadrinharam" 2 colegas da 503 e, em conjunto, fariam atividades e lições para que os colegas melhorassem seu rendimento. Estas aulas seriam todas ministradas no próprio horário de aula de determinados professores como a de Matemática e de Língua Portuguesa. Eu mesma cheguei a ajudar um colega dessa sala; preparava atividades impressas em casa e ajudava a fazer em sala. Essa atividade continuou até metade daquele ano, quando a cancelaram sem motivo algum, nunca nos foi dito nada, mas posso imaginar o motivo por trás; era muito expositivo colocar a turma toda como deficitária. Alguns alunos se sentiam envergonhados por receber ajuda de outros alunos, sugeria a eles uma incapacidade de mudança e um estigma do porquê eles permaneciam naquela sala, que era tão distante das outras; a sala ficava próxima à coordenação, bem embaixo da escada, era difícil chegar até ali e, qualquer barulho já era motivo para uma visita.

Ainda no quinto ano, experienciei uma das fases mais difíceis para uma criança. Foram os ditados horríveis da tabuada do 8 e do 9 que eu era obrigada a fazer em sala. Tive uma colega que era muito invasiva, ela era minha melhor amiga então vivíamos juntas e eu achava que era algo de sua personalidade, Como eu fui me abrindo e me tornando mais comunicativa, abandonei os traços de agressividade. Essa amiga, no entanto, era totalmente aberta a esse tipo de atitude, ela sempre arrumava briga e por ser considerada uma menina alta para sua idade não tinha medo de encarar os meninos de anos mais velhos, e seguidamente após sua ação, ela colocava o meu nome como se eu quisesse participar e fosse a responsável por aquilo. Em uma ocasião ela chegou a empurrar o meu amigo e colocou a culpa em mim. No momento eu não entendia porque ela fazia aquilo e me sentia muito mal, a ponto de me afastar e querer sair da escola.

Em outra ocasião, jogávamos pela internet, após o horário das aulas, e, após ela perder uma começou a me xingar na rede social da época, o facebook, me ameaçando e me difamando Isso me deixou confusa, mas mesmo assim continuei a amizade, apesar dela ter espalhado pela escola coisas falsas sobre mim. Como não queria perder essa amiga, continue a andar e conversar com ela, mesmo percebendo os traços

maldosos, eu não via nada de errado, até que um dia, minha mãe mexendo no computador, encontrou essas mensagens e resolveu escrever uma carta para a garota e seus responsáveis, alegando que ela não queria ver mais a filha dela andando comigo e que ela repudiava os fatos ocorridos. Minha mãe me pediu para que eu não andasse mais com ela e me explicou que a tristeza que eu vinha sentindo era pelo fato de não saber reagir perante a situação. No dia seguinte, na hora do recreio, nós só nos olhamos e no final da aula eu recebi uma cartinha de volta, um pedido de desculpas, porém minha mãe não aceitou, e permanecemos o restante do ano sem falarmos uma com a outra.

Ao iniciar o meu ensino fundamental ll, tive outra mudança, uma nova escola, uma obra social para meninas e meninos do Colégio Imaculada Conceição onde fiquei até os 15 anos. Foi uma experiência incrível, era um espaço acolhedor com 4 partes abertas era integral, de manhã os estudos normalmente e a tarde estudos sociais e clubes que poderíamos nos inscrever e participar. Amava a instituição e foi graças a ela que meu desejo de conhecer um pouco mais da educação e da arte se iniciou. Como era uma obra social a escola se localizava perto da casa de freiras, que eram responsáveis pela organização do colégio, elas organizavam oficinas e atividades na hora do intervalo para os alunos, e eu sempre participava. As festas escolares eram sempre regidas com uma missa da qual eu sempre participava respeitosamente, mesmo não sendo católica, mas era divertido cantar as músicas e depois ajudar a servir os convidados.

Sobre os clubes, eu participei de vários até minha formatura: Teatro, Música, Desenho, Tear, Coral , dentre outros. Foi também nessa escola que eu participei de saraus literários e passei a ajudar a bibliotecária. Até ganhei meu nome no quadro ’leitores do ano” pela permanência assídua no espaço. Meu interesse em ajudar a minha turma em se organizar, acabou fazendo com que eu fosse representante de turma e, com isso, passei a representar meus amigos e colegas nas reuniões de professores e nos trabalhos extracurriculares. Meu interesse pelas modalidades esportivas também foi renovado graças ao incentivo da escola. Tivemos práticas com outras escolinhas e campeonatos dentro e fora de Belo Horizonte, foi a melhor época da minha vida, 80% do meu dia, eu passava fora de casa, mas não era de nenhuma forma cansativo, pelo contrário, me permitiu conhecer meus gostos e abraçar novas mudanças sobre mim. Me ajudou a crescer como estudante e cidadã, promovendo o direito à cidadania e o diálogo dentro do contexto escolar.

Ao entrar no Ensino Médio tive um baque diante da realidade. Fui estudar no centro de Belo Horizonte. Comecei a entender a realidade e a me estabelecer nela ao ter contato com a diversidade, o que me permitiu participar de várias rodas de conversas. Era um local muito grande e com certa liberdade para os alunos, isso me inquietava, pois não seguia um padrão que eu conhecia e as normas me deixavam insegura, mas não fiquei retraída a ponto de não participar das trocas culturais que me proporcionaram. Como era uma escola de Ensino Médio, eram muitas salas e essas eram divididas em minicursos, a minha era a menor sala de informática, mas era também a que mais dava trabalho. Não pude ficar até o final do ano nesse lugar pois fui readmitida na última escola que eu estudara.

Na metade de 2019 eu estava matriculada no Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais, e foi como um sonho para o meu pai, era nítida a diferença de realidades a que fui submetida. De um lado toda uma diversidade e do outro as mínimas diferenças eram apagadas para ser uma realidade homogeneizada. Por não ser filha de militar, senti a distinção entre alguns alunos e na forma de me relacionar com o espaço e até com os professores. tive que optar por uma personalidade mais neutra e amigável para me encaixar nos padrões desejáveis, de certo modo eu fui me acostumando com os comandos e as pessoas ali dentro, era desafiador interagir naquele ambiente de forma idêntica aos demais, mas aos poucos eu fui formando um vínculo com poucos ali que dividiam do mesmo pensamento.

> **2020 foi, com certeza, um ano diferente, com a chegada do COVID-19 todo o meu esforço para com as dinâmicas da escola foram perdidos e tive que estudar por conta própria durante o restante do ano; o que me deixou bastante ansiosa para a finalização do meu terceiro ano e com as provas do ENEM chegando. Eu me senti despreparada em relação a outros estudantes da escola que**

conseguiam conciliar as aulas online com os estudos independentes. Acabei me sentindo forçada a procurar um emprego em meio a pandemia para desembolsar uma renda para os meus estudos e eu não precisasse contar com a ajuda dos meus pais que, no momento, estavam focando na minha irmã que não era alfabetizada. Em 2021 eu estava estudando e trabalhando para me manter em um cursinho,com o objetivo de entrar na faculdade, que era o meu sonho.

Não consegui ir bem nas aulas normais do dia, pois focava nas aulas do cursinho, que eram online. Eu não ficava confortável e ficava mal ao saber que a qualquer momento poderia perder meu foco. Além de tudo, ainda me sentia presa a uma realidade pandêmica divulgada pelas redes sociais. Porém com a finalização do ENEM e minha formatura no Ensino Médio, fiquei menos preocupada. Agora poderia trabalhar e estudar até que se concretizasse o meu ideal, e a volta da população às ruas, era um sinal de bom presságio que viria se confirmar no dia da notícia da minha entrada na tão sonhada faculdade federal.

Não consigo descrever o quanto me marca a escola e seu espaço como educanda ao longo de minha vida. Sei que a escola está sempre vitalizando e se caracterizando como sociedade. A escola me repreendeu, me ensinou e continua a me seguir até os dias de hoje.

MEMÓRIAS

ISABEL CRISTINA DOS SANTOS COSTA

A proposta de voltar ao passado e resgatar a memória de minha vida escolar, sendo graduanda do curso de pedagogia, me leva a um movimento de releitura de todo o processo que vivi e seu contexto, ressignificando-o. Os novos conhecimentos me provocam e aguçam meu olhar e a minha compreensão do mundo da educação.

Falar da minha trajetória escolar requer que eu fale da minha infância. Me lembro como se fosse hoje da dedicação da minha mãe, ajudando meus irmãos nas tarefas escolares. Meus irmãos estudavam no período da manhã e à tarde todos se sentavam à mesa para estudar e fazer os para casas sob o olhar atento de minha mãe. Ficava estampado no rosto dela o prazer que tinha naquele momento e que contagiava a todos nós. Eu, a caçula dos quatro irmãos, observava e me sentia feliz, acolhida e inserida naquele contexto familiar/educacional, mesmo sem estar frequentando uma escola. Minha mãe me dava um caderno e lápis de cor e eu me sentia a própria estudante. Tentava reproduzir no meu caderno o que meus irmãos faziam, foram momentos muito especiais.

A minha primeira experiência escolar, propriamente dita e, de que me recordo, se deu em um jardim de infância particular, próximo

a minha casa. Naquela época, apesar da demanda, não existiam escolas públicas de educação infantil. Tinha poucas crianças na sala e a professora se chamava Marly. Não me lembro de muita coisa, mas ficou marcada a cena do pão encharcado de suco dentro da lancheira na hora do recreio, não me esqueço disso. A garrafinha de suco sempre vazava molhando o pão ou biscoito e eu ficava sem merendar.

Em 1977 entrei para a escola de ensino fundamental e, ao mesmo tempo, como tantas outras brasileiras, minha mãe começou a trabalhar fora, deixando em mim uma sensação de desamparo e insegurança que atingiram em cheio meus primeiros passos de escolarização. No primeiro dia de trabalho dela, meu pai trancou as portas e escondeu as chaves para impedi-la de ir, mas ela pulou a janela e foi assim mesmo.

A escola era o Grupo Escolar Minervina Augusta, construída junto com o conjunto habitacional Campo Alegre, região Norte de Belo Horizonte. Era uma escola pequena, constituída por um único prédio de dois pavimentos. No primeiro andar ficavam a sala da diretora, a secretária, a sala dos professores e um consultório odontológico no qual os alunos eram atendidos. A biblioteca e a cantina também ficavam no primeiro andar, seguidas de um pátio grande onde aconteciam as festas e eventos da escola. No segundo andar ficavam oito salas de aula.

O início das aulas era marcado por um estridente sinal. Entrávamos em fila e cada turma fazia sua própria fila, aliás, os deslocamentos dos alunos dentro da escola eram sempre em filas, a produção de corpos dóceis, obedientes e controláveis estava a todo vapor.

Antes de subirmos para as salas de aula ouvíamos o hino nacional ou o hino à bandeira. Depois as professoras regentes passavam por suas filas conferindo se as unhas estavam cortadas e as orelhas limpas, bem como os uniformes (estes compostos por camisa branca de botões com o escudo da escola costurado no bolso, saia azul marinho pregueada, meias brancas e Conga azul escuro). Só depois desse ritual é que subíamos para a sala de aula.

No primeiro ano de escola, dedicado à alfabetização, lembro-me do cansativo esforço de repetição e memorização. Os para casas consistiam em copiar, com letra cursiva, uma ficha que tinha a data, o nome da cidade, da escola, da professora e o meu. Minha mãe, depois da dupla jornada de trabalho, pegava na minha mão para me ajudar e eu dormia enquanto "fazia", pois já era noite. Foi um período de cópias e repetições sem fim.

Dona Ivanir, minha professora da primeira série, apresentava primeiro as vogais e depois de muito treino as consoantes. Ela se abaixava próximo de cada aluno e fazia o som das letras. Depois disso treinávamos seu traçado e sua família silábica, repetindo várias vezes em voz alta. Tudo era previsível e cansativo.

Tratava-se, de início, de uma mistura entre os métodos sintéticos de alfabetização: o alfabético, o fônico e o silábico que partiam das partes para o todo num distanciamento entre as situações de usos e significados.

Mais adiante no meu processo de alfabetização, lembro-me das "aulas de biblioteca". Aguardava com ansiedade essas aulas porque aconteciam em um espaço diferente, mas hoje vejo que a inovação parava por aí, pois a didática era a mesma: cópias e treino. A professora entregava os livros, lia a história em voz alta e depois tínhamos que escrever a história no caderno. Ela corrigia os erros e fazíamos uma versão final devidamente corrigida. Depois ilustrávamos. A oportunidade de se trabalhar outras habilidades cognitivas, a criatividade de se criar outras histórias a partir daquela, de se trabalhar outros portadores de texto diferentes daqueles, mas que se relacionavam, não era nem cogitada, penso eu. Lembro de, nos anos finais do ensino fundamental I, ter dificuldades de interpretação e compreensão de textos, talvez a mecanização do início tenha contribuído para isso.

Ainda me lembro com dissabor das aulas de recuperação, uma sentença do meu fracasso. Toda sexta-feira os alunos com melhor de-

sempenho saíam mais cedo e os alunos mais fracos tinham aula de recuperação. Era uma dose extra do mesmo método, da mesma didática.

O processo de alfabetização deixou marcas, muitas delas dolorosas. O que antes era uma expectativa de reprodução de um ambiente acolhedor de aprendizagem, se revelou um ambiente hostil, de insegurança e fracasso. Ainda hoje tenho medo de ler em voz alta. Acho que não vou dar conta, que vou errar diante dos meus colegas e professores. A pressão era muito grande e, mesmo depois de tantos anos, ainda se faz presente. Isso me leva a pensar na responsabilidade que é alfabetizar alguém, ensinar... É algo que marca positiva ou negativamente as pessoas e pode desencadear outros processos que nem sequer passam pela nossa cabeça.

Outra coisa que deixou marcas foi a formação das classes. As turmas eram homogêneas, ou seja, a enturmação era feita sob o critério de desempenho, fato que me deixava muito mal já que minhas vizinhas sempre ficavam na sala mais "forte" e eu não. Esse tipo de coisa impactou fortemente minha autoestima. Certa vez, eu acho que já estava na segunda série, com o ano letivo já em andamento, me mudaram para a primeira sala, a mais avançada. No dia em que cheguei os alunos estavam fazendo um teste dos fatos fundamentais da multiplicação. A professora ditava e os alunos escreviam o resultado. Eu sabia os fatos, mas a dinâmica era diferente, eu fiquei nervosa, e me saí muito mal. Quando a professora devolveu o teste foi uma verdadeira humilhação pública. Essa professora, D.Laura, era terrível, brava, mal-educada, sempre de mau humor, tinha prazer em constranger os alunos.

A escola era muito conteudista, as professoras davam muitos para casas, inclusive nas férias. Tínhamos muitos trabalhos de pesquisa, que se resumiam em fazer cópias de enciclopédias. Era comum irmos nas casas dos vizinhos para pedir a enciclopédia emprestada. Na minha casa tinha duas com vários volumes, mas mesmo assim passávamos aperto com esses trabalhos. A mão doía de tanto escrever.

Ao longo da semana tínhamos duas aulas de educação física, elas eram muito esperadas, pois representavam uma certa liberdade, um tempo de sermos crianças, mesmo predominando aulas de ginástica. Não me lembro de esportes coletivos, a escola nem tinha uma quadra, tudo acontecia ali mesmo no pátio multifunções.

No final do mês de agosto começavam os ensaios para o desfile de 07 de setembro. Tinha a banda, as balizas e cada sala se vestia diferente de acordo com um tema. Me lembro de desfilar fantasiada de índio, de bailarina, de militar ou mesmo com o uniforme da escola. Os desfiles aconteciam na Avenida Afonso Pena, no centro de Belo Horizonte.

Comecei, no colégio IMACO, o ensino fundamental II em 1982, mesmo ano em que nasceu meu irmão caçula. Essa escola municipal funcionava dentro do Parque Municipal, no centro da cidade de Belo Horizonte. Era uma escola conceituada dentro da rede na época, extremamente limpa e organizada e com uma rígida disciplina. As salas de aula eram só de meninos ou só de meninas. Quando os professores entravam na sala, todos os alunos ficavam em pé e só podiam se sentar quando o professor permitisse. Foi um ano muito difícil pra mim, em todos os sentidos. Eu tinha que cuidar do meu irmão mais novo durante a manhã e cuidar da casa, além de ter que dar conta dos estudos. Minha mãe tinha que comprar livros, material escolar e uniforme (regular e de educação física) para mim e meus três irmãos (duas irmãs e um irmão). Demorei a ter todos os livros, a escola dava conteúdo atrás de conteúdo. Não dei conta de acompanhar, me sentia tão incapaz, tão sozinha… no final do ano, recebi o boletim escolar com a palavra reprovada em letras garrafais.

No ano seguinte, não quis continuar no Imaco e fui estudar em uma escola estadual chamada Três Poderes, no bairro Itapoã, região da Pampulha, repetindo a quinta série. Minha turma era formada por alunos repetentes e fracos.

Na sexta série eu ia forçada para a escola, faltava muito às aulas, não via sentido naquilo tudo, tinha muita dificuldade em matemática e no final do ano fui reprovada novamente.

Na sétima série, conheci algumas meninas que formaram um grupo de estudo de matemática, pedi pra entrar e a minha relação com a famigerada matemática melhorou. O ponto de encontro era na casa de uma das meninas, lá fazíamos todas as atividades do livro e refazíamos as que o professor passava no quadro, foi a melhor coisa que me aconteceu. Não foi um movimento que partiu da escola, era uma colega ensinando a outra e eu realmente conseguia aprender.

Consegui concluir o ensino fundamental com certa tranquilidade, depois da sétima série, e comecei a pensar no "Segundo Grau". Minha mãe falou que seria melhor estudar à noite, para poder ficar com o dia livre para poder trabalhar. Então fui estudar no mesmo colégio que minha mãe estudou: Colégio da AEC, que ficava na Rua Curitiba, no centro da cidade. Eu queria fazer magistério naquela época, mas esse curso tinha fechado na escola que escolhi, então fiz secretariado. Passei a trabalhar de manhã e estudar à noite, foi muito cansativo, quase desisti. Mas via a sala de aula cheia de pessoas na mesma situação que a minha, então reunia forças para continuar. Quando terminei o ensino médio, prestei vestibular para geografia na UFMG. Passei na primeira etapa, mas não passei na segunda.

Alguns anos se passaram, eu casei e quando estava de férias com meu marido comecei a refletir sobre minha vida e decidi que ia voltar a estudar. Fiz um cursinho e tentei vestibular novamente para geografia. Passei em último lugar e ingressei na UFMG.

Minha primeira graduação foi transformadora. Era um mundo novo para mim e me agarrei a ele com unhas e dentes. As disciplinas, os trabalhos de campo, que naquela época eram muitos, foram me enriquecendo enquanto pessoa. Meu marido me apoiava e eu podia estudar no período da manhã e tarde. Foram muitos desafios, muitos mesmos, mas foi uma época inesquecível.

Quando me formei em Geografia, em agosto de 1999, estava grávida de 8 meses e radiante. No ano seguinte participei de uma seleção para professor substituto de Geografia no Centro Pedagógico da UFMG e passei. Ter trabalhado no Centro Pedagógico me abriu as portas de uma escola particular na região da Pampulha chamada Colégio Neusa Rocha e minha vida profissional seguiu seu rumo.

Atualmente, faltando quatro anos para poder me aposentar, resolvi voltar a estudar. Fiz o ENEM, entrei com o pedido de obtenção de novo título e aqui estou, cursando o terceiro período do curso de Pedagogia.

Na minha vida escolar sempre tive a sensação de estar atrasada, seja por não ter o perfil de aluno das salas mais avançadas, seja por sempre ser mais velha que meus colegas de curso. Quando eu estava na primeira graduação, enquanto meus colegas tinham dezessete, dezoito anos eu tinha vinte e cinco. Hoje enquanto muitos colegas de curso têm dezenove, vinte anos eu estou com cinquenta e dois, mas estou aprendendo que esse é o meu tempo, que estando atrasada ou não, estou conseguindo superar as dificuldades e seguir em frente.

> **"Mulher, negra, de infância pobre, professora em dois turnos, mãe, dona de casa e estudante de pedagogia à noite na UFMG? Minha história tem nome: RESISTÊNCIA.**

ENTRE PÁGINAS E LOUSAS: MEMÓRIAS ESCOLARES DE UMA GAROTA NÃO MUITO NORMAL

ISADORA LUIZA DA LUZ MONTEIRO

> *"Os homens são essencialmente diferentes; não se repetem; cada indivíduo é único"* (Saviani, 1997:20).

Neste trabalho irei contar um pouco sobre a minha trajetória escolar e como a escola influenciou na minha escolha para o curso de pedagogia e, com isso, contarei um pouco da minha história também. Desde as primeiras páginas viradas nos livros até as lousas cheias de conhecimento, minha jornada escolar foi repleta de desafios, descobertas e momentos inesquecíveis. Convido você a embarcar nessa viagem pela minha infância e adolescência, explorando as vivências e reflexões que moldaram minha visão de mundo.

Dedico essa autobiografia a minha mãe e irmã que sempre me incentivaram da forma que conseguiram, ao meu irmão que por mais que pareça bem bravo é muito coração mole e me ajudou também nesse processo, a vocês meu muito obrigada. E ao professor Luciano Mendes de Faria Filho, graduado em Pedagogia, mestre em Educação (FAE) e Doutor Educação (USP) , professor no 3º período de Pedagogia/FAE, que me deu oportunidade de escrever esta autobiografia.

ENSINO INFANTIL

Tudo começou em 2006, quando mudei de escola, saindo de uma creche para uma escolinha do bairro que atendia até o segundo período. Naquela escolinha vivi as melhores experiências que o ensino infantil poderia me proporcionar, conheci pessoas que levei até a minha formação do ensino médio.

Um dia fizemos excursão (um dia sempre muito aguardado por todos), cuja proposta era visitar um playground famoso na região chamado "via kids". A semana que antecedeu o passeio foi de muita ansiedade, pois era muito aguardado por todos, inclusive por mim, que no dia anterior dormi do lado da lancheira e do uniforme, arrumados desde cedo para a tal excursão. Chegando no local, me lembro da sensação incrível que foi, meu olhos se encheram de alegria. pois aquele lugar parecia para mim um paraíso infantil, cheio de coisas que não estavam inseridas no meu contexto diário, de forma que eu iria me encantar por qualquer coisa que estivesse ali e eu realmente me encantei. Eu me encantei por cada canto daquele local, me lembro de forma bem límpida que em um desse vários momentos encantadores, eu estava sentada vendo uma dupla de palhaços cantarem numa tv super colorida que havia ali e eu sem conhecer aquela dupla fiquei simplesmente maravilhada e anos depois aquela dupla explodiu novamente pelo Brasil com o nome de "Patati e Patatá".

Quando criança meu sonho era ser atriz de televisão, mas não era qualquer sonho, pois levava isso tão a sério a ponto da minha mãe considerar o fato de me colocar em uma escola de teatro, pois decorava facilmente as falas de personagens que eu gostava, mas o mais próximo que eu estive de realizar esse sonho foram os teatros da escola. E era nesses momentos que eu poderia me esbaldar e usar todo meu 'talento' ,e dessa forma, me destacar nessas pequenas peças teatrais. Certa vez eu consegui, através de sorteio, o papel principal, o que foi importantíssimo para mim. Guardo essa memória comigo de que algo (personagem no caso) pode ser importante na vida de uma criança sem noção da dimensão que o mundo é.

Porém, nem só de lembranças boas da escolarização, vive a Isadora , pois hoje sendo uma profissional em formação da área da educação, eu percebo que o ambiente escolar é ainda mais desafiador para pessoas como eu, por diversos motivos, a escola é o reflexo de todos os preconceitos que nossa sociedade reflete. Naquela época eu não entendia isso, o que ocasionou um episódio que me marca até hoje; foi quando uma professora, Gláucia o nome dela, ouviu uma colega de sala mentir sobre eu ter mexido nas coisas dela. Nesse momento você deve estar pensando: "Se ela está contando é porque marcou mesmo" e é o que de fato aconteceu, pois eu não mexi e a professora nem hesitou ao chamar minha atenção, sem nem mesmo me perguntar se aquela acusação era verdadeira. De fato aquilo mexeu comigo e me lembro como se tivesse sido ontem.

Uma última lembrança dessa fase que me deixa com o coração quentinho é da vez que tivemos um projeto sobre 'roça' e tínhamos que levar um livro todo enfeitado para casa e cada um, na sua respectiva vez, tirava foto de algum bicho que poderia ter na roça e levava uma receita de algum alimento, cujo responsável fizesse para toda a sala. Minha mãe me ajudou a tirar foto das galinhas que tinha na casa do meu pai (não se assuste, essa vai ser uma das únicas vezes que ele aparece nessa autobiografia, se não a única) e levou umas duas fornadas de broa caseira feita com espiga de milho. Todo mundo elogiou, guardo isso com muito carinho, pois tive poucos contatos com animais fora do tradicional, considerando que conheci uma vaca pela primeira vez aos 18 anos.

ENSINO FUNDAMENTAL

Sem dúvidas um dos períodos mais desafiadores da minha escolarização foi o ensino fundamental, pois eu tive muitas dificuldades inter-

pretadas como preguiça e muitas brigas intermináveis com professores que me tratavam de qualquer jeito, e eu assumi uma personalidade de não levar nada para casa (spoiler: esse meu jeitinho melhora no ensino médio) e isso me trouxe boas histórias e histórias ruins também, porém deixo claro que eu nunca fui santa e que nem sempre o que eu contar desse período é uma vitimização da minha parte e sim, eu narrando fatos, apenas isso.

Iniciei o ensino fundamental I em 2009 e na minha visão foi pior que um filme de terror, tenho dificuldades até hoje em coisas como matemática básica. Algo que acabei me esquecendo de sinalizar no capítulo da educação infantil é que quem me ensinou a ler e escrever foi a minha irmã e me ensinou algumas coisas básicas de matemática como operações de multiplicação, antes de entrar no primeiro ano, algo que no futuro me ajudou bastante na escola, mas não foi o suficiente para me ajudar na dificuldade com essa matéria, então parte dos meus traumas vem dessa fatídica disciplina que me aterrorizou e até hoje me assombra. E isso me lembra quando uma querida professora que tinha me apelidado de uma forma bem carinhosa de "menina aborrecida" se propôs a me ensinar divisão básica da forma tradicional e me fez tomar ainda mais ranço dela e, consequentemente, da matéria, já que a forma com que ela me ensinou, podemos dizer que não foi a forma mais carinhosa e paciente de se ensinar algo para uma criança de no máximo 9 anos. Em contrapartida tive uma professora que sem dúvidas é a minha inspiração como pedagoga e que merece ter o nome citado aqui, Tininha foi minha professora no 2o e 5o ano e que professora! Eu me sentia acolhida. Ela era diferente das outras professoras, parecia que gostava de verdade de mim, e mesmo ela ensinando a matéria de que eu até hoje tenho receio, ela me apelidou de "dodola" e é a única pessoa que tem autorização para me chamar assim sem que eu fique brava. Isso foi a melhor coisa que me aconteceu no ensino fundamental I e eu digo que sim, porque além disso o ensino fundamental me trouxe traumas e

reflexões de quais pedagogas eu não quero ser, e dois pseudos romances no futuro que não deram muito certo também.

AVANÇANDO UM POUCO NA CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Eu iniciei em 2014 e foi a fase da rebeldia em que vivi minha pré adolescência e adolescência, período em que nós sabemos que absolutamente todos são chatos, não sobra um para contar a história. Vivi nessa época uma das minhas piores fases da minha vida, Eu achava que era importante a ponto das pessoas se importarem com as minhas necessidades pessoais, e amarguei descobrindo mais tarde, que ninguém se importava. Uma das melhores histórias que eu me lembro da época é de quando eu descobri o feminismo e comecei a me interessar pela política do Brasil e isso pra mim foi, no mínimo, algo novo, antes eu não tido esse contato tão imersivo e marcante, porque eu estudava em uma escola pública .localizada em um bairro de classe média e, por isso, você pode imaginar que não foi nada fácil estar ali e discordar politicamente das pessoas que viviam naquele ambiente. Digo, sem dúvidas, que aquele período foi formador de caráter, para quem eu sou hoje, algo como uma mudança da água para o vinho. Passada essa fase de rebeldia do ensino fundamental, meu último ano foi bem difícil. Em 2017, fiz cursinho pré CEFET/COLTEC, período complicado e de choros incessantes. Durante esse processo tive que lidar com muitas coisas, inclusive com a perda de um colega em um acidente de carro e lidar com a dificuldade em matemática também foi algo muito difícil que me rendeu muitos choros, porém, se tem algo que levei dessa época, é que tudo passa. Se tudo aquilo, naquele tempo , parecia insolucionável, tudo passou, (mais uma interrupção para contar que não passei na prova do CEFET por 3 vagas e no COLTEC nem me atrevi a ver a nota).

ENSINO MÉDIO

Meu ensino médio foi algo como a minha redenção na escola, pois foi quando eu comecei a me dedicar mais a trabalhar e a estudar e isso tudo me rendeu a primeira bomba no segundo ano (risos). Brincadeiras à parte; começar a trabalhar cedo me fez amadurecer muito na questão de me entender no mundo e uma das coisas que mais me fez mudar foi na relação com os professores. Naquela época entendi que brigar com eles não levava a nada, a não ser em um ranço da minha cara, e isso me faz lembrar de um dos melhores professores de geografia que eu já tive, que quando estava no fundamental, chegou a tirar ponto de conceito da minha melhor amiga por que ela era minha amiga. Continuamos amigas mesmo ela ficando sem pontos; a relação com esse professor melhorou muito durante o ensino médio.Lembra que eu falei que tenho um problema? É que se não gostar do professor automaticamente, vou ter dificuldades na matéria; no primeiro ano do ensino médio tive problemas com o professor de física, o resto da história nem preciso contar, né? Recuperação final em física,claro, não iria escapar dessa.

> **“Tomei bomba em 2019 , o ano que antecedeu a pandemia e foi a bomba mais ridícula que alguém poderia tomar, pois isso só aconteceu após me mudarem de sala e perderem (isso mesmo perderem) minhas notas e me obrigarem a fazer todas as provas de recuperação. Como eu me neguei e fiz ameaça de recorrer, acabei tomando bomba, e isso me acarretou um ano a mais no ensino médio já que, quando decidi ir atrás disso,**

veio a quarentena e todos fomos obrigados a ficar em casa, porém não reclamo muito, porque formar na pandemia foi a coisa mais fácil do mundo. Eu me formei em 2021, mas o processo de fazer o terceiro ano com colegas que não eram os meus e com uma volta de uma pandemia assustadora, não foi nada fácil, me trouxe várias crises de ansiedade e pânico de ter que conviver com muita gente depois de um isolamento total, foi realmente desafiador, não havia passado por nada igual antes e espero não passar por nada igual nunca mais.

CONCLUSÃO

Minha conclusão disso tudo é: como eu vim parar aqui? Nunca tinha passado pela minha cabeça fazer pedagogia até começar a dar aulas particulares, porém sempre gostei do ambiente escolar e quando tive essa imersão dando aulas eu me apaixonei e isso me trouxe aqui. Aquela minha amiga que perdia pontos justamente por ser minha amiga, começou o curso antes de mim e me contou um pouco sobre como funcionava e eu me apaixonei. A pedagogia nunca tinha sido algo idealizado por mim, que definitivamente não queria esse curso (antes da pandemia sonhava em fazer odontologia). É algo como se fosse um sonho plantado, para ser assim na minha vida. Não excluo a possibilidade de fazer algo na área da saúde mais tarde, porém agora estou realizada aqui ,no lugar onde estou agora.

Menção honrosa ao meu querido e melhor amigo que me obrigou a fazer o ENEM em 2021. Eu já tinha feito ENEM duas vezes e estava descrente que iria passar e ele pediu um uber direto para a prova com o dinheiro do lanche e a minha melhor amiga me levou uma garrafa d’água e chocolates. Sem vocês eu não estaria realizando o sonho de fazer faculdade na UFMG, até porque se dependesse só da minha pessoa, eu nem teria feito a prova.

E isso foi apenas um pedacinho da minha história escolar, obrigada pela oportunidade de escrever uma autobiografia.

ENTRE MEMÓRIAS UMA VIAGEM A MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

KAMILLY EDUARDA CARVALHO CAETANO

Eu, Kamilly Eduarda Carvalho Caetano, nascida em Belo Horizonte, no ano de 2002, possuo um irmão que é 5 anos mais velho. Minha mãe possui o Ensino Médio completo, enquanto meu pai é formado em Letras pela PUC, embora nunca tenha exercido a profissão.

Nossa família é muito unida, e considero que cresci em um lar privilegiado, meus pais sempre incentivaram nossos estudos. Assim como Graciliano Ramos que afirmou: "Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça."(RAMOS, Graciliano 1945, p. 96), meus pais também queriam que eu tivesse uma boa formação. Eles me educaram com o lema de - "quero que você seja uma versão melhorada de mim e tenha um futuro melhor do que o que eu tenho". Dessa forma, houve uma pressão interna para que eu fosse uma boa aluna na escola, mas não no sentido negativo da palavra.

Meus pais sempre me forneceram todo o material e investimento necessário para que eu pudesse realizar os trabalhos escolares e me desenvolver na escola, e, no final das contas, acabei desenvolvendo um gosto por aprender e estudar. Nossa casa não possuía biblioteca, e meus pais não tinham o hábito de ler histórias ou estabelecer metas de quan-

tidade de livros que eu deveria ler por mês. No entanto, para agradá-los com meu desenvolvimento, eu mesma estabelecia essas metas, o que acabou me tornando uma aluna destacada ao longo da minha trajetória escolar. Não me lembro de algum dia em que meu pai tenha parado para sentar comigo e me ajudar com algum dever de casa, mas minha mãe sempre me incentivou com os recursos que tinha. Mesmo sem possuir muito conhecimento acadêmico, ela sempre foi minha referência, auxiliando-me na leitura, escrita, realização das tarefas e, principalmente, no estudo para as provas. Eu criava meu próprio material de anotações sobre as aulas e ela me ajudava a revisá-lo até que eu decorasse ou entendesse a matéria para a prova. Esse apoio mútuo ocorreu desde cedo e continuou até o 3º ano do Ensino Médio.

Ingressei na pré-escola aos 3 anos de idade em 2005, em uma escolinha particular do meu bairro chamada Pinóquio. Na época, a empresa em que meu pai trabalhava custeava a educação dos filhos dos funcionários. Foi lá que fiz alguns amigos com quem mantenho contato até hoje, eu era cheia de amiguinhos, me achava "a popular" da sala. Desde que me entendo por gente, sempre fui uma aluna muito dedicada, centrada, metódica e esforçada, pois queria dar orgulho aos meus pais. Apesar de ser rotulada como "Nerd"; desde o início da minha jornada escolar, eu não via isso como algo ruim. Sentava-me nas primeiras carteiras da sala devido a um problema de vista que tenho, mas achava isso ótimo, pois conseguia me concentrar melhor. Eu amava ajudar meus colegas com os exercícios e sempre gostei muito de ensinar. Sempre me vi como uma aluna esforçada e nunca gostei de tirar notas baixas. Por ser muito preocupada, adotava o lema de estudar tudo o que fosse proposto no menor tempo possível.

> **"Fui conhecida como a "puxa saco" da professora, lia todos os textos relacionados à matéria, assistia aulas em vídeo no YouTube antes das provas, fazia muitas perguntas, concluía os trabalhos o mais rápido possível e ficava chateada quando meus colegas de grupo procrastinavam. Esforçava-me para obter boas notas e não aceitava conceitos inferiores a A. Minha pré-escola, escolinha e escola do ensino fundamental davam notas com conceitos em letras, somente quando fui para o Ensino Médio, minhas notas começaram a ser numéricas.**

Lembro-me de que, nos meus primeiros anos na Escola Pinóquio e posteriormente no ensino fundamental, todas as manhãs nos alinhávamos em fila para cantar o hino nacional brasileiro. Assim como Frei Betto, estudei em uma escola tradicional e nacionalista. Em um de seus escritos, ele relata: "Entrávamos em fila por ordem de estatura, pequenos à frente, maiores atrás"; (BETTO, Frei 2002, p. 61). Da mesma forma, seguíamos essa tradição e, em seguida, cada turma ia para sua sala de aula, onde a professora se posicionava na frente da classe, pedindo que pegássemos nossos cadernos e copiássemos (como robôs) o que ela passava no quadro. As atividades eram compostas por palavras e sílabas para completar, frases para decorar, desenhos para relacionar, números para sequenciar e vogais para memorizar.

Recordo-me da professora percorrendo as carteiras, elogiando as letras bonitas e pedindo aos alunos que caprichassem na escrita. Sentia-me satisfeita quando recebia bilhetes da professora Adriana elogiando meu capricho e empenho. Durante as aulas, recitávamos sílabas juntos, quase como um coro, unindo as letras para formar sílabas e, posteriormente, palavras curtas, que gradualmente se tornaram mais complexas. Ficava impressionada com o mundo de novas palavras que estava descobrindo, mas às vezes achava um pouco entediante, pois aprendia rapidamente e precisava esperar meus colegas, que tinham mais dificuldades, acompanharem. Infelizmente, nem sempre conseguia ajudá-los.

Embora na época eu não tivesse plena consciência da importância da alfabetização e letramento, percebo que muitas influências do meu presente são explicadas pelo meu passado.

Por exemplo, como afirmou Freire: "a memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto" (FREIRE, Paulo 1981, p. 18). Muitas vezes, mesmo durante meus últimos anos na escola, quando a professora mencionava a descrição de um objeto, eu o decorava e instantaneamente a imagem vinha à minha mente. No entanto, na maioria das vezes, eu não conseguia identificar qual era a utilidade daquele objeto no meu cotidiano nem sua função social no mundo.

Além disso, como Freire também apontou: a ideia de que professoras e professores desejam que os estudantes leiam um número específico de capítulos de livros em um semestre reside em uma compreensão equivocada do ato de ler (FREIRE, Paulo 1981, p. 19).

Com frequência, eu lia muitas coisas sobre a matéria antes de trabalhos ou provas, mas não conseguia encontrar utilidade prática no que estava lendo em minha vida diária. Dessa forma, durante o período de avaliação, eu acabava memorizando todo o conteúdo das aulas, para a prova, apenas para esquecer grande parte desse conhecimento após o término da disciplina.

Voltando à influência dos meus pais no meu processo escolar, eles sempre foram muito presentes e rigorosos. Levavam-me e buscavam-me na escola, e no meu último ano na educação infantil, lembro-me de dois episódios que foram marcantes para mim. O primeiro foi quando pude ter uma festinha com o tema ballet no recreio da escola, com todos os meus coleguinhas presentes. Isso me deixou muito feliz, pois era bastante "querida" na escola. O segundo episódio aconteceu no final do ano, quando a escola promoveu uma noite do pijama para os formandos. Passei meses pedindo aos meus pais que me deixassem participar, e no final eles permitiram, já que eu não poderia participar da formatura devido ao seu alto custo, que meus pais não podiam pagar, já que eles tiveram que arcar com algumas cirurgias que precisei fazer em 2008, quando eu tinha 6 anos, devido a deficiência ocular que possuo.

Aquela noite do pijama foi a primeira vez que participei de algo assim, já que não possuía o hábito de dormir fora de casa e foi mágico passar o dia todo com os meus colegas.

Então no período da tarde (que era o meu turno), tivemos aula normal, e durante o fim de tarde e à noite houve várias brincadeiras e barraquinhas para os alunos, e dormimos todos juntos bem pertinho uns dos outros. São lembranças que vão além da sala de aula, mas que deixaram uma marca positiva em minha trajetória infantil.

Em 2009, após a formatura no Pinóquio, ingressei em uma escola do ensino fundamental chamada Escola Municipal Professor João Camilo, localizada em um bairro não muito distante da minha casa. Permaneci nessa escola até a minha formatura no 9º ano, em 2017. Durante esses anos, eu estudava de manhã e, no período da tarde, frequentava a escola integrada (que eu não gostava muito), pois era muito apegada a minha mãe, mas tive que aprender a lidar com a situação pois meus pais trabalhavam durante o dia todo e não tinham com quem me deixar. Mantive o mesmo comportamento que tinha na educação infantil e não enfrentei muitas dificuldades com a mudança de escola. Eu ficava empolgada com a ideia de estar crescendo e explorando novos horizontes. Para ir de casa até a escola, precisava atravessar uma rodovia, e meus pais consideravam perigoso ir a pé e sozinha.

Um colega chamado Matheus, com quem estudei no Pinóquio, também foi para essa escola, e permanecemos na mesma turma durante a maior parte dos anos. Isso foi muito gratificante para mim, pois já conhecia alguém na escola e não me sentia sozinha. No entanto, também fiz novas amizades, algumas das quais se tornaram duradouras. Comecei a me sair bem nas matérias de humanas, pois sou muito sonhadora e acredito, como defendido por Frei, que "as palavras têm o poder de

suscitar emoções, alegres ou tristes, repletas de paz ou cheias de ódio" (BETTO, Frei 2002, p. 66). Nessas matérias, obtive as maiores notas, embora tivesse dificuldades em geografia. Nas demais disciplinas, como português, história e arte, tenho um carinho especial.

Eu participava das apresentações escolares todos os anos, apresentando a música "Sou um livrinho falante e não paro na estante". Eu me esforçava bastante em todas as matérias e nunca tive muita dificuldade. No entanto, nas disciplinas de exatas, precisava me dedicar mais. Na maior parte do tempo, eu não entendia muito bem as fórmulas e conceitos de matemática e ciências, e muitas vezes as via como "vilãs" da minha trajetória, por não enxergar sua aplicabilidade no meu dia a dia. No entanto, isso também me motivava a me esforçar mais nessas disciplinas, pois decepcionar meus pais e a mim mesma com uma nota baixa não era uma opção. Não gosto de dizer que não gostava dessas matérias, pois gosto muito de estudar de forma geral.

Minha relação com os professores continuou sendo boa, sem muitas mudanças em relação a forma como eu me comportava com eles na educação infantil. Obviamente, houve um aumento na cobrança por parte deles, mas considero que atendi às expectativas. Eu buscava manter um bom relacionamento, pois passava a maior parte do meu dia com eles, em vez de estar com minha família ou amigos. Mesmo com aqueles que eu considerava mais chatos, eu me dedicava (e, para ser sincera, ainda sou assim na faculdade nos dias de hoje).

No entanto, devo dizer que ao longo de toda a minha trajetória escolar tive sorte, no geral, pois nunca tive professores muito difíceis de lidar. Embora tenham ocorrido algumas situações que, na minha opinião, poderiam ter sido conduzidas de maneira diferente, tive sorte e não posso reclamar. Não tenho nenhuma marca negativa deixada pelos meus professores.

Pelo contrário, tenho marcas positivas deixadas por eles, que me ensinaram muitas coisas importantes.

Um exemplo que me marcou foi ter tido uma professora de matemática chamada Claudia, que era muito exigente, uma das mais exigentes que já tive. No entanto, aprendi muito com ela, não apenas sobre a matéria, mas também como uma referência profissional que eu gostaria de me tornar. Ela foi uma das professoras que mudou a minha trajetória na escola. Coincidentemente, ela apresentou à turma algo que foi dito por Freire há muito tempo: 'A compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia"; (FREIRE, Paulo 1981, p. 14). Ela conseguiu realizar uma interdisciplinaridade ao mostrar que a matemática não é difícil, não é um bicho de sete cabeças, mas sim uma forma precisa de ver o mundo particular de cada um. Cabe a nós, quando estamos no papel de alunos, nos dedicarmos ao que estamos aprendendo, mergulhando de cabeça para entender as coisas à nossa maneira.

Cada um de nós aprende de uma forma única, cada um possui suas habilidades únicas, e está tudo bem. Nós só precisamos descobrir como ler o mundo que nos move. Durante as aulas, ela possuía uma didática incrível, diferente de outros professores que apenas passavam a matéria no quadro e esperavam que copiássemos, por exemplo meu professor de geografia e português. Ela nos levava para o laboratório, repetia a matéria quantas vezes fossem necessárias e despertava nossa curiosidade. Alguns alunos não gostavam dela por considerarem suas provas difíceis, mas como eu me dedicava bastante aos exercícios, não encontrava essa dificuldade. Tive também uma professora de ciências e arte que eram muito legais. As três professoras eram muito próximas e tinham um estilo de ensino semelhante, o que combinava com o meu jeito de aluna. Por causa delas, comecei a gostar um pouco mais dessas matérias e elas passaram a ser as minhas favoritas, mesmo quando achava algo muito difícil, eu buscava meios para superar minhas limitações e deixá-las orgulhosas.

Em contrapartida, outra professora que marcou minha trajetória foi a Fabiana, professora de história com quem tive aula no ensino médio.

Lembro-me de um trabalho que realizamos no meu 9º ano do ensino fundamental, no qual deveríamos assistir ao filme "O Menino do Pijama Listrado"; e ler o livro "A Revolução dos Bichos", de George Orwell com o tema: fábula sobre o poder, e depois montar um debate sobre os temas abordados. Na mesma época, estava sendo lançada na Netflix a série "13 Reasons Why", que aborda questões consideradas tabus dentro das escolas, como as consequências do suicídio de uma estudante. A professora teve a ideia de incluir esse tema no nosso trabalho, mas a direção escolar não liberou o projeto, o que causou frustração tanto na Fabiana quanto em nós, alunos, que estávamos ansiosos para debater sobre o assunto.

Esse fato me marcou profundamente, primeiro porque percebi que às vezes os professores precisam lutar pelos alunos, e segundo porque constatei que, às vezes, dentro das escolas, nem tudo é possível, mesmo que os profissionais da educação queiram que aconteça.

A professora explicou o ocorrido para a turma e seguimos em frente, mas o aprendizado ficou.

Eu fui tão feliz no meu ensino fundamental quanto fui na pré-escola e na educação infantil. Mantive meu padrão de notas alto e permaneci sendo uma aluna muito dedicada. Precisei me adaptar à nova rotina de passar o dia todo na escola, longe dos meus pais. As dificuldades e cobranças aumentaram, os desafios eram maiores, mas consegui superá-los.

Sempre que pude, ajudei meus colegas, e ao longo desse período conheci pessoas incríveis.

Tiramos muitas fotos, aprendemos, sorrimos e também choramos quando esse ciclo chegou ao fim. Embora nem todos os dias tenham sido perfeitos, não consigo me recordar de nenhum episódio que tenha me marcado negativamente. Portanto, até esse momento, meu percurso escolar não fugiu muito da normalidade que se espera do ensino.

Já em 2018, quando ingressei no ensino médio, ocorreu uma mudança significativa em minha vida. Fui matriculada em uma escola distante de casa, chamada Escola Estadual Maurício Murgel, onde estudei até o meu 3º ano em 2020. Infelizmente, esse foi o ano em que a pandemia começou, e fui obrigada a ter aulas remotas por meio do ensino à distância (EAD - PET). Dessa forma, no meu primeiro ano tive aulas no turno da tarde pela primeira vez e no segundo ano voltei para o turno da manhã, mas o terceiro ano foi praticamente desprovido de aulas presenciais, o que foi extremamente frustrante para mim. Eu tinha grandes expectativas para os anos finais da escola, mas infelizmente elas não se concretizaram, mas falarei sobre isso mais adiante.

Eu precisava acordar por volta das 6 horas para ir à escola. Saía de casa às 06h e 30m e logo nos primeiros dias conheci um colega que me dava carona, o que me tranquilizou, pois não precisaria pegar ônibus nessa parte do percurso. No entanto, na volta para casa, ainda precisava pegar o ônibus sozinha, o que se tornou um pesadelo para mim. Essa foi uma fase da minha vida em que enfrentei grandes dificuldades, pois estava em transição de ser uma menina criança para uma menina adolescente, o que meus pais costumavam chamar de arborescência.

A aula em uma escola totalmente nova, sem conhecer ninguém na minha sala, foi difícil, na verdade, os primeiros dias foram terríveis. Demorei um tempo para me adaptar ao ambiente da sala de aula e para acompanhar o novo ritmo das aulas. Após alguns meses, as coisas começaram a se ajeitar e o medo do desconhecido diminuiu. Recuperei a minha confiança e retomei o meu hábito de ser uma aluna dedicada, assim como fui no meu primeiro ano do ensino médio.

No meu segundo ano, tive novamente a confirmação de que sou uma pessoa de humanas. Recebi a minha primeira e única nota zero na escola em uma prova de física. Não consegui responder nenhuma questão, pois tinha muita dificuldade na matéria. Fiquei arrasada com a minha nota, mas depois de alguns meses superei essa situação. Consegui me recuperar na matéria e não precisei fazer recuperação. Os meus professores do ensino médio eram mais rígidos e a cobrança aumentou conforme o final do ano e o ENEM se aproximavam.

O meu terceiro ano foi muito atípico. Tive poucas semanas de aula em fevereiro e o restante do ano foi marcado pelo lockdown, com aulas online ministradas pelo governo e exercícios do PET (Programa de Educação Tutorial). Distanciei-me dos meus colegas e professores, não houve provas, trabalhos, blusa, dia D ou festa de formandos. O terceiro ano praticamente não existiu para a preparação do ENEM. Essa situação foi extremamente frustrante e serviu como um grande teste para a minha dedicação aos estudos. Precisei desenvolver autonomia para estudar sozinha, sem o contato físico com os professores. Não foi fácil, esse período foi marcado por noites sem dormir, desespero e até mesmo a necessidade de buscar ajuda de um psicólogo, pois sou muito ansiosa e não gosto de situações que fogem do meu controle ou de ficar sem saber o que fazer.

No entanto, com muita superação e enfrentando desafios, consegui me reinventar e alcançar uma nota suficiente para entrar na tão sonhada UFMG e cursar Pedagogia, o curso dos meus sonhos. Atualmente, estou no terceiro semestre e tenho uma visão totalmente diferente sobre a escola em comparação ao que tinha quando era aluna. Meu único arrependimento é não ter tido maturidade suficiente para compreender a importância da escola na vida de um aluno. Apesar dos altos e baixos, o meu percurso foi repleto de aprendizados e guardo no coração boas memórias e amizades. Como futura professora, tenho como objetivo marcar positivamente a vida dos meus alunos, assim como alguns professores marcaram a minha. Vejo meus futuros alunos como produtores de conhecimento autônomos, críticos e reflexivos.

De acordo com Freire, "o ato de ler implica sempre percepção crítica, interpretação e reescrita do lido" (FREIRE, 1981, p. 24) e, como disse Frei Betto, "as palavras têm o poder de suscitar emoções" (BETTO, 2002, p. 66). Como mediadora, pretendo ajudá-los a encontrar significado em aprender sobre o mundo, sempre relacionando o aprendizado da sala de aula com suas práticas cotidianas. Isso é diferente do que ocorreu em vários momentos da minha trajetória educacional. Apesar dos altos e baixos, considero que o meu percurso foi muito enriquecedor.

RELAÇÃO COM A LEITURA E MEUS ANOS INICIAIS DE ESCOLARIZAÇÃO

KEILA DA SILVA GONÇALVES

Nasci em Belo Horizonte, Minas Gerais. Meus pais são Aline Dias e Ricardo Gonçalves. Tenho dois irmãos mais novos, Pablo e Camila. Morei grande parte da minha vida em Santa Luzia, perto dos meus parentes paternos, porém, vivia transitando entre meus parentes maternos devido ao relacionamento instável dos meus pais.

No meio familiar, quando tinha entre 3 e 4 anos, já era acostumada a ser presenteada com livros. Minha mãe foi quem cultivou em mim o hábito da leitura, ela gostava de ler e até mesmo escrever poesias, dessa forma, sempre que podia ela lia para mim. Desde antes de aprender a ler, eu já me interessava pelos livros, gostava de fingir que estava lendo e de folhear as figuras dos livros, tanto infantis quanto qualquer outro que houvesse figuras.

> **"Lembro-me vividamente dos meus primeiros livros. Eram pequenos, com páginas finas e cheias de cores vibrantes. Um deles contava a história do Bambi, um cervo filhote que vivia na floresta. Minha mãe costumava sentar comigo no sofá e abrir um desses livrinhos em**

suas mãos. Enquanto ela lia em voz alta, eu me encantava com as ilustrações. Cada página era um convite para mergulhar em um novo mundo.

Eu me imaginava voando com pássaros coloridos, brincando com animais falantes e explorando castelos encantados. As palavras da minha mãe davam vida a essas cenas e minha imaginação ganhava asas. Minha mãe também me ensinou a cuidar dos meus livros. Ela me ensinou a virar as páginas com cuidado, a não rabiscar ou rasgar as folhas. Eu tratava meus livros como tesouros preciosos, guardando-os com carinho na minha estante. No entanto, a experiência mais especial que compartilhei com minha mãe foi a hora de dormir. Sempre que podia, à noite, ela se deitava comigo na cama e lia uma história para mim. Era um momento mágico, em que nossos corações se conectavam através das palavras. Eu me aconchegava debaixo das cobertas, ansiosa para descobrir qual seria a nova aventura da noite. A voz da minha mãe ecoava suavemente no quarto enquanto ela dava vida aos personagens e aos enredos. Suas palavras me acalmavam e me envolviam em um abraço reconfortante. Eu adormecia com sonhos repletos de histórias e acordava ansiosa para viver novas aventuras no mundo dos livros. Aquela experiência com livros na minha infância deixou uma marca profunda em mim.

Através das histórias, eu aprendi sobre empatia, imaginação e criatividade. Descobri que as palavras têm o poder de nos transportar para além da realidade e nos ajudar a compreender melhor o mundo ao nosso redor. Acredito que, devido a essa experiência, fui uma criança que aprendia rápido, minha mãe relatou que as professoras da educação infantil sempre me elogiavam, tanto porque eu gostava de ir para a escola e nunca chorava por estar longe da minha família, quanto pelo meu aprendizado satisfatório.

Nas reuniões de família, minha mãe sempre trazia à tona, cheia de orgulho, um acontecimento com uma das minhas professoras: eu havia me formado na educação infantil.

Organizando meus materiais escolares, minha mãe sentiu falta de um dos meus cadernos. Ela gostava de guardar minhas lembranças da escola, e como eu, nem ninguém da família sabia onde estava esse caderno, ela foi na escola, na intenção de falar com a professora regente da turma. Esta relatou que estava com o caderno e que gostaria de guardá-lo como uma lembrança, pois era o caderno mais caprichado que ela já havia visto.

Um dos meus lugares favoritos da escola, ao longo de todo o meu período escolar e até hoje na faculdade, é a biblioteca, apesar de hoje eu não frequentar tanto esse espaço, é onde eu me sinto bem, onde eu sinto que tenho portas e janelas de possibilidade ilimitadas.

Durante os anos iniciais do meu ensino fundamental, estudei em duas escolas diferentes. Uma no bairro Jardim Vitória em Belo Horizonte e a outra, no bairro Duquesa II em Santa Luzia, cidade onde estabilizei e fiquei até completar o ensino médio. Um dos dissabores que me marcou bastante nessa época, foram os cadernos de caligrafia. Logo que aprendi a escrever, minha mãe me obrigou a praticar escrita neles. Se a Graciliano Ramos foi imposta a escravidão da alfabetização (1993), a mim foi imposta a escravidão estética da língua escrita. Era tedioso ter que praticar a caligrafia da letra cursiva todos os dias depois da aula, fiquei com tanto remorso que logo depois que deixei de ser acompanhada tão de perto pela minha mãe, parei de usar a letra cursiva.

Lembro que amava a escola do Jardim Vitória. Além de ter muitos amigos, a escola integrada fazia com que eu gostasse de passar - além da manhã - a tarde inteira dentro do ambiente escolar. Fazia aulas de flauta, brincava na quadra com jogos de tabuleiro, bambolê. E ainda tinha o programa escola nas férias, em que a escola ficava aberta e oferecia diversas brincadeiras e atividades durante todo o período de férias. Esse tipo de programa nas escolas é muito importante para comunidades como a do Jardim Vitória, onde o nível socioeconômico baixo e os altos índices de criminalidade, deixam as crianças vulneráveis em seus ambientes cotidianos.

Lembro-me de quando fomos aprender a escrever com letra cursiva, a professora e meus colegas ficaram impressionados quando mostrei que já sabia desenhar algumas formas. Sempre que minha mãe podia, comprava algum livro pra mim.

Hoje em dia, tenho a convicção que só gosto de ler porque minha mãe me introduziu nesse mundo desde muito nova, o que não aconteceu com meus irmãos, que diferente de mim, não leem nenhum livro que não sejam livros escolares para produção de para-casas e trabalhos da escola.

Com 6 ou 7 anos, eu experienciei um episódio em que passei mal por causa de uma gelatina que havia comido, fiquei uns dias internada e depois de voltar pra casa, minha mãe havia comprado um livro infanto-juvenil que trazia algumas curiosidades peculiares, uma delas era a composição da gelatina. Foi nessa época que descobri que a gelatina era feita - dentre outras substâncias - de uma proteína chamada colágeno, e que esse colágeno é extraído dos ossos e tecidos de ligação de vacas e porcos. Com a experiência de ter ficado internada por causa da gelatina e depois de descobrir esse fato, nunca mais consegui comer gelatina.

Outra memória que tenho dessa época, foi quando ganhei o livro "Menina Bonita do Laço de Fita", em que conta a história de uma menina negra que conhece um coelho branco, que fica apaixonado por ela. Eu amava essa história, li e reli várias vezes, acho que nunca tinha visto uma menina negra estampada em um livro, ficava admirada. Depois desse, nunca mais li nenhum livro com uma protagonista ou de uma autora negra.

Atualmente, tenho consciência da importância de estar em contato com produções negras diversas, porém naquela época não eram muitos os livros como aquele.

Eu gostava da escola em Santa Luzia, porém não era comparável a anterior. Era uma escola menor, e não havia nada além das aulas e as festas anuais normais. Não me lembro de como foi minha adaptação, não tinha muitos problemas para fazer amigos com essa idade e acredito que logo já estava me sentindo parte daquele ambiente. Lembro-me quando o sinal do recreio ecoava pelos corredores da escola, libertando-nos das salas de aula como pássaros que finalmente encontram asas. O recreio era o momento em que as regras formais se desvaneciam e éramos livres para sermos crianças, imersas em um mundo de brincadeiras e interações sociais. Os monitores até tentavam nos controlar, pedindo para não corrermos, por exemplo, mas era inútil. Num segundo obedecíamos e no segundo seguinte voltávamos a correr. Eu amava esses momentos com meus amigos. Comíamos o almoço rapidamente na cantina, para logo começar a brincar. Fazíamos competição pra ver quem comia mais rápido, quem terminava por último "era a mulher do padre". Após o almoço, dirigíamo-nos ao pátio do recreio com uma energia contagiante. Éramos como uma pequena tribo, ansiosos para explorar todos os cantos do espaço ao ar livre. O playground se tornava nosso universo, com seus escorregadores coloridos, balanços que nos levavam ao céu e barras de ferro que desafiavam nossa força e habilidade. As brincadeiras eram o coração do recreio. Pulávamos cordas, jogávamos queimada e inventávamos jogos com regras que apenas nós entendíamos. Era uma dança caótica, onde nós todos éramos protagonistas e aprendíamos as sutilezas das dinâmicas sociais.

Às vezes, surgiam conflitos e desentendimentos, mas logo eram resolvidos com a ajuda da negociação infantil e da compreensão mútua. À medida que o sinal do fim do recreio se aproximava, reuníamo-nos para uma última aventura coletiva. Às vezes, era uma corrida desenfreada, outras vezes uma rodada final de brincadeiras. Sentíamos uma melancolia no ar, sabendo que logo teríamos que voltar para nossas salas de aula e retomar as nossas obrigações escolares.

Eu gostava do momento das festas de família, porém o processo era sempre a melhor parte. Seja na quadrilha, ou nos outros tipos de festas realizadas durante o ano, as professoras sempre preparavam uma

apresentação para os familiares. E sair da sala para ensaiar era muito melhor do que ficar em sala copiando matéria e fazendo exercícios. A festa junina era um dos momentos mais aguardados do ano na escola. Já em abril, a professora nos convocava para os ensaios da quadrilha que apresentaríamos na festa. Era uma mistura de empolgação e nervosismo, pois tínhamos que aprender os passos coreografados e garantir que tudo saísse perfeito no dia da apresentação. Os ensaios aconteciam no pátio da escola, a professora sorteava as duplas, além de quem seria o padre e os noivos. Ela tinha uma paciência infinita, corrigindo nossos passos desajeitados e incentivando-nos a nos divertir durante o processo. Lembro-me dos ensaios intensos, com os acordes alegres da música caipira ecoando pelo ar.

A cada semana, nos tornávamos mais confiantes e familiarizados com os movimentos. Em todas as festas juninas que participei, o clima na escola era contagiante, com bandeirinhas coloridas e balões enfeitando todo o ambiente. Os cheiros irresistíveis de pipoca, maçã do amor e canjica enchiam o ar, provocando nossos estômagos. Todos ficávamos animados, vestidos a caráter e ansiosos para compartilhar nossa apresentação com nossos familiares. Eram momentos realmente memoráveis. Minha mãe sempre ficava empolgada e toda orgulhosa em me ver dançar. Quando chegava a vez da minha turma apresentar, sempre estava por perto tirando fotos e acenando sorridente. Na escola, se por um lado eu era muito boa em português porque gostava de ler, por outro, era péssima em matemática.

Desde muito cedo, eu percebi que tinha dificuldade com os números. Enquanto meus colegas pareciam entender naturalmente os conceitos matemáticos, eu ficava perdida e confusa. Lembro-me de quando comecei a aprender multiplicação e divisão. Enquanto os outros alunos pegavam rapidamente a ideia de multiplicar e dividir os números, eu lutava para acompanhar. Ficava frustrada quando via todo mundo terminando as atividades e eu ainda estava lá, tentando descobrir a resposta certa. Parecia que eu estava sempre um passo atrás. As tabelas de multiplicação pareciam uma confusão para mim, e eu não conseguia memorizar os resultados. Porém a divisão era o meu pior pesadelo.

Uma vez, no horário de matemática, estávamos fazendo uma prova de divisão, o tempo da prova acabou e eu não havia finalizado ainda. Alertei a professora que estava com muita dificuldade, ela deixou que eu continuasse no pátio da escola, tentou me explicar novamente algumas regras e conceitos da divisão para fazer as questões e depois mandou o melhor aluno da sala – em matemática - para me ajudar também. Ele tentava me explicar e eu não entendia nada, no final, fingi que entendi para ele ir embora e fiz qualquer conta na prova, apenas para não entregar em branco.

Nas aulas de matemática, eu me sentava na minha carteira, olhando para o quadro, tentando entender os problemas que a professora apresentava. Eu ouvia atentamente as explicações, mas por mais que eu tentasse, as informações não se fixavam na minha mente. Parecia que eu estava sempre presa em um ciclo de confusão e desânimo. Multiplicação foi um pouco mais fácil de aprender. Em casa, eu tive a iniciativa de começar a decorar a tabela. Lembro até mesmo de uma das minhas decepções com meu pai, quando estava decorando e pedi para ele me testar, na ocasião ele fez pouco caso do que eu estava fazendo e não me ajudou, decidi continuar sozinha. Lembro disso pois foi uma forte emoção de decepção, pois aquele momento era muito importante pra mim.

Apesar de sempre ouvir dos meus pais que eu tinha que estudar para ser alguém na vida, que eu tinha que passar de ano e tirar boas notas, eles não eram muito dedicados em se preocupar com minhas dificuldades e pelo que eu passava na escola. Quando percebi isso, parei de falar sobre o que acontecia comigo no ambiente escolar. Hoje entendo que minha mãe era realmente muito ocupada, lidava com muitas preocupações e não tinha tempo realmente de cuidar e estar comigo e com

meus irmãos em todas as situações. Não me lembro como lidei com a divisão e com as outras operações básicas, mas não aprendi da forma que deveria, pois, já estudando para o vestibular, novamente o fantasma da matemática básica me assombrou e tive que estudar e aprender tudo de novo, desde o início.

A falta de tempo, a impaciência, dentre outros comportamentos que meu pai e minha mãe tinham dentro de casa, moldaram na minha infância, a partir dos 6 ou 7 anos, uma forma de agir disfuncional. Lembro-me de que fui uma criança extremamente tímida, insegura, que tinha dificuldade de dizer não e de se afirmar. Meus pais sempre foram muito exigentes, em todos os contextos da vida, queriam que com 9, 10 anos eu tivesse a responsabilidade e a maturidade de uma pessoa adulta. Com essa idade, eu já fazia todas as tarefas de casa – pois minha mãe e meu pai saíam cedo para trabalhar e voltavam à noite – e quando não estava na escola, estava cuidando da minha irmã.

Sendo assim, a culpa de tudo o que acontecia em casa na ausência dos meus pais caía em cima de mim. Além de lidar com inúmeras responsabilizações, também tinha que lidar com os estudos e tudo o que acontecia na escola.

Comecei a sofrer bullying a partir do 5º ano do fundamental, não lembro se eu já sofria antes disso, mas as memórias mais antigas que tenho são de quando eu tinha 10 anos. Eu tinha uma suposta amiga, que num determinado momento passou a me odiar. Ela era a menina mais popular da escola, pois era branca, loira, e tinha o corpo de uma menina de 15 anos, o nome dela era Natália. Todos os meninos eram atraídos por ela. Nos tornamos amigas porque meu avô era próximo de sua mãe, num dado momento passamos a ir andando juntas para a escola todos os dias, e eu já percebia que ela tinha a necessidade de diminuir os outros para se sentir bem consigo mesma. Não lembro o que aconteceu entre nós, porém, quando não tínhamos mais uma relação de amizade, em todas as oportunidades que ela tinha, ela fazia questão de me humilhar dentro de sala de aula, fazendo todos da turma rirem de mim.

O mais engraçado, em todos os anos de bullying, foi que nunca, nenhum professor fez absolutamente nada para impedir o que vinha acontecendo. Como eu já não falava mais com meu pai e minha mãe sobre o que acontecia na escola, acabei aguentando calada e sozinha. O que hoje acho que foi uma das piores decisões que eu tomei na vida, porém foi a melhor que eu consegui tomar na época.

Parece que a Natália inaugurou, entre meus colegas de sala, uma nova forma de me tratar. A partir daí, ir para a escola foi perdendo o brilho, enquanto eu deveria focar em aprender, comecei a fazer um grande esforço para ser aceita. Outro motivo importante para eu não ter denunciado para meus pais o bullying que eu estava sofrendo na escola era o orgulho. Eu tinha sido criada pra ser forte, pra não demonstrar fraqueza, pra não chorar na frente dos outros. Meus pais – de forma inconsciente - me criaram assim. Era humilhante demais sequer pensar em contar aquelas coisas para eles. Mesmo hoje em dia, eles ainda não sabem pelo que eu passei.

Nessa época, meu avô e minha avó eram bastante presentes na minha vida, como morávamos com meus avós – e meus pais saíam cedo para trabalhar e voltavam apenas a noite - eram eles – especialmente meu avô - quem ficavam comigo e com minha irmã mais nova.

Fazendo um adendo, também houve um episódio no ano anterior ao nascimento da minha irmã, em 2005, em que meu pai e minha mãe foram para Portugal trabalhar e juntar dinheiro para finalmente realizar o sonho da casa própria. Nesse tempo, morei com meus avós paternos, o que contribuiu ainda mais para o apego. Minha mãe ficou um ano e meio, voltou grávida da minha irmã, meu pai voltou depois, no momento em que voltaram moramos na casa dos meus avós, enquanto nossa casa era construída.

Continuando, enquanto minha avó se arrumava para o trabalho todas as manhãs sem falta, meu avô Rafael preparava o café da manhã

e garantia que estivéssemos prontos para a escola. Ele era o responsável por nos levar e buscar na escola. Em contraste com a minha avó, meu avô era um homem que não demonstrava muito afeto ou fraquezas, mas era sociável e simpático com todas as pessoas, e muito brincalhão com a gente, apesar de firme com coisas que o irritavam ou que ele não gostava. Ele fazia todas as tarefas domésticas, assumia o comando da cozinha, preparava o almoço, para quando voltássemos da escola e o jantar.

Dona Maria chegava em casa tarde, após um dia de trabalho. Minha avó era costureira, tinha sua própria loja de remendos de roupas. Ela se esforçava para passar algum tempo conosco quando chegava do trabalho, ouvindo nossas histórias do dia e nos ajudando com os deveres de casa. No entanto, o peso das responsabilidades e do cansaço nem sempre permitiam que ela desfrutasse de momentos tranquilos conosco.

Também não contei sobre o bullying para nenhum dos dois, porém, era meu avô quem sempre me acobertava quando eu precisava. Quando aprontava alguma coisa na escola e levava alguma advertência, por exemplo, meu avô assinava as advertências sem contar pra minha mãe. Eu implorava para ele não contar, e como tinha um coração mole, realmente não contava. Isso acontecia porque minha mãe nos batia ou nos colocava de castigo quando fazíamos algo errado, não a culpo, era a forma dela de correção, porém meu avô não gostava, e eles já haviam entrado em vários conflitos devido a isso.

Eu e meu avô éramos muito próximos, eu era sua primeira neta e passara muito tempo com ele nos poucos anos de vida que eu já acumulava. Quando era um pouco mais nova, gostava de dormir com ele ao invés de dormir no quarto da minha mãe e do meu pai.

Em 2009, mais ou menos, nos mudamos nossa casa própria. Então, me afastei um pouco do meu avô e da minha avó, porém ainda os visitava constantemente, pois morávamos na mesma quadra. Além disso, todo cair da noite meu avô visitava minha tia avó, sua irmã, que era nossa vizinha. Sendo assim, mesmo morando em casas diferentes, nos encontrávamos sempre. Os anos finais do meu ensino fundamental e médio foram turbulentos, tanto no que tange a relação com meus familiares, quanto na escola.

Continuei sofrendo bullying ao longo de todo o período escolar, o que apenas amenizou nos anos finais do ensino médio, porém não cessou completamente.

Em nenhum, de todos esses anos de estudo, eu quis, nem mesmo me imaginei cursando o ensino superior, muito menos o curso de pedagogia. Eu já quis ser cantora, atriz, milionária, mas nunca professora. A paixão pela educação veio quando percebi sua força transformadora. Quando, estudando para o vestibular, vi tudo o que eu achava que era, ser transformado, me tornei alguém irreconhecível para todo mundo que me conhecia.

A educação me abre inúmeras portas e janelas, e acredito que continuará abrindo, não só pra mim, enquanto eu acreditar.

PERSONAGENS QUE VÃO ALÉM DAS FOTOGRAFIAS NA ESTANTE

KELY MARIA EVANGELISTA

Natal de 1969, eu tinha 3 anos e meio de idade e a minha irmã, 6. Ela ganhou um presente inusitado ao meu ver: material escolar! Foi o meu primeiro contato com todos aqueles objetos que provocaram em mim uma mistura de emoções. Primeiramente, o encanto e a curiosidade, depois a sensação de se abrir uma porta mágica para um mundo novo do desenho! Um mundo de ideias começou a fervilhar em meus pensamentos e comecei a sonhar com incríveis possibilidades. Entretanto, mesmo que pareça paradoxo, senti uma dor no peito, acredito que foi a primeira vez que eu senti indignação com os meus pais e possivelmente ciúmes, seguidos da frustração, pois a minha irmã guardou todos aqueles materiais e eu percebi que eu não teria acesso aos objetos encantados e toda a minha euforia aquietou-se.

O meu desapontamento foi tão grande que não me recordo se naquela data festiva eu ganhei algum presente... Possivelmente sim, pois apesar dos meus pais terem baixa escolaridade, de serem um tanto quanto rudes, e digo isso pelas surras que levávamos por qualquer motivo, na medida do possível eles tentavam lidar com os filhos de forma semelhante.

A partir deste Natal de 1969, eu passei a contar nos dedos os próximos Natais, na expectativa de chegar a minha vez de ganhar o meu material encantado, ou melhor, o meu material escolar. Entretanto, enquanto isso não acontecia, sempre que eu tinha oportunidade, espiava os cadernos da minha irmã, arriscava copiar alguns desenhos. Por esta razão, atribuo à minha curiosidade por cartilhas e cadernos de atividades escolares, os meus primeiros contatos com as letras que desafiavam a decifração.

Eu nasci em Brasília, no seio de uma família tradicional e muito simples, que trabalhava em prol da educação dos filhos e da construção do seu patrimônio. Mas, a precariedade foi muito marcante, pois morávamos em uma região satélite da capital, chamada Gama, onde, na década de 60, a urbanização era pouca, não havia leite de vaca para as crianças e nem hospital. Meu pai se deslocava para o trabalho, localizado na região do Plano Piloto, todos os dias, de Jeep, que era o único modelo de automóvel que circulava por lá, enquanto a capital ainda estava em construção.

Sobretudo, relembrar o meu processo de alfabetização, da escrita e da leitura, é reviver um momento muito marcante, significativo e delicado da minha infância, pois os meus pais e a minha irmã não eram de muito diálogo, na maioria das vezes eu não obtinha respostas aos meus questionamentos. O meu pai quase não conversava, acredito que pelo cansaço e pela pressão, ambos impostos pela profissão, servidor da Polícia Federal, que havia sido criada há poucos anos e, porque estávamos vivendo um momento histórico e político muito incerto, em plena ditadura militar. Minha mãe e minha irmã, creio que não conversavam por possuírem uma personalidade mais introspectiva. Já eu, era muito tagarela e curiosa, enlouquecia a todos com as inquirições. E por isso, talvez a frase que eu mais tenha ouvido entre os meus 4 e 6 anos tenha sido: "você ainda não tem idade para isso, vá brincar lá fora!". Ademais, naquela época não tínhamos televisão e acredito que por isso eu tinha

muitos amigos imaginários, conversava com os animais e objetos. A propósito, o meu coração bate mais forte pelos pets até os dias de hoje.

Passados 57 anos, fazer esses recortes nas minhas memórias de escolarização ainda me emocionam demasiadamente.

Aos 6 anos, eu já morava em Belo Horizonte e fui matriculada em um 'jardim de infância'. Naquela época, era assim denominada a "antiga escolinha", a série ou período era denominado: "pré-primário". Não me recordo de ter ganhado os tais materiais escolares encantados, acredito que sim, mas já não teriam tido a mesma magia. Entretanto, foi uma fase muito feliz, pois lá no jardim de infância, eu tinha vários coleguinhas e a professora para conversar. Lá, eu descobri que eu podia dar espaço à minha voz e à minha criatividade, por meio dos meus desenhos e trabalhos! A propósito, não só o desenho, mas a arte também se tornou uma paixão que aquece e faz bater mais forte o meu coração. Eu me recordo da minha primeira professora, a 'Tia Dorinha', foi dessa forma que ela se apresentou. Ela era muito educada, baixinha, mancava em decorrência de ter a perna esquerda bem menor que a direita, possivelmente sequela da paralisia infantil, que era muito comum naquele tempo. Ela me orientava para que eu pudesse realizar as atividades, que envolviam interações e brincadeiras, sempre com muito carinho. E entre vários desenhos de ligar pontinhos, havia uma atividade muito marcante que consistia em copiar a ficha. Inicialmente eu copiava a ficha com o meu primeiro nome, posteriormente as palavras foram aumentando. Eu copiava a ficha com o nome completo, depois com o nome da cidade, escola, mesmo que eu não soubesse o que significava Belo Horizonte, a cópia era obrigatória. E foi assim que iniciei oficialmente o meu processo de alfabetização.

Rememoro com docilidade a imagem da Tia Dorinha em pé, em frente ao quadro, apontando para a representação de cada consoante, pronunciando o som característico de cada uma delas e pedindo que repetíssemos. E lembro ainda, que eu adorava fazer as atividades

impressas em cores, desenhadas caprichosamente em stencil colorido e impressas por meio do mimeógrafo. Eu não tive dificuldades para memorizar a grafia e o som das vogais, mas tive dificuldade para memorizar algumas consoantes, que para mim pareciam confusas e muito semelhantes, como o "m", o "n" o "w", entre outras.

Dessa forma, no jardim de infância, iniciei o aprendizado da leitura e da escrita com a apresentação das letras, seus nomes e sons. Em 1971, diante da dificuldade em conseguir uma vaga na rede pública e a necessidade do meu ingresso na primeira série do primeiro grau, como era chamado à época, hoje correspondente ao 2º ano do Ensino Fundamental, a minha mãe me matriculou em uma escola particular chamada Escola Guimarães Rosa. Lá, eu tive algumas experiências negativas, que possivelmente influenciaram em minha personalidade.

> **"Ocorreu no primeiro dia de aula, talvez pela ausência de algum professor, a minha professora, de cujo nome não me recordo, colocou todos os alunos da primeira série em um auditório, possivelmente uns 60 alunos, considerando que naquela época as turmas de primeira série, tradicionalmente possuíam de 30 a 40.**

E nesse local, com todas aquelas crianças sentadas em suas cadeiras, auditório cheio, ela exibiu um grande cartaz impresso, no qual estava escrita uma pequena historieta, composta de aproximadamente umas 3 pequenas frases. Lembro-me como se fosse ontem de quando ela perguntou quem gostaria de ler e eu, claro, levantei a mão, me oferecendo. Afinal, eu adorava poder falar e ser ouvida! Então, ela me pediu que iniciasse a leitura em voz alta, eu muito empolgada prontamente atendi à sua ordem. Porém, a história dizia: 'Lá vem o pato marreco' e eu li equivocadamente: 'lá vem o pato furreco', talvez devido à empolgação, eu não tenha prestado atenção necessária. Porém, este erro foi motivo de muitas gargalhadas, grande alvoroço e deboche, inclusive por parte da professora, o que me causou bastante constrangimento. Se fosse hoje, talvez configurasse o famoso bullying. Depois desse dia, adquiri o medo de ler em voz alta. Eu sempre evitava ler em público para não correr o risco de reviver aquela vergonha.

Outro fato que me marcou negativamente nesta escola foi o de não conseguir focar na aula e sim nos movimentos da cabeça de um colega, que se sentava na minha frente. Movimentos involuntários e rápidos, de um lado para o outro repetidamente, talvez sintoma da Síndrome de Tourette, mas como eu não entendia o que causava tais movimentos, não havia nenhuma explicação e eu não tinha coragem de perguntar. A questão é que eu não conseguia tirar os olhos da cabeça dele e às vezes até tentava contar quantas vezes ele repetia o movimento durante um determinado tempo, obviamente essa tarefa me impedia de prestar atenção à aula. Felizmente, eu estudei nesta escola somente 2 meses, pois a minha mãe conseguiu uma vaga para mim em uma escola pública.

Posteriormente, já estudando na Escola Municipal Salgado Filho, recordo-me que o método mecânico de copiar fichas também era utilizado. Entretanto, nesta escola eu fui apresentada a um texto, a narrativa da história dos Três Porquinhos, uma fábula popular contada às crianças com o objetivo de transmitir valores, e que, segundo alguns registros, a primeira edição foi escrita pelo inglês Joseph Jacobs, no século XVIII, na qual as personagens principais, os três porquinhos, se chamavam - Prático, Heitor e Cícero. A cartilha apresentada a mim nesta época, foi o Pré-livro organizado por Lúcia Casasanta 'Os Três Porquinhos', que conta, com algumas adaptações, a fábula original do século XVIII. O livro era composto de frases curtas em torno das personagens que se chamavam Palhaço, Palito, Pedrito e do Lobo Mau e, no contexto eram apresentados os sinais de pontuação, que possibilitavam a identificação do diálogo entre as personagens. Destaco que a edição do conto 'Os três Porquinhos', que me foi apresentada possuía

a repetição de algumas frases, como "era uma vez, era uma vez, três porquinhos", método que favorecia a memorização. Ademais, na minha percepção e imaginário, semanticamente a reescrita organizada no Pré-livro de Casasanta, continuava com o mesmo objetivo da antiga fábula, o de ensinar valores às crianças, de forma lúdica. No caso, a importância de executar tarefas com cuidado e capricho, sem pressa e sem preguiça, para obter o sucesso desejado. Não sei dizer se as lições da cartilha influenciaram na formação da minha personalidade, mas posso dizer que trago comigo a agilidade no resolver questões, o cuidado e o capricho, até os dias de hoje. É curioso e vou destacar que atualmente, o conto Os Três Porquinhos é parte integrante da coletânea 'Conta pra Mim', que integra a Política Nacional de Alfabetização (PNA).

Entretanto, apesar dessa nova edição, semanticamente manter o mesmo conceito, a história foi reestruturada com algumas modificações, dentre elas destaco não haver mais as repetições, sendo os nomes das personagens alterados mais uma vez, hoje chamados Joãozinho, Zezinho e Luizinho. É curioso destacar que os nomes dos personagens acompanham a temporalidade dos leitores e das tendências praticadas para batizar as crianças.

O meu processo de alfabetização ocorreu antes da década de 1980, época em que os métodos tradicionais passaram a ser sistematicamente questionados, surgindo propostas de mudanças na educação. Em decorrência de fatores políticos e sociais, com o objetivo de resolver o fracasso da escola na alfabetização de crianças, surgiu no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita, desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e colaboradores.

A partir deste período, o processo de aprendizagem da criança, sujeito cognoscente, foi apresentado como uma "revolução conceitual", com a proposta de abandonar as teorias e práticas tradicionais. Vale um destaque para as poucas bibliotecas públicas disponíveis à população

em Belo Horizonte nas décadas de 70 e 80. E com toda a dificuldade, posso dizer que tive sorte, pois havia um projeto do Serviço Social do Comércio (Sesc) que contemplava a visita quinzenal do "Caminhão Biblioteca" no bairro onde eu morava, Salgado Filho.

As visitas constantes ao carro biblioteca me favoreceram com a possibilidade de diversificar e aperfeiçoar o meu processo de alfabetização e letramento, proporcionando a prática da leitura, o conhecimento de diversos gêneros como romances, clássicos, poesias, contos de fadas, dentre outros, iniciando aí uma grande paixão pela leitura. Entretanto, escrever sobre a minha escolarização culminou em uma oportunidade de trazer à tona algumas lembranças das dificuldades e superações decorrentes da minha história de infância e adolescência.

Relembrar e reconstruir alguns cenários, grupos sociais e algumas personagens muito significativas, me fazem pensar na possível origem da inquietude que insiste em ser a minha companheira, que me impulsiona e fomenta a vontade de continuar estudando sempre. Trago comigo um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que lembro das muitas dificuldades e dores, também é muito forte a adrenalina e prazer que explodem em meu interior quando sento em um banco de escola e começo a ouvir os ensinamentos e experiências de um bom professor. Estar constantemente aprendendo algo novo, ou mesmo aperfeiçoando o já adquirido conhecimento, não tem preço.

Além disso, a continuidade dos estudos tem como combustível o desejo de obter o know how para planejar e executar aulas ou projetos interessantes de verdade! Vejo que as personagens que conviveram comigo na infância, convivem comigo até hoje. Eles não são somente retratos na moldura dos meus diplomas na estante, vão muito além disso, pois revelam parte da minha história e parte da história da educação na década de 1970, em Belo Horizonte. Eles se fazem presentes e se manifestam na pessoa que sou hoje e possivelmente na que serei amanhã. E desta forma, corroboro com o pensamento de Paulo Freire quando ele

diz "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele'. (FREIRE, 1989, p.12)

Cursei o Ensino Fundamental na Escola Estadual Cândido Portinari, no bairro Salgado Filho, que ficava próxima à minha residência. Educação Tradicional, com aquela pitada de militarismo em todos os cantos, desde o uniforme de tergal azul marinho, com meia e camisa, obrigatoriamente brancas, à cobrança para responder de cor a cartilha da tabuada, a tabela periódica, entre outras regras. Como já destaquei, fui e continuo sendo uma pessoa da comunicação, da oralidade, que gosta de saber de tudo e opinar sobre tudo, mas esse período me trouxe muita angústia e sofrimento, pois me deparei com a dificuldade em atender a obrigatoriedade imposta aos alunos de decorar textos, datas, nomes, para fazer provas, responder ditados ou apresentar trabalhos.

Foi nessa época que percebi que eu não era como a maioria dos meus colegas, pois mesmo estudando e passando o texto exaustivamente, não conseguia decorar como eles, e sempre apresentava o trabalho com palavras improvisadas, muitas vezes utilizando uma pequena anotação para me ater ao programado. Algumas vezes não acarretava em problemas, mas em outras ocasiões os colegas reprovavam a minha forma de apresentar.

Então, cresci construindo mnemônicas, músicas, rimas, histórias, desenhando mapas mentais, enfim, durante toda a minha escolarização, eu precisei criar alguma estratégia que atribuísse uma lógica ao assunto que eu precisava decorar. Por outro lado, talvez como uma forma de extravasar a tensão, eu me dedicava com o mesmo empenho e criatividade à prática de esportes e comecei a me destacar, sobretudo no voleibol. Também foi uma época dicotômica, pois ao mesmo tempo que era sofrido memorizar todo aquele conteúdo, era muito desafiante e prazeroso vivenciar toda aquela adrenalina da socialização, sobretudo na prática do esporte. Por sua vez, cursei o ensino médio no Colégio Municipal Marconi, no bairro Santo Agostinho. Era um colégio referência na época, exigia prova de seleção para admissão. Depois da admissão, tínhamos que estudar muito para conseguir alcançar as médias. Entretanto, eu continuava com a minha paixão pelo voleibol e comecei a priorizar os treinos ao estudo.

No fim do primeiro ano do ensino médio, eu consegui duas proezas: ser escalada para o time do Mackenzie Esporte Clube de Belo Horizonte e também consegui a minha primeira reprovação. Resultado? O meu pai não permitiu que eu continuasse com o voleibol. Eu chorei por semanas, mas no ano seguinte eu estava lá, no Colégio Municipal Marconi, repetindo a 1ª série. Terminei a 2ª e a 3ª sem outras intercorrências, eu era uma aluna estudiosa, porém com notas medianas, devido a minha dificuldade em memorizar coisas que para mim não tinham sentido de ser, eram impostas assim e eu tinha que aceitar.

Fiz o vestibular em 1985, aquele tradicional da UFMG, no qual tinha como segunda etapa uma prova aberta sobre as áreas afins ao curso escolhido. Em 1986 eu iniciei o curso de Estatística na UFMG , mas infelizmente não concluí, por falta de maturidade e da necessidade de trabalhar. Entretanto, a experiência da convivência, de poucos meses de aula, no ICEx ii , contribuíram para a aquisição de autoafirmação e confiança, além de ter plantado a semente do prazer de ir além e poder estudar.

Casei em 1989, tive dois filhos e durante quase 25 anos eu me dediquei a criá-los e a trabalhar. Mas, havia uma semente do "querer saber mais" latente, esperando brotar. E quando eu me sentava para estudar com os meus filhos, a inquietação voltava com toda a força, até que em 2003 eu resolvi voltar a estudar, afinal tinha ficado a angústia de não ter concluído o curso superior.

Fiz um curso pré-vestibular, prestei vestibular na UEMG e UFMG, aquele tradicional novamente, com primeira e segunda etapas, e fui aprovada na UEMG para o curso de Design Gráfico.

Poder voltar a estudar me trouxe um enorme contentamento, sobretudo por fazer um curso em que eu podia aperfeiçoar a minha comunicação através da arte. Os quatro anos que se seguiram durante esta graduação foram muito intensos e felizes, muitas conquistas e descobertas, sobretudo a descoberta do potencial de criatividade que eu tinha (e ainda tenho), do direito de poder expressar o meu conhecimento e comunicação, por meio da minha arte, das minhas ideias e projetos, da forma que fosse mais conveniente.

No exercício dos trabalhos desse segmento, raramente eu me deparava com a necessidade de "decorar" alguma coisa, pois a criatividade aliada à técnica fala mais alto. Eu intencionava fazer o mestrado na área da comunicação, até por orientação do Prof. Mário Santiago, da UEMG, que viu em mim um grande potencial. Mas, foi uma ideia que não foi adiante, pois a intenção era fazer o mestrado na UFMG e os meus poucos conhecimentos da língua Inglesa esbarravam na prova de proficiência. Aqui faz-se necessário destacar que aprender outro idioma também foi um grande sofrimento que vivenciei durante toda a minha escolarização, mesmo com grande dedicação percebo que tenho muitas limitações. Decorar, terminantemente não faz parte dos meus talentos.

Depois de graduada em Design Gráfico eu fiz alguns concursos, quase todos possuíam prova de dissertação, estudo de caso, nos quais eu percebi que a minha criatividade navegava num mar de ideias, mas a técnica para escrever deixava a desejar. E foi motivada principalmente pelo objetivo de "aprender a escrever", colocar técnica de escrita nos meus projetos criativos, que prestei vestibular novamente em 2011, para cursar Letras – Português, na UFMG. Entrei em 2012, mais uma vez um curso que me impõe muitos desafios, muitas noites sem dormir, muita leitura, muita escrita, mas muita adrenalina, muitas conquistas, muitas satisfações.

Formei em 2016! Os anos se passaram, o projeto de fazer o mestrado permaneceu latente. Prestei alguns concursos, agora para professora de Português, mas não fiquei bem classificada em nenhum. Então, fui me especializando, fiz algumas pós-graduações na área da Educação, pelo IPEMIG - Instituto Pedagógico de Minas Gerais, Educação Especial e inclusiva com ênfase em comunicação alternativa e em Libras, sistema EAD.

Durante a pandemia, em 2020, iniciei a 2ª Licenciatura em Artes Gráficas, também online pelo IPEMIG, colei grau no final de 2021. Fiz o concurso de Juatuba para lecionar Artes Gráficas, fui aprovada em 1º lugar, mas penso que o esforço foi por autoafirmação, pois diante da distância, fiz muitos cálculos sobre o custo x benefício e financeiramente não valeria a pena largar o meu atual trabalho na Secretaria de Desenvolvimento Sustentável – Semad, na área administrativa, no qual já estou há 15 anos.

A propósito, vale destacar que entre as atribuições, me instiga muito elaborar cursos de capacitação para conselheiros do Copamiii e CERH-MG iv , colegiados vinculados à Semad, oferecidos de forma online, no portal do Trilhas do Saber do Sisema , hospedado no Moodle 9, mesma plataforma utilizada pela UFMG. O desafio de elaborar esses cursos me mostrou a necessidade de mais conhecimento pedagógico.

Nesse sentido, como não poderia deixar de ser, a inquietação falou mais alto e eu fiz o ENEM em 2021, fiz a opção pelo curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da UFMG, motivada por adquirir mais conhecimentos pedagógicos, mas também, e principalmente, por estar novamente sufocada pela inquietação de adquirir novos conhecimentos.

Entretanto, no segundo período, 2022, na oportunidade da apresentação de um trabalho em grupo, me deparei novamente com críticas e discriminação por parte de uma colega de grupo, por eu ter colocar texto numa apresentação, mais do que ela julgava necessário. Obviamente, lidar com a crítica sobre essa minha dificuldade, hoje com a maturidade, não foi tão sofrido como era lá no ensino fundamental

e médio, mas reacendeu a minha curiosidade do por quê não consigo decorar frases, datas, nomes.

Então, lembrei de algumas informações sobre a dislexia como uma chave virada, adquiridas lá na pós graduação em Educação Especial e inclusiva com ênfase em comunicação, o que me propulsionou a buscar mais informações e me identifiquei muito com os sintomas dos adultos disléxicos, que não foram diagnosticados na infância. Resolvi investigar, afinal caso eu tivesse dislexia, eu teria muitas respostas. No início de 2023 procurei o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) e por orientação da Prof. Vera, fiz parte de um projeto de avaliação neuropsicológica da Fafich, projeto de extensão que estuda alunos com dislexia e discalculia. Gostaria de já informar o resultado, mas devido a um atraso na produção dos laudos, ainda não obtive o resultado.

De toda forma, adianto que já fui tomada novamente pela inquietação, desta vez de trazer para a FAE um projeto de inclusão e acolhimento aos disléxicos (as), considerando que há estatísticas da ocorrência do problema em 10% da população e que muitas dessas pessoas, possivelmente abandonam os estudos pelas dificuldades que encontram. Esse projeto ainda não tem formato, mas penso para além de oferecer disciplinas optativas aos estudantes de Pedagogia sobre a dislexia, ter professores para ensinar como lidar com esse problema que não é doença, é um distúrbio que proporciona um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos, podendo estar relacionados à leitura e a audição. Adicionalmente, dar aos alunos disléxicos da FAE o direito ao tempo adicional para que realizem as suas provas, bem como uma sala separada, para evitar a ansiedade. Isso considerando que já há legislação federal sobre o assunto, inclusive, em vigência na aplicação das provas do ENEM.

Afinal, o direito constitucional de "Dar tratamento isonômico às partes significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades" (BRASIL. 1988), cabe também aos disléxicos. Isso porque os disléxicos podem trocar letras ou não grafar corretamente as palavras, mesmo tendo o conhecimento da ortografia correta, podem demorar mais tempo para estruturar um texto, mesmo tendo pleno conhecimento de sintaxe e semântica, entre outras peculiaridades. Direitos assegurados não somente aos alunos da graduação, mas também para as provas de mestrado. Talvez, dessa forma eu consiga realizar o grande projeto de finalmente fazer o meu mestrado. E que venham mais inquietações...

AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR

LARISSA GABRIELA GOMES DIAS

Cresci em uma família grande e muito próxima de todo mundo, dos meus avôs, tios, primos e amigos da infância dos meus pais. Desde pequena fui cercada de pessoas que eram próximas de mim o tempo todo. Minha família sempre foi muito unida, tanto a família por parte de pai como a família por parte de mãe e isso me fez ser uma criança bem comunicativa, agitada, proativa em casa. Vivia cantando e dançando pela minha casa, desde pequena amava sair de casa e conhecer lugares novos.

Meus pais me levaram para a igreja quando era bem pequena e lá eu participava de escolinhas, aulas de danças, seminários infantis, etc. Sou a irmã mais nova e tenho apenas uma irmã, nosso relacionamento nem sempre foi fácil, mas com o tempo conseguimos nos adaptar uma à outra. Nasci em Belo Horizonte em um bairro com uma boa localização, perto do centro, shopping, posto de saúde, boas escolas, etc.

Assim as coisas nunca foram muito difíceis nessa questão. Minha família sempre foi rígida quando o assunto era sobre os estudos, pois nem todos conseguiram concluir o ensino médio, então, para eles, a nova geração deveria caminhar até onde nem todos conseguiram ir. Meus pais sempre estiveram presentes em todas as fases da minha vida, inclusive na fase escolar.

O ambiente escolar sempre foi um lugar desafiador para mim, acredito que esse foi o período de interação social mais difícil. Sempre estive cercada de pessoas conhecidas e isso me trazia conforto, a escola foi um ambiente importante para expandir o meu contato com outras pessoas, mas isso não foi fácil.

Lembro-me que no primeiro dia de aula, no primeiro ano escolar na "Escola Estadual Santos Anjos" em 2009, chorei desesperadamente quando cheguei na porta da escola acompanhada da minha mãe e vi várias crianças entrando pela escola correndo, despedindo dos pais e outras também chorando. O fato de ficar longe da minha casa com pessoas desconhecidas ao meu redor, me deixava desesperada. Minha mãe me levou para dentro da escola e esperou até que eu entrasse na sala, mas mesmo assim continuei a chorar durante o dia todo. Era uma mistura de desespero e tristeza que eu sentia naquele momento.

Penso que sair da minha zona de conforto fez com que eu ficasse retraída. Neste mesmo dia, assim que entrei na sala, recebi muito carinho e atenção da professora, mas mesmo assim não conseguia me sentir confortável naquele ambiente. A escola era enorme, com três andares, possuía duas quadras, um espaço para jogos de mesa, uma cantina bem aconchegante com grandes janelas com vista para a quadra de futebol. Além de uma boa localidade, a organização administrativa escolar era excelente. Todos os dias antes de entrar para a sala, se rezava o "Pai Nosso" e todas as segundas-feiras cantávamos o Hino Nacional virados para a bandeira do Brasil, de Minas Gerais e da escola, e a cada semana uma sala era responsável por escolher os alunos que iam segurar as bandeiras, e sim, rejeitei todas as vezes em que fui escolhida.

Concluí o ensino fundamental inicial nesta escola, nesse período de alfabetização tive várias experiências que marcaram esta época. Não tenho muitas recordações das atividades e da técnica que a professora usou para alfabetizar a minha turma, mas das vagas lembranças que tenho, o desconforto é a primeira coisa que vem à minha mente.

Eu era muito tímida, tinha medo de falar em público e até mesmo falar qualquer coisa para a minha professora, e algumas vezes tive que dialogar com as atividades que eram propostas em sala de aula e isso não me deixava confortável, sentia enjoo e vontade de chorar, por coisas simples. As atividades de leitura, na maioria das vezes, tive que fazer na sala sozinha com a professora nos primeiros anos, mas aos poucos fui conseguindo ler com meus colegas presentes na sala de aula, quando não recusava a realização de atividades desse tipo. Mas o que eu amava fazer eram os trabalhos manuais e atividades físicas, estava sempre disposta a interagir nessas aulas. Meu comportamento nesses primeiros anos sempre foi bom, minhas notas eram excelentes e nenhuma vez meus pais foram chamados por causa de mau comportamento. Eu me dedicava muito nos deveres de casa e amava fazer trabalhos em cartolinas. Sempre recebia ajuda dentro de casa, por isso essa época foi mais tranquila.

Com o passar do anos, fui me acostumando com o ambiente escolar, fiz várias amizades, e uma das minhas maiores amizades começou nessa escola, comecei a interagir mais com os professores e tudo começou a ficar mais fácil.

Nesta mesma época, comecei a ter um amor pelos meus professores, sempre que podia eu queria levar presentes para eles, e em todas as fases com professores novos, eu me acostumava bem rapidinho. Um dos momentos mais marcante e desesperador dessa época foi no meu último ano, nessa escola. Chamaram os alunos que já estavam no último ano e todos desceram para a sala da diretora para ler alguns textos para ela, e depois passaram por um teste de matemática.

Lembro-me de ficar tão desesperada com a situação que tive que ser a última a fazer esse "teste", me deram água e tentaram me acalmar até chegar a minha vez. Li dois textos grandes, tive que fazer algumas continhas no papel e depois a diretora perguntou sobre algumas questões de matemática. Vejo isso hoje com outros olhos, além do trauma,

penso sobre os outros alunos que talvez também passaram pelas mesmas dificuldades que as minhas.

No final de tudo consegui, passei nesse "teste". Meus pais ficaram cientes disso e depois de alguns meses foi a minha formatura do ensino fundamental I. Já no período do ensino fundamental II, tudo mudou. Mudei para a escola "Caio Nelson de Sena", que era bem pequena, comparada à antiga escola: a quadra era super pequena, apenas um andar e poucas salas de aula. Essa escola se localizava em um bairro grande e bem movimentado e tinha a fama de "escola rígida".

Quando entrei lá, no sexto ano, já senti uma diferença nas regras: não podíamos usar shorts, leggings, calça rasgada, sapato aberto e nem ir de maquiagem. A própria diretora ficava no portão vendo se todos estavam seguindo as regras, e quem não seguia ia com ela para a sala e trocava de roupa ou simplesmente ia até o banheiro remover a maquiagem. No início foi tranquilo, pois a maioria dos meus amigos da antiga escola também foram para essa, inclusive a minha melhor amiga. Eu me adaptei bem às regras da escola de início, mas logo percebi que teria mais coisas para me preocupar. Na escola havia vários eventos de arte, todos os meses, durante o ano letivo. Havia festival de dança, de artes, sarau de poesia e danças em festas típicas que valiam pontos para todas as matérias, e dessa vez não teria como eu escapar. Além disso, nessa época ,comecei a ter contato com os meninos mais velhos, do nono ano, e a minha visão começou a mudar.

Nesse período, começou a onda das comparações, o bullying entrou em alta, e aí se iniciou a fase da pré-adolescência.

> **Nunca fui fã dos meus cabelos cacheados e isso piorou quando entrei nessa fase, ver as meninas mais velhas na escola com cabelos longos e lisos me fazia sentir feia e fora do padrão. Em ,comecei a pedir à minha mãe para escovar meu cabelo.**

No início ela escovava algumas vezes, mas com o tempo isso se tornou frequente, porque comecei a sofrer bullying. No início das brincadeiras e dos comentários maldosos eu não percebia o quanto aquilo era errado, diversas vezes fui exemplo de chacota entre meus colegas na sala de aula e eu não achava saída para aquilo, só tentava fingir que eu não me importava, apenas tentava mudar o que dava motivos para eles zoarem. Assim fiz progressiva no cabelo.

Em casa, meus pais apenas achavam que era coisa da adolescência mesmo, mas no fundo eu estava guardando vários comentários que não me deixavam bem na escola. Não me lembro como lidei com isso, mas com o tempo passou. Nos primeiros festivais da escola consegui estar por trás dos trabalhos por dois anos seguidos, eu ficava sempre na produção, no relatório, nunca apresentando em público, mas isso não durou muito.

Em 2016, no oitavo ano, fiz a minha primeira apresentação em público na festa junina da escola, depois de muito incentivo da minha professora de Geografia, Alessandra. Ela sabia muito bem a importância de eu me ''soltar" nas atividades da escola, ela me ajudou muito nesse período, me deixando mais tranquila nessas atividades que envolviam o público.

Com o tempo, fui perdendo a timidez e consegui me desenvolver melhor nessa área, e estive mais presente nos projetos da escola. Porém comecei a ter um pouco de rebeldia. Descumpria algumas regras, comecei a matar algumas aulas, respondia alguns professores e ia na "onda" de vários amigos meus. Isso resultou em notas baixas, baixo desempenho escolar e o desgosto de alguns professores; isso caminhando para o ensino médio. Meus pais foram chamados algumas vezes na escola, e depois disso e das advertências da professora Alessandra, mudei meu comportamento na escola.

Recapitulando; no ensino fundamental II perdi totalmente minha timidez, comecei a me envolver mais nas coisas da escola. Já no

nono ano, a pressão sobre ir para o ensino médio se tornou mais real. Começamos a falar sobre nossos sonhos e objetivos, e também sobre entrar no mercado de trabalho.

A correria do dia a dia ia começar a mudar, não só ficaria por conta dos estudos, mas também teria que separar grande parte do dia para trabalhar como menor aprendiz. Entrando no ensino médio, as coisas começaram a ficar mais sérias; ENEM, novos projetos na escola, primeiro emprego, responsabilidades em casa… Nas aulas, tudo que eu ouvia era sobre o ENEM. No primeiro ano já comecei a treinar a redação, fazer algumas questões da prova, entender como era a vida universitária e conhecer os cursos que tinha por aí.

De início tudo parecia mais fácil, mas com o tempo a pressão de "Tenho que entrar na faculdade assim que sair do ensino médio", trouxe uma certa ansiedade conforme o tempo ia passando. Na escola, tivemos dois simulados no ano, que nos mostraria como seria fazer o ENEM, regras de horários, tempo da prova, os dias de cada matéria… Tudo isso para nos preparar para a prova oficial. Também aconteceram vários novos projetos que tinham o intuito de promover bolsas para as faculdades privadas. Participei por dois anos do projeto ECODOM da faculdade Dom Helder, que era um movimento socioambiental, acompanhado mensalmente até o final do ano. Desenvolvemos na escola várias questões de sustentabilidade e no primeiro ano nossa escola ficou em primeiro lugar no projeto. Isso, de certa forma, nos incentivou a fazer um bom ensino médio e aproveitar o máximo que podíamos.

Neste mesmo ano também, começaram a surgir os cursos de Menor Aprendiz, e já na primeira oportunidade que tive, iniciei meu primeiro curso que fazia duas vezes na semana, depois da escola. Em menos de um mês, depois que finalizei o curso, consegui meu primeiro emprego e comecei a trabalhar quatro horas por dia, durante a semana.

De certa forma, o emprego me atrapalhou no desempenho escolar, chegava em casa cansada e não estudava direito, ia para escola

cansada, dormia em várias aulas e estudava para as provas em aulas que exigiam menos. Com isso as minhas notas ficaram muito baixas até eu me acostumar com a nova rotina.

Em casa também tive novas responsabilidades, ajudar com a limpeza da casa, no jantar e com as contas. De modo geral, nessa época, tive um amadurecimento tanto dos meus hábitos quanto das minhas idéias. Em 2020, quando estava indo para o terceiro ano do ensino médio, preparada para trabalhar, estudar para o ENEM e fazer cursinho, veio a pandemia, e todas as minhas expectativas foram por água abaixo por algum tempo.

O medo, a insegurança e a certeza de que nada ia voltar ao normal, tomaram conta de mim, desisti dos meus projetos e me acomodei com as pequenas e mínimas coisas que estavam ao meu alcance naquele tempo. Meu terceiro ano foi feito de qualquer jeito, não tive aulas onlines, apenas fazia as atividades do PET e entregava para a escola,e foi assim até o final do ano. Mas, nesse período, minha professora Alessandra perguntou se queríamos ter aulas de redação para não desanimarmos até chegar a prova, e eu junto com poucos alunos, aceitamos. Tivemos poucas aulas, mas elas também serviram para nos incentivar a voltar com nossos projetos. Comecei a estudar para o ENEM em casa e voltei com meus hábitos que tinha perdido com o tempo. A escola foi um ambiente essencial para meu desenvolvimento pessoal, para sair da bolha em que eu vivia e também me ajudou a escolher a profissão que eu queria seguir. O carinho e o cuidado da minha professora, percebi que queria ser assim com outras pessoas também.

Por um tempo fiquei entre os cursos de Geografia, História, Letras e Pedagogia. Fiquei vários meses pesquisando como era estudar essas quatro áreas e a expectativa de quando eu me formasse e, no final, entendi que minha área era Pedagogia. Atualmente estou caminhando para o quarto semestre, e amando tudo que tenho aprendido na universidade.

LEMBRANÇAS DA MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

LARISSA VIEIRA DA SILVA FREITAS

Busquei me lembrar da minha trajetória de escolarização nas escolas que frequentei. Tentei me lembrar dos meus sentimentos, ressentimentos, medos, aprendizagem, inseguranças, entre outros. Meu primeiro contato com a educação, começou quando eu tinha 3 anos, no Centro Educacional Mundo da Arte, frequentei essa escola até meus 4 anos, desse período não me lembro das atividades que realizei ou como foi o início do meu período escolar, por ser muito nova.

Logo após esse período, mudei de escola e passei a estudar na Escola de Educação Infantil Pensare até os meus 7 anos, lembro-me de passar mais tempo brincando do que realmente aprendendo a ler e a escrever, no entanto foram momentos memoráveis, amava brincar e fazer trabalhos com tinta.

> **“A metodologia utilizada era a cartilha para memorizar, repetir e copiar inúmeras vezes e as atividades eram bem fáceis sem muito aprofundamento na alfabetização, o que a longo prazo acabou me prejudicando muito. Lembro-me de ter muita dificuldade em juntar as letras**

e formar as palavras, além da dificuldade com a leitura e com os números.

A escola tinha como foco principal trabalhar as datas comemorativas. Nessa escola fiz atividades como pintar as mãos e os pés para fazer homenagem ao dia das mães, além de apresentações que eram feitas para as famílias, inclusive fiz uma apresentação vestida de Emília do sítio do Picapau Amarelo, fui ao teatro ver o musical da Branca de Neve e fiz uma apresentação em um teatro do Colégio Pio XII, no centro, com todas as crianças da escola; eu era a borboleta, foi uma experiência incrível. Todos esses eventos de que participei foram pagos e, infelizmente, nem todos da minha sala puderam participar, mesmo sendo uma escola particular, tudo o que era proposto na escola sempre era muito caro e vários alunos frequentavam aquela escola somente porque naquele período havia pouquíssimas escolas no bairro; as Emeis ainda nem tinham sido criadas e era a única escola perto do bairro, inclusive esse foi o motivo para eu ir para essa escola, pois minha mãe me levava na hora que estava indo trabalhar e meus avós (principalmente minha avó) me buscavam no horário da saída, porque minha mãe ainda estava no trabalho.

Acredito que essas experiências de ir a museus e teatros com a escola, me trouxeram capital cultural, já que quase todos os integrantes da minha família trabalhavam e nunca foram de dar prioridade a esse tipo de evento, por isso sempre que existiam passeios na escola, minha mãe achava importante a minha participação. De qualquer forma sei que tive privilégios que muitas outras crianças não tiveram, tive experiências em museus que crianças de 12/13 anos naquela época e até mesmo hoje em dia, nunca tiveram. Minha avó, por exemplo,hoje tem 64 anos e nunca foi a um Museu e também não vê sentido nisso. Segundo ela é um espaço que não condiz com a sua realidade. Assim, entendo que a escola ao me levar a esses lugares, desde aquela época, trouxe à minha vida uma nova perspectiva, me mostrou um 'novo mundo' cheio de possibilidades, no entanto, infelizmente, muitas crianças daquela época e até hoje não têm condições de irem a espaços culturais, até pelo fato de muitas vezes ser um ambiente totalmente excludente à classe trabalhadora. Mesmo tendo muitos espaços gratuitos, esses locais trazem uma sensação de riqueza e superioridade, devido a forma de se vestir e se comportar, muitas vezes diferente da realidade em que vivemos. Além disso, o espaço escolar das escolas, pelo pouco que me lembro, na realidade eram casas grandes que foram utilizadas como escola. As duas primeiras escolas, que ficavam perto do bairro onde eu residia, eram particulares; infelizmente tenho pouquíssimas lembranças das atividades que realizei nesse período.

Aos 7 anos fui transferida para a Escola Estadual São Pedro e São Paulo, onde de fato, fui alfabetizada. Nesse caso eu deveria ter sido matriculada no segundo ano do fundamental I, no entanto quando foi realizada a avaliação diagnóstica com a diretora, ficou perceptível a minha defasagem e tive que repetir o primeiro ano. Esse período foi muito complicado pra mim, minha autoestima foi estraçalhada. Como tinha muita dificuldade, quando chegava o momento de fazer as atividades em sala, era desesperador. Eu me sentia incapaz diante das outras crianças; algumas delas já sabiam ler muito bem, claramente não era a situação de toda a sala, mas estar em um posição de não saber e não conseguir realizar uma atividade proposta em sala,, era frustrante. Acredito que muitos outros também se sentiam assim e, parando para observar as crianças que tinham alguma deficiência, ainda devia ser pior, porque, naquela época, os professores eram cobrados todos os dias, tinham que chegar a meta estabelecida, e muitos não alcançavam, tornando o ambiente escolar sempre muito rígido, preso a resultados, com muita pressão sobre o aluno e sobre o professor. Além disso, nesse período todas as minhas professoras eram mulheres.

Lembro-me dos momentos em que eram realizadas as avaliações diagnósticas com a diretora, que aconteciam em cada início de bimes-

tre. A mesma se demonstrava séria, corrigindo meus erros e analisando tudo o que lia ou fazia, tornando o ato de ler um momento desesperador. Apesar de ter momentos em que o medo e o desespero batiam à porta, também pude vivenciar momentos que foram importantíssimos para meu crescimento. Na escola fui capaz de aprender a ser empática e respeitosa com o diferente, aprendi a ser amiga, aprendi a saber ouvir, a compartilhar ideias, a ser criativa e como toda moeda tem dois lados, assim também foi no espaço escolar que aprendi que faz parte me frustrar, ter inseguranças, medo.

Entendo que a escola tem o papel fundamental na escolarização, em desenvolver o pensamento crítico do aluno, em formar cidadãos capazes de construir uma sociedade mais justa, em ensinar os alunos a entenderem seus direitos e deveres e garantir a aprendizagem de conhecimento, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo, sendo fundamental que a escola propicie o domínio dos conteúdos culturais básicos da leitura, da escrita, da ciência das artes e das letras, no entanto nada impede a escola de ser desafiadora e em alguns momentos, traumatizante..

O período de minha escolarização me traz um sentimento de inquietação e marcas que foram deixadas pela grande falta de representatividade e reconhecimento da sala e do espaço escolar e, sem sombra de dúvida, outras crianças também se sentiam assim. Além disso, o índice de crianças com TEA ou com algum outro transtorno dificilmente estava inserida no ambiente escolar. Em todo o período que estive matriculada na escola houve apenas uma criança com síndrome de Down e outra com transtorno mental, com quem os professores tinham muita dificuldade para lidar nas situações em que ele não obedecia ou era agressivo, era perceptível a falta de treinamento dos acompanhantes em relação a essas crianças.

E por todo esse período, os professores exigiam que os alunos ficassem sentados em fileiras sem conversar ou se levantar e caso desobedecessem, levavam punições como ficar sem a Educação Física, ganhar bilhete ou até advertência.

Alguns professores marcaram minha trajetória de maneira positiva outros nem tanto, naquela época tudo parecia tão desafiador e novo, estava aprendendo cada vez mais a me tornar independente, a aprender com os meus erros e entender que toda ação tem uma ,ou seja, tudo que eu fazia ou pensava em fazer teria consequências, além disso precisei entender que ali era um novo ritmo já que eu tinha vindo de escolas particulares, com uma quantidade menor de alunos, e até mesmo por ser uma criança tímida e estar em uma escola com centenas de crianças que nunca havia visto, acabava causando certa estranheza e até mesmo medo. Ainda assim, nesse período em que me sentia muito deslocada e com um pouco de dificuldade, fiz amizades na sala, tornando esse período melhor. Outro fato que me prejudicou foi ter sido separada da minha irmã gêmea, o que acabou me adoecendo. Fiquei dias passando mal até que a minha mãe conversou na escola e passei a ficar na sala dela, assim fiquei um pouco mais tranquila. Era bom saber que tinha alguém que eu conhecia na sala, minha irmã tem o gênio mais forte e sempre foi mais mandona, os para casas, por exemplo, normalmente eu fazia e ela copiava. Só no último ano nessa escola, eles nos separaram novamente. Como estávamos maiores, e ao longo daquele período já estávamos nos preparando para isso, conseguimos entender e foi feito tranquilamente.

Como dito anteriormente, nesse período me sentia muito mal, porque tinha muita dificuldade, já que na escola anterior minha alfabetização tinha sido rasa, muitas vezes não queria nem tentar fazer as atividades por me sentir incapaz e me achava burra. Nas atividades que a professora pedia para ler em voz alta eu me encolhia para tentar esconder e ficar sem ler, o que muitas vezes não dava certo e eu era forçada a ler. Lembro-me que quando havia atividades como ditado, eu chorava, porque não conseguia escrever as palavras da maneira correta. No entanto, com o passar do tempo, melhorei com a ajuda de meus familiares.

Nesse período tive uma professora particular chamada Letícia que me ensinou e explicou as atividades e enunciados para conseguir compreender e realizar as atividades em sala. Eu tinha dificuldade em português, o meu maior problema era interpretar o que o enunciado queria dizer. Eu me identifico com a experiência de Graciliano Ramos que diz (... Enfim consegui familiarizar-me com as letras quase todas. Aí me exibiram outras vinte e cinco, diferentes das primeiras e com os mesmos nomes delas. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-me. Veio o terceiro alfabeto, veio quarto, e a confusão se estabeleceu, um horror de qüiproquós. Quatro sinais com uma só denominação. Se me habituassem às maiúsculas, deixando as minúsculas para mais tarde, talvez não me embrutecesse. Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e pequenas, impressas e manuscritas. Um inferno. Resignei-me – e venci as malvadas. Duas, porém, se defenderam: as miseráveis dentais que ainda hoje me causam dissabores quando escrevo". Ele também dizia que tinha problemas com as letras, mas em muitas partes admite que não é inteligente, porque não entende a linguagem dos livros.

Por isso, quando ele não consegue compreender a história que estava lendo, ele se sente "ignorante" e "infeliz" diante das malditas letras. A leitura aparece como um exercício de punição, ele não consegue superar o medo de cometer erros. Já em matemática tinha muita dificuldade, principalmente as questões de fração, multiplicar e dividir números grandes, somente depois de muita ajuda, estudar e praticar, consegui melhorar, entendo que os primeiros anos no ensino fundamental nada mais é do que um choque de realidade, onde existem muitas informações a serem processadas, a pressão para ter que aprender e a sala não poder parar por causa da sua dificuldade. Quando paro para pensar nesse período, sei que existiam muitas crianças como eu, se não com dúvidas ainda maiores, porque não vieram de nenhuma escola, aquela era a sua primeira vez. Eu penso que sempre tive ajuda e apoio mas existiam muitas outras cujos pais não tinham condições e outras

que foram ficando abandonadas e acabaram deixando de gostar da escola e de aprender. Alguns, daquela época desistiram de ir à escola ou iam simplesmente por obrigação, outros eram vistos como preguiçosos, mas existia uma complexidade muito grande. A falta de diagnóstico e de laudo naquela época era constante, até porque muitos pais viam a escola como um espaço de caridade e não como um direito de seus filhos. Além de não terem tido auxílio para se manterem na escola, muitos precisavam trabalhar para ajudar os pais.

Percebo que, mesmo após anos terem se passado, que a sensação de insegurança e desconforto que sentia em alguns momentos na escola, ainda mais quando precisava escrever ou falar em público, foi um trauma e hoje me sinto cada vez mais angustiada sabendo que muitos fatos que aconteciam na escola ainda perduram nos dias de hoje. A pobreza, o abandono, a fome, crianças que repetiam a mesma série, a falta de representatividade, já que quase 95% das professoras eram brancas, entre outros. No entanto, mesmo com reincidências, acredito que todo esse processo foi importante, mesmo que em alguns momentos não concorde com muitas das atitudes que foram tomadas pelos responsáveis sobre as crianças e ciente de que alguns deles simplesmente ignoravam a atitude adequada e que precisávamos de profissionais qualificados. Sei também que os professores precisavam ser mais amparados, os espaços mais estruturados, mas acredito que estamos em constante evolução e a educação precisa ser uma delas, mesmo que em alguns momentos seja a passos de tartaruga.

Lembrando sobre meu processo de escolarização, não poderia deixar de lado uma lembrança que foi super marcante neste período, quando iniciei se não me engano o 3º ano do Ensino Fundamental, minha professora de português, Neide, desenvolveu vários projetos, como: teatro com fantoches, contação de história e um projeto juntamente com alguns outros professores onde cada aluno escolhia um livro que queria (logicamente livros mais finos, mas que tivéssemos a curiosidade

e a vontade de ler o livro até o final). Lembro-me de que praticamente todos os alunos escolhiam os livros fininhos cheios de imagens. Lógico que, inicialmente, eu era uma dessas alunas. Após escolher e ler, apresentávamos para a turma sobre o que tínhamos lido. Devido a esse projeto consegui ler diversos livros, como Branca de Neve, Cinderela, Menina Bonita do Laço de Fita, Pequena Sereia, O menino maluquinho, entre outros.

A professora conseguiu, de uma maneira leve e descontraída, apresentar o mundo dos livros sem colocar como obrigação ou pressão e desde então me apaixonei por eles. Já a professora de matemática utilizava as cartilhas para decorarmos a tabuada, atividades e provas, o que acabava dificultando não só para mim, mas para vários alunos a compreensão da matemática. Diante das inúmeras barreiras criadas e sendo que nada foi feito para que se fossem quebradas, houve um distanciamento dos professores com os alunos e dos alunos com a matemática.

No entanto, hoje no séc XXI, tendo em vista os séculos passados, podemos ver as mudanças na prática usada no espaço escolar. Ao longo de todo o meu período na escola pude concluir que as mudanças no alfabetizar e no letramento são uma nova maneira de formar alunos com autonomia para usar a leitura e a escrita de forma coerente. Para eu ingressar no 'mundo' letrado foi uma tarefa difícil e muitas vezes desestimulante, quando o professor alfabetizador não fazia referência ao conhecimento prévio sobre a leitura e a escrita que eu trazia do meu cotidiano.

Após passar do 1º ao 5º ano naquela escola, todos os alunos foram transferidos para outras escolas Municipais perto de suas residências e eu fui para a Escola Municipal Zilda Arns, que há pouco tempo tinh acabado de ser construída. Passei a frequentar a escola e lá fiquei do 6º ao 9ª ano. Lá também utilizamos livros didáticos e a forma de distribuição de pontos era parecida com a da escola anterior. Normalmente era dado 1 trabalho, 1 prova e o restante dos pontos eram distribuídos com atividades e com nota de caderno. Muitos professores passavam

exercícios no quadro para os alunos copiarem e algumas vezes eram fornecidas atividades em folhas A4. Os primeiros dias foram realmente complicados, eu me sentia sozinha e o fato de ser tímida contribuiu muito para que eu demorasse a fazer amizade. Estar em um ambiente novo é sempre desesperador, mas com o passar do tempo, consegui fazer amizades, tornando a escola um ambiente mais leve. Sempre fui uma aluna esforçada, nunca fui a melhor aluna, mas me dedicava sempre para entregar o meu melhor. Inicialmente fiquei em uma sala mista quando cheguei à escola, ou seja, tinha alunos dedicados que realizavam todas as atividades e tinha alguns que não entregavam as atividades ou faltavam muito. Já no 8º ano foi formada uma turma com os alunos mais esforçados e no 9º ano a experiência não se repetiu, já que a sala de aula deveria ser um ambiente com alunos mistos.

Nesta escola tivemos experiências incríveis, pelo menos duas vezes no mês havia oficinas e cursos de maquiagem, artesanato, dança, entre outros. Além disso, a escola buscava nos levar a museus e teatros. Acredito que experiências como essas são importantíssimas para criar o capital cultural. No entanto uma coisa que me chamava a atenção eram os livros didáticos utilizados como base, infelizmente muitos deles chegavam a nós rasgados, sujos e rabiscados. Em contrapartida, diferente dos livros didáticos, a biblioteca do ensino fundamental II era enorme e muito colorida, tinha inúmeros livros de várias categorias. A bibliotecária tinha uma caixinha para colocarmos as nossas sugestões de livros e os mais votados eram comprados, ou seja, chegavam livros que realmente eram do nosso interesse. Alguns livros ficavam semanas com alunos diferentes, porque existia a lista de espera e quando um terminava já passava para outro aluno até chegar a minha vez. Eu amava ler livros, principalmente os de romance. Todo mês lia pelo menos 4 livros se não mais. Quando eu gostava de um livro lia em menos de 1 semana. Teve livros que li em quatro ou cinco dias, foi a época em que mais li na escola. Nesse período, olhando com a perspectiva de hoje,

posso dizer que tivemos várias experiências incríveis, aprendi coisas que nem todos tiveram oportunidade, no entanto percebo também que a escola era capaz de realçar a desigualdade já existente. Infelizmente nos deparávamos com situações em que alunos desistiam de frequentar a escola ou de participar das atividades, porque não se sentiam pertencentes a escola. Lembro que também foi feita uma sala somente para crianças com atraso ou dificuldades cognitivas e mentais; hoje percebo que a escola deve ser um espaço onde todos se sintam acolhidos e não separados ou rotulados.

Esse período foi crucial para a minha aprendizagem, tive professores excelentes que levarei sempre comigo. Nunca fui uma aluna que faltava muito, sempre busquei ser comprometida com os estudos, me esforçava e realizava as atividades propostas, acredito que na escola a formação é fundamental para o crescimento pessoal e profissional. Após me formar no ensino Ensino Fundamental, ou seja 9º ano, fui transferida para a Escola Estadual Santos Dumont, onde fiz todo o meu ensino médio. No primeiro momento estranhei muito por ser um ambiente novo totalmente diferente do que estava acostumada. A escola anterior além de ser grande, era colorida, todas as portas tinham cores diferentes, além do fato de estar lá há 4 anos e já conhecer os professores e familiarizada com a didática. Quando passei a estudar naquela escola estadual, tive um choque de realidade. A fachada da escola parecia mais com uma casa, era toda azul e branco, havia grades em todas as janelas e em algumas salas não havia vidro e muito menos cortinas. As salas eram pequenas para 40 alunos, não tinha a estrutura adequada e cada sala tinha um tamanho diferente. A escola tem dois andares e só duas salas em cada andar eram grandes por estarem na ponta, as outras eram apertadas.

A biblioteca, diferente das outras escolas, era a menor que já frequentei, a maior parte dos livros tinha sido doada pelos alunos e a quantidade e qualidades deles era precária. Acabei, nesse período, me desinteressando pela leitura e sei que hoje tenho sequelas disso. O ensino

médio foi um período bastante importante, pensando na questão escolar, no entanto também percebi que o número de faltas dos professores era superior aos do ensino fundamental. Tentei faltar o menos possível, mas quando chovia era quase impossível ir à escola, porque ela ficava em um lugar íngreme e para sair da sala até chegar à portaria, tinha que descer um morrinho que quase sempre estava alagado e escorregadio. A parte, perto da porta, era coberta por tijolos que não impediam que a chuva molhasse os alunos, já que existia uma quantidade considerada de tijolos faltosos ou quebrados. Alguns professores pareciam estar sempre cansados e sobrecarregados e quando um aluno atrapalhava a aula, o professor o mandava direto para a direção. Quando a turma ia mal em alguma matéria sempre tinha aquele discurso de que o professor já estava formado e estava recebendo do mesmo jeito e que ele estava fazendo o papel dele,ou seja, a culpa era totalmente do aluno. Havia também o fator da evasão escolar ser muito grande nesse período. Tive colegas que saíram ou tiveram que ir direto para a EJA. A minha percepção não tinha reconhecimento daquele ambiente, não parecia ser uma escola, mas sim, um presídio. Em muitas aulas eu me sentia perdida e presa, além de muitas vezes sentir que o ambiente desejava alunos perfeitos, sem reclamações ou opiniões.

Em alguns momentos a escola parecia um ambiente estranho, até mesmo chegar ao 3º ano se tornava cada vez mais angustiante devido a pressão de ter que escolher o curso que queríamos fazer, além do temido ENEM. Chegar aos 18 anos e estar terminando o Ensino médio, trouxe muitas inseguranças, medos, sonhos,mas, principalmente, ficava a dúvida se começaria a fazer faculdade ou se seria apenas mais um dos milhares que não conseguiriam passar no curso desejado. Ainda assim meus planos foram frustrados, já que logo em seguida chegou a pandemia. Nesse período me esforçava bastante e em três anos do ensino médio fiquei de recuperação somente uma vez no 2º ano, em química, mas logo recuperei a nota; quando soube, fiquei desesperada,

foi um sentimento horrível que não desejo sentir nunca mais, Eu me senti como aquela criança do ensino fundamental que não conseguir ir bem. Claro que a matéria era bem mais difícil, mas de qualquer maneira me esforcei e logo recuperei a nota que precisava. Na verdade sempre tive medo de não passar de ano, quando chegava ao final de cada ano mesmo que tivesse me esforçado, ainda assim ficava com medo de não passar. Para fazer os trabalhos era a mais desesperada, gostava que todos fossem feitos do meu jeito e ficassem perfeitos, sempre fui muito chata com essas coisas de escola, desde pequena sou assim, não queria nada menos do que a excelência em tudo que fazia; Lógico que às vezes, por não saber ou ter dificuldade, não ficava perfeito, mas fazia de tudo para chegar pelo menos perto disso. No ensino médio havia os trabalhos em grupo e alguns individuais, prova da matéria e o uniteste, que era uma prova que acontecia em dois dias diferentes e era de matérias mistas; ao todo eram cerca de 30 questões que valiam 100 pontos. Era realizado um cálculo de acordo com o número de acertos e depois de passar os dias da prova era fornecido o resultado. Era um desespero no dia. Tinha a sensação de medo e insegurança, ficava estudando até segundos antes das provas. Alguns alunos da turma faziam um resumo do que tínhamos estudado, cada um ajudava o outro do jeito que podia. Eu gostava de fazer resumos, assim ajudava a lembrar o que tinha estudado, O ruim era quando dava um branco, não existe sensação pior que essa, sempre tirei entre 6,2 a 6,9, nunca mais do que isso.

Às vezes algumas questões eram anuladas, De qualquer maneira era assim que distribuiam as notas no ensino médio, ou seja, trabalhos, prova e unitest e no último ano tínhamos uma matéria que nos dava de 0 a 5 pontos de conceito ou seja, quando realizávamos todas as atividades e nos comportamos bem em sala não interrompendo a aula recebíamos a nota total e no último bimestre sempre tinha feira de ciências, que também acrescentava pontos. Já fiz o planeta solar, mostrei o processo do leite até chegar nas casas para o consumo e, no último ano, fizemos atividades relacionadas à matemática. Cada turma decorava a sala de acordo com o tema; toda a escola era utilizada para decoração, por exemplo no trabalho do processo da fabricação do leite, fizemos algumas pegadas de vaca até a sala; dividimos a sala em grupos e cada um fez uma receita tendo o leite como ingrediente principal, alguns fizeram iogurte natural, broa, entre outros. Todas as etapas tinham como foco a explicação sobre o leite. No ensino médio eu tive muitas experiências incríveis independente de qualquer coisa.

Outra coisa que acabou acontecendo no ensino médio é que tive pouquíssimas aulas de filosofia no 3º ano, devido ao fato do meu professor ter saído da escola e o substituto acabou se acidentando. Tivemos aula realmente só no último bimestre, Percebo também que as faltas de alguns professores eram bem constantes, o que acabava me prejudicando e prejudicando os alunos que tinham mais dificuldades do que eu. Aém disso a professora de Biologia acabava se perdendo na aula e falando mais sobre sua vida pessoal. Outros professores não faziam questão de ter muita conversa com os alunos. Tinha um professor de Química que só de uma amiga minha ouvir falar, acabou ficando em uma sala em que ele daria aula. Ela fez os pais irem à escola só para trocarem-na de sala. Foi no mesmo ano em que fiquei de recuperação em química com o mesmo professor.

No ensino Médio, infelizmente, tivemos falta de professores por longos períodos, uns por não terem substitutos e outros pela falta de presença em sala. Nesse período os professores sempre fomentaram o ideal de que deveríamos nos esforçar e logo em seguida iniciar a faculdade, independente se isso era ou não uma possibilidade para todos. Eu mesma me senti muito frustrada quando isso não aconteceu, percebia que o tempo passava e não estava na faculdade, via os dias se passando e continuava do mesmo jeito. Com a pandemia esse sentimento só se intensificou. Na realidade muitos de meus colegas e amigos ainda não fizeram faculdade. Alguns fizeram curso técnico, outros falavam

em tirar um ano de descanso e depois começar; alguns iniciaram e trancaram e alguns nem pensavam em faculdade, porque não queriam e outros, porque estar na faculdade, era uma meta inalcançável. Tive uma colega que passou em estética, no entanto não era com 100% de desconto , a mesma começou a divulgar nas redes sociais suas maquiagens para ver se conseguia arrecadar pelo menos o valor da matrícula, mas no dia de pagar ela não tinha conseguido o valor e acabou perdendo sua vaga. Depois desse fato, ela acabou desistindo de entrar na faculdade e nunca mais tentou.

No período de conclusão do ensino Médio, me via presa à expectativas dos professores e familiares, além de assistir a diversos filmes e séries que acabaram me gerando uma expectativa fantasiosa da realidade; os filmes mostravam uma realidade onde os personagens principais passavam na faculdade dos sonhos, e então iniciavam a vida adulta cheia de liberdade, amor e felizes para sempre. A realidade é totalmente diferente, existe a responsabilidade, boletos, a desigualdade social, a falta de empregos, a pobreza, entre outros. Fatores esses que muitas vezes são os que determinam nosso futuro.Naquela época se não vivêssemos uma realidade igual a dos filmes era frustrante. Falo por mim mesma, às vezes nem minha família me cobrava, mas eu fazia isso, queria deixá-los orgulhosos e ter a vida 'perfeita' o que não me permitia parar e pensar quais eram realmente os meus objetivos. A chegada da pandemia me possibilitou e me 'obrigou' a desacelerar e a repensar sobre os meus ideais e aos poucos me fez ver que a fantasia que havia criado na minha cabeça era totalmente diferente da minha realidade e da realidade de muitos outros, o que só se evidenciou com a pandemia, deixando ainda mais evidente a desigualdade social, não só no Brasil, mas também no mundo.

Voltando ao ensino médio, após os três anos terem se passado. 2019 foi meu último ano e comecei a fazer um curso no Espro (Ensino Social Profissionalizante) que nada mais era do que um curso para encaminhar os jovens ao seu primeiro emprego. No início de fevereiro

de 2020 fui jovem aprendiz em uma loja no BH shopping, em meio a pandemia que se iniciou em 2020.

Mesmo com a Pandemia realizei o ENEM, todavia não consegui passar no curso que queria. Inicialmente tentei Terapia Ocupacional, mas fiquei na lista de espera e em Fonoaudiologia fiquei em 5º lugar, no entanto havia somente uma vaga. No ano seguinte tentei novamente e aconteceu quase a mesma coisa, a única diferença é que tentei o prouni e passei em Pedagogia em uma faculdade particular, entretanto logo após ter sido aprovada e entregado todos os documentos, a faculdade decretou falência, devido a pamdemia. Todo esse processo me deixou frustrada, porque tinha o ideal que logo que terminasse o ensino médio já passaria na faculdade e me formaria com 22 anos. Quando percebi que isso não aconteceria me senti frustrada e acabei colocando muita pressão sobre mim mesma. E, para piorar, tinha a pandemia, todos em isolamento, com medo do que poderia acontecer. Foi um período de inúmeros sentimentos, mas que também me possibilitou repensar sobre o que realmente queria. No final de 2021, realizei o ENEM novamente e decidi abrir o leque de possibilidades e tentar pedagogia, já que estava no meu top 3 e era um dos cursos que desejava fazer na UFMG. Após realizar todo o processo de inscrição no SISU em 2022, saiu o resultado e fiquei na lista de espera. Após passar alguns dias, no início de março saiu a primeira lista de espera e em abril saiu a segunda lista onde constava meu nome. Após enviar todos os documentos e participar da Heteroidentificação, eu era a única que estava concorrendo à bolsa de Pedagogia. Após uma semana foi postada a lista de aprovação e meu nome estava lá. Eu tinha sido aprovada. No dia 18 de abril de 2022 iniciei o curso e hoje, dia 9 de junho de 2023, estou no meu terceiro período de Pedagogia.

QUEM SOU EU NA FILA DO PÃO?

LAURA LANA RIBEIRO ROCHA

Toda autobiografia tem um protagonista, que geralmente começa por responder à pergunta "quem sou eu". Como pessoa, estudante, familiar, profissional, amiga... nunca me fiz perguntas tão instigantes que me fizessem reviver certos momentos que estavam no mais profundo das memórias, aqueles em que guardamos os sentimentos que, na maioria das vezes, caem no esquecimento ou que escolhemos não reviver.

Neste primeiro semestre de 2023, no Curso de Pedagogia da FAE/UFMG, , algumas disciplinas contribuíram muito para descobrir a Laura que fui desde o ventre da minha mãe, trazendo à tona várias questões que carrego comigo: meu processo de alfabetização, como aprendi matemática, professores, amigos, experiências escolares, a escolha do curso de pedagogia, meus hobbies e outras coisas que compõem minha memória.

Desta forma, começamos por aqui: quem é Laura Lana? Nasci em 2003 no município de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte. Sou filha de Neide Ribeiro e Renato Izidoro, e neta de D. Leonidia e D. Maria. Vale destacar essas pessoas no início deste texto, pois ao longo da escrita elas ganham um grande significado na

minha vida. Antecipo que esta autobiografia será dividida em tópicos que se complementam ao final.

AFETO ESCOLAR QUE ANTECEDE O AMBIENTE ESCOLAR

Quando se fala de afeto, podemos dizer que ele é a expressão emocional que experimentamos ao nos conectarmos com nós mesmos, com os outros e com o mundo ao nosso redor. Surpreendentemente, tive contato com esse afeto antes mesmo de nascer, através de algo que normalmente associamos apenas ao ambiente escolar: o contato com as letras. Desde o ventre de minha mãe, elas estavam presentes em diversas histórias que ela me contava, com a intenção de que tudo aquilo fizesse sentido mais tarde. Essas histórias serviam como acalento para os choros e preenchiam o imaginário das pequenas narrativas antes de dormir.

Em minha casa, sempre havia livros e coleções de revistas. Tudo isso instigava minha curiosidade pelas palavras. Eu achava curioso ver um adulto lendo todas aquelas palavrinhas de diferentes formatos, fontes e cores escritas em um papel. No meu imaginário infantil, eu tentava criar o enredo para aquilo que via. Às vezes, questionava minha mãe sobre o que estava realmente escrito, e em outros momentos, era eu que escrevia através de rabiscos. Adorava pegar fotos e escrever historinhas relacionadas ao contexto da imagem.

Durante minha infância, até os meus 3 anos, eu praticamente morava com minha avó, pois ela cuidava de mim enquanto minha mãe trabalhava. A casa da Vovó Maria foi uma experiência de infância que todos deveriam vivenciar: uma infância livre, em que se corria pelos campos, brincava-se com os animais da fazenda, sujava-se de barro, pegava-se peixinhos no poço e tomava-se banho na chuva. Esses momentos eram únicos e muito especiais, tanto que refletiam no meu afeto escolar que antecede minha entrada na escola. Nesse contexto,

uma forma de registrar esses momentos e poder contá-los para minha mãe, que em alguns momentos precisava estar ausente, era desenhar e escrever através dos meus rabiscos nas paredes da casa da minha avó, usando batom vermelho. Essas paredes me acompanharam por uma boa parte da minha vida.

Dada a necessidade de frequentar a escola para promover a socialização e aprendizado, fui matriculada na creche "Salada de Frutas", aos 3-4 anos, que ficava perto da minha casa. Meu primeiro contato com a escola foi extremamente impactante, já que nunca havia estado em um ambiente com tantas crianças juntas. Tudo me instigava, desde os mínimos detalhes: as mesas, a cor da sala, as palavras, os números, os desenhos, as atividades, as músicas, as brincadeiras. Por conta de tudo isso, no meu primeiro dia, a partida foi dolorosa. Chorei muito, mas não por sentir falta da minha mãe, e sim porque não queria ir embora no final da aula.

Foi amor à primeira experiência. Muitas coisas eu já sabia, como as letras do alfabeto, as vogais e os números, pois em casa sempre fui muito estimulada. No entanto, foi na escola que meu processo de escolarização e alfabetização realmente começou, através da educação formal.

SALADA DE FRUTA: APRENDENDO COM O NOVO

A ideia de aprender coisas novas sempre me enche de entusiasmo, e até hoje fico animada com novos desafios. Lembro-me vagamente de algumas coisas desse novo ambiente em que me inseri, mas uma lembrança permanece vívida em minha mente: Regina, minha primeira professora. Ela era uma pessoa doce, e sempre que a encontro, sou transportada para essa memória afetuosa do passado. Com ela, tudo se tornava mais divertido, aprender era sempre uma aventura animada. Ela nunca gritava, e quando uma criança cometia algum erro, era ques-

tionada em um diálogo tranquilo, sem agressividade. Dentro da sala de aula, era permitido errar sem ser ridicularizado, pois estávamos ali para adquirir conhecimento. As crianças podiam ouvir e ser ouvidas.

Essa lembrança me faz refletir sobre a forma como tratamos as crianças, especialmente quando comecei a estagiar como professora durante meu curso de pedagogia. Cuidado e carinho desde o início da jornada escolar são fundamentais, pois têm um impacto significativo na vida da criança, influenciando sua autoestima e desenvolvimento emocional. Isso cria um ambiente propício para o aprendizado e o crescimento pessoal.

Acredito que a primeira experiência escolar pode ser traumática para alguns, mas deveria ser um campo de afeto para todos. A transição para o ambiente escolar é um momento emocionalmente carregado para muitas crianças, pois elas deixam para trás o vínculo familiar que as acompanhou até então e se deparam com o novo: novas expectativas sociais, novas crianças e suas próprias percepções individuais em relação a esse ambiente que passará a fazer parte de sua jornada. Uma das coisas que tornava meus momentos nessa escola significativos e marcantes eram os eventos que aconteciam, as preparações para apresentações de balé, as aulas de dança do ventre, de luta... Todas essas atividades movimentavam não apenas o corpo, mas também a alma, proporcionando aprendizado de diversas maneiras.

QUANDO A EXPECTATIVA PODE SE TORNAR TRAUMÁTICA

Após o jardim de infância, chegou o tão esperado momento de "ir para a escola das crianças grandes". No entanto, um ano foi adiantado, e lembro-me de ter ficado muito triste, pois não haveria uma formatura para comemorar essa transição de fase. Eu tinha expectativas de vestir um vestido bonito, ganhar um anel, me arrumar toda e, é claro, receber o diploma de formatura. Até hoje não superei o fato de não ter vivenciado esse momento.

Assim, após essa frustração de um sonho infantil, fui matriculada na Escola Estadual Maria da Piedade Souza Rocha, localizada na região em que morava, mas em um bairro mais carente, pois era a única escola que oferecia mais vagas.

No início, tudo era mágico. Criei muitas expectativas em relação às futuras amizades, às novas matérias, aos novos professores, e a escola em si me entusiasmava. Primeiro, ela era enorme e tinha uma quadra em que eu teria aulas. Apaixonei-me por cada novo detalhe que sabia que experimentaria ali. Já vivenciando essa nova rotina, em minha cabeça, aquilo era uma aventura, uma oportunidade de crescer e descobrir minhas habilidades. Adorava chegar em casa e contar cada coisa para minha mãe e minha avó paterna. Nos horários livres, tudo era repassado assiduamente para as minhas bonecas, em minha escolinha imaginária, minha brincadeira favorita.

Foi nessa época que aprendi a ler e escrever de fato. Agora as letras nos livros e revistas da minha mãe faziam sentido, e eu conseguia compreender tudo perfeitamente. Inclusive, uma das coisas de que eu mais gostava nessa época era ir a sebos para comprar alguns livros infantis.

Voltando para a escola, o ensino era mais básico, pois a maioria das outras crianças não tinha uma boa base em escrita e leitura. Para alguns, era o primeiro contato com o ambiente escolar, e a professora da época procurava nivelar todos no mesmo patamar, utilizando diferentes métodos para entender o desenvolvimento da turma.

Lembro-me dos muitos livros didáticos, das cartilhas de repetição e das atividades de cópia no caderno, com o objetivo de corrigir a escrita e melhorar a caligrafia. Também havia a sexta-feira dos livros, na qual trabalhávamos para melhorar a leitura. Meus favoritos eram as histórias da "Chapeuzinho Vermelho" e da "Festa no Céu". Eles eram meus favoritos, pois minha avó Maria contava essas histórias todas as

noites antes de dormir, e meu maior sonho era um dia poder participar da festa no céu com a bicharada.

No entanto, com o tempo, nem tudo era tão maravilhoso assim na nova escola. Entre o 2° e o 4° ano,

> **sofri muito bullying por estar acima do peso. Isso impactou meu desempenho escolar, e mesmo com as reclamações aos superiores, o problema não era resolvido. Tornou-se cada vez mais persistente e doloroso. Lembro-me de chegar a um ponto em que não queria mais ir para a escola, não via sentido em estar naquele lugar, e implorava para minha mãe me tirar de lá.**

Hoje penso em como a escola falhou em combater o bullying, não apenas no meu caso, mas também em relação a outras crianças. Esses atos ofensivos criavam e ainda criam um ambiente escolar negativo, prejudicando a motivação e a autoestima, e não promovendo um ambiente seguro e propício ao aprendizado, onde o engajamento é estimulado e o desenvolvimento integral é favorecido. Acredito que seja de suma importância que a escola adote estratégias pedagógicas, como programas de conscientização, apoio emocional e capacitação dos educadores, como forma eficaz de combater essa prática.

Devido a essas situações violentas, comecei a me desgostar e a ter conflitos dentro desse ambiente escolar. Certas atividades em sala de aula já não eram tão interessantes de participar, e eu temia ser ridicularizada nos eventos em que tínhamos que nos apresentar para toda a escola. Acabei me afastando de tudo que podia.

Com o tempo, essa situação se tornou insustentável para mim e desgastante para meus pais. Minha mãe, que também era professora, percebeu que meu rendimento estava baixo e eu estava ficando atrasada em relação ao aprendizado, então decidiu me mudar de escola.

(RE)COMEÇAR

Após alguns anos turbulentos e também alguns bons momentos, tive a oportunidade de (re)começar ao mudar de escola no 5º ano. Fui para a Escola Estadual Padre Lebret, uma instituição reconhecida pela qualidade de ensino na região de Venda Nova.

No Padre Lebret, as coisas eram bem diferentes, pois a escola estava localizada em uma região favorecida. Tudo ali tinha um estereótipo: as professoras eram mais rigorosas e variadas, as atividades eram mais complexas e as crianças estavam mais avançadas no nível de aprendizagem. Pela primeira vez, senti-me desolada ao me deparar com o novo.

No primeiro dia, minha cabeça só pedia para sair correndo dali, sentia-me perdida, mas com uma esperança de que talvez ali fosse melhor do que a última experiência.Uma das lembranças mais vívidas desse início é o momento em que comecei a chorar por não saber fazer uma atividade de análise sintática na aula de português. Nunca tinha visto algo daquele tipo na vida, ou se já tinha, não com aquela complexidade.

Enquanto observava as outras crianças realizando a atividade tranquilamente, com a professora esperando para corrigi-la em conjunto, senti-me envergonhada por não saber. Naquele instante, me achei burra e incapaz. Ao me verem chorando, todos ficaram com expressões de espanto, e a professora Patrícia se aproximou de mim com uma expressão séria - naquele momento, pensei que além de não saber, seria xingada na frente de todos - . No entanto, ela me acalmou com gentileza e disse que estava tudo bem não saber, e se ofereceu para explicar em particular, nos momentos livres, aquilo que eu tinha dificuldade.

Eu me acalmei, mas continuei me julgando por aquele ato: "quem fracassa logo no primeiro dia de aula?" ou "o que as outras crianças vão pensar de mim?". Lembro-me de ir para casa e chorar muito, sentindo que aquele lugar não era para mim. Mas, no segundo dia e nos seguintes, as coisas foram se encaixando. As crianças, em vez de me

julgarem como eu esperava, mostraram-se solícitas caso eu precisasse de ajuda. Logo, fiz algumas amizades e contei com o apoio da professora para tirar dúvidas e superar dificuldades. Aos poucos, fui me destacando e me nivelando com o conhecimento da turma.

Em relação ao bullying, infelizmente, ele me acompanhou nessa nova escola também. No entanto, já não me importava tanto, pois estava tão feliz com tudo o que vinha acontecendo que simplesmente ignorava.

Essa escola atendia apenas até o 5º ano, e posteriormente todos os alunos iriam diretamente para o Maria Muzzi, uma escola estadual que ficava a poucos metros de distância.

Refletindo sobre essa memória, percebo o quanto o papel do professor é significativo nesses momentos. É fundamental que reconheçam as dificuldades dos alunos e os ajudem a superá-las, sem julgamentos. Isso cria um ambiente de apoio e empatia, permitindo que o aluno se sinta encorajado a enfrentar desafios e desenvolver confiança. O reconhecimento e o suporte individualizado incentivam a motivação e o engajamento dos alunos, contribuindo para o sucesso educacional e pessoal deles.

ONDE ME ENCONTRO OU PELO MENOS PROCURO

Ao iniciar o Ensino Fundamental II, as expectativas já eram diferentes e a rotina escolar também. O que antes consistia em lidar com três professores agora se transformou em nove disciplinas distintas. Algumas delas eu já imaginava que gostaria, enquanto outras nem tanto.

Até o 7º ano, eu sempre fui destaque na turma, recebendo elogios em todas as reuniões de pais, certificados de aluno talentoso e participando fervorosamente de eventos e olimpíadas oferecidos pela escola. Eu realmente fazia por merecer todo o reconhecimento. No entanto, as coisas começaram a desandar na metade do 7º ano.

Problemas pessoais relacionados aos meus pais e uma cobrança excessiva por perfeição, juntamente com a expectativa de ser a filha perfeita que não pode falhar, fizeram com que minhas notas e desempenho começassem a cair. A escola se tornou um fardo, os professores pareciam me odiar e eu sentia o mesmo por eles. Houve casos de expulsão da sala de aula, suspensões e períodos de recuperação. Chegou a um ponto em que eu nem entrava mais na escola, passava o tempo matando aula.

Minha mãe, desconfiada de que algo não estava bem, questionava o que estava acontecendo, mas eu mesma não sabia ao certo. Após ela investigar melhor esse desempenho insatisfatório na escola, reconheceu que não estava tudo bem e então comecei a fazer tratamento com psicólogos e psiquiatras. No ano seguinte, decidi me dar uma chance de recomeçar e fazer tudo de forma diferente, pois eu não era o fracasso que projetava para mim mesma.

No início do oitavo ano, conheci uma amiga chamada Stefany, e a partir daí muitas coisas se tornaram significativas demais. Ela me inspirava a estudar, a descobrir novas coisas e a frequentar novos ambientes. Também me aproximou da minha matéria favorita, história, e tenho uma enorme gratidão por tê-la conhecido.

A partir desse ponto, as coisas só melhoraram. Tive um professor amigo, Roberto, de ensino religioso, que deixou uma marca profunda em mim. Quando tudo parecia perdido, ele foi um suporte e acreditou que tudo aquilo era apenas uma fase passageira.

No 9º ano, minha conexão com o ambiente escolar atingiu o ápice. Sentia-me completamente feliz, fazendo parte de uma turma acolhedora, com professores didáticos, colaborativos e bons. Conheci pessoas que até hoje contribuem para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, como meus melhores amigos Rapha, Nicolle e Lucas. Sem eles, os períodos que estavam por vir não seriam tão leves de enfrentar. Foi nessa fase que comecei a me questionar sobre minha futura profissão. Dentro de mim, ecoava o desejo que me acompanhava desde sempre:

tornar-me professora. E, nesse caso, já estava praticamente decidida em qual área da licenciatura seguiria: HISTÓRIA!.

ENSINO MÉDIO: "AQUI DESCOBRIMOS QUEM SERÁ ALGUÉM NA VIDA."

Lembro-me perfeitamente da minha primeira aula no Ensino Médio, no início do ano letivo, com o professor César de Geografia. Ele começou a aula com a seguinte frase: "É aqui, no começo do Ensino Médio, em que descobrimos quem será alguém na vida, alguns terão trabalho, outros uma profissão."

Essa afirmação me impactou profundamente, e a partir desse momento decidi que queria ser alguém, fazer meu nome e me tornar uma referência profissional. Comecei a refletir sobre a minha história e sobre aqueles que vieram antes de mim, possibilitando que eu ocupasse aquele lugar. Naquele mesmo ano, iniciei um curso de Desenho Mecânico no SENAI, considerado um dos maiores desafios que já enfrentei. Consegui provar para mim mesma que era capaz. Era uma turma de 40 alunos, sendo apenas 7 mulheres, todos os professores eram homens, e o machismo era evidente. Se eu quisesse crescer naquela área, as oportunidades seriam escassas. No entanto, havia uma grande frustração, pois eu gostava da área.

E AGORA, NÃO ESTOU ME ENCONTRANDO. TEREI UMA PROFISSÃO?

Acabei me envolvendo com Design Gráfico, me apaixonei, mas ainda não era isso... O tempo passou, no segundo ano eu buscava cada vez mais me encontrar, descobrir qual lugar eu ocupava e queria ocupar no mundo. Participei de projetos, ganhei dois eventos de curta-metragem na escola, fiquei em segundo lugar em uma competição de inovação na área de tecnologia e quase cheguei à final da Olimpíada de História (nessa última, fiquei muito pistola).

Ainda em busca de mim mesma, no terceiro ano, quando tudo deveria estar previamente definido, o mundo teve uma surpresa não tão boa... a PANDEMIA. Nesse momento, foi uma ladeira abaixo, todos os planos, expectativas e sonhos precisavam ser redefinidos. "Poxa, logo na minha vez, não vou poder colocar o nome do meu curso na camisa de formandos?!"

Foi o momento de aprender com o desconhecido, adaptar-se ao que até então nunca havia sido utilizado. Era sobre conviver à distância para sobreviver.

Em meio ao caos, morte e insegurança, formei-me e me reinventei. Estudei algumas áreas, desisti do ENEM 2020 para o qual havia me preparado tanto, algo dentro de mim dizia que aquele não era o momento.

Em 2021, fiz o ENEM novamente e passei... Mas e agora? Qual profissão quero seguir? Ecoava aquela frase inicial. Por fim, escolhi Pedagogia. O curso de História ficaria para outro momento. Queria algo em que pudesse aplicar minha multidisciplinaridade, e a Pedagogia estava ali, aberta para que eu descobrisse uma educação que se reinventasse a partir de experiências.

"TREVO, FIGUINHA E SUOR NA CAMISA"

Algo que não posso deixar de mencionar aqui é a sensação de ter sido aprovada na UFMG. Isso representava o sonho não apenas meu, mas de toda uma geração da minha família, que sequer teve a oportunidade de pisar em uma universidade. Foi um choro engasgado, de

felicidade, honra e algumas lembranças que compunham a vontade de realizar isso.

Finalizando o passeio pelas memórias do meu processo de escolarização

Portanto, acredito que minha memória escolar, de forma resumida, seja essa. Há tantos fatos, acontecimentos que, se eu fosse descrevê-los, levaria muitas páginas e ultrapassaria os 20.000 caracteres. Muita coisa eu não consigo me lembrar. No entanto, ao refletir sobre o que escrevi, percebo que é suficiente para analisar minha trajetória com carinho, reconhecer cada passo, voltar ao passado e matar a saudade da criança que eu era, e ver que todo o investimento valeu a pena. Acredito que esse não seja o fim nem o começo, mas o desenvolvimento de um processo educacional em constante evolução, que me motiva a continuar explorando meu potencial e a dedicar-me à educação, com o objetivo de ser uma educadora que inspira e transforma a vida das pessoas.

EU, ENQUANTO SUJEITO ESCOLAR

LILIANA GONÇALVES DE SENA

> "Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou "consenso" quanto for capaz a partir de dentro e através dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados. Esperar da sociedade mercantilizada a promulgação activa – ou mesmo a mera tolerância – de um mandato às suas instituições de educação formal que as convidasse a abraçar plenamente a grande tarefa histórica do nosso tempo: ou seja, a tarefa de romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana, seria um milagre monumental." (MÉSZÁROS,2005)

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. Boitempo Editorial. São Paulo,2005

Meu nome é Liliana Gonçalves de Sena, nasci em 09 de outubro de 1986 na cidade de Belo Horizonte, mas cresci e vivo até hoje na cidade de Santa Luzia, região metropolitana. A intenção desse trabalho é resgatar memórias e relatar a vivência do meu processo escolar. A princípio pensei ser quase impossível escrever sobre essa jornada, como se não lembrasse o suficiente, porém no decorrer das aulas e

exposições dos temas dos seminários, as memórias começaram a surgir tão naturalmente, que agora a dificuldade é passá-las para o papel com a riqueza de detalhes.

Enfim, comecei a frequentar a escola, no ano de 1992, com cinco anos de idade, chamávamos Jardim de Infância, nessa fase cursei o jardim e o pré-escolar, estudei na Escola Estadual José Bonifácio, ficava uma rua acima de onde morava, a maioria dos alunos eram crianças que já conhecia da vizinhança. A escola era simples, tinha as salas de aulas organizadas em mesas pequenas com aproximadamente seis cadeiras nas quais éramos agrupados. A mesa da "tia" Verinha ficava ao lado do quadro, em diagonal para toda sala, tinha um filtro de água lá e só saíamos para ir ao banheiro ou na hora do recreio. A sala era cercada de recursos visuais como letras, sílabas, desenhos. O pátio era dividido entre brinquedos de ferro (balanço, escorregador, balanço coletivo), e as mesas onde serviam a merenda (eram de madeira pintadas de azul); hum a merenda… era simples e deliciosa. Ao relembrar parece que consigo resgatar o gosto daquele leite queimado que serviam com biscoito. Tinha dia que era servido arroz temperado, que também muito me agradava. Ainda no pátio havia um "palco" que ficava no alto, ali aconteciam as apresentações como festa junina, de primavera, etc. Lembrando dos eventos, era comum nos apresentarmos também no teatro municipal da cidade. Eu gostava de ir à escola, embora alguns amigos chorassem com saudades dos pais. Realmente foi o primeiro espaço formal, para além da família e dos vizinhos próximos, em que comecei a interagir, socialmente falando. Entrávamos depois do almoço, todos uniformizados, blusa branca de botões, uma jardineira de um xadrez bem pequenininho, vermelho e branco, shorts para os meninos e saia para as meninas, com o nome bordado na parte superior e fofoca debaixo da saia. O jardim foi uma experiência amistosa, brincávamos de massinha, fazíamos colagem (papel crepom), tínhamos tempo para brincar no pátio, sentar em roda no chão e explorarmos aquele ambiente.

No ano de 1993, iniciei o pré-escolar. Na minha percepção era uma etapa mais rígida, houve uma grande mudança nas tarefas realizadas e na postura das professoras. Agora já não havia tanto tempo para brincadeiras, esse espaço começou a ser ocupado pelo universo das letras, palavras e leitura. Lembro-me vagamente de já conhecer as vogais e as letras do alfabeto, talvez tivéssemos aprendido no jardim. Agora aprendíamos a partir de uma palavra, famílias de sílabas que depois ,com outras combinações formavam outras novas palavras. Decorávamos, fazíamos ditados, em grupo e de forma individualizada, nas arguições na mesa da professora, "tia" Giselda. Ela era exigente, todos os dias tínhamos que fazer fichas com nosso nome, nome da escola, da professora e a série que cursávamos. Não me lembro como se deu o processo da escrita, mas saí do pré-escolar alfabetizada, sabia ler e escrever com letra cursiva. Usávamos folhas mimeografadas, ainda lembro o cheirinho do álcool, cantávamos o hino nacional, fazíamos jogos de sílabas, cópias, operações básicas de soma e subtração. "Tia" Giselda dizia ser muito importante saber "essas coisas" para conseguir uma vaga em um bom grupo escolar. Na formatura do pré-escolar, lembro de cantarmos a música *Despedida* de Roberto Carlos e de fato cair em prantos: "*O meu coração aqui vou deixar; não ligue se acaso eu chorar; mas agora adeus"*. O novo me assustava e muito.

E foi assim que parti, em 1994, para o grupo escolar, Escola Estadual Santa Luzia. O grupo ficava no meio do caminho, entre o jardim e os colégios. Ali havia muito mais crianças, também a edificação era muito maior, de fato uma escola funcional, havia salas de aulas em dois andares, uma quadra para fazer atividades físicas, uma pequena gruta em homenagem a Santa Luzia, um pátio com arquibancadas, uma biblioteca e muito mais disciplina. Nas primeiras semanas fiquei em uma turma até a aplicação de alguns testes, isso mesmo, fizemos a tão temida prova, para a qual "tia" Giselda nos preparara, para definir em que sala ficar.

> **As turmas apresentavam-se constantes e uniformes, não havia muita diferença entre os alunos, embora a escola fosse uma pluralidade de pessoas com contexto social, econômico e cultural muito diferentes.**

Por falar em constância, aqui também usávamos uniforme, shorts azul marinho e blusa azul com o nome da escola, estampado em silk por toda lateral. O boletim escolar, bem provável de ainda existir fisicamente com minha mãe, vinha separando as matérias e no decorrer dos bimestres, os conceitos: Ótimo, Muito Bom, Bom, Regular e Insuficiente. Para avançarmos para as séries seguintes sem pegar recuperação ou repetir o ano, era importante tirar nos testes, no mínimo, Bom.

Aos poucos as "tias" foram virando professoras, "tia" Helena, professora Rosângela Sales e Marília, respectivamente acompanharam minha turma na 1ª, 2ª , 3ª e 4ª séries. No grupo, lembro aqui de já receber o livro didático do governo. Um dos primeiros livros em que estudei foi o *Porta de Papel*, utilizávamos o livro no decorrer do ano e ao final era necessário devolver para utilização de outras crianças. Utilizávamos também caderno de caligrafia, folhas mimeografadas, fazíamos cópias do quadro (verde, escrito a giz) e repetíamos a Tabuada até decorar; ela era tomada pela professora, todos os dias em determinado tempo na aula. Os métodos tradicionais utilizados impulsionavam a memorização mecânica, e foi assim que aprendi sobre as regras de matérias essenciais como português e matemática, principalmente. Tínhamos horário para tudo e éramos alertados dos ritos ao toque do sinal. Na hora do "recreio" já não nos encontrávamos com todos, as turmas ocupavam os pátios conforme os tempos definidos. Para se deslocar pela escola, geralmente os alunos eram organizados em filas, conforme a estatura. Nesse período lembro vagamente de atividades extraclasse, como trabalho em grupo para feira de ciências, em que os melhores trabalhos ganhavam destaque, e visita a alguns pontos turísticos em Santa Luzia, como *Muro de Pedras, Convento de Macaúbas, Solar da Baronesa, Casa da Cultura, Matriz de Santa Luzia*. Uma outra lembrança que tenho desse período é que a partir do ano subsequente ao término da 4ª série, a escola deixaria de ser estadual e passaria para a gestão municipal.

Antes de adentrar ao universo do colégio, faço uma observação quanto a relação família - escola. Meus pais cobravam que fizéssemos os deveres, iam nas reuniões, mas não acompanhavam de forma ativa esse movimento escolar. Minha mãe sempre muito atarefada com os afazeres domésticos, e por ter frequentado por pouco tempo a escola, não conseguia ajudar muito. Meu pai, trabalhador da indústria, trabalhava em diversos turnos, também não dava importância às questões escolares. Ele chegou a concluir o ensino médio nos programas de Telecurso 2000 vendidos para as empresas. Geralmente, as questões escolares ficavam por conta da minha irmã mais velha, temos uma diferença de nove anos de idade.

Quando mudei para o colégio na 5ª série, 1998, o critério para conseguir vaga entre os colégios públicos de Santa Luzia era a data de aniversário, lembro-me disso porque fui à antepenúltima da listagem na Escola Estadual Geraldo Teixeira da Costa, colégio referência na época, e muitos amigos do grupo escolar foram direcionados à Escola Estadual Domingos Ornelas, conhecido como colégio do Padre, que ficava no mesmo quarteirão do Geraldo Teixeira, mas diziam ter uma "nota" inferior. Estudei da 5ª série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, na época também conhecido como segundo grau. O colégio ficava mais distante de casa, a princípio deslocávamos de van, ou ônibus e no decorrer do tempo, caminhávamos por volta de meia hora nesse trajeto casa-escola.

Talvez nesses longos anos entre o Fundamental II e o Ensino Médio seja o período em que mais tenha vivenciado a complexidade do universo escolar, digo em relação a formação de professores, que hoje me pergunto se eram de fato habilitados para lecionar as matérias a que

se dispunham. Lembro-me, por exemplo, de uma professora que dava aula de física, matemática e geografia. Os problemas relacionados à violência entre alunos eram, muitas vezes, conduzidos ao conselho tutelar para que pudessem intervir. O acesso a materiais didáticos e alimentação, no ensino médio eram escassos. Não tínhamos, por exemplo, direito a "merenda" e nem aos livros didáticos, esses deveriam ser adquiridos pelos estudantes, porque na biblioteca havia poucos exemplares.

A experiência do colégio era algo peculiar e muito diferente da escola que conhecia. Havia muitos professores e muito mais alunos. Na parte da tarde funcionava da 5ª a 8ª série e no turno da manhã e noite da 8ª ao 3º ano do Ensino Médio. O espaço era o de uma escola também funcional, salas convencionais, laboratório de ciências, duas quadras em que se encontravam duas turmas para fazer educação física; as turmas eram divididas entre meninos e meninas e as quadras separadas pelo tipo de esporte que se ensinava; uma cantina terceirizada e a cantina da escola; banheiros e bebedouros dispostos no pátio; enfim uma escola preparada para receber um número muito superior de alunos.

No quarteirão dos colégios tem a escola Geraldo Teixeira da Costa, SENAI de Santa Luzia e o Domingos Ornelas. Particularmente, comecei a ter alguns problemas de adaptação, o primeiro zero por não entender os algarismos romanos na aula de história, o nome listado no quadro pelo "supervisor" da turma, as provas que assinei em nome dos meus pais etc. Agora, para aprovações eram aplicadas provas e havia um mínimo para passar 60 pontos em 100 garantia o acesso à série seguinte, ou a reprovação. No decorrer do tempo, não sei precisar o momento, era permitido passar a série mesmo "devendo" alguma matéria, talvez fosse aqui o início da progressão continuada.

Já adolescente, quando frequentava a 8ª série, lembro de os meninos serem convocados a fazerem a prova do SENAI, ofereciam mecânica e elétrica em cursos de aprendizagem e as meninas encaminhadas ao

Lions para aprender a bordar, pintar ou fazer trabalhos manuais como manicure e cabeleireiro. Apenas hoje compreendo que, mesmo naquela época, todos poderiam ter tido a oportunidade de acesso a essa educação profissional. Uma outra coisa que muito me marcou foi a evasão de uma colega por ter se casado aos dezesseis anos.

Somente no ensino médio, aprendi a significar o que estava lendo, sem apenas proferir palavras, mas a pensar em todo contexto. Tive alguns professores excepcionais que de fato transformaram a vida de seus alunos. Ao final do ensino médio, fizemos o ENEM, talvez tenha sido um dos primeiros a serem aplicados, no ano de 2004. Na época, servia para medir a nota das escolas. Dos que se formaram comigo, alguns se casaram, outros continuaram os estudos, a maioria trabalha.

Ao concluir o ensino médio, comecei a trabalhar em uma empresa de transporte coletivo da cidade, no departamento pessoal. Ganhava um salário, na época, trezentos reais. Por incentivo da minha mãe, comecei a fazer cursinho pré-vestibular. Trabalhava durante o dia e estudava à noite. Chegava em casa por volta das onze horas, revisava a matéria e o ciclo recomeçava. Aos finais de semana assistia as monitorias e plantões tira- dúvida. Foi assim por todo ano de 2005. Aprendi coisas que jamais tinha ouvido falar durante toda a trajetória escolar, li muitos livros e pensando na profissão , fiz o vestibular e fui aprovada para o curso de Ciências Contábeis na UFMG, motivo de alegria para mim e orgulho para minha mãe. Essa seria a única forma de continuar estudando, visto que não tinha condições de pagar mensalidade de uma faculdade particular.

Naquela época não havia política de quotas e programas como o PROUNI, estavam no início. Enquanto estava cursando o ensino superior, trabalhei em um escritório de contabilidade, fiz estágio em indústrias e fui contratada por uma empresa de terceiro setor. Tenho a sensação de não ter vivenciado a universidade. Fiz o curso para me qualificar para o mercado de trabalho. Apesar disso, preciso registrar o

quão diferenciador foi essa experiência em minha vida, pela primeira vez encontrei pessoas muito diferentes de mim, social e culturalmente falando, de fato, uma universidade. Essa graduação mudou minha percepção de mundo e, com certeza, contribuiu para a vida que tenho hoje, sem nenhum luxo, mas aos poucos vamos conseguindo manter uma vida digna.

Em relação à educação especial, quero dizer, em relação a presença de pessoas com deficiência ou necessidades especiais durante meu processo de escolarização, praticamente não existia. Assim como falar sobre racismo parecia ser um tabu. Sinto que minha geração não sabe lidar com as diferenças, quando encontrávamos crianças diferentes de nós, infelizmente, além de não saber agir, tínhamos medo.

Com a pandemia da COVID 19, passei a trabalhar home office, e tive a oportunidade de olhar de uma forma diferente para o meu filho, à época com dois anos de idade. Vi o quanto precisaria entender melhor a educação para melhor direcioná-lo, além de pensar na possibilidade de trabalhar menos tempo e ter tempo de mais qualidade com ele e para a família, isso me fez querer estudar Pedagogia. Com mais de quinze anos de formada no ensino Médio,fiz o ENEM. Dessa vez para tentar o acesso a Universidade, e graças à política de cotas, consegui ingressar no curso de Pedagogia no ano de 2021. Ainda não consigo vivenciar a Universidade como gostaria, mas tento aproveitar ao máximo a oportunidade de estar aqui novamente. Agora faço as disciplinas no ritmo que dá, geralmente três matérias a cada semestre, até porque tenho uma criança em casa que demanda atenção. Mas a sensação é de estar num lugar muito diferenciado a FAE e FACE são ambientes muito distintos apesar de serem a mesma universidade.

Hoje vejo o quanto é fundamental refletir sobre as propostas e questões que perpassam os processos de ensino – aprendizagem, além de estar abertos a mudar concepções, aprimorar, ressignificar a escolarização. De fato, educar é um ato de amor e político. O conhecimento carregado de significado liberta, amplia a visão de mundo, dispõe o cidadão de armas. Sei que é utopia pensar a Educação como fonte de transformação social em massa, e que dificilmente romperemos a ordem do Capital, mas mesmo que marginalmente, acredito muito em seu poder transformador mesmo que levar o conhecimento a frente, não seja tarefa fácil.

MEU PERCURSO ESCOLAR

MARIA EDUARDA DA SILVA MAXIMIANO

Nasci no dia 24 de fevereiro de 2003, no município de Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte, filha mais velha de um casal periférico da região leste da capital, que desde novos enfrentaram diversos percalços. Acredito ser importante comentar rapidamente sobre a escolarização e a experiência deles, pois, a falta de oportunidade ditou as escolhas deles para a minha formação. Ambos vieram de famílias grandes, meu pai é o segundo de 4 filhos e minha mãe é a irmã mais velha de 6 irmãos — três irmãos faleceram, atualmente são 3 irmãos. Nesse sentido eles sempre estiveram na posição de ajudar no sustento de casa. Os dois começaram a trabalhar bem cedo, minha mãe para se sustentar e meu pai para ajudar minha avó a sustentar a casa e os irmãos. Minha mãe conseguiu conciliar o trabalho e o estudo assim, conseguiu completar o ensino médio, já meu pai, enfrentou duras experiências e precisou largar o colégio no fundamental II, assim, acabou abrindo uma loja de roupas, para conseguir uma renda extra no tempo em que não trabalhava como agente de bordo.

Quando eu nasci, eles já estavam em melhores condições, conseguiram quitar um apartamento em Santa Luzia, para onde se mudaram meses antes do meu nascimento. Contudo, devido à dificuldade no

deslocamento entre a loja, localizada no bairro Alto Vera Cruz, região leste de Belo Horizonte, e o apartamento, precisamos voltar para a casa dos meus avós, localizada no bairro Taquaril, também pertencente a região leste, onde estamos até hoje.

Como já relatei acima, meus pais trabalhavam em seus respectivos empregos e ainda na loja de roupas deles,por isso não tinham tempo para cuidar de mim; sendo assim precisaram logo me matricular em uma creche, sendo essa integral e localizada na rua de trás de casa. Dessa forma teriam um auxílio na minha criação e educação.

Ao procurar recordações, me deparei com algumas fotos antigas, e essas me despertaram boas memórias. Lembro das letras e números dispostos na parede, fichas com nomes, brinquedos que trabalham a coordenação motora, aramados, blocos de montar Xalingo, multi blocos coloridos, livros, entre outros recursos, que auxiliaram no meu desenvolvimento. Apesar de me apoiar somente em imagens e vagas lembranças, sinto novamente a sensação de acolhimento e o prazer da descoberta daquele período.

Vale salientar que no dia 14 de fevereiro de 2006, minha irmã nasceu assim, a rotina da família se modificou. Segundo minha mãe, eu e minha irmã saíamos cedo para a escola e passávamos uma parte considerável do dia fora; um período na escola e outro na casa de uma conhecida. Meu pai nos buscava na casa dessa senhora, nos dava banho e alimentava e somente depois que minha mãe chegava iniciávamos as lições. De certa forma, ela desempenhou um papel fundamental na nossa educação.

Ingressei no Instituto Educacional Pimentinha em 2006/2007, escola na qual estudei do primeiro ao quinto ano, Gostava muito do colégio, das professoras e dos colegas de classe, mas só isso não bastava para o meu processo de aprendizagem. Nos primeiros quatro anos foi tudo uma maravilha. Posso afirmar que a minha experiência de alfabetização foi mágica; sempre tive muita facilidade com a escrita e com a

leitura. Acredito que seja tanto pelo estímulo das professoras do jardim, quanto da minha mãe, mas no início do quinto ano, algo aconteceu. Minhas notas começaram a cair e as coisas faziam pouco ou nenhum sentido. Eu não conseguia compreender algumas matérias. Esse estado se agravou no decorrer do bimestre, sendo assim, minha mãe optou pela troca de colégio.

Fui matriculada no Colégio São Francisco De Assis - alguns anos depois, virou a sede do Colégio Nossa Senhora Das Dores (Unidade Pompeia)-. Durante essa transição sofri um grande baque, pois, mesmo tendo me apropriado da leitura e da escrita, ainda não estava no nível dos meus colegas do 5ºano da nova escola. Meus pais e a escola entraram em consenso e decidiram me voltar para o quarto ano. Lembro que já no primeiro mês comecei a fazer aulas de reforço para melhorar meu rendimento e também para receber um suporte maior no ensino de matemática, disciplina na qual eu sempre tive dificuldade, tanto na compreensão e interpretação, quanto na prática.

Quero comentar sobre uma cena que me traumatizou e teve um papel preponderante na minha relação com a matemática no decorrer dos anos. Não me lembro ao certo a época, possivelmente foi entre o 4º e 6º ano. Meu pai era o "responsável" por ensinar os deveres de matemática, mas ele tinha pouca paciência, logo, se errávamos, eu e minha irmã, ele apagava de forma ríspida e não tentava explicar onde ou o motivo do erro. Ele tomava o lápis e terminava a conta, ação essa que dificultava a compreensão das regras e convenções intrínsecas na matemática. Me lembro, como se fosse hoje, de ter errado uma continha, ouvir um murmúrio e em seguida vê-lo se levantando de maneira abrupta da mesa. Quando percebi, meu caderno de matemática tinha sido lançado em direção ao ventilador da casa, que não tinha a tampa de proteção. Meu caderno estava destroçado. Durante as aulas de fundamentos e metodologia do ensino da matemática desse semestre, pude perceber que a partir desse dia, coloquei os erros como inaceitáveis, e

com o decorrer do tempo, passei a me desafiar menos, não fazia listas de exercícios e não tentava resolver questões que envolviam a matemática, desenvolvi assim um afeto negativo com a matemática. Minha relação com os alunos e professores era ótima, fazia atividades extracurriculares e me dava bem com matérias de humanas, mas só isso não bastava. Apesar dos pontos positivos no âmbito social, eu empurrava a escola com a barriga. Nessa época, eu via a escola como uma extensão de casa, nesse sentido eu a tratava com total descaso; ali era importante apenas me divertir e passar de ano.

No 7º ano, mudei novamente de colégio, fui para a Polimig, colégio no qual estudei do sétimo ao primeiro ano do ensino médio. Acredito que foi ali que tive uma virada de chave sobre a educação.

Durante 2016, ainda empurrava a escola com barriga, no entanto, percebi ali, uma afinidade gigantesca com a área de humanas, em contrapartida, ainda tinha muita dificuldade em matemática, mas mesmo com esse empecilho, nunca deixei de me esforçar.

Quando voltei ao colégio no ano seguinte, minha postura mudou, escolhi outro local para sentar na sala, conversava apenas na troca de professores e no recreio, e me dedicava ao máximo. Acredito que essa mudança "repentina" de postura se deu, no momento em que vi as bonificações que o colégio dava aos "alunos destaques" no decorrer das etapas. Vi, nessa parabenização, uma forma de calar aqueles colegas, professores e familiares que duvidavam da minha inteligência. Assim levei durante todo o ano, além de melhorar minhas notas, também tomei gosto pelo estudo.

Nesse mesmo ano, li o livro "O Imperador da Ursa Maior" do autor Carlos Eduardo Novaes. Esse livro foi importantíssimo para o meu percurso escolar, pois foi a partir da sua leitura que a minha concepção de mundo mudou. O oitavo ano, foi inquestionavelmente um divisor de águas na minha escolarização, pois foi nesse ano que tive o meu famoso "chá revelação de raça e classe social", não que anteriormente eu não tivesse consciência da realidade que me cercava, contudo, posso afirmar que vivia, sim, numa bolha. Na maior parte da minha escolarização, frequentei colégios privados -por meio de bolsas e do auxílio escola que minha mãe recebia-, mesmo com as bolsas, eu estava em um ambiente totalmente diferente, lembro de ter discorrido na matéria de História da Educação I sobre a dificuldade de transitar nesses dois espaços -periferia e instituições privadas-, pois mesmo estando presente ali, minha realidade não era aquela; minhas condições não chegavam nem perto da dos meus colegas de sala, meus costumes e minha cor também não eram iguais. Nesse sentido, a matéria de história veio para me mostrar o quão cercada de privilégios eu estava. À medida em que me aprofundava na disciplina mais tapas no estilo "fica ligado", eu recebia da minha consciência. Observei as falas e atitudes preconceituosas que me rodeavam, além das concepções discriminatórias que eu banalizava, devido à falta de informação. Nesse contexto, me entendi como uma jovem negra, moradora da periferia e privilegiada -em algumas instâncias-. Cair de cabeça na disciplina de história, possibilitou uma reviravolta na minha vida, mesmo com as minhas vivências externas à escola, não conseguia enxergar a periferia como um lugar frutífero, potente e importante nos diversos âmbitos da sociedade -cultural, econômico, etc.-, não percebia o peso da raça nas relações, acreditava até aquele momento, que a raça influenciava pouco ou quase nada nas dinâmicas sociais. Percebo agora como reproduzia e acreditava fielmente nas concepções dos meus pais. Considerando essa realidade e também o desconhecimento da época, me via frequentemente compactuando com falas e atitudes que eram contra a minha existência e a dos meus iguais, graças a história -a geografia, filosofia e sociologia, que também agregaram muito-, me tornei politizada - termo com cunho pejorativo para a minha família-, ativista, mobilizada, antenada nas questões sociais e combativa, não é à toa, que é essa matéria que escolhi e vou lecionar, a história mudou minha vida e minha percepção de mundo.

> **Essa nova perspectiva, foi importante nas eleições de 2018, na qual lutei com outras colegas contra a eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, fazendo "campanha" na escola, desmentindo fake news e apresentando novas dimensões dos conceitos levantados pelo mesmo como: as cotas, a comunidade LGBTQ -atualmente LGBTQIAPN+-, os discursos eugenistas e preconceituosos para com a população pobre, preta e periférica,**

infelizmente nossos esforços não impediram que ele subisse a rampa do Palácio do Planalto e desgovernasse o país durante 4 anos, mas fico feliz em dizer, que diversas mentalidades foram transformadas com essa movimentação.

O meu nono ano foi uma continuação do oitavo, me aprofundava nas temáticas sociais e estudava as matérias da grade curricular. Nesse ano, comecei a me perguntar o que faria da minha vida e qual faculdade eu gostaria de fazer. O ENEM estava cada vez mais perto e com ele vinha a sensação de incapacidade. Vou comentar, que ali em 2018/2019, aconteceu um problema familiar gigantesco, que me estimulou a seguir a área de psicologia, não apenas por gostar da área, mas para ajudar as pessoas de uma forma que eu não fui. Atualmente, tenho consciência de que apesar das melhores motivações, seguir essa carreira não me traria satisfação pessoal, além disso, na minha casa, eu era sempre lembrada de que a docência "não dava dinheiro". A opinião deles, principalmente da minha mãe, sempre importou muito, dessa forma, acabei desistindo por uns anos da área de história e tomei psicologia como meu primeiro plano.

Nesse ano, fiz as provas do CEFET e COLTEC buscando passar em química -área que eu tinha facilidade e gostava-, e me candidatei a representante de turma. No primeiro ano, percebi a necessidade de mudar de colégio, para me dedicar 100% ao ENEM, até porque, queria a UFMG a todo custo. Esqueci de pontuar, que o Polimig era um colégio técnico, sendo assim com o passar os anos, haveria o esvaziamento da grade curricular comum e o acréscimo de matérias técnicas, nesse sentido, no terceiro ano eu já não teria matérias como sociologia e filosofia, o que me preocupava e entristecia, pois não daria para fazer o ENEM sem esses conhecimentos e também porque a educação do colégio estava perdendo matérias críticas e importantes para a formação dos indivíduos. Já havia comentado com minha mãe sobre essa vontade e ela disse que me ajudaria a encontrar uma escola que me atendesse nesse quesito.

O ano de 2019 foi importantíssimo para o meu eu, percebi que eu era sim, capaz de muitas coisas, podendo elas estarem ligadas ou não com a escola. Nesse ano, participei da Olimpíada Nacional de Ciência (ONC) na categoria nível 2, e passei para a segunda fase, participei também da XXII Olimpíada Mineira de Química-UFMG, na qual me classifiquei também para a segunda fase. Além dessas Olimpíadas, organizei também uma apresentação para o Festival de Comunicação do colégio. Éramos um grupo composto por integrantes do primeiro ao terceiro ano do ensino médio. Montamos a cena e recitamos um poema que relatava a vida da mulher na sociedade. Ganhamos a premiação do festival, e consequentemente, fomos convidados a re-apresentar na Mostra Cultura da Escola Helena Pena.

Em 2020 me mudei para o Colégio Elite Rede de Ensino. A instituição era totalmente voltada para o ENEM e outros vestibulares. Infelizmente meu tempo presencial na instituição foi pouquíssimo somando os dois anos, devido à pandemia da Covid-19, contudo, tive tempo suficiente para estreitar laços. Os meses de ensino remoto, dificultaram muito a minha aprendizagem, absorvia pouco ou quase nada dos conteúdos, tendo em vista que o ambiente da minha casa não era propício para os estudos.

Dado o exposto, acho que meu processo de escolarização foi importantíssimo na minha formação. Foi a partir dele que me entendi

como uma mulher negra e foi através desse processo que cheguei aqui. Foram anos de preparação para ocupar esse espaço, tardes cansativas, a fim de passar em uma prova, Contudo, não só passei, mas também me apropriei dos conteúdos estudados ao longo desses anos. Me lembro pouco da minha vida antes da escolarização, mas poderia passar horas falando da minha tomada de consciência, pois agora sou outra pessoa, tenho outros desejos e vontades, mesmo com todas as dificuldades, eu não mudaria nada, e se mudasse uma vírgula, eu não seria quem eu sou.

MEMÓRIAS ESCOLARES

MARIA EDUARDA PEREIRA DE SOUSA

A partir de agora falo o que tem que ser dito, pronta pra morrer de pé, longe da maré. Cê não sabe o que é acordar com a responsa de lidar com a própria angústia, pros menor daqui eu sou espelho, reflexo do erro, do engano, do medo, a admiração que virou receio. É, cada vez mais objetivo, que isso tudo não me transforme em objeto, tá liberto a liberdade de se criar o seu próprio decreto. Começou discreto, quando eu menos esperei eu tinha que escolher entre contar pra alguém ou deixá-los certos.

Três anos como aluna exemplar, não apagaria a dor de três minutos com um aluno pedindo esmola para aquela eu. Antes esses cuzao não tinham fala ou não gritavam até mim, o foda é que em casa tinha mais história que não passava nem perto de ser mimimi. Não era de se imaginar a volta por cima, explica pra uma criança de 12 anos, que depois da gestação, a vida continua e pra isso precisa da sua autoestima.

A única diferença é que quem não esquece da onde vem, a melhor opção é voltar pro lar, pedir licença na própria casa e bença na ida e na volta, começa o corre nas notas, nas reviravoltas. Honra aos adversários, quando saí disse que voltaria com pouco mais que o mun-

do, tá aí o início de uma construção, uma nova geração, minha ref. aqui é ladrão.

O POÇO

> **E aí? A linguagem não acadêmica, não formal, não esperada que aqui deixa marca. Me responda, o que vale mais, uma jovem negra ou uma *ecobag* de animais? É que na lama ninguém te chama, acredita ou vê esperança, mas na vivência é você e suas inseguranças.**

Espírito e alma contra quase tudo, não vou me perder, eu me senti a dona dos céus mais odiada na Terra, o que a emoção me fez passar para cavar até a mais profunda terra, grande como o oceano, mas jamais pacífica. Homens covardes destroem minhas perspectivas, observar é a metodologia mais admirada, mas mal sabem que para isso foi preciso ser silenciada. Deus é mais, Deus é mais aqui e nos céus, para não cair na perdição não vá se perder.

Sou aquela que na escuridão caiu, mas ao se cuidar dá pra uns rolê, rapidin vira alvo, o defeito tá na memória, foi sofrido, mas se dedicar um pouco faz história. Melhor esfriar a cabeça, colar no norte que é o fluxo, imaginação reprimida que no lugar certo faz a rima, a vida, a esperança e a autoajuda. To descrente igual Amy, então não seja meu Peralta, vai sair mal no grammy, vai morrer sem chegar no Em Alta, tô largando o Tênis pra te salvar na arquibancada, prá seguro de vida não adianta esmeralda.

Cleópatra do lugar errado, Vanellope do local certo, precisou ser admirada e abençoada para sequer ser considerada. Não volta nas ideias erradas que lá é papo de se perder, a depressão aos 13 foi coisa de louco, mas e aí? A linguagem acadêmica formal esperada vai exprimir as lágrimas que caíram aqui? E aí?

CRESCIMENTO

A música salva e aos 14 eu me envolvi com as melhores paradas. A menina que se tornou dona, mas ainda tratada como cachorro. Era coleira em pitbull, que nunca foi uma boa dosagem, a raça tá aí selvagem, morde e arranha, até chamam de exótica de Copacabana. Para uma mulher negra, o corpo é o templo sempre, mas existem aqueles que dizem de tudo, se lembre, a descoberta da idade, procura alta e pouco envolvimento, mas insistem que não veem maldade. Feliz Oscar Niemeyer se pudesse acompanhar as curvas e o empoderamento, a liberdade conquistada do nada, só que sempre que se volta a dor sufoca, o resto foi fofoca. Creio que ao meu lado tudo posso, ainda não passei da maioridade, pela dor e sofrimento vi que a favor do tempo tudo posso.

NA TERRA DO SOL

É que eu conheci o novo antigo aos dezessete, essa peste dominou o mundo e aqui tá o que me resta. Como Deus e o diabo na terra do sol, pensava na liberdade que no presente era pensada no passado, aos sete eu via meu tio roletando de moto e concluindo a entrega de frete. Tá aí, eu continuo pensando nele, mas todo ano eu parei no passado, o alcance da faculdade com o estudo defasado, me encontrar com aquela CDF que algum dia foi revelação revelada, nas notas se notava a forma como se destacava, só que tudo mudou naqueles primeiros versos de uma aluna sem nada, a zoação foi mais que à toa, foi atravessada.

Como voltar a estudar como antes, que tinham nojo, mas agora driblo igual Piquet, tô no pique de atleta. Dizem que só repito sobre esse tal de Racionais e como sobrevivi no inferno, isso me salvou, agora sou grata pelo que me aguarda, essa é a ideia certa, chefe. Que vida foi essa, que fase, a loucura na responsabilidade se sinta, mas diferencie ego

de vaidade, vilão, já que meritocracia pra pobre só se diz se ele morreu porque mereceu. Sonhar com a faculdade nunca foi fácil, pesquisa com 11 anos como alcançar a mensalidade, o valor do salário dos pais pra chegar lá e olhe lá.

Toda vez que eu pensava em estudar, pensava na minha mãe, no meu pai,. Nossa, porque ele não pensou em me criar, mas forte mesmo é minha mãe e minha avó que fizeram de tudo pra eu não me perder. Quando querem novas ideias, me procuram, mas é fácil ver sua vitória, apoiar que é difícil, pra que eu estudava se a faculdade que eu queria tava na rua, se a arte que eu queria fixava na pele, aí entra outro assunto e agora eu te explico. Aqui não entram rimas ou palavras bonitas, pra mim tava escrito eu ia tatuar e eternizar partes minhas em partes infinitas, mas como isso se perdeu, porque não citei até agora um dos salvadores da época, traços.

Lembro que umas das primeiras memórias foi o rabisco em uma data qualquer, logo percebi que não era um dom qualquer, essa história emociona, a arte me gritava e pressionava ao dizer: gata, "cê" quer? Juro, o assunto foi intenso e a esperança se enchia, completar traços por um bom tempo foi minha heresia, eu observava como eu era capaz, e de alguma forma eu conseguia me tornar boa, horas de desenho me permitiam horas longe dos fantasmas, de repente era possível eternizar traços em peles quase eternas e um grande vazio se formou com a longitude dos sonhos. Em muitos momentos me vi longe dos meus sonhos, mas de fato longe dos traços era o que mais me pegava.

O rabisco tem a ver com a vontade de marcar sua passagem pela Terra, como a maioria das pessoas eu não queria passar batido pelo mundo e quando vi já andava com todo mundo que de alguma forma

me trazia isso. Era muito louco desvendar os mistérios de nomes que sobreviveram na cidade há tanto tempo, os traços e o luto à memória de tudo. Os muros sobreviveram de alguma forma, queria entrar pra história desse jeito, ser lembrada e respeitada pelas pessoas certas.

LADRÃO

Eu vou roubar o patrimônio do seu pai ocupando a vaga dos seus sonhos, eu sou lampião no cansaço e Maria bonita no charme o que se espera de mim o que se esperam de mim, o que querem de mim como eu vou ocupar esse espaço? De onde você tirou pão, não se come a carne e falar em carne, Djonga fez a carne preta a mais cara do mercado. Mas o que a gente vale no dia a dia se nem dinheiro pra passagem eu tinha pra colar nos estudos, nove reais e cinco centavos.

Me diz a fórmula pro sucesso se eu não garanto a herança do meu sucessor, a menina com sonhos reprimidos avançando no título de oprimidos, vou trampar o suficiente pra vestir Deus de Kenner. Pois pretendo construir um castelo dos destroços, a pressão é tanta que desconfio se posso, mas a luta é branda e fé eu tenho pra avançar nessa dança.

Tratando de um assunto bruto, sem levar no verso, me sinto do avesso toda vez que eu penso, se é isso que eu mereço, estudo a luta que a vitória de fato veio com o trabalho, o acesso transformou.

BENÇA

Ei vó, bença? Como foi forte ser presenteada no dia das mães com o que sabemos, e antes fosse só isso, o buraco é mais fundo, me diz como erguer para que na nossa família não tenha nenhum vagabundo. Fé no pai que de lá de cima levanta a senhora pra levantar outras penho-

ras. O problema do nosso mundo tá na falta de afeto, no trabalho do dia a dia, quantos abraços ficam faltando para que a solidão não tome conta? Pensando em tudo que se passou nessa vida e no fundo dos seus olhos eu vejo cada cicatriz, lembra aquela vez que chorei desesperadamente por não saber se teria tempo para concluir meus trabalhos? Esse aqui eu chorei pensando em você e no nosso final feliz. Quando você me dizia que era burra e a falta de estudo existia, eu logo me sentia incapaz tudo o que me transformou veio do que você me proporcionou, o acesso me transformou. Nessa família são todos filhos de Jesus, carregando uma cruz, que é o Pai, é o Filho e o Espírito Santo, saúde para continuarmos o amor Ágape, nessa luta, nesse serviço e nessa faculdade.

Que Deus ilumine o nosso caminho!

VOZ

Na faculdade eu vi que ainda sou parte desse mundo, são meses que ganhei em alguns segundos, de falas e silêncios tudo se volta pro que vivo penso e imagino, mas ainda morro e omito toda vez que lembro que talvez eu não exista. É bizarro que o meu lugar seja diferente daqui, de onde eu vim, eu nem sei como estou aqui, bênção? Vendo os que vão, eu fico com os que pensam.

Como eu trouxe todas as oportunidades dos iguais a mim? Só pode ser brincadeira não notar o que noto, uma faculdade que é uma instituição completamente diferente pra isso só depende do turno, meu perfil é criminal, seu perfil é só uma foto, "Xiis" que nem Malcolm X.

Vejo pessoas com a mesma vivência que eu, o acolhimento se encontra aí no encontro de lutas do momento, mas como ser ouvida sem gritar, chegamos ao ponto que é preciso trabalhar. Sua visão sobre mim ainda não mudou, uma aluna que não se destacou, que se atrasou e quando pode se silenciou, a parada é que surgem as ideias e batem as paradas, porém não saber se expressar é outra fita, outra vida, por que não consigo dizer ao público tudo o que tô pensando e vivendo? Seria assim que veria o outro lado da moeda, mas tentar entender o julgamento e suas variações ainda dói.

Maria Eduarda Pereira de Souza, 20 anos, residente em Ribeirão das Neves, trampando em Belo Horizonte e estudante de Pedagogia na Universidade Federal de Minas Gerais.

Agora você entende o que estou te explicando, ou vou ter que continuar rimando?

FALCÃO

Essa narrativa foi pensada e criada durante a minha trajetória do 3° semestre de Pedagogia, em 2023. Inicialmente desenvolvida com as rimas que eu fazia de hobbie, a ideia de trazê-las como um texto corrido é justamente de associar a estrutura com a fluidez de uma poesia.

O recorte feito aqui, se deu a partir do divisor de águas que foi quando me zoavam na escola, quando eu tinha 12 anos de idade. Antes disso eu era apenas uma estudante focada qualquer. Carreguei durante anos uma depressão que muitas vezes me causava crises e me faziam largar todos os meus sonhos e que, consequentemente, não me permitiam viver. Nesse sentido, pelo bullying ter ocorrido em um ambiente escolar, muito da minha vida se desfez, Conforme era o local que antes eu mais me sentia à vontade, não só na escola, mas todas as interações que eu possuía foram desgastadas porque eu não me sentia mais digna da vida que eu tinha antes de tudo isso.

Com os tratamentos psicológicos, eu estive pronta para o meu ensino médio que foi interrompido com a terrível pandemia causada pelo Covid-19, mas foi um momento em que eu pude me afastar dos gatilhos que eu possuía na época, sendo algo que me permitiu o auto-

conhecimento. Dessa forma, eu investi muito do meu tempo nos desenhos, músicas e estudos sociais, o que me fez voltar para o gosto pelos estudos, a minha família também foi um ponto que consegui trabalhar para me sentir presente nela de novo.

O livro "Infância" de Graciliano, tem a alfabetização como um divisor de traumas escolares para o autor. No meu caso, percebo que com o passar do tempo, com diferentes experiências escolares e pesos profissionais, me vi perdida e comecei a me questionar se estudar era algo tão bom assim. E, durante a pandemia, percebi que o ato de estudar depende de um alinhamento corporal, com influências externas e internas, o qual eu não fazia a menor ideia de como me proporcionar. As angústias que me percorreram, me fizeram dar mais atenção a forma como cada pessoa pode e consegue aprender. Como a alfabetização, de acordo com Paulo Freire, possui um caráter político que me permite agir ativamente na sociedade, eu me senti motivada para buscar e aprender formas de como aplicar as possibilidades de conhecimento, assim a pedagogia surgiu como resposta para isso.

Ainda carrego muitas marcas que se estendem na minha comunicação perante a universidade, mas acredito firmemente no meu potencial como ovelha negra.

MEMÓRIA ESCOLAR

MICHELLE SOARES DA SILVA

Iniciei meus estudos na escola, aos seis anos, e o ano era 1998. Entrei em uma escola pública e, diferente de alguns alunos, eu não tinha nenhuma noção de como era escrever e ler. Minha mãe só havia cursado até a quarta série e não tinha uma base de conhecimento para me ensinar, além disso, naquela época, o acesso aos livros não era algo tão dinâmico e comum como é hoje.

Recordo-me que ao chegar à escola, formávamos uma fila para entrar na sala e era colocado em uma caixa de som o Hino Nacional, para que cantássemos. Não era todos os dias, mas em alguns dias da semana. Em outros dias havia também a oração do Pai Nosso. Assim que terminávamos, entrávamos para a sala de aula. Naquela época eu não tinha ideia de que a escola,além de ser vista como uma organização que transmitia conhecimentos didáticos, também se mostrava como divulgadora de um modelo cultural e histórico.

Na minha sala havia um alfabeto pregado em cima do quadro e em cada letra uma figura representativa. Dentre os exercícios propostos na sala de aula, o mais usual era o de acompanhar os pontilhados das letras. Treinávamos tanto a letra cursiva como a letra comum e, depois de bastante treino das letras, treinávamos as sílabas, e depois as palavras completas.

As canções também eram utilizadas para fixar as letras e vinculá-las às palavras. Lembro também que meus cadernos deveriam ter pauta e linhas de tamanhos específicos. No início, quando comecei a aprender a escrever, havia marcação de pontos onde, exatamente, era demarcado o espaço em que a letra deveria ocupar e a linha que deveria saltar para iniciar uma nova palavra ou frase.

A letra, para ser considerada correta e caprichada, deveria ser bem redondinha e ocupar de forma correta o espaço da linha. No início do processo, quando comecei a escrever, achava o meu caderno bem feio, pois tinha muitas manchas de borracha de tanto desmanchar e refazer, isso quando a folha não rasgava, o que era terrível, pois teria que refazê-la novamente.

> **Os métodos de avaliação sempre me deixavam apreensiva e preocupada,principalmente quando tinha ditados. Muitas vezes eu ficava perdida sem saber como escrever determinadas palavras ou quando tinha que formar algumas frases. Tudo isso me deixava bem ansiosa.**

A matemática também era outro desafio para mim. Uma das recordações que tenho registradas era que deveríamos ter ps fatos na ponta da língua. Lembro que minha mãe pedia para recitar os resultados com uma régua na mão, caso o resultado não estivesse condizente, a correção era certa. Na escola também havia recitação da tabuada e isso angustiava muitos alunos.

Ao longo do meu desenvolvimento, quando comecei a construir palavras através do ajuntamento de sílabas, a execução da leitura começou a fluir e um dia me peguei lendo um livro. Tinha uma professora no meu ensino fundamental que se chamava Rosami que nos dava como tarefa de casa, livros para ler, o que contribuiu muito para a ampliação da escrita. Amava ler os livros da série Vagalume.

A relação que tínhamos com os professores era de extremo respeito, havia um pouco de medo envolvido também, porém tenho boas recordações das minhas professoras; elas impunham firmeza, mas também sabiam nos confortar quando era necessário. Se levarmos em conta o fato de que a construção da profissão docente levou um longo período para ser constituída com muitas limitações e precariedades, posso dizer que vivi e vivo o avanço que muitos almejavam, como exemplo podemos citar o método mútuo no século XVIII no qual nem sequer havia contato dos alunos com os professores, pois eram os monitores que ensinavam à classe.

A docência escolar no decorrer dos anos, vem enfrentando diversos desafios para garantir um ensino e tratamento diferenciado aos seus alunos e no desenvolvimento de condições para propiciar melhores conjunturas de ensino e aperfeiçoamento dos conhecimentos trazidos à escola, porém ainda há grandes avanços a serem conquistados.

Recordo que na minha trajetória escolar havia poucos livros didáticos, em muitas atividades tínhamos que nos reunir em grupos para realizar os exercícios devido à escassez de livros. Quando era o ano de renovação dos livros havia sempre uma dinâmica a ser seguida; ao pegar o livro você assinava um termo de compromisso no qual você assumia o compromisso de encapar devidamente e cuidar para entregá-lo em perfeito estado no final do ano, assim o próximo aluno poderia utilizá-lo sem prejuízo.

Acredito que muitos não devolviam os livros, por isso tínhamos esse déficit tão grande próximo ao prazo de renovação. No processo histórico. inicialmente os livros didáticos ponderavam na necessidade de fiscalizar os conhecimentos que seriam aplicados nas academias e escolas públicas do Império, os primeiros produzidos no Brasil foram no início do século XIX, eles seguiam programas curriculares adaptados e sofriam forte controle do governo e vigilância da igreja católica.

No período de 1990, as políticas públicas educacionais implantaram um regime de compra e distribuição de livros para as escolas

públicas brasileiras e assim, muitos alunos começam a ter acesso a essa ferramenta de ensino nas escolas.

No meu percurso escolar pude presenciar também alguns problemas relacionados a recursos que muitas vezes eram limitados. Passei um longo período dentro de uma escola em que as salas ficavam em obras por longos meses ou até anos. Lembro que quando estava na quinta série, uma sala de madeirite foi montada de improviso no corredor e ali tínhamos aulas até a reforma das salas ficarem prontas. Era um ambiente bem frio e apertado em que os professores não ficavam à vontade para darem aula e sentíamos insegurança dentro da sala. Ao longo do meu período escolar, pude vivenciar também várias greves dos profissionais da educação por diversos motivos, mas principalmente pela melhoria de salário e condições de ensino.

É perceptível que está sucedendo um vagaroso avanço no tocante à aplicabilidade dos recursos na educação do Brasil. Nos dias de hoje ainda vemos muitas situações parecidas com a qual vivenciei anos atrás; o investimento na educação ainda exige uma constante luta para ser mantido e os mais atingidos nesse cenário são os alunos das redes públicas, ampliando ainda mais a rede de desigualdades na nossa sociedade, visto que impacta diretamente no ensino e desenvolvimento dos alunos e, por consequência ,da futura sociedade que estamos construindo.

De modo geral, o acesso ao ensino gratuito, hoje em dia, é algo comum, o problema é a maneira que tais recursos são investidos, pois quando se analisa a média nacional do rendimento do ensino das escolas públicas brasileiras, percebe-se que há algum erro. (Muchon, p 12.2012)

No ensino médio minha turma foi presenteada com um projeto realizado por uma determinada instituição financeira privada; nossa turma foi a primeira a se beneficiar dos recursos injetados na escola por esse programa. Tínhamos excursões, acesso a computadores novos que foram comprados, materiais didáticos novos e reformas. Tudo era registrado pela escola, ganhávamos camisas, kits com a logo do banco e achávamos um luxo participarmos de tudo aquilo que era oferecido

para nossa turma, afinal nossa escola sempre estava tão escassa de recursos, que tudo aquilo parecia bem longe da realidade vivida ao longo dos anos. Até mesmo nossa formatura foi bancada e tivemos uma festa que nunca esperávamos conseguir com recursos próprios, porém não sabíamos o que acontecia por trás de todos esses benefícios.

Na disciplina de política e administração, estudada no semestre anterior, pude compreender com mais clareza como funciona esse relacionamento de empresas privadas dentro das escolas. Muitas se aproveitam da falta de verbas e de recursos do governo e se introduzem no ambiente escolar com o intuito de se envolver nas decisões escolares, promover o marketing, e deslocar a responsabilidade real que o estado tem com essas instituições de ensino. Com isso a democracia, a transparência e a equidade são afetadas com essa nova governança e o "contrato social" tornam a escola um grande mercado para cumprir metas e atingir resultados sociais para assim receber reembolsos e descontos de impostos públicos. Pessoalmente acredito que se bem ordenado e revisado os projetos filantrópicos para as escolas podem ser algo positivo, mas sabemos que não é bem assim que acontece.

Para Pecci (2008), a rede de governança modifica substancialmente as relações de poder entre o Estado e a sociedade, tornando-as mais fluidas e deslocando-as, de fato, para o setor privado e para o terceiro setor. É a partir dessa ambientação que a mercantilização do setor público, através das reformas e das influências do setor privado, tem como pressuposto as novas formas de gerenciamento introduzidas através da nova gestão pública (NPM).

Concluo que, estudando na rede pública, pude presenciar vários desafios enfrentados pela instituição e seus alunos e também algumas evoluções que contribuíram de forma positiva no meu percurso como aluna. Entretanto, há ainda muitos cenários que devem ser mudados, porém sou grata a rede pública de ensino por ter me proporcionado uma melhor condição de vida e de conhecimento.

AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR

NAIARA MADUREIRA DE FREITAS

Eu sempre fui uma criança extremamente curiosa, amava ver letras mesmo que não entendesse o que elas significavam. Vendo minha curiosidade, minha mãe tentou a todo custo me ensinar o alfabeto antes que eu entrasse na escola, dizia que aquilo iria me deixar "na frente dos meus colegas" e que assim eu seria uma aluna exemplar. Entretanto, com quatro anos na época, aquilo me parecia traumático. Tentava a todo momento fazer com que eu decorasse a ordem das letras do alfabeto e também os respectivos sons das letras. Eu, antes tão apaixonada pelas letras, comecei a temê-las. Isso porque minha mãe não tinha muita paciência nos momentos de me ensinar; usava de gritos, beliscões e castigos quando me observava errar, portanto, mesmo que não existisse mais a palmatória dentro da escola, fora dela minha mãe (e a sociedade em si) acreditavam que corrigindo os erros através de agressões, a criança aprenderia, mas não a culpo.

Vinda de uma família humilde, nascida em Belo Horizonte na data de 1 de novembro dos anos 2000, o valor e importância dos estudos sempre estiveram presentes em minha vida e foram ressaltados constantemente pelos meus pais que usavam como exemplo minha família, tanto por parte de pai quanto por mãe, que não tinham, em

sua maioria, nem mesmo o ensino médio concluído (foram até a 5ª série). Portanto, se mantinham firmes nesse discurso para ressaltar a importância do diploma. Hoje percebo que essa necessidade pautava-se no capital institucionalizado que na visão deles (e que queriam que eu também tivesse) me colocaria "bem vista" aos olhos da sociedade.

> **Meus pais, minha mãe hoje com 45 e meu pai com 47, sonhavam com um futuro promissor para mim através dos estudos e acreditavam fielmente que isso me proporcionaria ascensão social e que, além disso, os estudos poderiam mudar a minha perspectiva de vida.**

Meu processo de escolarização, apesar do discurso de incentivo dos meus pais, não foi fácil. Acredito que isso se deve principalmente ao fato da pouca, ou quase nenhuma, influência dentro do meu ambiente familiar (já que ninguém da família tinha passado pelo processo de escolarização completo) e confesso que, por vezes, nem eu conseguia encontrar sentido naquele espaço escolar, pelo contrário, queria trabalhar e conquistar dinheiro para comprar o que eu queria (mesmo quando criança tinha essa percepção de que o trabalho era mais importante que a escola pelo bens materiais que ele trazia. Talvez isso tenha se solidificado na minha cabeça por ser o que eu assistia em casa, já que via meu pai e meus tios trabalhando. Mesmo meus pais sabendo ler e escrever, não praticavam o hábito da leitura e nem o da escrita e isso me fez sentir falta de acompanhamento e incentivo para ler e escrever, pois mesmo que insistissem comigo que aquilo era importante, não era o que estava introjetado dentro dos hábitos da minha família (o *habitus* familiar descrito por Bourdieu).

Quando cheguei à escola, por volta dos meus cinco anos, durante o ano de 2006, já sabia as letras do alfabeto e quase toda a ordem dele. Ainda possuía diversas dificuldades, mas ao mesmo tempo estava à frente de alguns colegas de turma. Pensar sobre isso também me faz refletir sobre o privilégio que tive ao ter minha mãe para ensinar-me, mesmo que a grosso modo, já que provavelmente, esses colegas não tiveram esse mesmo acompanhamento dos seus pais. Isso me mostra e confirma que o processo de segregação nos espaços e aprendizagens escolares começa antes mesmo de ingressarmos na escola. Mesmo sendo ainda uma criança, podia sentir que eu estava à frente dos meus colegas e, infelizmente e sem consciência daquele sentimento, me sentia bem por isso, como se aquela fosse uma competição na qual eu estava ganhando em alguns quesitos. Minha professora me elogiava constantemente e aquilo me deixava feliz e com o ego inflado, o que até então eu não tinha muita consciência e percepção é que enquanto alguns alunos (incluindo eu) éramos elogiados, outros eram excluídos desses momentos de parabenização e repreendidos por estarem sempre "atrasados" em relação a nós. E mesmo assim, percebo que dentro desse contato inicial com a escola e durante toda a minha trajetória escolar, houve momentos em que me sentia incluída e excluída, oprimida e opressora. Isso porque constantemente na escola me sentia deslocada ao ver que alguns pais dos meus colegas de turma eram pessoas escolarizadas, isso me fazia, na maioria das vezes, crer que as notas altas dos colegas (e algumas notas minhas que não eram boas) se devia também a bagagem que os pais deles tinham em relação à escola e a ausência dessa bagagem na minha família. Ao mesmo tempo que encontro na escola esses sentimentos opostos, pertencimento e exclusão, também encontrei muitos momentos de paz. Quando comecei a frequentar a escola, senti que lá era um dos lugares em que eu teria paz, não que eu não gostasse de ficar em casa, mas na escola parecia ser o local em que eu poderia fingir que minha família era perfeita como a dos meus colegas de classe.

Entretanto, nem tudo foi perfeito, ou melhor, nada foi perfeito. Não há como as minhas memórias do processo de escolarização serem romantizadas, principalmente, porque elas foram impactadas por diver-

sos contextos que fugiam do controle da escola quase sempre. O começo assustador de afastar-me da minha mãe por tanto tempo durante a pré-escola demorou a passar, mas aos poucos foi sendo substituído por outros receios e novos medos. Acreditava que a "escolinha" (maneira como minha mãe chamava aquele espaço), seria um lugar de brincadeiras e diversões. Mal sabia eu que estava errada e que as informações que minha mãe me passava sobre aquele local ser um espaço para brincadeiras não eram tão verídicas assim. Fui surpreendida ao ser apresentada para minha turma, umas quinze crianças, que me observavam atentamente quando chorava por saudade da minha mãe. A professora, dona Eli, era uma senhorinha de cabelos castanhos tão gentil e com uma serenidade que não sei explicar, só sei que estar perto dela era sinônimo de se sentir bem e acolhido de alguma forma. Lembro-me que gostava muito dela e que aos poucos fui deixando a saudade de casa de lado, substituindo-a por afeto por aquela professora que sempre me acolhia em meus momentos de choro. Eu a via como uma mãe.

Mesmo conhecendo as letras do alfabeto e tendo algumas facilidades, eu ainda possuía muita dificuldade com a leitura. Não sei de fato o que me levou a ter tanta dificuldade, talvez seja o fato da ausência de influência dentro de casa. Meus pais não liam para mim e nem para eles mesmos. A diversão em casa era dada por momentos longos assistindo à TV. Me sentia extremamente irritada por não conseguir decifrar o significado daquelas palavras que estavam diante dos meus olhos. Olhava e olhava. Tentava de novo. Fechava o livro. Abria de novo. Não importava o quanto eu tentasse, não conseguia juntar aquelas malditas sílabas para entender sua mensagem. Minha professora foi paciente, tentou a leitura comigo sem parar. Às vezes, durante os momentos da aula, vinha até mim para juntarmos algumas sílabas. Um pouco depois comecei a juntar as sílabas e a conhecer tantas novas famílias que me atordoavam um pouco. Era uma tal de família do "ba, be, bi, bo, bu" sem fim, acompanhada de outras famílias. Chegavam uma atrás da outra e, quando eu

pensava que não viriam mais, aparecia mais uma a me colocar contra a parede e me desafiar a decorá-la e a pronunciá-la. Lembro-me que ao final do 1° ano já sabia ler, mas só pude ter contato com livrinhos e gibis após todas aquelas famílias e fichas. Nisso consigo ver nitidamente uma grande diferença do que Paulo Freire defende ao escrever "A importância do ato de ler", já que realmente o processo pelo qual passei até a leitura não considerou as minhas vivências e foi apenas "enchendo" a minha cabeça com palavras como se essa estivesse vazia antes delas. A escola considerava que minha cabeça era como um depósito e que este precisava ser preenchido, mesmo que eu nem sempre entendesse o significado do que "depositavam" em minha cabeça.

O ato de escrever também era difícil para mim, a tarefa de colocar tudo aquilo que me passava pela cabeça parecia trabalhosa e cansativa demais. Talvez, por ter passado tanto tempo "enchendo" minha cabeça com palavras que não conhecia, e ignorando o que eu conhecia, além da minha criatividade. O processo foi difícil, assistia frustrada aos meus colegas descobrindo o prazer da leitura e escrita, enquanto eu ainda juntava sílabas bobas. Com muita dificuldade, consegui ler minhas primeiras palavras e me enchia de orgulho de ler absolutamente qualquer coisa que colocassem à minha frente. Minha mãe conta que durante os passeios e até simples idas ao mercado, eu não conseguia parar de ler um só instante. Estava apaixonada por ler. Aquilo para mim parecia o maior prazer do mundo, me sentia flutuando enquanto lia as informações dos rótulos de produtos no supermercado. Era também uma forma de fuga para outras realidades diferentes da qual eu vivia.

Mesmo amando ler e querendo explorar cada vez mais esse novo universo que se despertava aos meus olhos, minha família não conseguia saciar minha fome de livros. Meu pai, que apesar de péssimo marido, sempre se preocupou com meus estudos (pelo menos até dado momento), quando ouvia meu pedido de livros, com os olhos marejados, dizia que na próxima vez compraria algum livro para mim. O

salário era apertado para sustentar três filhos e uma esposa, pagar o aluguel e despesas com a saúde minha e do meu irmão mais novo. Chorei por diversas vezes por não possuir os livros que tanto queria, os livros que meus colegas levavam em suas mochilas. Quando aprendi a ler, ir à escola se tornou um momento ainda mais especial, já que lá eu poderia descobrir, tocar e cheirar novos livros e me teletransportar para dentro deles. As professoras da escolinha em que eu estudava, observaram atentamente essa minha admiração pelo universo da leitura. A partir dessa observação, sempre me emprestaram livros infantis para que eu pudesse ler também fora da escola. A tevê, que antes era minha fonte de diversão, aos poucos foi sendo substituída por livros que me levavam para outras realidades. Podia ser princesa, bruxa, caçadora, famosa e qualquer outra coisa que eu quisesse ser. Os livros me permitiam esquecer as limitações que a vida me impunha. Encontrei nos livros uma forma de saciar-me do que a vida me tirava por entre os dedos. A escola segue sendo refúgio muitas vezes para aqueles que encontram nela escapatória para a realidade dura e triste em que vivem pois lá, apesar de haver sim segregações, encontramos possibilidades diferentes de viver e de enxergar a vida, é quase como se nos abrissem uma nova porta e nos convidassem a atravessá-la; não é romantizar a educação, mas entender que ela me fez pensar que nem tudo estava fadado ao que eu sempre achei que estaria. Nesse momento comecei a entender o porquê dos meus pais valorizarem tanto os estudos. Talvez soubessem que ali eu poderia descobrir maneiras diferentes de ver e planejar meu futuro, ou simplesmente que ali eu poderia sonhar um pouco. A escola me apresentou outras realidades que provavelmente eu jamais conheceria se não fosse através dela; me apresentou museus, cinemas, teatros e até mesmo profissões que eu jamais sonhei que existiriam. Não defendendo que a teoria funcionalista funcione (apesar de saber que ainda existe esse discurso e defesa), mas compreendendo que o papel da escola vai muito além de educar.

Mesmo tendo esse grande afeto pela escola, foram diversos os momentos em que me senti frustrada nela. A constante repreensão para que eu fosse uma aluna mais "caladinha" me deixava envergonhada e triste quando repreendida na frente dos meus colegas. Não entendia o porquê de não poder falar ou ainda de ter que pedir permissão para isso. Isso me deixava irritada. Sentia que estava, às vezes, em uma cadeia, onde eu precisava pedir permissão para tudo que eu quisesse fazer. Para falar, levantar a mão. Para ir ao banheiro, pedir. Para levantar, pedir. Tudo girava em torno da permissão ou não das minhas ações. Cobravam uma postura de "adulto" em nossas atitudes, que fôssemos mais maduros e que soubéssemos separar os momentos de diversão dos momentos de estudar. Lançavam sobre nós um olhar adultocêntrico, cobravam de nós atitudes que ainda precisávamos desenvolver. Não porque estavam atrasados em nosso desenvolvimento, mas porque ainda éramos apenas crianças sendo crianças. Os adultos costumam olhar assim para as crianças, sem enxergá-las em sua essência e principalmente, sem respeitar essa fase como uma das principais para o seu desenvolvimento cognitivo, social, cultural e emocional. Minha mãe em todas as reuniões de pais que frequentou desde o ensino fundamental ao médio escutava "sua filha é uma boa aluna, só tem um problema: conversa demais!".

Durante o ensino fundamental aos 8 anos, por volta do 2° ou 3° ano, precisei deixar a escola por questões financeiras e isso foi uma das coisas que marcou muito meu processo de escolarização, principalmente porque aconteceu após a separação dos meus pais e fez com que eu ficasse distante da escola pelo período de dois anos. Ficar "atrasada" foi traumático, me senti marginalizada e excluída não apenas pelos meus colegas, mas também por alguns professores. Sentia os olhares de pena e a constante culpabilização em cima da minha mãe (que era apenas mais uma vítima da ausência de responsabilidade paterna do meu pai), como sempre era mais fácil culpar a mulher, mas me pergunto afinal, por que ninguém se preocupou com meu sumiço da escola? Por que

não acionaram o conselho tutelar? A falta de informação e solidarização com mães solteiras é gritante em toda nossa história. Foi doloroso passar por aquilo, principalmente, porque eu era uma "boa aluna" (o que é ser um mau aluno?), tirava boas notas e fui arrancada da escola por questões que não dependiam delas e nem da minha dedicação. Meu pai foi morar no Rio de Janeiro após se separar da minha mãe, casamento esse que durou cerca de quinze anos, e quando estava lá não pagava pensão nenhuma e nem mesmo mantinha contato comigo e meu irmão. Minha mãe totalmente sem condição e instrução nenhuma (nem mesmo da escola) viu-se em uma situação de caos. Tirou seus três filhos da escola, pois não tinha condição nenhuma de arcar com os custos de material escolar, uniforme e outras demandas. Não conhecia a lei, não conhecia a Rede Municipal e estava totalmente perdida em relação a como conseguir pensão para o sustento básico de seus filhos. Nós estávamos perdidos. Nunca tinha conhecido as condições precárias tão de perto, o armário vazio, a ausência de verduras no prato e o roncar da barriga. Minha avó é quem nos ajudava e dava algumas coisas para que não ficássemos sem comer nada e, nessa época, fomos morar com ela, pois já não conseguimos pagar o aluguel da casa em que morávamos e uma ordem de despejo já estava posta. Lembro desses momentos com uma tristeza gigantesca. Assistia as crianças irem à escola, mas eu não podia ir. Não tinha mochila, não tinha caderno e não tinha informação sobre possíveis saídas para aquela situação.

Voltar à escola depois de dois anos longe dela e, além disso atrasada, foi humilhante. Os alunos da minha turma eram mais novos que eu e foram constantes os momentos em que riam de mim por estar atrasada e faziam "brincadeiras" sobre eu ser "burra" e ter "tomado bomba". Mesmo que eu explicasse por diversas vezes o que havia me acontecido, nada adiantava. Alguns professores me acolheram e entendiam a minha situação, se empenharam em fazer com que eu conseguisse acompanhar a turma e as aprendizagens em que eu tinha defasagem devido ao meu

afastamento da escola. Me lembro até hoje de um professor em específico, Davidson, que fez de tudo para que minha adaptação na escola fosse menos difícil. Ainda sem dinheiro e estudando em uma escola da Rede Estadual, Davidson pagava todas as excursões que aconteciam para que eu não fosse excluída desses espaços, ajudava com material quando necessário e até com dinheiro para lanche quando julgava necessário. Ele me salvou. Escrever isso faz com que eu me emocione, pois encontrei nele um apoio que eu não tinha naquele momento. Penso em como um professor pode mudar toda a perspectiva do seu aluno, pode mudar o cenário e ampliar a visão dele. Pode lhe conceder esperança e vontade de sonhar. Principalmente conceder isso ao aluno pobre que já chega na escola muitas vezes sem ver significado nela porque a realidade da vida foi lhe consumindo toda a esperança. O papel do professor e como ele o desempenha torna possível as mudanças. Não é como se o professor tivesse que desempenhar o papel de super-herói, mas pequenas ações dele podem mudar e transformar a vida dos alunos de maneiras inimagináveis. Mesmo sabendo que nosso sistema educacional tem muito o que melhorar, muito o que transformar, ainda há esperança no ato de educar. Como Paulo Freire diz, é preciso esperançar a educação. Porque é através dela que há também transformação, juntamente com lutas sociais. A minha trajetória escolar foi mudada por alguém que também enxergava a educação como mecanismo e ferramenta para a transformação da sociedade.

Durante o ensino médio precisei começar a trabalhar para ajudar financeiramente em casa. Não foi nada fácil conciliar os estudos com a escola. Lembro-me que por diversas vezes meu rendimento caía bruscamente. Minha mãe e professores elogiavam minha determinação, acreditavam que com meu esforço era possível passar na universidade e trabalhar enquanto estudava para que isso acontecesse. O discurso meritocrático estava impregnado em suas falas, já que para eles tudo seria possível desde que eu me esforçasse o suficiente e, caso eu não

conseguisse, era porque não tinha dado "o melhor de mim". Quando no primeiro ENEM eu não tive nota suficiente para passar na UFMG (que meus professores e minha mãe diziam ser minha única opção), tive constantes crises de ansiedade e uma dor profunda por acreditar ser tudo minha culpa, havia se instalado em meu coração. Até eu passar na UFMG e compreender que nem tudo era questão de esforço, mas sim que muitas vezes era o sistema no qual estava (e estamos) incluídos era o grande responsável também. Responsável por segregar espaços, oportunidades, sonhos e ascensão social (que não dependia da universidade, mas que implantaram em nossas cabeças que dependia).

Ao me propor escrever esse relato da minha trajetória escolar reflito sobre como a escola gera impacto na vida do aluno e sociedade. Ao mesmo tempo que ela pode mudar realidades, também pode agir como segregadora. Ao mesmo tempo que pode proporcionar a liberdade, pode agir como disciplinadora e regulamentadora de comportamentos. Percebo ainda mais como muitas vezes responsabilizamos a escola/docentes por diversos fatores que fogem do controle deles (com teorias pautadas no funcionalismo e no essencialismo) e, acabamos nos esquecendo de procurar os verdadeiros culpados e, principalmente, de exigir mudanças na base e estrutura que fomenta até hoje as desigualdades (escolares e não escolares) em nosso País.

MEMÓRIA OU AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR

RAFAELA CAMPOS GONÇALVES

Rafaela Campos Gonçalves, 20 anos, nascida em Lagoa Santa/MG, no dia 06 de agosto de 2002, estudante do 3° período Pedagogia (FAE/UFMG), estagiária na escola particular M2 de Lagoa Santa. Filha de Maria de Fátima e Noé. Futura esposa de Márcio.

Ao refletir sobre os momentos mais marcantes da minha vida escolar, pude perceber uma série de acontecimentos que contribuíram para a minha formação e crescimento, tanto como pessoa, quanto como profissional. O livro "Alfabetto" de Frei Betto, me fez refletir sobre o sentimento profundo transmitido pela educação, pelo menos, como ela deveria ser para todos. O autor me fez enxergar esse aprendizado como uma descoberta de um novo universo, proporcionado pelo simples aprendizado da leitura e da escrita. Contudo, é algo que vai muito além dessa "simplicidade", essa prática carrega o peso da inclusão no mundo e na sociedade, como um passo à frente, fora da ignorância carregada pela infância.

Não me recordo muito bem de meus anos de alfabetização na escola (que se deu na mesma cidade em que nasci), acredito que minha idade variava entre cinco e sete anos (tendo em vista que ingressei na escola por volta dessa idade). Contudo, lembro-me bem de uma oca-

são muito marcante em minha vida, que foi a primeira semana de aula na minha primeira escola. Lembro-me de como estava feliz, ansiosa e ao mesmo tempo receosa por estar ingressando nesse novo ambiente que imaginava de modo tão nítido em minha mente como um conto de fadas. Foi uma experiência de adaptação, conheci novas crianças, professores, adquiri conhecimentos e práticas sociais, além de aprender a seguir uma nova rotina. Essa fase foi fundamental para o desenvolvimento da minha autonomia e socialização.

Ao buscar em minhas memórias, consigo ver claramente minha mãe, sentada comigo na mesa da cozinha, me ensinando as primeiras letras que formavam meu nome e, futuramente, das pessoas de minha família. Lembro-me de como era emocionante aprender a ler e escrever. Cada nova palavra que descobria era uma conquista, e a sensação de ler meu primeiro livro independente foi indescritível.

Lembro-me claramente das minhas duas primeiras professoras na Escola Municipal Dona Marucas (que foi nomeada assim, por este ser o apelido de uma ilustre educadora do município: Maria da Conceição Rodrigues). A "tia" Sônia e a professora Edinara, foram, respectivamente, duas figuras de extrema importância no meu processo de aprendizagem e me marcaram com sua bondade, paixão e comprometimento para com seus alunos.

Bons professores podem formar bons alunos, podem criar boas memórias afetivas deste espaço de educação tão importante, contribuindo ainda para que traumas não sejam desenvolvidos. A educação é revolucionária, mas, infelizmente, não são todos os profissionais que carregam em si esta sensibilidade de transformação. Por vezes, encontramos essa habilidade nas mãos de educadores de alma, não de diploma.

Por exemplo, minha mãe, que nunca soube da existência de Maria Montessori, acabou por utilizar em sua forma de educação, vários métodos, hoje considerados montessorianos. Nos ensinou a independência e fazer por nós mesmos aquilo que conseguíssemos.

Mesmo sem estudo, educou-me e a meus irmãos em casa, até que completamos a idade da obrigatoriedade de ensino em instituições escolares (na época, sete anos). Durante nossa fase de estudo em casa, aprendemos matemática; contávamos pregadores e bolinhas de sol que a telha de amianto formava no chão. Aprendemos as letras do alfabeto, e com elas, praticamos a escrita de nossos nomes e outras palavras menores, além de pequenas leituras que se formavam com o tempo. A mãe que não conseguiu completar, nem mesmo o ensino fundamental, ensinou-me mais do que alguns professores do ensino médio, que insistiam em nos fazer copiar textos e realizar provas com consulta, fato este, que, apesar de fazer com que todos tirassem notas altíssimas em suas matérias, não nos fazia adquirir conhecimento de nenhuma espécie - além de ainda reforçar o estereótipo negativo de escolas da rede pública de ensino.

Histórias como essa, por vezes, me faz comparar a trajetória escolar de minha genitora com a minha, a falta de oportunidades que a vida lhe trouxe em comparação com as diversas portas abertas que encontrei durante minha jornada: enquanto tive ensino de qualidade, escolas acessíveis, educação urbana, facilidades e acessibilidades, acesso a aparelhos eletrônicos e a internet com todas as respostas e fontes na mão a todo momento, além de diversas outras ferramentas. Uma passagem da obra "Mulheres nas salas de aula" retrata bem a realidade oposta que minha mãe enfrentou: "Percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada. Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco" (LOURO, 1997), mentalidade esta que a tirou muito cedo da escola para um casamento não escolhido. Com o tempo, teve que trabalhar mais que muitos homens para cuidar e prover seus filhos. Esse é apenas um exemplo em minha história que reforça a conclusão de que, muitas vezes, o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, era violado em sua citação: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promo-

vida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa".

Como verifiquei constantemente durante os seminários, retratando a história da educação e todo o caminho que estamos trilhando e lutando no âmbito educacional, é nítido perceber que aqueles nascidos na década passada ou nas anteriores, não habitam o mesmo mundo que os da "geração Z". As mudanças são sem precedentes e, esperançosamente, não é o fim.

> **"No geral, minha educação foi marcada pelo respeito, principalmente, quanto ao gênero. Nunca senti que tenha sido, de alguma forma, prejudicada pelo fato de eu ter nascido mulher e assim me identificado. Unicamente, em uma situação quando ainda estava na educação infantil. Quando penso nisso, me recordo dos acontecimentos durante o regime militar e penso que este momento foi consequência daquele período, os momentos cívicos: a proclamação do hino e a "adoração" à bandeira.**

Lembro-me que não me era permitido segurar a bandeira devido as minhas vestimentas, uma vez que essa posição de honra somente deveria ser dada àqueles que se vestissem com o uniforme completo da escola (exceto a saia), ou usassem calça jeans, estando com calçado fechado e o cabelo bem penteado e arrumado, nada de roupas coloridas, shorts, saias, sandálias ou cabelo solto. Fato este que fazia com que os meninos sempre estivessem presentes com a bandeira em mãos.

Esse não foi o único desafio ou empecilho que encontrei pela minha jornada, tanto no processo de educação quanto na vida escolar. Estas questões afetam diretamente alunos, professores e toda a comunidade escolar em si. As maiores adversidades que encontrei, se deram

em minha segunda escola (ensino fundamental II) e se apresentaram de diferentes formas. Por morar em uma área mais periférica da cidade, diversas vezes lidei com a falta de professores, falta de materiais adequados, desmotivação de muitos estudantes, que trocavam a escola pelas ruas e pelas drogas, entre outros.

A situação do país, quando se trata, especificamente, da educação pública, não é boa, todavia, estamos em um processo, progredindo rumo à plenitude da educação e, como sabemos, a situação já foi muito pior. Por exemplo, mundialmente falando, até muito pouco tempo atrás, as crianças ainda eram consideradas e tratadas como "mini adultos", sem permitir que fossem crianças antes dessa fase, sem considerar as formas próprias da infância de ver, pensar, sentir e raciocinar (HEYWOOD, 2004, p.38), felizmente, estudos acerca da infância estão sendo realizados frequentemente,. ocorrência essa, que me tranquiliza, na certeza do progresso, principalmente se tratando dessa fase tão importante e relevante, tendo em vistade que a infância é um momento decisivo na formação humana e cidadã dos indivíduos.

Em suma, ao refletir sobre minha vida escolar, percebo que os momentos mais presentes em minha memória foram aqueles em que me senti mais desafiada e pude superar obstáculos, seja através do desenvolvimento de habilidades, enfrentamento de dificuldades ou descoberta de novas paixões. Essas experiências contribuíram e continuam a favorecer a minha formação pessoal e profissional, me sinto grata por todas as oportunidades que tive nessa jornada tão enriquecedora.

A transição para o ensino médio foi um momento desafiador para mim. Mudança de escola pela terceira vez, porém, era minha primeira escola estadual; duas vezes maior que as outras que frequentei, com três vezes mais alunos, vindos de todas as regiões e bairros de minha cidade (pois, onde moro, as instituições que comportam o Ensino Médio são muito poucas comparadas às outras). Fui matriculada na Escola Estadual Nilo Mauricio, onde fui exposta a uma grande variedade de

professores e disciplinas acadêmicas (eu ainda não sabia, mas estavam me preparando para o ensino superior). Durante esses anos, desenvolvi um interesse especial por artes, línguas estrangeiras e, no geral, a arte de ensinar, carregada pela recompensa de ver o outro adquirindo conhecimento. Foi quando comecei a desenvolver trabalhos manuais e, até mesmo, recebia encomendas destes. Foi também nessa época que aprendi inglês e comecei a trajetória no espanhol, cada vez mais encantada com a graça de aprender. Fui tomada pela emoção de sentir, de modo quase palpável, o conhecimento entrando em minha mente e sendo internalizado. Lembro-me bem de querer que todos pudessem sentir esse mesmo prazer em aprender. Nessa trajetória em outros idiomas, tive professores incríveis que genuinamente querem ensinar, com toda aquela emoção, como a do primeiro dia de aula.

E foi então que pude relacionar essa trajetória de idiomas, ao meu caminho no letramento, com todos aqueles análogos sentimentos tão maravilhosos, ao ler minhas primeiras palavras ou escrever no papel tudo aquilo que eu queria, sem medo. "É isso que eu quero fazer", pensei. Recordo-me bem de querer abrir caminhos para as pessoas, criar as possibilidades para a produção e a construção de conhecimentos (FREIRE, 2003, p. 47), proporcionando, assim como tive, um ambiente formador e saudável.

Esses momentos contribuíram imensamente para a minha formação pessoal, pois me ajudaram a desenvolver habilidades como organização, responsabilidade, trabalho em equipe, liderança e resiliência. Enfrentando desafios e buscando soluções para eles, aprendi a lidar com frustrações, situações adversas e, ainda, a encontrar formas criativas de resolver problemas. Além disso, o convívio com colegas de classe, professores e demais membros da comunidade escolar, vivendo com a diversidade de pensamentos, vem me ensinando a respeitar e valorizar essa heterogeneidade tão rica de nossa sociedade, a trabalhar em equipe e a desenvolver melhor minhas habilidades sociais.

No âmbito profissional, esses momentos marcantes vividos também desempenham um papel fundamental. As habilidades que adquiri durante a vida escolar; desde os primeiros aprendizados, até na apresentação de grandes tarefas, pude aplicar no ambiente de trabalho; como a capacidade de adaptação, a resolução de problemas complexos, a habilidade de me comunicar efetivamente e a capacidade de liderar. Além disso, as experiências que venho vivendo durante a educação escolar vem despertando interesse em determinadas áreas de conhecimento que nunca imaginei, influenciando na escolha de minha carreira, futuras especializações e, ainda, na definição de objetivos pessoais.

Elaborando este trabalho, agora percebo que foram os diversos caminhos e desafios vividos na minha caminhada pela educação (desde antes de adentrar uma instituição de ensino), que vieram me formando para me tornar uma educadora e me colocaram na Universidade Federal de Minas Gerais - a primeira de minha família em uma faculdade federal. Agora, estou tendo a oportunidade de me aprofundar em várias áreas, desde a história da educação, entendendo os processos e lutas que nos trouxeram até aqui, como psicologia e estudo sobre a infância.

Portanto, ao refletir sobre esses momentos marcantes da minha vida escolar, e relacioná-los com todos os conhecimentos adquiridos no curso até o presente momento, é possível reconhecer o valor que eles têm em minha formação pessoal e profissional. Minha mãe não conseguiu completar o ensino fundamental e meu pai veio a concluir o ensino médio aos quarenta anos de idade, e hoje vejo as experiências que tenho vivido e que estão contribuindo demasiadamente para o meu crescimento e amadurecimento, ajudando a me tornar uma pessoa e profissional melhor e mais completa, me possibilitando compreender melhor e fazer mais por meus futuros alunos. Usando como exemplo as boas experiências que tive e, levando como aprendizado, aquelas não tão boas.

DA JABUTICABA À UNIVERSIDADE FEDERAL: PERCURSO DE ESCOLARIZAÇÃO (NA E FORA DA ESCOLA)

SAMIRA MARIA ARAÚJO

Nas minhas lembranças de infância na Fazenda da Prata, não me recordo de possuirmos livros em casa. O primeiro texto escrito que me veio à memória foi um calendário, conhecido por "Folhinha Eclesiástica de Mariana", que meu pai trazia da Cooperativa Agropecuária de Bom Despacho (COOPERBOM) para se guiar na previsão meteorológica e acompanhar os dias santos católicos para irmos à missa na Igreja da cidade. Ficava afixado na parede da sala, ao lado do quadro do Coração de Jesus e acima do velho rádio que tocava, às 5h, o Programa Zé Béttio: "*joga água nele pra acordar*" e, assim, além do único texto escrito, convivia com o texto oral, no suporte textual Rádio, que preenchiam meu imaginário.

Morávamos na Fazenda da Prata, município de Bom Despacho (MG), atravessada pela Estrada de Ferro Paracatu. Nessa época, a Rede Ferroviária estava encerrando suas atividades em nossa região, despedindo-se com o som das locomotivas "Maria Fumaça": "Txique Txique Txique Txique", "Xique, Xique, Xique, Xique", "Sique, Sique, Sique, Sique" ao longe. Atualmente, há uma dessas máquinas em ex-

posição no Museu Ferroviário daquela cidade, o que reaviva as minhas mais doces lembranças.

A fazenda na qual morávamos era vizinha da propriedade do Seu Coronel Cristiano, com muitas granjas e muitos empregados com filhos já em idade escolar, como eu. O Seu Cristiano queria manter seus trabalhadores na zona rural e, para isto, fez um acordo com a Prefeitura, cedeu o terreno para que a Prefeitura construísse uma capela e uma sala de aula para os filhos dos lavradores na zona rural.

Essa lembrança diz respeito ao meu lugar social e se relaciona com a afirmação do pedagogo Luciano Mendes de Faria Filho(2022) que "em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos e a materialidade e os métodos escolares".

O acordo firmado entre o Coronel e a Prefeitura possibilitou o início de minha escolarização formal. A Prefeitura, porém, não conseguiu professores para ministrar as aulas, pois ninguém queria lecionar na zona rural.

Minha mãe sempre teve muita iniciativa. Concluiu o curso primário em 1956 e fez o Curso de Treinamento de Professores Rurais, ofertado pela Prefeitura em parceria com a Fazenda do Rosário (Ibirité/MG), quando estava no 7º mês de gravidez (nasci 2 meses após), porém meu pai, que era um homem de poucas palavras, na época, considerava que "lugar de mulher é em casa, cuidando da família". Diante do impasse com os trabalhadores e o Coronel, minha mãe, a contragosto do meu pai, procurou a Prefeitura e se ofereceu para dar as aulas e o Prefeito Antônio Leite concordou, mas impôs a condição de que além de "dar aula" teria que fazer a merenda e a limpeza, inclusive da Igreja. Foi contratada como auxiliar administrativo, pois não poderia assumir como professora, uma vez que só cursara o primário.

Assim, em 1974, a mãe-professora começou a dar aulas na Escola Municipal Coronel Cristiano, na Fazenda da Prata. Percorríamos, a pé, os 3km até a escola, com a lata da merenda na cabeça, acompanhada por suas três filhas e seu filho de 4 anos, que se juntariam aos demais filhos dos lavradores da região, na sala de aula. Não me lembro dela ter caderno de planejamento, nem de livros didáticos e muito menos literários. Na escola, era apenas uma turma, multisseriada.

Quando dispunha de giz, a mãe-professora dividia o quadro em 4 partes e em cada uma delas anotava uma atividade para cada agrupamento de estudantes, que ela mesma organizava: os menores desenhavam, parte ligava palavra a desenho, outros copiavam palavras e os maiores faziam cálculos. A prefeitura deu um caderno, um lápis e uma borracha para cada aluno.

Aprendemos as vogais escritas no quadro, lendo de forma repetitiva até todos saberem ler e escrever as letras e em seguida as consoantes. Daí, juntávamos, ligando com um traço uma letra noutra letra e formávamos sílabas. Aos risos, juntávamos as sílabas e formávamos palavras: PATO, GATO, RATO, LATA. Nunca me esqueço da escrita da palavra MORCEGO. Ao chegarmos à escola e abrirmos a porta, os morcegos sobrevoavam nossas cabeças e as crianças gritavam, corriam e riam com aquela cena diária. Sentia medo, pois na minha casa também havia morcegos. Eu dormia cobrindo a cabeça para não ser mordida. Ao estudar as pedagogas Emília Ferreiro e Magda Soares, reflito sobre o método utilizado por mãe-professora-leiga: palavras que fazem sentido, estão contextualizadas na realidade dos estudantes, a partir de um texto, no caso, nossa própria vivência e, nesse momento, estabeleço a relação entre as pedagogas e Paulo Freire na pedagogia do afeto, da presença e contextualizada.

Na maioria das vezes, íamos para o córrego que ficava no fundo da escola, onde pescávamos e contávamos os bagres e carás pescados, que seriam usados na merenda do dia seguinte. No final do ano, as jabutica-

beiras ao longo do córrego ficavam carregadas e as devorávamos, à medida que mãe-professora contava histórias e causos. Além do doce sabor da jabuticaba, aprendemos sobre a importância das suas flores para as abelhas e para a perpetuação das espécies. Ficava deslumbrada com sua cor vibrante que atraía meus olhos, me fisgando por todos os sentidos.

> **Sem conhecer Paulo Freire, a Mãe-professora já nos encantava com o processo de aprendizagem por meio da palavra geradora: jabuticaba!**

Isso me marcou muito. Ela ia aprofundando a história, quando algum aluno intervinha, incrementava aqui e acolá e todos participavam das histórias e quando menos esperávamos nos transformávamos nas personagens, criávamos os cenários e, de repente, éramos grandes fazendeiros, boiadeiros, alma penada, assombração, anjo da guarda, crianças gulosas e levadas. Essa vivência com o texto oral me fez apaixonar por literatura e jabuticabas.

Em casa, novamente, repassava as operações matemáticas e as palavras para meu irmão menor usando um tição (carvão) escrevendo nas paredes. Vivenciei com esta experiência a "sensação" de também ser "professora" como mãe, pois assim alfabetizei meu irmão, aos 4 anos de idade, e isto me deixou muito feliz.

As dificuldades iam aumentando, os trabalhadores reclamavam das condições de vida na fazenda e aos poucos foram migrando para a cidade, trabalhando na Siderúrgica de Carvão. E a mãe-professora só ficou conosco na sala, até a Prefeitura fechar a escola rural. Ela tinha uma caligrafia admirável e, mais uma vez, foi protagonista de sua história. Pediu para ajudar os serviços de arquivo da Prefeitura na cidade, que o prefeito, da época, Geraldo Simão de pronto aceitou. Assim, a mãe conseguiu nos matricular numa escola pública em Bom Despacho, contrariando os planos de meu pai, que ficou na roça.

Fomos matriculados na EE Martinho Fidélis, que recebeu esse nome em homenagem ao Senhor Martinho Fidélis, que foi procurador, tesoureiro da Câmara Municipal, alferes da Guarda Municipal, escrivão de paz e agente postal em Bom Despacho, apesar de não ter nascido lá. Minha emoção de ter 25 colegas, da mesma idade, numa escola recém-inaugurada com biblioteca repleta de livros e carteiras individuais para cada estudante foi imensa. Daquele dia em diante, convivi diariamente com muitos livros: "*Oh! Bendito o que semeia/Livros…livros à mão cheia…/E manda o povo pensar!/O livro caindo n'alma/É germe - que faz a palma,/É chuva - que faz o mar".* (Fragmento O livro e a América, Castro Alves)

Logo no início das aulas, sofri a primeira violência pública no meu processo de escolarização. Todos os dias cantávamos o hino nacional, em fila antes de entrar para a sala. Neste dia, tinha uma comemoração e iriam inaugurar uma placa de homenagem aos patronos. Minha professora me ordenou ler a placa de homenagem em bronze na parede do pátio, ao lado das bandeiras e de todos os alunos, professores e convidados da Prefeitura e da SEE/MG. Senti-me a pessoa mais importante do mundo e bradei aos quatro cantos o nome da escola, da diretora, do prefeito, do governador e quando fui ler o nome do presidente do Brasil "Ernesto Geisel" li como estava escrito na placa e na hora minha professora gritou comigo dizendo que eu tinha vindo da zona rural e ainda não sabia ler direito e leu o nome do presidente corretamente "GAaaaaaaaaaisel". Imediatamente abaixei a cabeça, não conseguia ver mais nada, nem sentir o chão.

Neste dia, descobri que minha vida não seria fácil nem na escola e nem na cidade. O bom dessa passagem é que minha curiosidade foi provocada. E nada como a curiosidade para nos impulsionar na vida. Descobri o que foi o período militar no Brasil e comecei a observar a quantidade de nomes de ruas com nome de militares em Bom Despacho e aprendi que vivia numa "terra de coronéis", não só os de alta patente

militar, como também daqueles que recebiam esse título, atribuído aos de altas rendas, desde o século XIX, dos coronéis dos latifúndios, mas em sinergia na dominação política, econômica, cultural e social ainda nos idos do século XX. Esse assunto sempre me perseguiu de forma crítica e reflexiva.

Outro aspecto interessante na minha escola era o seu formato, aliás, todas as escolas da cidade tinham a mesma arquitetura: formato de U, com janelas imensas de vidro, permitindo a vigilância da "Inspetora" (termo que remete ao período da Escola Nova, ainda persiste nas escolas!), visando ao controle dos corpos dos alunos e professores.

Na então Escola Normal Oficial de Bom Despacho, atual Escola Estadual Miguel Gontijo, em que estudei o Ensino Fundamental nos anos finais na década de 80, o Magistério na década 90 e, logo em seguida, assumi o cargo de professora, ainda na década de 90, e há 33 anos continuo lotada como professora na mesma escola. O formato do prédio era o mesmo, com inspiração do "Vigiar e Punir" de Foucault. Minha formação escolar neste espaço, diz muito da profissional que sou hoje, afinal foram quase 40 anos de vivência escolar nesse educandário.

Ao contemplar a fotografia da fachada da Escola, com o campinho de cascalho na frente, lembrei-me de outra passagem de violência escolar, que me fez ganhar meu primeiro inimigo declarado. Meu professor de Matemática me apelidou de *"Globetrotters"*, fazendo referência ao jogador *Louis "Sweet Lou" Dunbar*, que era cabeludo, magro e comprido. E os colegas me chateavam com o apelido e acrescentavam outros: "vareta", "pau de apanhar coco"... Após a aula, saíamos correndo pelo campinho, quando os meninos que estavam à frente me zombavam gritando pelo apelido. No momento da vergonha e da raiva, peguei uma pedra de cascalho no chão e lancei a esmo em direção ao grupo peralta. Tiro certo. O sangue esguichou e a camisa de tergal branca de um dos meninos ficou vermelha. Fomos para a Secretaria da Escola. A mãe do garoto era não menos do que a Secretária Escolar.

Recebi a ocorrência, o puxão de orelha de minha mãe e os castigos de rotina. Mesmo tendo acertado as contas da "minha violência", até hoje, sinto que o menino ainda está magoado comigo, pois nunca mais me cumprimentou e mora no mesmo bairro que eu.

Outras marcas inesquecíveis foram as pessoas com quem convivemos na escola. Lembro-me da posição firme do corpo ereto, com a cabeça altiva, o dedo em riste em frente à boca e ouço o chiado com os lábios, chamando a atenção dos estudantes, da Inspetora Ordália, nos corredores, que monitorava o tempo todo, nas filas diárias, de um lado os meninos e de outro as meninas, do menor para o maior, na organização das carteiras, uma atrás da outra, todos em marcha, com as mãos para trás. Nossos professores do Magistério, todos muito distintos, eruditos, são referências históricas da escola e na vida de muitos bom-despachenses.

Nessa época, havia muitas regras, muito dever. Às vezes, percebo semelhanças nos textos filosóficos de Michel Foucault ao criar a narrativa de Vigiar e Punir (1975), que só chegou ao Brasil no final da década de 80, com a nossa história.

Foi na UFMG, nas aulas de História da Educação I, com o Prof. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, que discutimos *Michel Foucault* e o seu modelo *Panótico*, baseado nas prisões europeias, refletindo sobre como vigiar mais e melhor. Também, nas aulas de História da Educação II, com Prof. Luciano Mendes de Faria Lima, revisitei minhas lembranças históricas, onde constam estas marcas do tempo que vivi, dando vazão aos meus sentimentos.

Vivíamos um tempo de submissão em todos os sentidos. Desde a década de 50, a Escola Miguel Gontijo já realizava os desfiles cívicos, que reproduzíamos a cada ano, que mais pareciam desfile militar, no aniversário da cidade, 1º de junho e Independência do Brasil, no dia 7 de setembro. No Calendário Escolar, outra influência da igreja, tínhamos os recessos e feriados católicos: Dia de Nossa Senhora Aparecida,

Nossa Senhora do Rosário. Nas paredes de todas as salas, o Crucifixo e na entrada da escola a imagem de Nossa Senhora das Graças. E, desde 1988, no texto frio da Lei Maior, somos um país laico.

Quando completei 12 anos, tive que trabalhar para ajudar minha mãe a nos manter na cidade. Fui babá de um primo e doméstica na casa de minha bisavó Antônia. Esse momento da minha vida foi difícil. Estava apaixonada com a novidade de uma escola grande, com amigos da minha idade, queria brincar, me entregar a este momento. Porém, aliar estudos e trabalho não era fácil para uma criança. Tinha dificuldade de participar dos trabalhos em grupo, além de que não tinha dinheiro para acompanhar os gastos nesses trabalhos.

Penso que herdei de mãe as habilidades para resolver problemas, comecei a fazer acordos com meus colegas: eles tinham dinheiro e eu adorava ler e escrever. Assim, eu fazia os trabalhos e eles compravam as coisas (cartolina, pincéis etc). Essa iniciativa me ajudou a escrever e ler cada vez mais. Refletindo sobre isso, penso que esse "acordo" não era justo, afinal, eu estava estudando, mas meus colegas não bebiam das mesmas fontes primárias. É interessante como o trabalho em grupo acontecia nas escolas, apesar de chamar trabalho de grupo, sempre foi divisão de tarefas. Ao longo de muitos anos, usei essa estratégia "do acordo" com meus pares, inclusive quando fiz minha primeira graduação, no interior, numa faculdade privada, que tinha aulas às terças e sextas à noite e todos os estudantes trabalhavam durante o dia, ninguém dispunha de tempo para fazer os trabalhos. Paguei meus estudos, graças a estes "acordos" e muitas madrugadas fazendo trabalhos escolares de colegas.

Na minha cidade, os estudantes mais abastados, filhos das pessoas com renda do agronegócio ou altas patentes militares iam estudar em Belo Horizonte, faziam cursinho preparatório para vestibular na Capital em Colégios famosos Promove, Chromos, Soma, Pitágoras e quando estes eram aprovados na UFMG, tinha homenagem no jornal e

rádio locais, colocavam faixas na porta da escola e todos os professores citavam estes vitoriosos como exemplos para nós, mas poucos eram os vencedores. A maioria dos colegas não continuava os estudos e outra parcela recorria aos vestibulares das faculdades privadas no interior.

Da minha turma do Curso de Magistério, noturno, a maioria continua em Bom Despacho. Casaram-se, são pais e mães de família. Ninguém de nós cursou Universidades Públicas, como a UFMG, naquela época, apesar de muitos termos acalentado esse sonho.

Trabalhei um tempo como balconista numa loja de roupas Casa Freitas, época em que aprendi a fazer mil coisas ao mesmo tempo, ficar 12h direto em pé, estampando bom humor, tratando as pessoas com atenção e cuidado, olhando nos olhos. Aprendizado para além das quatro paredes da sala de aula: acolher o outro em sua diversidade.

No campo de atuação social, realizava várias ações de solidariedade e de cidadania em minha comunidade, que me agregaram muitas amizades, me possibilitaram desenvolver habilidades socioemocionais importantes e aprendizados extraordinários em minha formação não-escolar.

Fui catequista na Capela da Santa Casa, sob os cuidados da Irmã Genoveva e do Padre Pedro, em que realizávamos muitas apresentações de teatro das passagens bíblicas na Capela. Interessante pontuar que, nessa época, havia uma tradição da coroação de Nossa Senhora, no mês de maio, que acontecia na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Despacho e somente os filhos da alta sociedade participavam da coroação e poderiam coroar nossa Santa. Quando Irmã Genoveva desafiou a todos e criou também na Capela a Coroação com todas as crianças da periferia, nas escadarias da Santa Casa. Foi incrível a multidão que se juntou e o povo tomou conta, democraticamente, da praça da Santa Casa.

Participei da criação do Jornal vinculado à Igreja Católica "A Paróquia", junto com Dona Zeni Hamdan e outras senhoras que participavam ativamente das ações da Paróquia de Nossa Senhora de Bom Despacho, tendo escrito um artigo para a primeira edição e contribuído

esporadicamente em outras e publiquei em outros periódicos locais, artigos de opinião sobre temas ligados à educação. Sempre gostei de escrever.

Fui voluntária por mais de 25 anos na ABAP (Aliança Bondespachense de Assistência, Promoção da Criança e do Adolescente), junto com o Hermes Cruz e Vicente Campos, além de outros voluntários. Participei da criação junto com Bill Moraes da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), que funcionava provisoriamente no prédio onde hoje fica o CESEC, antiga Escola João Dornas, debaixo de uma mangueira imensa. Atuei como membro do Conselho do Lactário Menino Jesus, na época em que o saudoso médico Dr. Marco Túlio foi o Diretor da Santa Casa de Bom Despacho. Contribuí para criação do Conselho Municipal de Conservação e Defesa do Meio Ambiente - CODEMA em Bom Despacho, junto com o Augusto e outros colaboradores.

Assumi a locução na primeira Rádio FM da Cidade" Veredas", num programa musical, quando esta foi criada em Bom Despacho e, depois, um programa semanal de notícias e curiosidades na educação do campo, aos domingos, na Rádio Difusora, junto com Alexandre Aurelio Chaves, meu colega de trabalho na UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos), unidade de Bom Despacho, época em que, por 16 anos, lecionamos e atuamos em cargos de gestão no ensino superior.

Cumpri um mandato de Conselheira no Conselho de Comunidade de Bom Despacho, oportunidade em que criamos uma Biblioteca na Cadeia Pública local, em parceria com o Juiz Dr. José Antônio e a servidora Rosa Gontijo. Cumpri vários mandatos no Conselho Municipal de Educação, tendo contribuído também em Colegiados Escolares na Escola Estadual Miguel Gontijo e no CESEC Prof. Zaíra Batista Teixeira. Espaços em que desenvolvi a participação cidadã, o ativismo social e o exercício da democracia.

Destaco ainda a vivência no Centro Cultural de Arte de Bom Despacho, que funcionava no Cine Regina, nos idos de 80, quando

realizamos o FESTICANTO em que o bom-despachense Roniere Menezes cantou uma música que me marcou muito e só me lembro da expressão "Voa, ave, Voa, me ensina o teu voo….", juntamente com a Fifi (filha Dona Fia que fazia empadas e também trabalhava na EE Miguel Gontijo), a Maria Elisa, Paulino Menezes, Desiree, José Roberto, Bil Morais e tantos outros amigos que me aproximaram da fruição da música de Rubinho do Vale, Paulinho Pedra Azul, Sá e Guarabyra Também participei de várias ações e projetos voluntários junto ao Rotary em Bom Despacho e, ainda, no Grupo Roda Viva/Pré-roda/Rodinha, vinculado à Paróquia Nossa Senhora do Bom Despacho, sob a orientação do saudoso Padre Jayme, que me fortaleceu nas amizades, nas relações sociais e no amor à arte.

Outra experiência fantástica que me ajudou na desenvoltura para falar em público, declamar, interpretar e atuar em cena foi no Grupo Teatral Porta Aberta, quando atuei, nos idos de 80 no espetáculo infantil "A Praça dos Brinquedos", de autoria da Stella Leonardos (1961), que tem um final emocionante e eu interpretei o Palhacinho Mágico.

Sem dúvida, aprendemos na escola, na vida pública em diferentes tempos e espaços. Esse aprendizado vai forjando quem somos.

Ao concluir o curso de Magistério, de imediato, consegui ingressar na faculdade privada no Curso de Letras, numa cidade próxima, com aulas às terças e sextas à noite e sábado pela manhã. Mais uma vez trabalhar o dia todo e estudar à noite e pior, noutro município, foi um desafio imenso. Não foram poucas as vezes que a Kombi que nos levava estragava na rodovia de madrugada, além disso a faculdade estava com problemas para reconhecer nosso curso junto ao MEC.

O aprendizado que me habilitou para a docência veio de meus professores padres, pois a escola era católica. O Bispo Dom Belchior ministrava aulas às sextas, porém sempre tinha eventos no Bispado e nunca saímos da primeira estrofe da Ave Maria em Latim. O Prof. Agostinho Oliveira me inspirou a gostar de Sociologia, na época, ele

era candidato a prefeito da cidade, pelo Partido dos Trabalhadores, e era corajoso nas ideias, naquele universo, nos provocando a reflexão e a olhar para os oprimidos, claro, nas entrelinhas e nos não-ditos das obras que citava de grandes pensadores clássicos. Padre De Simone ministrava Filosofia, também era vinculado ao Partido dos Trabalhadores e apoiava movimentos populares, pois na região havia uma grande Usina de Açúcar e as condições dos moradores eram marcadas por muitas desigualdades sociais. Era mais corajoso ainda que Prof. Agostinho, pois, a partir dos textos filosóficos, inspirava o pensar, a alargar e aprofundar nossas reflexões. Adorava citar Santo Agostinho e Padre Antônio Vieira. Por várias vezes, ele tinha que responder por denúncias contra sua postura e ele resistiu às pressões políticas dessa época.

Dom Waldemar era uma personalidade ímpar! Houve uma época em que aumentaram o valor da mensalidade, porém, no meu trabalho, não recebia nem o salário mínimo e teria que desistir da faculdade. Mas, como minha mãe, mais uma vez encontrei uma saída. O Diretório Acadêmico (DA) da faculdade estava sendo criado e lançaram um concurso de redação com o prêmio no valor de uma mensalidade. Dom Waldemar conhecia a realidade dos alunos e disse que se eu ganhasse o concurso do DA me daria uma bolsa de estudos até o final do curso. Ganhei o concurso! Ganhei a bolsa! Ganhei a mensalidade! E conquistei uma vaga como professora designada da rede estadual em Bom Despacho, que significou para mim uma mudança de status imensa, agora eu era Professora.

Em 1992, fiz concurso público para professora, fui aprovada e efetivada na rede estadual de Minas Gerais. A influência da formação religiosa, social-cidadã, entranhada na formação escolar no modelo tradicional de ensino tomavam conta de mim. Lembro-me de que usava o mesmo caderno de plano de aulas de minhas tias, repetia a mesma "doutrina" dos corpos na sala de aula, um aluno, atrás do outro e eu, no centro, ditando matéria ou escrevendo no quadro para que fizessem

cópias. Professora-boca e aluno-orelha. Durante muitos anos reproduzi esse modelo escolar em minha jornada profissional.

O início de uma carreira profissional é muito difícil. Na época, quando ainda era designada e não servidora efetiva, participava, todos os anos, dos processos para designação de professores na rede estadual. Éramos quase uma centena de recém-formados e não efetivos em busca de um contrato, por menor que fosse o período. Estas situações eram muitas vezes constrangedoras e testemunhei colegas, mães de família e responsáveis pelo sustento da casa, saírem aos prantos da convocação, pois teriam ficado sem vagas e sem trabalho.

O que, às vezes, aumentavam nossas oportunidades de substituição era o fato de que os professores efetivos viram-se obrigados a licenciar-se temporariamente para tratamento de saúde, às vésperas de feriado e recesso escolar. Foi nesse período que, mesmo habilitada para Língua Portuguesa, ministrei aulas de todos os componentes curriculares da época, por meio do instrumento CAT - Certificado de Autorização Temporária, para lecionar, desde Educação Física, Ciências, Biologia, Matemática entre outros, em contratos de 3, 5, 7 dias. Uma verdadeira saga em busca de um lugar ao sol.

Na E.E. Miguel Gontijo, por cerca de 20 anos, a pedagoga Maria Angélica Cardoso Lobato, foi minha primeira referência de especialista em gestão pedagógica do trabalho docente. Sua voz doce, calma e acolhedora me fascinava. Diante dos maiores problemas pedagógicos, na escola, conseguia articular o diálogo e, cautelosamente, com ética, demonstrava caminhos para unir o que parecia impossível. A partir de suas sugestões de leitura, conheci os autores José Carlos Libâneo, Philippe Perrenoud, Cipriano Carlos Luckesi e desenvolvi o hábito de estudar fazendo anotações. Também foi ela que me ensinou que não basta um professor ser competente numa escola com 57 docentes, se o trabalho é coletivo e interdisciplinar, em prol de um mesmo objetivo: garantir a aprendizagem dos estudantes, todos precisam caminhar mais

próximos, numa medida justa, para que as diferenças sejam fortalecedoras uns dos outros. Em todo o meu processo de escolarização, talvez, essa tenha sido a experiência mais significativa.

Outro espaço educativo na minha vida foi minha experiência na Academia da PMMG. Ministrei aulas de Redação e Etiqueta para os Praças e Cabos da PMMG, no 7° Batalhão de Polícia em Bom Despacho, aprendendo a lidar com diferentes públicos e realidades, em situações específicas do sistema militar.

Participei de vários movimentos grevistas de professores, ainda sem saber o que era o movimento sindical e o ativismo político. A luta era salarial e por melhores condições de trabalho. E, desde que assumi meu cargo, fiz minha adesão ao SIND-UTE (Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação) e continuo sindicalizada, mesmo aposentada no primeiro cargo. O engraçado, se não fosse trágico, é que passaram mais de 30 anos e a luta sindical continua com a mesma pauta, evidenciando como a educação pública vem sendo relegada ao longo da história por nossas lideranças políticas. Hilário é que, neste momento, que retrato minhas doídas e alegres lembranças, leio no Instagram a notícia de que o filho do ex-presidente do Brasil (2019-2022), Deputado Federal, Eduardo Bolsonaro, expoente de discursos conservadores e de incentivo à aquisição, cadastro, registro e comercialização de armamento, compara, criminosamente, "professores doutrinadores" a traficantes. Inacreditável mais essa violência contra professores em pleno século XXI.

Acompanhei várias reformas no ensino. Atuava como professora do ensino médio, na mesma escola em que estudei a formação básica. Em 1996, quando a LDBEN foi publicada, me chamou a atenção a questão do ensino médio:" Art. 22 A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a **formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores**. (...) Art. 36 § 2º O ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o **exercício de profissões técnicas**", estes pontos evidenciam o caráter do ensino médio como última etapa da educação básica, porém, na sala de aula, passávamos longe desses aspectos: não tínhamos laboratórios adequados; biblioteca sucateada, com atendentes que estavam de ajustamento profissional por questões de saúde; não tínhamos parceria com instituições para estágio e prática profissional, pois o município era predominante de área rural, sem indústrias. Os professores da minha geração não tinham formação continuada e ainda predominavam práticas tradicionais de ensino, que tinham o livro didático como Bíblia. Uma realidade muito precária diante das diretrizes propostas na LDBEN.

Ao refletir sobre este processo, penso muito na metáfora do "pêndulo", citada por Luciano Mendes de Faria Filho(2023), em sala de aula, do Curso de Pedagogia da FAE/UFMG: a história da educação percorre um movimento oscilatório e para compreendê-la é necessário pensar sobre a linha histórica da escolarização e sobre o fato de que o "discurso se constitui prática" quando a intencionalidade o estabelece por meio, por exemplo, das "fake News". E, diante desse contexto, temos o importante papel de desconstruir os factoides.

Outro fator que impactou meu processo de escolarização foram as mudanças nas políticas públicas, sem concluir o processo anterior. Os projetos e Programas eram interrompidos a cada novo governo. A rede física das escolas era pensada para o ensino fundamental, mas como tinham que atender o ensino médio no noturno, em que predominavam os estudantes pretos, pobres e vulneráveis, a rede física das escolas foi adaptada para receber também a etapa final da educação básica. Com a reforma das diretrizes curriculares em 2012, na rede estadual, foram criados vários projetos e programas, para reverter a distorção série-idade, evasão, abandono e assegurar intervenção pedagógica (Projeto Estruturador Acelerar para Vencer (PAV), muitos projetos pilotos e outros programas esdrúxulos) e esse movimento foi reduzindo aos poucos a demanda do noturno.

Como toda reforma do ensino médio, senti um total descompasso em relação ao que constava no projeto escolar e o que era executado. Cada escola agia de um jeito e o controle impositivo e regramento da escola se dissipavam e davam espaço para uma falta de referência, aumentando de forma acentuada a violência, a indisciplina, a rejeição pela escola, o sucateamento e a precarização do trabalho docente. Vários fatores sociais, políticos, culturais, econômicos impactaram nessa destruição do ensino, em especial na rede pública que atende mais de 85% do universo estudantil. De acordo com o Relatório "O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental", desde o início dos anos 2000, já ocorreram pelo menos 16 ataques, dos quais 4 aconteceram no 2º semestre de 2022. Esses dados evidenciam o desvão que ainda se dá no ensino e escancara a difícil tarefa de reconstrução da educação e do projeto civilizatório em tempos de neoliberalismo, terceirização e privatização da coisa pública.

Realizei o Curso Pró-Médio, ofertado pela UFMG em parceria com a SEE/MG, oportunidade em que conheci Magda Soares, Antônio Augusto Gomes Batista, o Dute, a Graça Costa Val, do CEALE, entre outros e me debrucei sobre os temas Letramento e Memórias, além de receber a alcunha de "Samira-Cata-Cursos", pois fazia todos os cursos ofertados pelo sistema, participava de todas as palestras e eventos. Considero esse movimento fundamental para a formação continuada. Estudar é para sempre, é todo dia.

Em 2016, assumi a direção do CESEC (Centro Estadual de Educação Continuada) e vivi a luta diária pela promoção da educação de jovens, adultos e idosos. Trabalhei com um corpo de professores e servidores administrativos envolvidos afetivamente com a EJA(Educação de Jovens e Adultos). Meu aprendizado com a pedagoga Luciana Franco Cançado me marcou. A escuta ativa que realizava dos estudantes foi algo impressionante, compreendia a singularidade de cada um, observava o estudante e como ele aprende, como observamos nas pesquisas de Magda Soares. Não entendia os índices de abandono e evasão na EJA e isso me inquietava bastante. Aprendi sobre as diversidades e experiências com situações de vulnerabilidade que me fizeram amadurecer pessoalmente. Também fiz amizades com ex-alunos que concluíram a formação no CESEC e atualmente estão no mercado de trabalho, por causa dessa política pública, garantida pela CF/88, e saí sentindo-me fracassada, pois fiz o juramento ao receber a licenciatura de que lutaria por uma educação justa e para todos e mais uma vez os índices de evasão e abandono persistiam altíssimos na EJA.

Desnorteada com o cenário educacional e suas interrupções das políticas públicas, mais uma vez, segui minhas raízes e, como minha mãe, dei uma virada na minha vida. Aceitei o convite da pedagoga Luciene Mendonça para vivenciar experiências artístico-culturais pela Europa e fomos junto com seu esposo Júlio para Alemanha, Holanda, Itália entre outros países: visitamos museus, castelos, universidades, parques, igrejas, assistimos ao teatro de rua e apresentações musicais, degustamos maravilhas da culinária europeia, diversos aromas e exercitamos todos os nossos sentidos ao apreciar o velho mundo. Como as viagens nos inspiram a renovar os ânimos. Não me sai da cabeça, a imagem das bibliotecas de rua, livros clássicos e literários à disposição das pessoas nas praças, teatro, arquitetura belíssima. Sem dúvida, viajar, conhecer outras realidades para entender arte é uma forma de educar-se.

E, de ânimo renovado, aceitei mais um desafio na educação pública.

Recebi ao longo da minha jornada profissional vários prêmios, méritos empresariais e moções de agradecimento, seja da Prefeitura Municipal de Bom Despacho, da Câmara Municipal de Bom Despacho, ACIBOM/CDL, Universidade ou de entidades e empresas. Guardo no coração todas as homenagens.

Quando o Governo Mineiro foi implementar o novo currículo do ensino médio, baseado na BNCC - Base Nacional Comum Curri-

cular, em 2019, abriu uma seleção para professores da rede que tinham experiência na sala de aula do ensino médio. O objetivo era apoiar o Órgão Central, em Belo Horizonte, na organização e produção de material do novo currículo do ensino médio para a rede estadual.

Havia me divorciado. Tinha tempo de serviço para me aposentar e viver tranquilamente a velhice numa cidade pequena. Mas meu filho único queria estudar em Belo Horizonte para tentar uma vaga na UFMG (como os sonhos se repetem…). Aceitei o desafio da Secretaria Estadual de Educação, me candidatei à vaga, fui aprovada e viemos, eu e meu filho, para a Capital.

O "velho" sonho da UFMG tomou conta não só do meu filho, mas também reacendeu em mim a vontade de estudar numa escola federal. Fizemos juntos o ENEM em 2021, ele como *trainee*. Fizemos um ótimo Exame! Ele ingressou no COLTEC-UFMG, no Curso de Química. Eu busquei no SISU um curso para mim…ele queria que eu fizesse algo diferente do que estudei a vida toda, pois acompanhou minha trajetória na educação e queria que eu escolhesse uma profissão mais rentável e respeitada, como área de saúde ou engenharias.

No último momento não resisti, cliquei em Pedagogia e aqui estou: na UFMG! Não tive publicação de minha conquista em jornais e rádios locais, nem faixas na minha saudosa escola, muito menos fui citada pelos professores como caso exemplar, pelo contrário, fui surpreendida com uma notícia de etarismo, em que três estudantes de outra Universidade questionavam o fato de uma mulher de 44 anos ocupar uma vaga no ensino superior, uma vez que, na cabeça delas as vagas deveriam ser para os jovens estudantes e a referida mulher deveria era estar aposentada. Inacreditável esse pensamento em pleno século XXI, após tantas lutas e movimentos pelos direitos sociais.

Só consegui superar essa dor, quando vi a alegria de minha mãe, meu filho e minha irmãzinha de 59 anos, ao me visitarem na FAE, celebrando o fato de eu ser uma das primeiras mulheres da família a cursar UFMG! A felicidade tomou conta de mim. E, nesse momento, tive a certeza de que "minha história era mais bonita que a de Robinson Crusoé", se me permite o poeta Drummond.

Com 55 anos, realizo o sonho da minha vida, ainda com o doce gosto da jabuticaba na boca, muita esperança no coração e planos mais audaciosos para meu futuro. Quero ressignificar o meu processo de escolarização formal. Não tenho como voltar no tempo e corrigir equívocos da prática docente diante de quase 15 mil ex-alunos da educação básica e superior. Até tentei. Busquei no livro "Antes que o café esfrie" do autor japonês *Toshikazu Kawaguchi* realizar esta façanha. Mas, não consegui. O que posso fazer, então? Posso reagir ao Projeto Neoliberal que vem destruindo a escola pública. Posso produzir novos conhecimentos, publicar, mobilizar coletivos, participar de movimentos populares, inspirar prosa e poesia, reagir de outra forma no enfrentamento das tensões sociais, diante da precarização do trabalho docente, agora, com o amadurecimento das minhas ideias, contribuindo para os debates junto aos meus pares no Curso de Pedagogia, sendo "jabuticaba" também na vida de outros.

MEMÓRIA

SAMUEL PEREIRA DA SILVA GOMES

Escrever sobre essa trajetória escolar é uma viagem que terá várias paradas ao longo dos parágrafos. Ainda que eu pegue todos os livros e cadernos que tenho guardado, passe as páginas dos cadernos de caligrafia, acesse os álbuns de fotos e me veja todo fantasiado e a caráter de festas culturais na escola, assente-me com minha mãe para ouvir as histórias e rir um bocado, não irei conseguir transcrever tudo aqui, afinal, nem sempre os melhores momentos são registrados, porém, vividos.

Meu nome é Samuel Pereira e confesso minha gratidão aos meus pais que foram tão importantes nos meus primeiros anos de experiências escolares. Ao sr. S que tanto labutou para ceder a mim e ao meu irmão um estudo que ele nunca teve, que com horas extras e cansaço extremo, cumpriu sua meta: prover uma escola particular para o ensino dos filhos. Uma realidade muito distante da que ele viveu quando criança, um menino de Itambacuri (interior de Minas Gerais) que trabalhava com o pai, fazia bicos para conseguir um dinheiro extra e, aos poucos, galgar os passos para a realização do seu sonho: se mudar para Belo Horizonte. E hoje, pode descansar ao ver que tanto esforço e investimento no ensino, de acordo com a sua cosmovisão de educação de qualidade,

foi válido. E a prova disto, não é ter o primogênito (eu) estudante da Universidade Federal de Minas Gerais, porém, ver que tenho sido um homem que não deixa de estudar e segue a trabalhar dia após dia.

E no mesmo nível, se não um pouco mais elevada, a minha gratidão à sra. A, mulher que demonstra diariamente quão importante é a família para a educação dos filhos. Diferentemente do que muitos artigos e estudos contemporâneos possam afirmar, vivi em escolas que souberam tratar-me e comunicar-se de modo eficaz com os meus pais; rompendo assim um dos principais desafios atuais: relação escola x família. Essa mulher foi quem desdobrou-se para me ajudar na alfabetização, acolher quando me sentia sozinho na escola, celebrar comigo as alegrias dos campeonatos (ainda irei falar sobre minha paixão com esporte desde a escola), fazer as maquetes comigo e ser uma "professora-mãe" dentro de casa. Para além dos espaços escolares, fui ensinado que o estudo é importante e que "a obrigação vem antes da diversão". Recordo-me dela contando que nos primeiros dias do meu período na Educação Infantil, era ela quem chorava ao me deixar na escola; enquanto eu estava alegre e feliz na sala de aula, porém, vou detalhar sobre, nos próximos parágrafos. Portanto, inicio essa trajetória, agradecendo-lhes.

A primeira parada é na minha mudança de cidade antes de completar o 1° ano de idade. Costumo brincar que sou mineiro-goiano, afinal, com 09 meses nos mudamos de Belo Horizonte para a cidade interiorana de Goiás. Como dito anteriormente, meu pai recebeu a notícia de que seria transferido, e nos mudamos para o lugar em que eu faria as primeiras amizades, iria me apaixonar pelo futebol, conhecer um "ambiente escolar", usar uniforme, escutar as primeiras sirenes de intervalo... seria ali, o primeiro contato do menino Samuel com o viver e a escola.

Fui matriculado aos 02 para 03 anos no "Jardim do Éden", no bairro Jundiaí, e descobri o que era parquinho e sala de aula. Introduziu

ali, na minha trajetória da vida, uma nova cultura: cultura escolar; logo fui aprendendo a usar lancheira, mochila de rodinha, amarrar o cadarço do sapato desamarrado, abrir o caderno, colorir os desenhos, fazer amizades com os coleguinhas e, também, a lidar com a distância da mãe e do sherlock (o cachorro), aprendendo a levar agenda todo dia para a professora assinar e a escutar meu nome ser chamado diariamente, e dizer "presente". Talvez aqui, não me lembre de detalhes específicos, mas recordo dos dias especiais, como por exemplo, o dia do índio e o dia da Páscoa. Recordo-me de retratos em que eu estava com o rosto pintado e caracterizado!

E durante essas novidades na escola, foi que descobri o que era o *futebol*, e, que eu não levava jeito para o esporte. Os relatos de mãe revelam minha ruindade de coordenação motora para chutar, e que às vezes, a bola me driblava... mesmo assim, ela me motivava a gostar e, assim como meus brinquedos, comecei a gostar de futebol e desejar por um irmãozinho que jogasse futebol comigo (pois o sherlock só furava as bolas e estragava os brinquedos... mesmo assim, o amávamos).

Ao revirar alguns arquivos aqui, encontro agendas do Jardim do Éden e alguns exercícios de letramento que eram aplicados neste meu percurso escolar. Utilizando métodos como repetição e cópia de letras do alfabeto, as professoras nos conduziam aos passos primários da alfabetização e escrita; e hoje, estudando a respeito destes métodos outrora usados, percebo quão precários e instáveis são, pois não auxiliam no avanço do aluno no aprendizado, todavia, promove a estagnação deste no nível em que está.

Entre dias na escola, apaixonar-me por esportes (natação e futebol), e fazer amizades, eis que um novo integrante chega à família: o caçula. No meio de todos os mineiros, surge um anapolino para agregar valor à nossa casa. E como se fosse ontem, lembro da minha alegria e empolgação, ainda que, não entendesse bem do que se tratava... só pensava no parceiro para jogar futebol comigo.

> **E recordo que nesse período em que minha mãe ainda estava grávida, levava o Barney para a escola... afinal quem era este? Uma das estratégias aplicadas pela escola para que os alunos interagissem uns com os outros, inserissem o valor de cuidar das coisas e enriquecessem a relação escola x família, a nossa turma tinha um boneco roxinho de pelúcia, o qual, cada semana ficava com um aluno. E tínhamos que: escovar os dentes dele, almoçar com ele (às vezes eu até dava comida a ele), colocar para dormir... literalmente fazer com ele aquilo que estávamos aprendendo a fazer conosco mesmos.**

Passados alguns anos, uma nova parada se aproxima: Goiânia. Com uma nova transferência do emprego do meu pai, fomos para um apartamento que ficava, literalmente, de frente para o colégio em que eu cresceria e teria muitas experiências boas, ruins e importantes, principalmente, para alfabetização e ortografia. O atual colégio foi o espaço que aprimorou meu caráter, com situações ruins, como preconceito e bullying, que aprendi a superar; agregou uma paixão por outros novos esportes, como o basquete, e enriqueceu meu aprendizado escolar, com professoras excelentes, um ambiente arborizado e bem estruturado, com brinquedos e parquinhos.

O primeiro ano na escola foi turbulento, pois todo início requer adaptação e eu não gostava do "novo"; nunca achamos que estamos prontos para ele... talvez a proximidade ímpar do colégio e minha casa possa ter me ajudado a me sentir à vontade, com o tempo, naquele colégio. Outro ponto desafiador desta transição era a distância de todos os meus amiguinhos, com quem havia tido os primeiros contatos afetivos para além da minha família. Certamente o meu psicológico estava atribulado, porém, "a obrigação vem antes da diversão", logo, segui firme nos estudos, com novos cadernos, novas apostilas, novo espaço escolar.

O contato com as apostilas (que como dito anteriormente, tenho tudo guardado até hoje) foi inesperado e tido com estranheza. Não recordo dos detalhes, porém não tinha estes materiais em Anápolis; e com o passar dos meses, menos eram os desenhos para colorir e os tempos de brincadeiras... afinal, além de mudanças gerais, estava na transição para o Fundamental I. Portanto, houve uma ruptura incisiva nesta parte da minha jornada escolar que foi sendo melhorada com o tempo, graças a dedicação da minha mãe em me ajudar e as professoras com atenção ao meu aprendizado.

Citarei aqui duas experiências durante a minha escolarização neste colégio que marcaram minha vida: o contato com livros literários e o acidente que quebrou o meu braço esquerdo. Primeiro, meus pais não são formados em faculdade e não têm currículos repletos de cursos e requisitados estudos. Ainda assim, minha mãe tinha muitos livros e, por influência da tradição, os tinha nos armários e estantes. De todos, ela lia para mim as tão queridas historinhas da Bíblia , antes de eu dormir. E na escola, começamos a trabalhar com os livros literários. Como sempre gostei de ver desenho na TV, colorir e desenhar, folheava as páginas procurando as imagens. Logo após, não me interessava pela leitura e assim sou até hoje. Mesmo com o empenho do colégio em tentar nos influenciar para a leitura, nos fornecer uma biblioteca e livros, o menino Samuel estava desinteressado pelo ato de ler.

E o motivo de ter pontuado o "marcar minha vida", foi porque durante todos os anos escolares eu temia o momento em que o professor ou a professora dizia "E AGORA VAMOS TRABALHAR COM O LIVRO X". Com o passar das séries, a quantidade de páginas, consequentemente, aumentavam. Minha mãe sempre me incentivava com palavras e cobranças do tipo, "Samuel, já leu o livro?"; porém, eu não tinha uma referência de leitor(a) e nenhum gosto por leitura. Cumprindo a carga de disciplinas no curso de Pedagogia, reverbera-se este menino que não gosta de ler, que desiste quando vê a quantidade de

páginas e que corre o olho para ver se tem alguma imagem na obra literária a ser lida.

Percebendo meu desânimo com a leitura, minha professora-mãe tentou ler comigo, tentava ler para mim, mas... não teve jeito, tornei-me uma pessoa que não é chegada em obras literárias. Leio, estudo e cumpro, porque devo realizar para prosseguir nos estudos, porém, o prazer que outrora poderia ser inserido em mim, seja no ambiente escolar, ou em casa, não o foi.

E quanto ao acidente, ocorreu-se que eu e alguns colegas brincávamos sempre no parquinho de areia que tinha no colégio, e detalhe, em todos os brinquedos (era triste quando chovia, pois, inibia-nos de ir lá). E um dos favoritos era o escorregador que fazia curva na descida. Sendo assim, meu amigo de classe Walter, deu a ideia de descermos com os braços para cima! Devido ao medo e característica de ser reservado, observei um por um, e todos chegaram lá embaixo, felizes. Porém, quando foi a minha vez, não deu certo. Postura correta, peguei impulso e quando levantei os braços, caí para fora do escorregador no momento da curva. Não sentia o meu braço, não entendia aquela situação, "porque meu braço está mole", "que dor é essa?". O choro veio, o desespero me tomou,e de maneira rápida, fui carregado e levado para a secretaria. Ali, em breves minutos, eu vi meu pai num horário anormal, com a minha mãe apreensiva e meu irmãozinho...De repente eu já estava na ambulância, com a mão dada para a minha mãe!

E após todos os procedimentos médicos realizados no meu braço esquerdo, ganhei um novo acessório ao meu corpo: gesso e suporte de braço. Aqueles dias foram repletos de novidades e foi ali que a minha escrita com a mão direita começou a ser aprimorada. O marco desta situação está para além dos 2 pinos, porém, na escrita excelente que foi desenvolvida com a minha mão direita.

Após a recuperação, pude voltar a praticar as aulas de Educação Física (que até o Ensino Médio eram as melhores de toda a grade curricular para mim) e me encantar pelo basquete e o ping pong. Um novo ciclo se inicia em minha psique nessa experiência pedagógica chamada escola: o contato com a indiferença e o bullying. Nas primeiras aulas de ping pong, eu sempre era o pior e todos os outros alunos me discriminavam no olhar. Por mais que o colégio fosse particular, havia níveis sociais ali e raciais também. E ao chegar em casa frustrado, a sra A ativou o seu "modo amiga", e me incentivou a não desistir deste esporte! Dentre todos ali, apenas o professor não me discriminava, assim como, não repreendia explicitamente a atitude insensível dos demais alunos. Pois foi neste ambiente, que aquele menino negro e com simples raquetes, venceu todos num campeonato e celebrou com sua mãe a alegria da lição: nunca desistir de aprender e tentar.

Destarte, agradeço ao professor Luciano Mendes pela oportunidade de dissertar sobre esta minha trajetória de escolarização, porque além de um trabalho acadêmico, torna-se uma "parada" neste percurso da faculdade para lembrar a nossa história e correlacionar os aprendizados teóricos com a nossa alfabetização, letramento, primeiros contatos com a escola e aprimorações psicológicas de indivíduo.

MINHAS MEMÓRIAS ESCOLARES

TELMA DE SOUZA SANTOS VIANNA

Sou do interior de Minas Gerais, nasci num município bem no cantinho, quase caindo para o lado do estado da Bahia. Era comum sermos registrados nesse outro estado. Ainda, sobre o cartório, havia a particularidade de que, os pais esperavam nascerem vários filhos, e só depois faziam o registro dos mesmos. Por isso, nossas idades costumavam ser trocadas, ou aumentadas e até diminuídas.

Existe uma ponte sobre o Rio Ribeirão, e se atravessarmos a ponte, do outro lado já estaremos na Bahia. Jordânia, esse é o nome de minha cidade, e ela fica no vale do Jequitinhonha. O lugar é pequeno, e assim como em muitas cidades mineiras; a riqueza vem do leite, da pecuária. Quando eu morava lá, era comum, a maioria de nós sermos conhecidos como o filho de fulano, ou sicrano. Nossos pais serviam de referência para nossa identidade. Ali, no lugar, todos nos conheciam. Eu era Telma de Abdias, ou Zelita.

Sou a quarta, de uma família de nove filhos. Nasci numa fazenda, e meu nome, Telma, é em homenagem a uma amiga da minha mãe. Nasci e cresci, sob o regime militar, não entendia o que isso representava. Cantava o hino Nacional, hasteava a bandeira, desfilava no Sete de Setembro, para nós, crianças, tudo era diversão. Não sabía-

mos que sob pesadas botas, os filhos da Mãe Gentil, eram silenciados, e muitas vezes, torturados até a morte. Jordânia nunca foi violenta, enquanto morei lá tinha segurança, as portas viviam abertas e os quintais não tinham cerca. Hoje, ainda tem um certo sossego, porém as portas estão fechadas.

Em Jordânia havia três escolas. Estavam ali antes de eu nascer. Um ginásio, onde estudavam a partir da quinta série, e sempre foi um dos meus sonhos estudar lá. Minha irmã mais velha, Aureci, estudava. Porém, eu nunca. Mudamos para Belo Horizonte, assim que concluí a terceira série. A segunda escola eu vi ser reconstruída, era a Frei Henrique de Coimbra, inicialmente era feita de tábuas azuis, de um formato bem interessante; as janelas pequenas e as portas rangendo. Tudo lá era pintado de azul bebê. Éramos vizinhas, minha casa e essa escola azul.

Eu ainda era muito pequena, não estudava. Mas, lembro que quando começou a derrubada da estrutura da escola, entrei em estado de choque! Pensava que, se estavam derrubando a escola, quando chegasse minha vez de estudar, como seria?

Meu pai, Abdias, era o interessado em que os filhos estudassem, ele mesmo semi analfabeto, trabalhava na construção daquela escola. Ao falar o nome de meu pai, hoje, lembro com carinho do famoso Abdias do Nascimento, ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras. Meu pai, calmamente, secou minhas lágrimas. Explicou-me, que não estavam acabando com a escola, mas que fariam uma escola bem bonita para mim. Vi a escola se erguendo desde o início. Minha mãe fazia arroz doce e canjica, vendíamos aos trabalhadores . Pois, eles estavam construindo uma escola para mim! Tornei-me uma espécie de mascote. Porém, não cheguei a estudar na tal escola. Ela é a Frei Henrique de Coimbra.

Antes de começar a estudar, duas de minhas irmãs já estudavam (Minha terceira irmã morreu ainda bebê). Aureci no ginásio e Maria

na escola estadual Dom José, essa é a terceira escola e, é, a que estudei nos primeiros anos. Minhas irmãs ganharam seus materiais escolares, e foi um sacrifício para meu pai comprar aquilo tudo! Eu também queria ir à escola. Tinha quatro anos, escondi os cadernos delas. Chorei, gritei! Valeu a pena! A professora da Maria deixou que eu assistisse a primeira semana de aulas. Adorei! Era a semana de adaptação, era só brincadeira! E desde então, a figura do professor(a) se tornou sagrada para mim. Aquele primeiro contato com a escola, ainda que fosse só para diversão, interiorizou em mim o desejo cada vez mais intenso de estar naquele ambiente.

Meu processo de alfabetização se deu por meio das "professorinhas". Minhas irmãs e suas amigas tomavam-nos, como suas alunas. Pensando agora, sobre minha turminha das tardes de alfabetização, era praticamente a mesma dos meus primeiros tempos escolares. Sou da época em que a maioria das meninas queriam ser docentes. Inclusive eu. Ponderando sobre isso, talvez, esse seja o motivo de eu querer ser uma pedagoga.

> **"Lembro do primeiro livro que li, chamava- se A História de José do Egito. Li escondido, pois o livro era da pequena biblioteca da escola de minha irmã, ela tinha medo de que eu o estragasse , pois se estragasse tinha que pagar e o dinheiro era um bem que não possuíamos.**

Até hoje, amo José do Egito. Passei a ler tudo que me caia em mãos. Todas as tardes recebíamos aulas de nossas mestras. Cadernos velhos com folhas amareladas, tocos de lápis e cartilhas muito surradas, esse era nosso material. Sentávamos em bancos muito duros, sem apoio para as costas, totalmente desconfortáveis. Tinha didática? Não. Conhecimento? Muito, mais que nós!

Sobrava boa vontade e amor. Eram inquietas e totalmente interessadas em nos ensinar aqueles símbolos mágicos. Foram minhas alfabetizadoras. Repeti exaustivamente aquelas letras e números.

Recolhemos dinheiro e compramos uma caixa do precioso giz, giz esse, que era usado até a medida do impossível! Quando o giz acabava, elas partiam para os pedaços de carvão. Eu amava. Minha mãe odiava. Nossa roupa ficava um tanto suja. Aprendi a ler e a contar até cem! Aliás, o 100 foi meu primeiro problema matemático, a dúvida era: cem ou sem? Como escrever aquele número? Ainda hoje, a matemática e eu não nos damos bem.

Sentia- me, maravilhada com as letras e os sons que faziam. A junção das consoantes com vogais, me encantava. A formação das palavras era mágica! Conforme aprendi a ler, outros problemas apareceram. Por que a palavra muito não tem um N depois do I? Por que meu nome é escrito com L e não com U? Por que o L às vezes tem som de U? Outra situação que era comum nessa época, eram as letras espelhadas. Também eram muito grandes ou pequenas demais. Fora que, às vezes, subiam ou desciam montanhas imaginárias. Só agora, na faculdade, entendi esse processo de alfabetização e compreendi essa forma como as crianças percebem os fonemas e a grafia.

Dos gibis de Walt Disney, às revistas de fotonovelas de minhas irmãs, até bula de remédio, eu lia tudo! Esta prática melhorou muito minha leitura e escrita. Havia, porém, muitas palavras que não entendia e não tinha como consultar, pois, não tínhamos um abençoado dicionário. Talvez por trauma, atualmente, tenho uns cinco, e o Google.

Completei sete anos em novembro de 1977. Nessa época o "primeiro ano escolar", começava aos sete anos. Os pais que tinham dinheiro colocavam os filhos nas escolinhas particulares, no prezinho. Não era esse o meu caso. Por mais que quisessem me dar esse privilégio, meus pais não tinham meios.

Chegou meu momento! Estava tão ansiosa, que dormir se tornou um tormento. Queria logo ir à escola! O tempo não passava, o fim do ano não terminava, mas finalmente chegou fevereiro! E com ele veio a felicidade! Eu era formalmente estudante da E. E. Dom José. Minha primeira escola.

Não fui para a escola que vi sendo reconstruída, porque não ficou pronta e eu precisava estar matriculada em uma escola formal e ser escolarizada, e quer saber? Não me importei. Queria estudar! Penso ter sido a pessoa mais feliz por estar numa sala de aula naquele momento. Meus pais compraram meu material e eu agradeci com abraços, pois entendia que aquilo era um sacrifício que a família fazia, afinal, éramos três filhas estudando; o dinheiro era curtíssimo! Estudava à tarde, das 12h e 30m até às 17h. Aliás, de todo o meu tempo escolar, com exceção da quarta série, que fiz pela manhã, o restante dos anos, até chegar no ensino médio, que fiz noturno, foram vespertinos.

Minha primeira escola era toda amarela, as portas de madeira eram muito resistentes e não tinha muro. O espaço escolar era dividido da seguinte forma: um prédio comprido, com três salas de aula para cada lado, entre as salas a secretária e a sala dos professores, tinha também uma biblioteca minúscula. Havia um pequeno pátio, isso era a frente. No fundo ficavam os dois banheiros precários, masculino e feminino. Separada do corpo da escola, ficava a cantina. Nossa merenda vinha do governo de Minas. Geralmente tinha uma sopa de feijão em pó enriquecida com legumes e carne. Mingau de fubá, feito com leite em pó(não sou apreciadora) e uma vitamina rosa de morango, que comíamos com biscoito. Ainda, no fundo, tínhamos o campo de futebol da cidade. No intervalo eu ia em casa. Devido ao fato de ser uma cidade pequena, essa escola também era perto de minha casa.

Minha primeira professora, era esposa do policial da cidade, além de ser minha vizinha. Era a mãe da paciência e precisava, pois éramos 32 crianças. Ela fez desenhos nas letras do alfabeto e repetidamente falá-

vamos: A,E,I…B,C,D… Repetíamos por muito tempo,eu achava muito cansativo! Talvez, porque já conhecesse o alfabeto, estava enfadonho! Tinha sono e calor. Mas, até que todos soubessem, aquela repetição continuou. Eu amava minha professora! E já que íamos para o mesmo lugar, ia embora com ela e carregava seu material, me sentia importante!

Ela lia muitas histórias de Monteiro Lobato e assistia, na televisão da casa dos vizinhos, as histórias dos livros. Naquela época tinha um programa chamado "Sítio do Pica Pau Amarelo" . Televisão era coisa rara em nossas casas! Seu Lobato sempre esteve presente em minha vida!

A segunda e a terceira séries fiz com outra professora na mesma escola. Pessoa maravilhosa! Fazia festas incríveis na semana das crianças, foi ela quem apresentou ao meu paladar, o delicioso bolo de limão! Nos três primeiros anos escolares, meus colegas de classe também foram os mesmos. Sentávamos de dois em dois nas carteiras(um aluno monitor e outro que precisava de ajuda), e tínhamos a responsabilidade de igualar as notas da classe. Sempre achei muito bacana essa forma que a professora encontrou para nos ensinar, com solidariedade e empatia. Além da escola, íamos à casa, fazíamos leitura, tomávamos os fatos, estudávamos juntos para provas. Foi um sucesso! Quase todos tínhamos boas notas, graças a orientação acertada de nossa mestra. Percebo que muito do que sou hoje, a maneira empática, e o jeito como construo minhas relações, foi sendo construído durante o processo de escolarização.

Essa professora prezava pelo gosto às redações. Fazíamos uma por semana e líamos pelo menos um livro por mês. Ela também tinha um apreço pela biografia dos vultos históricos, o que era um problema para nós, porque só quem tinha uma enciclopédia Barsa, linda, maravilhosa e caríssima podia ler! A família do meu colega de classe tinha uma. Ele era gente boa, mas a mãe dele…a mulher nos olhava de cima a baixo, literalmente, pois éramos pequenos. Porém, o olhar era de desprezo. Ela falava na nossa cara que só estávamos ali por causa do filho dela. E pensar que aquele menino era um dos alunos que mais precisava de

nossa ajuda! Eu engolia o orgulho e não deixava de fazer as biografias. Era assim ou não fazia.

Realizávamos rodas de leitura, o que considero muito válido, inclusive para o meu momento atual. Hoje, na faculdade, tenho vários textos para ler e consigo mensurar a importância de gostar de ler e saber ouvir.

Durante a terceira série algo marcante aconteceu. Fizemos um concurso de redações, a escola inteira! Foi assim: as melhores redações foram escolhidas por série, de forma que teríamos três prêmios para cada turno. Eram dois turnos. Terceira e quarta série pela manhã, primeira e segunda à tarde. Minha professora leu nossas redações e perguntou se ela poderia fazer minha inscrição, eu disse que sim. Falou que minha redação valia um prêmio, porque estava ótima! Pediu para convidar toda minha família, pois na festa da escola seriam dados os prêmios. Eu convidei. A reunião foi no sábado, estávamos todos lá. Brincamos, comemos e finalmente chegou a hora do anúncio dos vencedores. Outras pessoas ganharam os prêmios, eu não.

Meus pais fingiram que nada acontecia. Não queriam ver brotar em meus olhos, as lágrimas. Eu tinha nove anos. Na segunda-feira, minha professora presenteou-me com um lindo estojo de madeira cheio de lápis de cores. Foi um presente difícil de receber.

Apesar de tudo, isso não tirou de mim o amor pela escola. Tornou-me resiliente.

Logo que chegamos a Belo Horizonte, fiquei um ano sem estudar. Não encontramos vagas por perto e meu pai tinha medo de matricular-me numa escola longe de casa.

Fiz a quarta série numa escola de freiras. Chamava-se, Escola Madre Paula, uma homenagem a uma beata italiana, da cidade de Calazans. Essa escola ficava no meu bairro, o Primeiro de Maio. Foi um tempo muito bom! As madres eram rígidas, fazíamos muitas orações, mas elas eram também muito amorosas. Tínhamos um médico particular que nos atendia; uma espécie de associação. Nossos recreios

duravam 30 minutos, e era delicioso! Brincávamos de polícia e ladrão, e só o que se via, era crianças correndo, suadas e felizes! Recebiam muitas doações do aeroporto da Pampulha, na época não tinha o de Confins. Nós tínhamos uma merenda muito rica e ainda sobremesa. Infelizmente, durante a pandemia de COVID 19, essa escola foi fechada e não abriu mais.

Minha professora morava no mesmo bairro que eu. Era uma pessoa extraordinária, nos tratava com muito carinho e nos explicava tudo, até entendermos por completo. Nessa escola havia tradição com apresentação de teatro, danças e musicais. Participei de um musical, sobre o sítio do Pica Pau Amarelo, cantamos a música "Emília", da Baby Consuelo. Eu era muito tímida, fazer esse musical ajudou-me a ganhar confiança. Olha aí o seu Lobato de novo!

Meus cadernos tinham folhas coloridas. Certa vez, alguns colegas me pediram algumas, pensei que seria para coisas úteis. Não foi. Fizeram bolinhas, molharam na boca e jogaram no teto.

Ficamos todos de castigo: uns limpando o teto, outros porque estavam no meio da confusão e eu, porque as folhas eram do meu caderno e todos sabiam disso. Foi a primeira e única vez que fiquei de castigo em uma escola.

Por ocasião dos anos finais , vou chamar de fundamental, meu pai faleceu. Ele que era meu incentivador , meu apoio. E ainda hoje, minha maior saudade! Por este motivo minha vida mudou em todos os sentidos! Tive que começar a trabalhar, e por isso, terminei os estudos, até o ensino médio, à noite.

Estudei em muitas escolas diferentes. Mendes Pimentel, Alisson Pereira Guimarães (aqui tinha uma disciplina chamada: Técnicas agrícolas, comerciais, e prendas do lar), Aprendi muita coisa sobre hortas, vendas e planejamento da casa. Sabendo o que sei hoje sobre a escolarização, entendo que a escola é mesmo um lugar que visa preparar o aluno para o mercado de trabalho.

Depois estudei no Bernardo Monteiro e concluí o segundo grau, ou ensino médio profissionalizante (curso técnico) no Donato Werneck de Freitas, escolhi entre os técnicos, o contábil. Foi uma escolha errada, devia ter feito o magistério.O contábil era o cursinho do momento, era o que a sociedade pedia naquele tempo.

Trinta anos depois, estou aqui na UFMG estudando pedagogia para reiniciar o ciclo. Ainda tenho contato com parte de meus colegas dos primeiro anos, e somente eu e mais duas colegas chegamos à universidade. Duas advogadas e eu, pedagoga.

MEMÓRIAS

TIAGO COLOMBINI

"*Todas as artes contribuem para*
a maior de todas as artes, a arte de viver."
Bertolt Brecht

2023, estando no ensino público superior, convivendo com a nova geração, percebo que houve mudanças no ato de aprender e em como o aluno se coloca como sujeito. Ela rompe com a minha geração que se submetia passivamente. Todavia percebo em comum em todas as gerações que o ato de aprender só pertence ao próprio sujeito, é necessário que este faça por si próprio , ninguém poderá fazer isto por ele, vai depender de seu interesse, e também dos fatores externos e internos que fazem parte do seu desenvolvimento e daqueles que estão ali, prontos para contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento cognitivo. Contudo, toda a minha vivência e trajetória na construção do sujeito psicológico-social, que superou, confrontou, ressignificou e se afirmou, só foi possível através da escola e de outras instituições de ensino e educação.

1989, começa minha caminhada na Escola Escadinha do Saber, escola infantil particular na qual fui alfabetizado. Eu tinha uma bolsa,

pois minha madrinha era professora da escola. A minha madrinha desenvolvia as tarefas em casa. Eu morava nos fundos da casa dela, então estava sempre perto. Este convívio despertou em mim as habilidades motoras e cognitivas. Percebendo meu desenvolvimento e interesse, ela passou a me levar para sala de aula. Posteriormente entrei no pré-escolar nessa escolinha, entretanto minhas habilidades motora e cognitiva eram mais desenvolvidas em relação aos outros coleguinhas. Lembro que em um momento eu disse a ela que não queria ficar naquele período, pois eu já sabia a, e, i, o, que eu queria mesmo era formar palavras.

Naquela época o pré escolar não era oferecido pelo município como é hoje, dessa maneira eram pagas. Essa escola ofertava todo apoio pedagógico. Ainda consigo sentir o cheiro do recreio, das brincadeiras no parquinho, e dos teatros e contações de histórias com fantoches. Também, do mini laboratório com espécies de animais e insetos e um feto, mergulhados em formol expostos na prateleira.

Em todas as datas comemorativas nós criávamos e encenávamos uma peça para a comunidade escolar. Na merendeira, azul com desenhos dos códigos de trânsito, sempre havia biscoitos água e sal e um suco de saquinho. Embora tivesse aquele universo disposto pra mim , era muito diferente o meu lanche e os dos coleguinhas. Seria o cuidado dos pais com o lanche ou a condição financeira? O teatro da bonequinha preta foi o gatilho para minha profissão. Foi tão mágico. A história ganhou vida.

Nesta época minha família: eu, pai, mãe e irmão, morávamos em um barracão no fundo da casa da minha avó, pois não tínhamos condições de morar fora. Meu pai, 39, oitava série, trabalhava como balconista de farmácia e minha mãe , 29, quarta série, do lar. Lembro-me que quem batia na janela para eu e meu irmão nos levantarmos para ir para a escola, era minha avó. Meus pais eram muito novos, estavam entre viver a juventude e lidarem com os filhos. Dessa maneira a promessa da formação moral, espiritual e a educação dada por esses formantes

não se efetivou. Mais tarde, quem vai cumprir com este papel será a minha avó. Muitos foram os exemplos dados pelos meus pais que poderiam comprometer a formação de uma criança, entretanto a minha avó quando assume tal responsabilidade consegue resgatar nossa formação moral, nos educando com exemplos saudáveis. Meus avós, pobres, fizeram de tudo para dar o básico para seguirmos nossa caminhada. Ao que parece é que tantas são outras avós dessa contemporaneidade, que assumem a responsabilidade de educar seus netos, reconfigurando a educação familiar.

1993, já sabendo ler e escrever, fui para a antiga primeira série, em uma escola estadual, que tinha o nome do Coronel Marechal Deodoro da Fonseca. Ela tinha mais salas, com maior número de crianças. Que impacto quando a criança sai do jardim e vai pra escola. Não era uma escola tão estranha pra mim, pois os pares de crianças que brincavam comigo na rua de pega pega, rouba bandeira, elástico, estrear novo toco, estavam nessa escola também. Nela, tinha crianças diferentes daquelas do jardim de infância. O mundo parecia diferente e isso parecia crescer. Ela tinha 2 salas para cada série sendo que era do 1º ao 4° ano. Tinha 2 quadras, sendo 1 coberta. Biblioteca, videoteca, cantina e ainda consultório de dentista,que ficava ao lado do posto médico. Situada em uma região de casas bonitas que pareciam de rico, bem diferentes das do meu bairro. Parecia que a estrutura da escola acompanhava a condição socioeconômica do bairro. Na sala eram de 15 a 20 alunos. Tínhamos também aula de higiene, de escovação, feira de ciências. Lá na escola tinha regras diferentes daquelas de não morder o coleguinha, pedir antes de pegar, compartilhar o lanche com as outras crianças, hora da soneca, hora do filme… Agora as regras eram mais rígidas, mais disciplinarização. Parecia que o tempo dentro da escola era igual ao tempo da indústria; tempo com mais quantidade de conteúdo. Eu tinha português, matemática, ciências, geografia, história e religião, tudo ministrado pelo mesmo professor. Mas tinha uma professora de artes. Naquela época era

privilégio ter artes na escola. O sinal batia para a entrada, fazíamos uma fila indiana em frente a sala, em ordem crescente de tamanho dos alunos, depois de um total silêncio, levávamos a mão ao peito e cantávamos o hino nacional. Sinal para o recreio, agora tinha cantina; a comida era oferecida pelo governo. Adorava a merenda: o dia da polenta, do cachorro quente , da canjica, do arroz doce, do arroz temperado. Sempre via algumas crianças fora do horário de merenda, comendo, sempre me perguntava porquê, depois que entendi que seria possível que aquela refeição seria a primeira do dia. Talvez elas não tivessem em casa. Foi essa escola que fez com que os alunos com mais habilidade em desenho de observação fossem em excursão para ver os monumentos na cidade de Belo Horizonte para depois reproduzi-los no muro da escola.

Na virada do antigo grupo para o colégio , hoje fundamental 2, existia no bairro um programa da secretaria de Estado e Desenvolvimento Social e Esportes, chamado Curumim. Ele propunha ações preventivas para crianças em situação de risco. Havia recebido um informativo do programa na escola. Me interessei. A proposta do Curumim não era somente lazer, os núcleos de crianças aprendiam a se organizar, a trabalhar em grupo e a se relacionar com as pessoas e ser responsável. Ela própria fazia a limpeza dos locais que utilizava, lavava o seu garfo e seu prato de forma descontraída e disciplinada. A programação era rotativa, composta por atividades diversificadas como futebol, vôlei, peteca, capoeira, aulas de canto, teatro e terminava com a refeição. Depois do encantamento na encenação da Boneca Preta que saiu da caixa com vida, vi a oportunidade no Curumim de saber mais sobre o teatro. Os outros até poderiam ir pra não ter envolvimento com as drogas e outras coisas ruins que estão na rua, também matar a fome, eu ia porque ali tinha o encantamento da arte. Sem saber, vi meus talentos sendo desenvolvidos, o que foi melhorando minha percepção, a memória, o afeto, a cognição e tantas outras coisas que se desenvolve em grupo. Enfim, habilidades que me ajudaram a absorver e aprender os conteúdos da

escola. Toda criança deveria fazer arte. Fico me perguntando se não fosse o estímulo gerado pela arte, as habilidades propostas para meu desenvolvimento através dela, se eu não seria a reprodução do aluno do passado que teria que responder passivamente ou até mesmo desenvolver a qualquer custo os próprios dons. Hoje as escolas oferecem atividades extracurriculares como música, teatro, dança, robótica. Antes eram poucos os programas que ofereciam o extracurricular.

1998 já na Escola Estadual Professora Amélia de Castro. Estudei nela da quinta série ao terceiro ano, praticamente com os mesmos alunos. Andava 4 km para chegar nela, embora distante do meu bairro, ofertava mais recursos. As salas eram organizadas em seriação. Turmas de A a E. Eu sempre era da A. Parecia que quanto mais distante do A mais desarmônica era a turma. Éramos todos da mesma faixa etária, com exceção de alguns repetentes que iam pras salas mais harmônicas, homogeneizadas. Será que seria a tentativa de convertê-los? Agora tinha provas e se não batêssemos as metas esperadas, tomávamos bomba. Não existia mais a matéria de religião, foram retiradas artes e em algum momento tivemos filosofia. E muito mais tarde, sociologia.

Era no recreio que percebia as formações de grupos de meninos e meninas. Em qual me encaixava?

> **“A formação do grupo de meninos era do mais popular e cobiçado, junto com o mais brincalhão, com o que mais tinha habilidade no futebol e o menino preto que servia de guarda-costas. Por eu não pertencer ao grupo dos meninos que eram valentões ou que faziam algazarra na educação física, era uma peleja, por fim ficava na biblioteca. Fui vítima do primeiro bullying.**

Eu era, desde sempre, uma criança viada e a escola nunca conseguiu lidar com isso. Me lembro de haver um dia comemorativo de Carnaval

e como havia ido com o que poderia parecer saia de índio, fui motivo de chacota. Desde então passei a ser oprimido e violentado por longos anos. Lembro que um garoto mais velho que seguia o mesmo caminho de volta pra casa, estava com uma cartolina enrolada na mão e foi me batendo com ela, sem dó. Eram tantas as diferenças de comportamento, cultura e identidade agora reunidos em uma só escola, que assustava. O universo da adolescência na escola é desafiador. Na época , o que agora consideramos bullying, acontecia de maneira naturalizada, como se fosse brincadeira de criança.

As agressões aconteciam de forma verbal, física e psicológica, acontecendo comumente os três ao mesmo tempo. Vítima intimidada, exposta e ridicularizada. Uma colega de turma pedia sempre para que eu piscasse para mostrar o quanto eu era feminino. Os apelidos vexatórios foram dos mais variados. As agressões pareciam acontecer com base nas minhas características físicas, meus hábitos, minha sexualidade e minha maneira de ser. Se a arte não estivesse na minha vida, provavelmente o isolamento social, perda de motivação, piora no rendimento escolar e traumas psicológicos seriam apenas alguns exemplos de como poderia ter sido afetado.

A escola incentivava a matemática. O foco era Cefet e Coltec depois da oitava série. Eles adoravam pendurar faixas celebrando os alunos que passavam. No fundo, depois de tantos bullying por ser uma criança viada, meu foco era adquirir o status de ser o melhor, intelectualmente, a fim de apagar os violentos. Eu me sentava na primeira fileira de frente para os professores. Era a maneira que tinha de me defender. Me lembro de que no festival de folclore, eu e um grupo de alunos montamos uma cena do Bumba meu boi, fez tanto sucesso que apresentamos nos eventos da Secretaria da Educação. O Bullying não se encerrara, a diferença é que já tinha mais consciência da militância e da sexualidade para além de conseguir me defender. Por fim eu assumi minha sexualidade, aí acabou a graça de quem queria fazer chacota.

Ao lado dessa escola, coincidência ou destino, havia um projeto apoiado pelo governo chamado Circo de todo mundo. Foi quando no ensino médio entrei, pois tinha vagas ofertadas aos alunos com bom comportamento. Depois do projeto Curumim, das aulas de literatura em romantismo, passei da matemática e definitivamente aceitei que era de humanas. Entrei no circo de todo mundo, me ampliei como ator através do estudo do Clown. Fiz malabares, monociclo, cuspi fogo e ajudava na confecção de figurino.

Enfim, poderia relatar várias outras situações vividas sobre o bullying na escola, o quanto isso poderia ter me tornado um adulto péssimo, por ter sido uma criança afeminada e o quanto foi angustiante todas as outras vivências na construção do sujeito na escola. O mais importante é que tive a oportunidade de confrontar, significar, ressignificar, confirmar, negar, me colocar. Sobretudo, a arte me ajudou a superar.

O que fica de mais importante no processo de escolarização é o quanto a arte dentro da escola é uma manifestação estética e comunicativa, que utiliza diferentes linguagens, como a arquitetura, o desenho, a escultura, a pintura, a escrita, a música, a dança, o teatro e o cinema, em suas variadas combinações. Somos influenciados por ela diariamente, mesmo sem perceber. Na escola, a Educação Artística pretende despertar e desenvolver nos alunos a linguagem artística, para atuarem na sociedade por meio dela. As aulas de Educação Artística na escola costumam ser associadas a momentos de recreação, lazer e entretenimento, por ser mais dinâmica e dispor de materiais diferenciados na produção artística, mas é muito mais do que isso!

Essa disciplina ensina aos alunos as diversas linguagens artísticas, estimulando a expressão por meio delas, o desenvolvimento de novas habilidades e uma leitura do mundo sob a perspectiva das artes. O processo criativo da arte ocorre a partir da percepção, com o objetivo de expressar emoções e ideias. Percebi o quanto ela estimulou meu pensamento crítico, ao compreender que a arte expressa e manifesta questões

sociais, culturais, históricas e políticas, levando os alunos a interpretar e desvendar os mecanismos de expressão dessa linguagem.

Contudo, concluo que muitas das angústias vividas na escola foram pela mudança abrupta da primeira infância para grupo e do grupo para o colégio e, também, pela forma e condições nas quais vamos seguindo dentro da escola. A partir da minha trajetória, percebo que as condições socioeconômicas são importantes para uma trajetória de sucesso, porém não é só o dinheiro, são também as oportunidades, o bem cultural, e aquilo que se espera da formação familiar. As vivências na escola são importantes para a formação do sujeito. Percebo que o adulto que me tornei, dependeu sim, de tudo que me cercou. Por fim, o sujeito adulto é aquela página em branco que começou a ser escrita na infância, dito isso o adulto de amanhã, depende da criança de hoje.

MEMÓRIA/AUTOBIOGRAFIA ESCOLAR:

THIAGO ALVES MOREIRA DIAS

Para entender minha trajetória escolar é necessário compreender o meu contexto familiar. Sou filho caçula de uma família de 3 irmãos e durante meus primeiros anos nas escolas meus pais se separaram, assim, infelizmente, minha mãe, pessoa com quem sempre morei, não tinha tempo para trabalhar, arrumar casa, dar apoio emocional e ainda ajudar e acompanhar os filhos nos deveres das escolas. Desse modo, mesmo sendo uma pessoa que se preocupava com o ensino e desenvolvimento escolar, ela não conseguia auxiliar nos deveres de cada um, assim, segui minha trajetória escolar sozinho, sem pedir muita ajuda aos meus irmãos ou mãe. Nos anos iniciais eu era uma criança tímida dentro da sala de aula, fazia as minhas coisas e não conversava tanto, até porque mudei algumas vezes de escola durante as primeiras fases escolares e demorava para me adaptar às diferentes escolas.

Entrei na minha primeira escola com 4 anos, em 2007 na pré-escola, no Instituto Educacional Missão em Paz. A princípio eram feitas algumas atividades lúdicas e de desenvolvimento motor. Lembro, por exemplo, que durante uma atividade, a professora pediu para um colega de sala escrever algumas coisas que soubesse no quadro. Ele escreveu o nome dele e o número 8; esse colega conseguia escrever o número

"8" desenhado, sem ser duas "bolinhas" uma em cima da outra e foi algo marcante para mim.

Em 2008 mudei de escola, fui para o Colégio Geometria onde fiquei até 2009 e fiz o 1° e o 2° ano. A professora se chamava Vitória, ela fazia algumas atividades de alfabetização como as Cartas de Letras, com a letra, o nome e a figura ilustrando, exercícios do método silábico, o "ba, be, bi, bo, bu" e exercícios mudando somente a primeira letra, como "Bola, Mola, Cola, Gola" e a leitura de textos simples, como contos e cartas, existiam algumas provas de matemática e outras matérias, mas não me lembro. No Colégio Geometria eu e meus irmãos ficávamos integralmente na escola, eles estudavam de manhã no regular e eu à tarde, no contra turno. Existiam alguns espaços que a gente podia utilizar como a biblioteca, a sala de informática, a quadra e uma sala de aula que tinha um DVD. Geralmente eu ficava vendo filmes, quando não estava estudando ou quando não estava com meus irmãos brincando.

Em 2010 mudei novamente de escola, fui para a Escola Estadual Batista Santiago, nessa escola entrei no 3° com a professora Solange. As atividades propostas nessa época, 3° e 4° ano, eram copiar repetidamente textos e fazer atividades sobre eles, me lembro que nessa época tinha dificuldade de leitura, não conseguia ler em voz alta um parágrafo sem "travar" no meio, muito dessa dificuldade era por causa do medo de errar, como já tinha acontecido outras vezes em sala. Em outras matérias sem ser português, as atividades eram muito tradicionais: decorar a tabuada em matemática, decorar as capitais dos estados e regiões do mapa em geografia, em ciências eram algumas atividades genéricas sem nenhum contexto com a realidade que vivia naquele momento. Sem muitas atividades práticas e interativas entre os alunos, o ensino durante o 3º e 4º ano do ensino fundamental 1 era basicamente sentar na cadeira e prestar atenção na professora. Quando cheguei no 5° ano eu tinha dificuldade para fazer leituras em público. Acredito que a maior parte dessa dificuldade era por causa da ansiedade por falar em voz alta.

Assim, a escola avisou aos meus responsáveis e após o aviso meus pais tentaram me incentivar a ler mais, porém não adiantou nada, porque a forma que introduziram os livros e leituras foi uma forma de obrigação e totalmente sem sentido, sem desenvolver algo a mais do que a obrigação de ler, ou seja, não havia relação com a minha experiência prévia.

Logo, nada de leitura tinha realmente me chamado atenção, até que minha irmã e meu irmão começaram a ler e acompanhar mangás e gibis na internet, por consequência eu comecei a ler junto com eles, algo que ajudou a melhorar minha leitura, sendo um costume que tenho até os dias atuais. Dessa forma, minha relação com o português e a leitura nunca foi boa, em vista disso, minha alfabetização e letramento foi um tanto quanto demorada e desprazerosa, por conta da ansiedade e autocobrança gerada pela pressão de meus colegas, professores e pais, coisas que dificultam ainda minha evolução na alfabetização de forma tranquila.

Portanto, minha alfabetização foi traçada pelas formas tradicionais de ensino, onde não houve espaço para exploração individual e contextualização com a realidade, assim como as formas tradicionais de alfabetização, como um processo mecânico e limitado ao domínio da escrita e da leitura, sem considerar a importância do contexto e da compreensão do mundo à volta do indivíduo.

Após minha alfabetização, houve outros conflitos com a língua portuguesa, matéria que sempre tive dificuldade para desenvolver. Por outro lado, matérias mais exatas como matemática, ciências e algumas vezes, geografia, foram difíceis de estudar, mas prazerosas. Pensando a respeito da minha trajetória escolar desde o fundamental II ao ensino médio, sempre me recordo das professoras e professores que tive, seja por coisas boas ou ruins.

No 6° ano mudei de escola novamente, fui para Escola Estadual Ari da Franca, uma escola muito grande em relação às outras que tinha estudado, diversos alunos, desde o ensino fundamental II ao ensino médio. Tive muitas experiências boas e ruins com os professores dessa

escola, alguns eram ruins ensinando, outros muito bons, mas a maioria eram bem autoritários na forma de ensino. Um caso traumatizante para mim e alguns colegas de turma foi um professor de matemática do 9° chamado Christiano, uma pessoa boa, divertido e carinhoso fora de sala, porém quando se tratava do ensino dentro de sala, ele era outra pessoa, totalmente autoritário com os alunos, muito exigente nas atividades em sala e com pouquíssimas trocas entre os alunos. Por exemplo, em certa atividade tínhamos que produzir diversos gráficos em papel quadriculado e, caso esses gráficos tivessem algum milímetro errado, o papel era amassado em frente a sala inteira e jogado no lixo, tanto que ele trazia o lixo da porta para o lado dele; em outra atividade mais ao final do ano, precisávamos produzir um caderno com centenas de operações do 2°, de A a Z, depois de AA a AZ, BA a BZ e assim em sequência, algo sem sentido, cansativo e repetitivo para todos nas turmas. Além desses casos de professores ruins, durante minha jornada escolar, tive o privilégio de encontrar professores excelentes que deixaram uma marca significativa em minha formação.

> **Um desses professores foi o Felipe, professor de filosofia no primeiro ano do ensino médio no Ari da Franca. Com sua aparência engraçada, sempre com chinelo ou descalço e com seu chimarrão, ele trazia um ar de descontração para a sala de aula. Sua abordagem de ensino era completamente fora dos padrões convencionais, estimulando discussões filosóficas sobre questões atuais e nos desafiando a pensar além dos limites.**

O relacionamento de parceria que ele estabelecia com os alunos tornou-o um dos professores mais admirados e queridos da escola. Outra figura inesquecível em minha trajetória acadêmica foi a professora Juliana do 1° ao 3° ano no IFMG, além de ser excepcional no ensino, ela era uma pessoa extraordinária, repleta de compaixão e sabedoria. Juliana não apenas transmitia o conhecimento histórico com entusiasmo, mas também se preocupava profundamente com o bem-estar e o crescimento pessoal dos alunos. Suas aulas eram envolventes e desafiadoras, nos incentivando a mergulhar na história e a refletir criticamente sobre o impacto que ela tem em nossas vidas, principalmente em questões ligadas à História da África, um ponto de vista que geralmente não é estudado ou mesmo discutido em diversas escolas, mesmo que afete a história brasileira diretamente. Juliana sempre encontrava tempo para ouvir nossas preocupações, oferecer conselhos e encorajar-nos a superar obstáculos acadêmicos e pessoais. A presença desses professores excepcionais em minha jornada escolar foi gratificante, suas abordagens inovadoras e relacionamentos próximos deixaram diversas memórias em minha mente e me inspiraram a buscar uma educação de qualidade. Eles não apenas aprimoraram meu aprendizado, mas também moldaram meu caráter, ajudando-me a desenvolver uma curiosidade pelo conhecimento e uma vontade de contribuir positivamente para a sociedade.

Sou grato por ter tido a oportunidade de conviver com esses professores na minha trajetória escolar. Ademais, acredito que um dos momentos mais importantes da minha jornada escolar tenha sido a transição que fiz durante o ensino médio, quando deixei uma escola estadual onde estava cursando o primeiro ano e ingressei no IFMG, uma instituição federal integrada com cursos técnicos. Além do meu crescimento pessoal ao interagir com colegas e professores, percebi uma diferença significativa no estilo de ensino em comparação à escola estadual. Cheguei a compará-lo com o nível de exigência do ensino superior, com uma postura diferenciada em sala de aula, maiores responsabilidades e trabalhos de complexidade elevada. Fazer parte de uma instituição federal ampliou minha visão de mundo, essa trajetória me proporcionou confiança, conhecimentos e me preparou para ingressar em uma universidade federal, considerada uma das melhores e mais competitivas

do país. Durante o meu 1° ano do ensino médio no Instituto Federal de Minas Gerais, tive a oportunidade de participar de um projeto integrador em conjunto com um grupo de colegas da minha turma. O objetivo desse projeto era desenvolver uma proposta a ser apresentada durante a semana de ciência e tecnologia do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), um evento que envolvia toda a comunidade escolar e estava focado em questões de sustentabilidade. Nosso grupo decidiu criar um sistema que capturasse águas pluviais, as armazenasse, filtrasse, tratasse e as conectasse às caixas d'água convencional das residências. No entanto, durante as conversas com o nosso orientador, percebemos a necessidade de reformular o projeto. Em primeiro lugar, consideramos que, como seria apresentado e testado para a apresentação da semana de ciência e tecnologia, deveríamos simplificar o sistema para que sua produção e aplicação em residências de baixa renda não fossem dificultadas, visto que queríamos que o projeto fosse realmente útil para a comunidade local. Após diversas discussões e reformulações com o grupo e o orientador, chegamos a um consenso de que o projeto seria voltado apenas para a captação e filtragem da água da chuva, com o objetivo de torná-la útil para atividades de limpeza, mesmo que não fosse adequada para consumo. Essa nova abordagem permitiu que nosso projeto fosse mais viável e adaptado às necessidades da comunidade, ao mesmo tempo em que atendia aos propósitos e tempo limitado da semana de ciência e tecnologia do IFMG. Com o projeto em mãos foi montada uma maquete para explicar o funcionamento para o público durante a apresentação.

Outro marco histórico pessoal na minha escolarização foi a Pandemia de Covid-19, algo que atrapalhou significativamente os meus estudos. No 2° ano do ensino médio, por meados de abril o IFMG cancelou suas aulas sem data para retomar as atividades e assim ficamos até agosto/setembro, nesse meio tempo para não ficar sem fazer nada e para ajudar minha família financeiramente, fui trabalhar em uma loja de informática. Quando minhas aulas voltaram no final do ano, havia muitas coisas para fazer, pois tínhamos que correr atrás do tempo perdido na escola. Eu, pessoalmente, tinha que conciliar as aulas online, trabalhos escolares, monitorias de Eletroeletrônica e o trabalho na loja, tudo isso de forma remota e com aulas bem diferentes do que estava acostumado, dessa forma o 2° e 3° ano foram anos "perdidos" na minha escolarização, não aprendi nada de forma concreta e as coisas que aprendi foram pequenas partes do meu ensino técnico. Entretanto, uma professora com quem tive muito contato e trocas durante a pandemia foi a professora Tamires, uma profissional incrível e pessoa querida, ela ministrava algumas matérias do ensino técnico de eletroeletrônica e mesmo com essa especificidade de área ela tinha uma ótima didática, algo difícil de se encontrar em professores de áreas exatas. Assim, quando eu tinha qualquer dúvida sobre as matérias que a mesma ministrava ou de outras matérias, sempre recorria a ela para conseguir algum esclarecimento e era muito bem recebido, com boa vontade e dedicação.

MEMÓRIAS

UBIRATAN R. V. DE SOUZA

Precedente ao meu ingresso no universo escolar, fiz uma visita a uma escola infantil localizada do Bairro Santa Efigênia, pois ao visitar a casa dos meus tios e não ter nenhuma criança para me fazer companhia, minha tia me levou a esta escola onde ela trabalhava como pedagoga. Confesso que me senti constrangido, pois além de não ter me inteirado com ninguém, ainda tive que receber um pouco de lanche de alguns alunos pois a escola era uma empresa privada e eu não levei nada para comer, já que não estava programado.

Iniciei minhas atividades escolares em 1984, frequentando o nível infantil denominado de pré-primário na Escola Estadual Kennedy, no bairro Jaraguá, onde eu morava. Minha primeira pedagoga foi minha tia mais velha que na época morava conosco e me conduzia a pé por 2 quilômetros. Eu voltava a pé sozinho e deixava minha mãe tranquila com minha volta, pois eu criava uma competição para ver quem andava mais rápido chegando sempre cedo em casa. Neste período lembro-me de trabalhar muito com a disciplina de artes, como desenhos e modelagens. Estas disciplinas foram fundamentais para despertar em mim o gosto pelas artes e atualmente atuo também como escultor.

Minha mãe sempre acompanhou meus estudos e usava o método fônico, pois lembro-me que ela fazia expressões faciais para me mostrar a relação dos sons com as grafias das letras, principalmente as vogais. Não me lembro corretamente quando ou quem realmente me alfabetizou, mas sei que minha mãe me acompanhava e meus outros três irmãos não frequentaram a escola infantil, mas entraram na escola fundamental sabendo ler e escrever. Ainda no pré-primário lembro que era no período matutino e não gostava de acordar cedo, cheguei a esconder o tênis da marca Conga da cor vermelho, que minha mãe achou, com facilidade, dentro de uma caixa.

> **Um momento marcante foi na segunda série do primário durante um ditado, pedi para ir ao banheiro para urinar e a professora não autorizando acabei fazendo minha necessidade em sala de aula passando uma vergonha extraordinária naquele momento.**

A relação dos estudos com meu pai, fazendo uma comparação com a obra "Infância" de Graciliano Ramos, não era tão próxima como a da minha mãe, mas lembro-me de precisar de fazer uma pesquisa sobre sapos, na segunda série e meu pai ditou tudo de cabeça como a classe, a família e as fases, porém eu, incrédulo, não acreditando que meu pai soubesse tudo de cabeça, chorei dizendo que estava com medo da professora achar que eu estava mentindo. No outro dia meu pai chegou em casa com uma coleção da enciclopédia Barsa para que pudéssemos fazer pesquisas com fontes seguras. Uma questão que jamais esquecerei é que ele sempre me perguntava como estava a escola e eu respondia que ''tá lá'' e ele retrucava '' sim, eu sei, ela não tem perna''.

Aos 5 anos de idade, mesmo sem saber ler, pedia a minha tia para comprar revistas, mas somente as do Hulk, porque como admirador de desenhos e de figuras musculosas, tinha fascinação pelo personagem. Minha primeira obra lida por vontade própria foi Meu Primeiro Amor, de Pedro Bandeira, pois antes eram só leituras obrigatórias. Uma cena recorrente até meus dez anos era a leitura como castigo, que minha mãe impunha.

Um acontecimento que até hoje comentamos em minha casa é o fato de que no ensino infantil levávamos lanche para escola, pois não havia fornecimento de alimentação. Levávamos o lanche que normalmente eram biscoitos embrulhados em uma toalhinha. Entretanto, nesta época, década de 80, com uma inflação galopante, minha mãe não usava absorvente industrial fazendo uso de toalhinhas de tecido e eu, neste dia, peguei uma toalhinha da minha mãe, pois nem sabia o que era menstruação. Quando cheguei em casa minha mãe me repreendeu por ter pego uma das toalhinhas que ela usava e, ao mesmo tempo, rimos da situação.

Ainda no ensino infantil,percebi meu déficit de atenção pois tudo que eu levava para a escola, lá eu esquecia. Guarda-chuvas e blusas de frio, se não estivesse chovendo no final da aula ou se eu sentisse calor, não me lembrava de pegar esses acessórios na hora da saída. Isso gerava muita revolta em minha mãe, pois naquela época uma simples peça de roupa e um guarda-chuva custavam muito dinheiro .

Nos dois primeiros anos do ensino fundamental eu era da mesma sala que um sobrinho do ex-prefeito de Belo Horizonte, Maurício Campos, e neste período íamos e voltávamos juntos e, às vezes, eu ia em sua casa nos finais de semana para brincar. Certa ocasião fizemos uma troca entre balas e uma mini carteira de dinheiro. Como saí da escola no terceiro ano e mudei de bairro, nunca mais o vi. Para minha surpresa, encontrei com ele em uma academia de artes marciais e o reconheci. O nome dele é Rodrigo e era dono de uma academia de musculação. Como eu cursava, naquele momento, o curso de Educação Física, logo queria conhecer mais as técnicas e aparelhos usados em um salão de musculação. Na oportunidade, Rodrigo me perguntou se eu ainda pos-

suía a carteira e eu afirmei que ainda a guardava, esperando um dia dar de presente a alguma criança. No dia em que lhe entreguei a carteira, ele começou a chorar, pois a tia que o presenteara com aquela carteira tinha, há pouco tempo, falecido. Achei que fora o destino atuando para que eu pudesse guardar aquele objeto para ele durante 33 anos, para entregar-lhe quando fosse responsável para preservá-lo.

Aos 9 anos, quando mudei de bairro, também mudei de escola, indo estudar na Escola Estadual Orôncio Murgel Dutra, localizada no bairro São Tomás , eu residia a 300 metros da escola. Fiquei decepcionado com a estrutura da escola, que não possuía uma quadra como a antiga escola e com o nível escolar dos meus amigos, eram quase todos repetentes, sendo eu, na minha rua, o único que estudava em uma sala de novatos.

Estudei dois anos nesta escola, a terceira e quarta séries, lá as refeições eram fornecidas pelo governo e já naquele tempo, 1988, havia pessoas que frequentavam a escola para poder ter uma refeição naquele período em que ficava na escola. Não havia período integral e aquela era uma oportunidade de se alimentar.

A maioria dos meus vizinhos ou pessoas conhecidas do bairro não tinham alcançado a quinta série, desistindo por vários motivos. Isso poderia ter me influenciado a desistir de estudar já que a escola nunca transmitiu conhecimento de forma significativa, mas sempre cumprindo o currículo de forma tradicional. Hoje reconheço que se não fosse o capital cultural familiar adquirido através do meu pai que possuía diploma de curso superior e minha mãe que já tinha ingressado sem conclusão em um curso de matemática em escola pública, eu poderia ter caído na teia da desistência escolar.

Ainda na década de 80, a seriação do chamado primeiro grau constituía 4 séries da quinta a oitava série e neste período iniciei em 1989 na Escola Estadual Três Poderes, localizada no Bairro Itapoã, região da Pampulha. Lembro-me de ter ficado entusiasmado com o ensino

da língua inglesa no primeiro ano nessa escola, conquistando excelente nota até o meio do ano. Logo em seguida encontrei uma dificuldade enorme em assimilar a pronúncia e decorar a grafia das palavras o que me levou a desanimar com os estudos da língua inglesa ao ponto de tirar nota abaixo da média, mas passando de ano. Nesta época ainda havia reprovação por incapacidade em uma só matéria e, já na sexta série, fiquei de recuperação em matemática, pois somente na hora das avaliações confundia os sinais e os resultados das operações com sinais positivo e negativo. Porém consegui ser aprovado e prometi nunca mais passar por aquela situação. Diante do acontecido, no ano seguinte, na sétima série, obtive notas muito boas repetindo o feito também na oitava série.

Neste período existia uma distinção entre os moradores de bairros pobres dos mais abastados, um exemplo era o uso da cantina que fornecia refeição, mas só os estudantes mais pobres comiam na cantina e os que tinham condições compravam lanche na lanchonete dentro da escola. Tudo nesta época tinha um custo elevado como roupas e alguns jogavam futebol na aula de educação física descalço para não estragar o único tênis disponível para ir à aula. Os livros não eram doados naquela época e tínhamos que peregrinar nos sebos e livrarias de Belo Horizonte buscando livros usados mais baratos.

A única vantagem de ser identificado como morador de favela na escola, era o respeito que os outros alunos tinham. Era difícil algum aluno sofrer violência física ou verbal, pois os outros tinham medo por causa da nossa origem. Em compensação também sofríamos preconceito em relação a relacionamento amoroso ,sendo rejeitados por puro preconceito de classe.

Na minha época de estudante, as designações para os períodos escolares eram pré primário, ensino fundamental, primeiro e segundo grau, meu relato até aqui trata-se somente até o atual fundamental II, período marcado por inocência e desejo de consagração de uma graduação acadêmica. Desejo este, enterrado, ao formar no segundo grau, pois

passei a trabalhar de dia e estudar à noite e não conseguia acompanhar os estudos, passei a ser aprovado com nota mínima, com pouco conteúdo, sem ligações afetivas e com descontinuidade em algumas disciplinas como química, porque faltavam professores para compor o quadro. Tudo isso me fez achar que jamais conseguiria acompanhar aulas no ensino superior.

Por este motivo demorei muito a ingressar em uma instituição superior, entretanto, vejo que realmente tenho muita dificuldade em absorver conteúdo dos textos mais técnicos e de reproduzir textos formais. Percebo que minha formação acadêmica vai além da sala de aula e transpassa o período para formação que me obrigará a estudar após a formação para refinar meu modo de escrever.

UMA JORNADA DE SUPERAÇÃO E REFLEXÃO

VANESSA APARECIDA PEREIRA

Durante muito tempo, guardei secretamente algumas lembranças da minha infância na escola, acreditando que elas não passavam de fragmentos distantes. No entanto, ao ingressar no curso de pedagogia, deparei-me com a necessidade de revivê-las e essas memórias deixaram marcas profundas em minha vida, moldando a pessoa que sou hoje.

Logo que comecei a puxar na memória sobre o que colocaria no texto sobre relatos escolares, veio-me à cabeça o bailado da sardinha, Foi a primeira atividade que me recordei do jardim de infância. Era uma atividade que fazíamos e ao mesmo tempo cantávamos. Foi a primeira lembrança da minha alfabetização. Naquela época, achava tudo muito divertido, adorava ir para a escola e estar na companhia dos meus coleguinhas. Tínhamos aproximadamente 4 ou 5 anos, por volta dos anos de 1975/1976.

Por muito tempo, questionei qual seria o objetivo daquela atividade, que consistia em fazer movimentos circulares como se fossem molas, colocando olhinhos em cada uma delas, enquanto cantávamos o bailado da sardinha. Hoje, compreendo essa atividade como uma forma

de desenvolver a coordenação motora fina. Refiro-me a essa memória com saudosismo, pois é a primeira e mais forte lembrança do meu processo inicial de alfabetização.

> **Seguindo a cronologia, outra memória que me vem à mente é a cartilha do cabrito Betu. Tenho apenas fragmentos dela, no entanto, recordo-me de ser um conto sobre um cabritinho que acabara de nascer e conseguira ficar de pé pela primeira vez. O texto era composto por frases curtas e palavras monossílabas, como "Lá vem Betu, pé lá, pé cá"...**

A cartilha foi um método utilizado pela professora para me alfabetizar, e de acordo com Magda Soares, "focaliza uma parte do complexo processo de aprendizagem do sistema alfabético, assumindo uma determinada faceta desse processo como um todo."

Lembro-me também dos livros A bonequinha preta e O bonequinho doce, que fizeram parte do meu aprendizado. Esses livros eram compostos por histórias curtas, mas fui obrigada a lê-los várias vezes, aprendendo por meio da repetição.

Houve também a fábula "O corvo e o pavão", que se tornou mais uma experiência frustrante e desafiadora que afetou minha motivação para continuar frequentando a escola. Essa leitura era utilizada como uma ferramenta no processo de alfabetização, mas teve um impacto negativo em mim, pois fui associada ao pavão não por sua beleza, que eu não acreditava possuir naquela época, mas sim pelo tamanho dos meus pés, que já eram grandes naquela fase da minha vida. Como bem disse Graciliano Ramos em seu livro "Infância": "Não havia perdão para a realidade" - as crianças podem ser implacáveis. Nessa fase, encontrei uma forte identificação com o texto de Ramos, pois também me sentia como alguém "aguardando novas decepções".

Lembro-me vividamente dos temidos ditados, que eram imprevisivelmente propostos pela professora, sempre que ela acordava de mau humor. Quando os alunos cometiam erros, eram humilhados escrevendo as palavras erradas no quadro. Houve uma ocasião em que me tornei alvo de chacota por parte de algumas crianças. Naquela época, ir à escola era uma experiência verdadeiramente angustiante para mim.

Refletindo sobre essas memórias, posso afirmar que minha alfabetização ocorreu principalmente por meio de memorização, repetição e cópia. No entanto, desde então, muitas transformações ocorreram nesse processo. A alfabetização passou por reestruturações e novas abordagens, graças à experimentação de métodos inovadores e à significativa contribuição de pensadores como Paulo Freire.

Continuando meu relato, passo para a parte mais triste e difícil de recordar, pois perder meus pais prematuramente resultou em uma infância marcada pela criação de minha tia, irmã de minha mãe, que se viu confrontada, aos vinte e poucos anos, com a responsabilidade de cuidar de mim e de meus cinco irmãos. Vivendo em uma família numerosa e com recursos financeiros limitados, enfrentamos muitas dificuldades e, prover as necessidades básicas para nossa educação, era uma tarefa quase impossível, considerando outras prioridades, como garantir nosso sustento alimentar.

Com grande esforço, minha tia/mãe conseguiu nos matricular em uma escola, no bairro Horto, região leste de Belo Horizonte, cidade em que nasci. No entanto, fornecer uniformes para seis crianças era algo além de suas possibilidades. Contávamos então com a generosidade de pessoas que doavam roupas e calçados usados, além de tecidos que minha tia utilizava para confeccionar os uniformes. No entanto, esses tecidos eram grossos, resultando em uniformes volumosos e estruturados. Lembro-me claramente do uniforme completo: uma saia plissada de tergal grosso, blusa de gorgurão e um par de calçados que nunca

tinha o tamanho certo para os meus pés. Sentia-me envergonhada ao vestir aquelas roupas, pois elas simbolizavam a minha "pobreza" e me faziam sentir diferente das outras crianças.

Os cadernos que eu utilizava eram costurados, o que desagradava a professora, pois eram emendas de outros cadernos. Infelizmente, essa professora tinha preconceitos em relação à minha condição, o que tornou ainda mais desafiador o meu processo de alfabetização. A partir desse momento, tudo se tornou ainda mais difícil.

Lembro-me de uma vez em que a professora pediu que trouxéssemos os livros para serem trabalhados em sala. No entanto, eu não tinha os livros, pelas razões já mencionadas. Naquela época, as famílias compravam os livros, pois não eram fornecidos pelo sistema público de educação. A professora chamou minha atenção e fiquei extremamente envergonhada. Depois desse episódio, minha relação com os livros se tornou difícil, pois associei aquele constrangimento à própria ideia de leitura.

Ao revisitar essas memórias, compreendo que os traumas que vivenciei estavam profundamente conectados à minha condição social. Como Paulo Freire, renomado educador brasileiro, sugere, a escola reproduz as desigualdades existentes na sociedade e acaba por se tornar uma instituição voltada mais contra o povo do que a favor dele. Magda Soares, em seu livro "Linguagem e Escola", argumenta que a escola é responsável por reforçar a ideia de que o sucesso ou fracasso dos alunos está ligado a características individuais, ignorando as influências sociais e culturais que permeiam o processo educativo.

Essa visão reducionista e individualista da educação acaba por marginalizar e excluir alunos de classes menos favorecidas, como fui naquela época. Soares identifica três ideologias presentes nesse contexto: a ideologia do dom, que sugere a existência de desigualdades naturais e justifica as diferenças de desempenho escolar; a ideia de deficiência cultural, que associa as diferenças sociais a supostas diferenças de aptidão ou inteligência; e a concepção de diferenças culturais, que nega a existência de cultura em determinados grupos sociais, desconsiderando sua identidade e vivências compartilhadas.

Ao refletir sobre essas experiências, percebo que minha trajetória foi marcada pela superação de obstáculos. Essas dificuldades fortaleceram-me e despertaram em mim um profundo desejo de lutar por uma educação mais inclusiva e igualitária. Acredito que é essencial repensar o papel da escola e dos educadores, buscando práticas pedagógicas que considerem a diversidade dos alunos e valorizem suas experiências de vida.

Autores como Paulo Freire e Magda Soares enfatizam a importância de uma educação comprometida com a transformação social, que estimule o pensamento crítico e a participação ativa dos estudantes. A escuta ativa e o diálogo são ferramentas fundamentais para a construção de um ambiente educacional acolhedor, onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados.

Ao analisar minhas memórias escolares, percebo que essas experiências adversas foram fundamentais para impulsionar-me a buscar uma educação mais justa e inclusiva. Acredito no poder transformador da educação e na capacidade de cada indivíduo de superar as adversidades. É necessário romper com as barreiras sociais e oferecer oportunidades igualitárias a todos os estudantes, valorizando suas vivências e promovendo uma educação verdadeiramente emancipadora.

Diante do exposto acima, como podemos evitar trilhar o caminho do fracasso? A democratização da escola leva a isso, na medida em que não atende às necessidades educacionais dos mais pobres, tratando igualmente os alunos dessa camada e as camadas mais privilegiadas. A meritocracia é o que há de mais perverso nessa questão, pois a sociedade mantém a diferença, transformando-a em deficiência para eximir-se da responsabilidade desse fracasso da escola.

A educação é um direito fundamental de todo indivíduo e é essencial para o desenvolvimento social e econômico de um país. Infe-

lizmente, as condições da educação em muitos lugares ainda são precárias, com falta de recursos, infraestrutura inadequada e baixos salários para os profissionais da área. Além disso, a desigualdade social muitas vezes se reflete na educação, com acesso limitado para aqueles que vivem em áreas mais pobres ou que pertencem a grupos minoritários. É fundamental que haja investimentos significativos na melhoria da educação e que sejam tomadas medidas para garantir que todos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua origem ou condição social.

Uma educação inclusiva deve considerar as diferentes realidades e necessidades dos alunos, proporcionando recursos adequados, apoio emocional e pedagógico, além de um ambiente seguro e respeitoso. Os educadores desempenham um papel fundamental nesse processo, pois são responsáveis por estimular o potencial de cada aluno e criar oportunidades de aprendizagem significativas.

É necessário promover uma abordagem educacional que valorize a diversidade cultural e social, incentivando o respeito mútuo, a empatia e a valorização das diferenças. Os currículos escolares devem ser revisados e atualizados para incluir perspectivas diversas e conteúdos relevantes para a formação integral dos estudantes.

Além disso, é fundamental investir na formação continuada dos professores, fornecendo-lhes ferramentas e recursos para lidar com a diversidade em sala de aula, promovendo a inclusão e a igualdade de oportunidades.

A transformação da educação requer um esforço coletivo, envolvendo não apenas as escolas e os educadores, mas também a sociedade como um todo. É necessário um compromisso conjunto para superar as barreiras existentes e garantir uma educação de qualidade para todos. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa, equitativa e próspera, onde cada indivíduo tenha a oportunidade de desenvolver seu potencial e contribuir para o bem comum.

Diante disso, tenho o firme propósito de fazer a diferença e despertar nos pequenos o prazer pelos estudos. Criar um ambiente acolhedor e livre de pressão, onde os erros sejam vistos como oportunidades de aprendizado, é essencial para que as crianças se sintam seguras ao aprender. Meu objetivo como pedagoga/professora é despertar o interesse pela leitura, tornando-a uma experiência prazerosa e significativa para as crianças. Levando em consideração minhas próprias experiências traumáticas com alguns professores, compreendo a importância de oferecer um ambiente educacional positivo e inspirador.

Estou ciente de que a educação por si só não resolverá todos os problemas sociais, mas é um passo fundamental para promover a igualdade de oportunidades e possibilitar uma sociedade mais justa e inclusiva. Minhas experiências pessoais moldaram minha visão de mundo e fortaleceram meu compromisso com a educação. Acredito que, através de um trabalho comprometido e transformador, podemos construir um futuro melhor para as próximas gerações.

Para concluir, confesso que este trabalho não foi uma tarefa fácil, pois mexeu com muitas lembranças dolorosas. No entanto, foi extremamente gratificante, pois pude perceber que estou no caminho certo. As mudanças ocorridas na concepção de alfabetização irão contribuir para a minha formação e prática pedagógica, que será diferente daquelas pelas quais fui alfabetizada. Embora tenham contribuído para quem eu sou hoje, essas experiências poderiam ter sido mais leves. É isso que almejo para meus futuros alunos: leveza nesse complexo processo de alfabetização.

AUTOBIOGRAFIA DA MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR: O ANTIGO E A DESCOBERTA DO NOVO

YASMIN ROCHA ANDRADE

Memórias, suspeito que as memórias que guardamos pode ser um de nossos bens mais raros e preciosos. Raros pois não existe igual, ninguém em todo o mundo poderá jamais ter acesso a nenhuma delas e mesmo aqueles que estiveram presentes não poderão contar sob tal perspectiva. Preciosos pois a riqueza de detalhes e sensações é algo incomparável, que pertence apenas a um dono. A memória nos faz jamais ser esquecidos por nós mesmos, procuro sempre me lembrar de tudo que me faz ser eu mesma para nunca me permitir ser esquecida. Como os dias de chuva em que me aventurava a desbravar o quintal de casa, usando roupas e sapatos de minha mãe cobertos por uma capa, o mundo era muito pequeno naquele tempo, mas todos diziam que era grande demais para mim. Crescer em um bairro pequeno e estudar sempre na mesma escola, onde todos te conhecem é muito confortante, mas ao mesmo tempo faz com que seja reconfortante demais, tudo era muito fácil e conhecido por mim e, por isso, lidar com o novo sempre foi difícil. Ainda sobre memórias, gostaria de relembrar sobre toda a minha vida escolar, sobre o antigo e a descoberta do eterno novo.

Estive pesquisando e tentando buscar no mais profundo de mim que consigo alcançar, sobre o tempo de escola, eu a amo tanto que mesmo depois da fase adulta continuo a frequentá-la, mas hoje eu ocupo o outro lado, me tornei professora. Acredito que a experiência que tivemos nos fez ser quem somos e com relação à escola, é exatamente isso, sempre foi um lugar muito positivo. Na primeira infância era o espaço que me trazia liberdade, eu brincava, criava e descobria o mundo, rodeada por minhas amigas,com quem , juntas, passava todo tempo livre correndo e brincando. A minha mãe, mesmo que sempre ocupada com o trabalho árduo sem um sequer dia de folga, nos ensinou a importância da educação para nosso futuro- ela queria que fosse diferente do presente dela. Então eu e minha irmã mais velha víamos a escola como um espaço para aprender e tínhamos o dever de fazer isso com excelência. Eu gostava de me destacar pelas notas boas e sempre gostei do "aprender", o desafio de não saber algo e depois conquistá-lo por inteiro, sempre foi mágico. Fui me tornando cada vez mais dedicada aos estudos, chegou um dia em que minha mãe já não se preocupava em perguntar a nota das provas, ela já sabia o que esperar e ela não tinha tanto tempo para se atentar a esses, que agora, eram pequenos detalhes.

Antes de tudo isso começar, na minha primeira escola, eu brincava muito no balanço do parquinho ou no jardim da lateral do prédio, ria e cantava músicas como a da borboletinha, a de um sapo que não gostava de lavar seu pé.

Depois veio a minha primeira formatura que simbolizava o fim da educação infantil e eu me despedi do espaço em que a arte e a criação eram valorizadas e entrei para uma outra dinâmica do espaço escolar com conhecimento categorizado e sinos que nos indicavam o início e final de cada atividade, mas ainda não sabia de nada disso; eu era apenas uma criança. Vesti um vestido de festa e cantei a música " Pantanal", despedindo-me de meus amigos. Na minha nova escola, uma escola municipal ainda mais próxima de minha casa, sempre tive o mesmo grupo de amigas e passávamos os recreios conversando no banheiro ou lendo revistinhas na biblioteca. Todas as aulas de educação física eram investidas em tempo de costura ou piquenique com brinquedos. A partir daí percebi que sou uma pessoa mais quieta, no sentido de amar ler escrever ou sentar-me, mesmo que sozinha, para me concentrar em algo mais introspectivo (esportes? nunca mais). Uma de minhas primeiras professoras, Sônia, nos contava lendas e histórias cantadas, eu quase posso me lembrar de todas elas, um monstro de pés gigantes, um menino sem nome que pede um nome aos anjos ou um outro que troca uma cola por objetos inimagináveis pela floresta. Eu adorava escrever histórias e livros sobre tudo que me rodeava, minha escola e meu ciclo social sempre me incentivaram a amar a leitura e escrita como um capital cultural que carrego até hoje.

Nesse tempo, morávamos em uma casa que pertencia a meus tios e minha mãe pagava aluguel para que pudéssemos ficar lá, essa casa tinha um enorme quintal e tínhamos 3 cachorros. Minha infância foi brincando lá, eu e meu primo temos 4 anos de diferença na idade, mas nunca importou, pois fazíamos tudo juntos, brincávamos de escolinha, bonecos, cozinhar, fugir de monstros da imaginação... é incrível como tudo parecia tão real. Depois de alguns anos, minha mãe conheceu uma pessoa que viria a se tornar meu padrasto e depois de um tempo tudo mudou, quando falo em mudança não quer dizer que tudo acabou, mas sim que começou de novo... tudo novo.

Nós nos mudamos para um apartamento do outro lado da cidade, um espaço menor que já não nos permitia mais ter cachorros ou brincadeiras no quintal. Com 11 anos, entrando no ensino fundamental II.eu tive que aprender a lidar com o novo e dar tchau à infância. Nessa nova escola, muitos desafios viriam, me lembro de me preocupar muito se iria ter amigos ou se as pessoas me achariam bonita e legal o suficiente, se minhas roupas eram estilosas, e se meus materiais seriam tão bonitos quanto os deles. A adolescência traz esses questionamentos sobre a

aceitação do outro e a escola era o lugar de socialização para mim. Eu não me preocupei sequer por um instante como seriam minhas notas ou coisas do tipo, mas passei a me questionar sobre tudo.

Entretanto, apesar do enorme medo de começar do zero e me mudar para um bairro novo, escola nova, eu me senti muito acolhida. Era uma escola bem grande e arborizada, os professores eram ótimos e fiz muitos amigos, compartilhamos muitos momentos de grande importância. Provavelmente durante o meu oitavo ano do ensino fundamental, tive uma professora de língua portuguesa chamada Telma, ela nos propunha escrever um texto por semana e lê-lo para a turma. Essa passou a ser a atividade que mais amava fazer, meu amor e dedicação pela escrita foi desenvolvido nesse período, hoje vejo o quanto dele ainda permanece em mim.

Tenho no fundo superior de meu armário uma caixa vermelha e outra laranja, nelas guardo o mais precioso, memórias. Mas nem todas, apenas as da escola! Acredito fielmente que isso não é por acaso, pois a maior parte do que vivi e do que aprendi foi na escola. Desde os 11 anos eu passei a ficar na escola a maior parte do dia, pois eu participava do projeto escola integrada, estudava no período regular de 7h às 11h e 20m, almoçava e ia ao ginásio do colégio, pois começávamos nossas atividades lá. Só saía daquele espaço às 17h. Nesse período do contraturno, nós explorávamos atividades físicas e artísticas,além de aulas extracurriculares como judô e flauta. Acredite, no início eu odiava tudo isso, pois eu acreditava fielmente que esse tipo de atividade não era algo que eu conseguiria fazer. Quando comecei a participar da escola integrada não sabia jogar nenhum esporte, não sabia quicar uma bola de basquete ou até mesmo dar uma cambalhota, pois nunca antes havia investido tempo em nada disso. Mas aos poucos fui aprendendo tudo do zero, cada esporte, modalidade de luta, dança, técnicas artísticas e a integrada foi se tornando a melhor parte do meu dia. Em 2018, aconteceram duas coisas que me fizeram repensar a minha forma de ver o mundo: Primeiro a perda da minha avó, que me ensinou a valorizar o tempo que temos juntos com cada um.

Segundo, a chegada do meu irmão ao mundo, que fez entender o que era o amor verdadeiro e incondicional.

Minha escola valorizava muito nosso desempenho escolar e de forma concreta, reconhecia e nos recompensava pelas boas notas. Isso era feito de maneira simbólica (Alunos com melhores notas obtinham vantagens na forma como eram tratados ou vistos pelo corpo docente) e também de maneira concreta (Os alunos que atingissem mais de 80% da nota em todas as matérias, ganhavam um certificado e uma honra perante o restante dos alunos). Uma vez a cada fim de trimestre, nossas notas em cada matéria eram entregues aos pais/responsáveis em uma reunião particular de cada turma.

Além disso, havia um evento na primeira segunda-feira após esse período para parabenizar os "Alunos destaques" da escola (O critério era apenas a nota, sem valorizar a subjetividade ou outros aspectos característicos de cada criança). Nos organizávamos em filas e cantávamos o hino nacional, após isso, os alunos considerados destaques eram chamados, aplaudidos e recompensados pelo seu "esforço". Apesar de incentivar os alunos a melhorarem a cada trimestre, essa cerimônia revelava os ideais meritocráticos do sistema escolar, a supervalorização das notas obtidas (como se fosse a única coisa que "comprovasse" sua dedicação escolar). Era muito segregador, pois já iniciava, ali, um processo de divisão dos alunos entre "melhores" e "piores" sem levar em consideração as particularidades de cada um, e ainda, sem qualquer tipo de ação para entender as razões ou dificuldades dos alunos que trimestre a trimestre eram vistos como fracassados perante toda a escola. Apesar disso, eu não entendia as consequências negativas dessa prática em minha escola, provavelmente pois eu fazia parte do grupo de alunos com "sucesso escolar" e talvez por isso, sequer percebia como poderia ser ruim estar do outro lado.

Eu me preocupava muito com como as pessoas me viam socialmente no ambiente escolar, e sabia que eu era uma menina vista como "inteligente" ou algo do tipo, mas eu gostaria muito de ser vista como uma garota extrovertida ou "popular". Por isso me preocupei muito com a escola em que iria estudar no ensino médio, eu queria que fosse a mesma que a maioria de meus colegas da atual escola - esta que só oferecia o ensino fundamental. A minha formatura foi muito linda e bem planejada, considerando a realidade de minha escola, tivemos uma festa e um evento para a entrega dos certificados de conclusão.

No dia da minha formatura, me lembro de estar muito ansiosa e pensativa sobre como seria o ensino médio em uma nova escola...como tudo seria mais difícil.. eu passaria a estudar química, física, filosofia, sociologia e biologia… uma escola bem mais distante de casa do que a atual... Enfim. Tudo ao mesmo tempo, passando pela minha cabeça e me deixando ansiosa e assustada.

Assim que cheguei à escola, fui apressadamente olhar a lista final que nos informaria a escola em que eu estudaria no próximo ano. Eu não pude deixar de chorar ao vê-la, pois descobri que estudaria em uma escola muito distante e reconhecida como " ruim" em meu meio social, quase não pude acreditar que eu iria precisar estudar lá, longe de todos os meus amigos. Novamente, me vi amedrontada com o Novo. Mesmo assim, a noite de formatura foi linda e se tornou ainda mais emocionante pois simbolizava a despedida de tudo e de todos que eram tão importantes para mim. Mas, apesar de ainda não saber naquele tempo, aquela noite também simbolizava a despedida de tudo que era estável na minha vida escolar até o momento, pois a partir dali tudo se tornaria diferente.

Desde o primeiro dia na minha nova escola, no ensino médio, eu percebi a diferença. Diferença de estrutura físicas das escolas municipais para as escolas estaduais, diferença do ensino fundamental para o ensino médio, diferença de crianças para adolescentes e diferenças na forma como você é tratado pelos professores no ensino fundamental para o ensino médio. Enfim, tudo era muito diferente e acho que isso contribuiu para que eu também fosse me tornando muito diferente. Eu fiz amizade com um grupo de pessoas que não se importavam com as aulas ou a escola, meu grupo de novos amigos eram vistos como populares pela escola e isso me trouxe um imenso sentimento de pertencimento e aceitação. Isso pode parecer bem inútil, mas para uma adolescente de 16 anos era incrível, eu passei a dar menos importância para notas ou trabalhos escolares, e mais para risos e conversas durante o tempo na escola. Mesmo que aos poucos, e não totalmente, eu fui me desinteressando pela escola e pelos estudos. Não sentia que as aulas na minha escola eram úteis para mim, principalmente porque os professores não tinham a didática e o esforço que meus antigos professores tinham. Eu me lembro se me sentir muito prejudicada pois essa escola tinha diversas falhas como: não tínhamos professor (a) de química, pois faltava funcionários no estado; Meus professores de história e português não davam aula e nos deixavam livres a maior parte do tempo; Não tínhamos estruturas físicas adequadas para aulas de informática ou educação física. No início tudo isso me causou certa revolta, pois sabia que meu acesso ao conhecimento seria prejudicado, porém não sabia como reivindicar nossos direitos como estudantes e apenas me mantive calada, cada vez mais distante da escola.

Diante disso, eu e meus amigos passávamos muito tempo rindo, conversando e ouvindo músicas, nós não estudávamos e nos esforçávamos ao mínimo para os trabalhos escolares. Eu só percebi o que estava acontecendo quando, no fim do primeiro trimestre, recebi um boletim com duas matérias abaixo da média. Após esse choque de realidade, eu comecei a entender melhor o que estava acontecendo comigo, e o quanto eu estava me deixando e deixando de lado tudo que era importante para mim. Eu fui percebendo aos poucos que mesmo rodeada de pessoas, eu estava sozinha, sem amigos verdadeiros para dividir meus problemas (como sempre tive), As pessoas ao meu redor eram fúteis como eu estava sendo, me preocupando apenas com coisas externas.

Com o passar do ano, fui tentando me reconectar comigo mesma e me lembrar de quem eu era e das coisas com que eu verdadeiramente me importava. Eu trabalhava como jovem aprendiz em uma loja de cosméticos, essa experiência me fez mais independente e responsável. Quando o ano terminou, durante as férias, eu fiz um plano e comecei a pensar no futuro, na faculdade e na vida adulta. Decidi que começaria a estudar para o ENEM e que faria faculdade na UFMG. Eu coloquei esse sonho na minha cabeça e ele me guiou por todo o longo e árduo caminho que eu tinha pela frente. Eu não esperava que tudo seria muito diferente naquele ano; meu segundo ano do ensino médio foi marcado por uma coisa que destruiu o mundo e ensinou a TODOS a lidar com o completo Novo e estranho. A pandemia do Covid 19, parou e distanciou o mundo em meados de março de 2020.

> **Eu fui à escola apenas um dia do meu segundo ano do ensino médio, mas fomos surpreendidos com uma greve de professores, que reivindicavam seus direitos trabalhistas, como o reajuste do piso salarial da classe. Essa greve se estendeu até março e nesse mês todos os ambientes de socialização foram proibidos de funcionar devido à pandemia. Seus altos riscos de contaminação e sintomas faziam com que nos tornássemos cada vez mais distantes uns dos outros. Parei de frequentar a escola, o trabalho, a casa de meus familiares, lojas, parques, cinemas ... tudo. A sociedade precisou inovar e se adaptar às novas regras do jogo da vida. Na minha casa, meu padrasto e minha irmã que eram formados em contabilidade começaram a trabalhar no formato *home office*, eu passei a estudar online, meu irmão foi desmatriculado da escola e minha mãe estava desempregada devido à crise econômica.**

Isso nos tornou mais próximos, eu passava o dia todo brincando e cuidando do meu irmão e isso fazia tudo parecer mais leve. O país e o mundo se tornaram diferentes, as pessoas ficavam presas em casa amedrontadas ou precisavam se arriscar para trabalhar fora e trazer o sustento de casa. A pandemia para mim, trouxe conexão comigo mesma, pois a minha companhia era a mais presente no momento. Eu busquei focar em coisas boas e meu sonho pela Universidade Federal passou a me guiar, eu estudava todos os dias para a prova do ENEM, pois ela seria a responsável por dizer "Sim" ou "Não" para aquele sonho. Mesmo sem ter certeza de qual curso faria, eu tinha absoluta certeza da faculdade, pois era a melhor que poderia imaginar e ainda era gratuita e acessível para minha realidade. Eu me imaginava andando no campus Pampulha, olhando a vista e os prédios, isso me trazia momentos de calma. Meu ano foi repleto de incertezas, medos e crises de ansiedade, eu coloquei toda a minha energia nisso, mas mesmo assim me sentia incapaz e insuficiente. Eu chorava durante algumas aulas de química, pois essa era a matéria em que mais encontrava dificuldade por não ter tido nenhum contato antes. Quanto mais o tempo passava, mais incertezas chegavam. A pandemia continuava progredindo e devastando o mundo, as pessoas e a minha mente.

Em novembro eu fui fazer a prova do ENEM, sentindo-me extremamente apavorada pois eu achava que não seria capaz sequer de permanecer sentada e concentrada durante 4 horas em uma prova. Para minha surpresa eu tive a resposta para todos esses medos e de forma muito positiva, minha redação foi avaliada como uma redação nota 980 e isso simbolizava o inalcançável para mim. O terceiro ano do ensino médio, permaneceu sendo longe da escola e da socialização que aquele ambiente me proporcionava. Ele foi marcado pela indecisão de qual curso faria; eu queria encontrar minha "vocação", mas era muito difícil. Lembro-me de pensar muito em cursar arquitetura simplesmente por gostar de desenhar, mas não me imaginava atuando na área e isso

era muito angustiante. Eu encontrava felicidade em momentos simples como ficar com minha família e passar tempo com meu irmão mais novo, nós pintávamos, dançávamos e corríamos. Eu adorava ensinar e apresentar as coisas do mundo para ele. Um dia meu padrasto me perguntou se eu não pensava em fazer pedagogia. Isso acendeu um estalo em minha mente, mesmo que, em um primeiro momento, eu tenha lutado contra, por saber da desvalorização da profissão,eu podia me imaginar muito feliz na docência, então decidi ali, meu futuro profissional. Entretanto, essa decisão não era aceita pelo restante da minha família e amigos, todos diziam que eu era "inteligente demais para ser uma simples professora", então eu passei a mentir para mim mesma que faria arquitetura ou pedagogia caso não passasse na minha " primeira opção". Cada profissão tem seu valor social e são vistas e recompensadas de maneiras diferentes como no funcionalismo de Émile Durkheim; todos pareciam saber disso, mesmo aqueles que provavelmente nem estudaram a teoria funcionalista(isso não era preciso para ter tal preconceito).

Fiz a prova e não obtive o resultado necessário para estudar arquitetura, mas sim para pedagogia. Nem tive coragem de contar a ninguém, eu pensava que não teria apoio algum. Então eu me matriculei em uma faculdade particular de arquitetura e urbanismo no centro da cidade. Fui à aula uma vez, e foi mais do que suficiente para perceber que estava fazendo a pior escolha da minha vida. Eu estava fazendo o que eu achava que os outros esperavam de mim, e não aquilo que meu coração dizia. Voltei para casa chorando, pois aquela não era quem gostaria de ser. Então, no último dia de inscrição para a UFMG, eu cancelei tudo e me inscrevi no curso que realmente queria PEDAGOGIA. Hoje, depois de juntar tudo isso, recontar e interpretar sob a minha atual perspectiva, me vi com um outro olhar. A escola é um espaço que existe para além de nos ensinar a fazer contas, ou ler palavras aleatórias, ou ouvir sobre autores e filósofos que nem estão vivos mais. A escola é bem mais...O espaço escolar educa, a experiência e convivência educam, as práticas educam. E sei que não cheguei onde estou puramente por meu mérito próprio, minha família, minhas escolas, meus professores e tudo que pertence às minhas memórias e vivências particulares fazem parte de mim. Tudo isso que vivi, cada desafio, durante todos esses anos, me ensinaram a lidar com o novo e com o imprevisível e me mostraram como ele, o novo, pode ser incrível e feito para você.

ANEXO

REGISTRO FOTOGRÁFICO "MEMÓRIAS EM MOVIMENTO" DA TURMA H, DO CURSO PEDAGOGIA/ NOTURNO, FAE/UFMG, 2022/2023

Fonte: Arquivo pessoal. Aula de Arte. 2022

Fonte: Arquivo pessoal. Aula de História da Educação I. 2022

Fonte: Arquivo pessoal. Cinema Indígena Sala Humberto Mauro (Palácio das Artes) e Aula de Antropologia. 2022

Fonte: Arquivo pessoal. Aula de Estudos sobre a Infância. 2023.

Fonte: Arquivo pessoal. Aula de Fundamentos da Matemática I, Turma H no ICEX - Projeto Visitas ao Laboratório de Matemática. 2023.

Fonte: Arquivo pessoal. Aula de Filosofia I. 2022.

Fonte: Arquivo pessoal. Aula de Alfabetização e Letramento. 2022.

Fonte: Arquivo pessoal. Aula de História da Educação II, com Prof. Luciano Mendes Faria Filho ao centro e ladeado pela esquerda das estudantes Telma, Isabela e Liliana e pela Direita Samira e Tiago Colombini. 2023.

Fonte: Arquivo pessoal. Prof. Cláudio e a estudante Telma na aula de Sociologia da Educação I, 2022

Fonte: Arquivo pessoal. Prof. Luciano Mendes e a estudante Telma na aula de História da Educação II, 2023